

GILMAR FRANCISCO AFONSO

**VOLEIBOL DE PRAIA: UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA DA HISTÓRIA DA
MODALIDADE (1985 – 2003)**

**Dissertação apresentada como requisito
parcial à obtenção do grau de Mestre em
Educação Física, Curso de Pós-graduação
em Educação Física, Setor de Ciências
Biológicas, Universidade Federal do
Paraná.**

**Orientador: Prof. Dr. Wanderley Marchi
Júnior**

CURITIBA

2004

COMISSÃO JULGADORA

Prof. Dr. Wanderley Marchi Júnior (presidente)

Prof. Dr. Ricardo Weigert Coelho (titular)

Prof. Dr. André Luiz Felix Rodacki (suplente)

Prof. Dr. Luiz Alberto Pilatti (titular)

Prof. Dr. Carlos Alberto Afonso (suplente)

DEDICATÓRIA

Para Alexa, minha filha, com todo meu amor!

AGRADECIMENTOS

Um sincero muito obrigado, em ordem cronológica...

Ao Nino

Ao Vovô Antônio

À Heloisa

À Anuschka

À Vózinha Brunilda

Ao Andy

À Lu

À Guenia

À Adriana

À Beth

Ao Cavichioli

À Cristina

Ao Pilatti

Ao Ribeiro

Ao Gebara

Ao Nei e à Camila

Ao Guilherme

À Geórgia

Ao Tovar

Ao Mano

Ao Ricardo

Ao Luiz Carlos Ferreira

À Lili

À Tetê

Ao Bruno

Ao Fabinho

Ao Dega

Ao Adriano

Ao Clésio

Ao Juba

Ao Lucas

A Toda minha família

A Todos os entrevistados e entrevistadas

À Rose, ao Geraldo e ao Silvio (laboratório de informática do CTCH da PUCPR)

Aos Professores e colegas de turma do mestrado

Ao Grupo de História e Sociologia do Esporte

Ao Meu cartão de crédito.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Ao professor Wanderley Marchi Júnior, que me mostrou o caminho, desde o dia da entrevista, acreditou, incentivou e depositou confiança no nosso trabalho além de ter sido paciente nas ocasiões em que eu extrapolei o prazo de entrega das tarefas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 - ESPORTE CONTEMPORÂNEO	11
1.1 TEORIA DOS CAMPOS DE PIERRE BOURDIEU	14
1.2 MERCANTILIZAÇÃO E ESPETACULARIZAÇÃO DO ESPORTE	21
CAPÍTULO 2 - DELIMITANDO O VÔLEI DE PRAIA	32
2.1 RELATO HISTÓRICO DO VOLEIBOL	33
2.2 SURGIMENTO DO VÔLEI DE PRAIA	44
2.3 AMADORISMO E DIVULGAÇÃO	54
CAPÍTULO 3 - PROCESSO DE PROFISSIONALIZAÇÃO E ESPETACULARIZAÇÃO DO VÔLEI DE PRAIA NO BRASIL	81
3.1 VÔLEI DE PRAIA NO BRASIL	81
3.2 EVOLUÇÃO E RECONHECIMENTO	94
3.3 MERCANTILIZAÇÃO E ESPETACULARIZAÇÃO DO VÔLEI DE PRAIA	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
REFERÊNCIAS	138
APÊNDICES	144
ANEXOS	209

RESUMO

A história recente do Vôlei de Praia tem sido marcada por uma crescente profissionalização, espetacularização e mercantilização. A partir desse contexto, este estudo realizou uma análise sociológica da história da modalidade. A problemática central girou em torno do desenvolvimento internacional do Vôlei de Praia ter ocorrido no Brasil ao invés dos EUA. Como hipótese apresentou-se que a estrutura do sub campo Vôlei de Praia desde a modernidade da modalidade vem sendo determinada pela disputa de duas instituições, a Federação Internacional de Voleibol (FIVB) e a *Association of Volleyball Professional* (AVP), a luta pelo poder determinou estratégias de transformação e o Brasil foi o espaço estratégico privilegiado para que a FIVB, detentora de capital específico com atitudes ora de conservação ora de subversão, passasse a controlar esse sub campo. Os objetivos traçados foram investigar o processo sociológico, ou seja, como e por que o Brasil (e não os EUA) passou a ser o local onde o Vôlei de Praia se transformou em *show business* internacional, analisar as configurações entre os agentes/estruturas que compõem o campo em questão e possibilitar possíveis contribuições para o seu desenvolvimento. Para tanto, o recorte proposto para a análise da modalidade compreendeu o intervalo de 1985 a 2003. Como referencial teórico metodológico de análise, buscou-se na teoria dos campos de Pierre Bourdieu o instrumento capaz de explicitar as relações que se estabelecem no contexto socioeconômico contemporâneo, aplicando-o na leitura do desenvolvimento do Vôlei de Praia. Diante do material histórico analisado, constatou-se que a FIVB assumiu o controle da modalidade e o Brasil passou a ser a referência internacional do Vôlei de Praia.

Palavras-chave: Voleibol; Voleibol de Praia; História e Sociologia do Esporte; Espetacularização; Profissionalização.

ABSTRACT

The recent history of Beach Volleyball has been distinguished by an increasing number of professionals, a more spectacle-like atmosphere, and more successful merchandising connected to the sport. Building on this premise, this study carried out a sociological analysis of this history. The central problem revolved around the development of Beach Volleyball as an international sport having occurred in Brazil rather than in the United States. The hypothesis proposed that the framework of the sub field of Beach Volleyball has been defined by the dispute between two institutions, the Fédèration Internationale de Volleyball (FIVB) and the Association of Volleyball Professional (AVP), whose power struggle determined the strategies which ultimately transformed the sport. Brazil was where FIVB concentrated their strategy of applying their specific capital both to shore up their position and to also upset their opposition's, thereby coming to eventually rule this sub field. The outlined goals of the study were to investigate the sociological process by which Brazil (and not the USA) came to be where Beach Volleyball was transformed into International Show Business, to analyze the structure of the interdependent relationships among the sub components that make up the field in question, and to help contribute to the further development of the sport. The proposed period for analysis of the sport included the years 1985 to 2003. The instrument capable of expounding the relationships that are established in the contemporary socioeconomic context was found in the 'theory of fields' of Pierre Bourdieu, which was applied to the material comprehending the development of Beach Volleyball. The historical material analyzed confirmed that the FIVB took control of the sport, which therefore defined Brazil internationally as the reference for Beach Volleyball.

Key words: Volleyball; Beach Volleyball; Sports History and Sociology; Sports Spectacle; Professionalization.

INTRODUÇÃO

Atualmente, para se compreender o fenômeno esportivo é preciso ter em mente a idéia de processo, ou seja, as mudanças que vem ocorrendo ao longo do tempo e analisar a profundidade das transformações que a modernização vem provocando. Contudo, deve-se entender o esporte como um fenômeno social, econômico, cultural e historicamente construído, que vem se desenvolvendo dentro de uma veloz progressão de profissionalização, mercantilização e espetacularização.

Por conta das feições e significados sociais que o esporte apresenta na sociedade atual, como uma atividade física universal presente na maioria dos povos e culturas, independente da língua, credo, sexo e idade; tem se popularizado cada vez mais, e com essa aceitação/apropriação redimensionado sua lógica interna para a comercialização.

Dentro do processo evolutivo do esporte, o momento atual apresenta a marcante característica mercantil. Quando se fala em “consumo esportivo”, faz-se referência aos gostos pessoais, hábitos e práticas simbólicas que definem o estilo de vida de cada indivíduo. Uma outra articulação fundamental desse conjunto é a relação emocional que os sujeitos buscam nos produtos consumidos, sejam eles como práticas ou como espetáculos.

Nos Estados Unidos da América do Norte (EUA), algumas modalidades esportivas se transformaram em um grande “negócio”. O consumo esportivo em larga escala se desenvolveu vertiginosamente dentro da sociedade americana, esta, baseada em princípios capitalistas visualizou no esporte infinitas capacidades de lucro. Esta expansão, ou melhor, nova dimensão socioeconômica e cultural do esporte foi gerenciada pela indústria do entretenimento, através do espetáculo esportivo.

Sem perder de vista a idéia mercadológica, apresenta-se o objeto deste estudo. O Vôlei de Praia¹ nasceu nos EUA no início do século XX e desenvolveu-se de acordo com

¹ Apesar do nome oficial do esporte ser Voleibol de Praia, originário do termo em inglês Beach Volleyball, usou-se no corpo da dissertação a nomenclatura Vôlei de Praia, pelo costume e popularidade apresentada no Brasil.

o pensamento pragmático americano. Em pouco mais de 70 anos, a modalidade se estruturou e se firmou dentro do campo esportivo americano e mundial. Nesse ínterim, de simples diversão familiar e de atividade de lazer durante o tempo livre dos estudantes universitários da rica costa oeste americana, passou a posicionar-se como um fantástico *business* de verão nas melhores e mais badaladas praias do mundo.

O Vôlei de Praia é uma modalidade derivada do Voleibol, nesse caso, pode-se visualizar uma origem comum, ou seja, as duas modalidades foram geradas pela mesma matriz.

O Voleibol foi um jogo inventado, nos EUA, com características específicas para atender as necessidades de um determinado grupo social, em outras palavras, constituiu-se como um esporte moderno portador de um conjunto de características e instituições distintas dos esportes de origem européia, que evoluíram das práticas culturais, dos jogos ancestrais e dos passatempos, por conta dessa condição, o Voleibol foi moldado pelas leis e estruturas que estabeleciam as bases da sociedade norte-americana.²

Nos EUA, os esportes modernos desenvolveram-se dentro de processos elitistas, primeiramente, no interior dos clubes ou associações e, posteriormente, na constituição das equipes escolares competitivas. No interior dessa configuração, firmou-se uma nova burguesia que superava as restrições ideológicas e religiosas impostas ao lucro, não perdendo de vista os princípios do utilitarismo, da racionalidade, do nacionalismo e da eminente sociedade de consumo de massa.³

Outro fator importante dentro do processo de desenvolvimento dos esportes modernos nos EUA é o viés religioso.

A ética religiosa protestante via o homem como centro do mundo, diferente da católica, por exemplo. Essa individualização passou a fundamentar as ações em busca de prestígio pessoal, ou seja, ganhar dinheiro (o que não era mais interpretado como pecado). Pecado era desperdiçar tempo com atividades que não gerassem lucro. Visto dessa forma,

² MARCHI JR., Wanderley. “**Sacando**” o voleibol: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970 – 2000). Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 2001. p. 6.

o fator tempo se tornou fundamental. E a valorização do trabalho significou a racionalização do mundo e a eliminação do pensamento mágico como meio de salvação.⁴

Para Luiz Alberto Pilatti, o aspecto religioso pode determinar, em parte, o *habitus* esportivo. Como exemplo, o autor cita os EUA – país predominantemente protestante – onde a individualidade encerra, de forma geral na sociedade, a idéia de vencer, de ser o melhor.⁵

Para esta introdução, faz-se necessário compreender que o berço do Vôlei de Praia deu-se numa emergente sociedade capitalista, mais precisamente no Estado da Califórnia, famoso por sua riqueza e espírito inovador. Os californianos não só inventaram e exportaram o Vôlei de Praia para o mundo todo, como uma infinidade de outras práticas esportivas de contato com a natureza ou esportes de aventura, ou usando ainda uma linguagem mais atual, esportes radicais, dentre eles, o *Skateboarding*, *Windsurfing*, *Kitesurfing* etc. A Califórnia vem também produzindo e exportando novos espetáculos esportivos, caso do Vôlei de Praia e, recentemente, os *Extreme Games* (Ex Games), a Olimpíada dos esportes radicais.

O surgimento e expansão do Vôlei de Praia, nos EUA, ocorreram no período que marcou o final da Primeira Guerra Mundial (1914-18). E depois, foram os soldados americanos que difundiram o Vôlei de Praia nos países onde os EUA montaram suas bases militares, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-45).

Um pouco antes do início da Primeira Guerra, o país já ocupava o posto de maior economia industrial.⁶ Com a vitória no conflito, houve um fortalecimento da economia transformando a nação em uma potência econômica.⁷

³ Id. *ibid.*, p. 6.

⁴ WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Livraria Pioneira, 1967. p. 65-110.

⁵ PILATTI, Luiz Alberto. *Os donos das pistas: uma efígie sociológica do esporte federativo brasileiro*. Campinas, 2000. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. p. 95.

⁶ HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 55.

⁷ Id. *ibid.*, p. 55.

Algumas conquistas sociais foram verificadas, tais como, o baixo número de desempregados, o aumento de salários e a redução da jornada de trabalho.⁸ Estes fatores contribuíram para uma estabilidade emocional geral das famílias. Com isso, o poder de consumo da população aumentou.

Outra condição, seria a representação social⁹ que a simbologia do consumo começaria então a desenvolver nos indivíduos e que alcançaria ainda mais força com o consumo de massas, depois da Segunda Guerra Mundial.

Todo esse conjunto de características acabou atribuindo algumas funções sociais para o Vôlei de Praia ou, em outras palavras, a classe alta americana construiu através de disposições sociais adquiridas uma nova prática cultural com uma função específica. Nessa altura, algumas indagações são necessárias, que funções seriam essas? Qual a dimensão da nova prática? Quais as relações sociais transcorridas no desenvolvimento da modalidade?

Por enquanto, é importante saber que foi através desse prisma que o Vôlei de Praia se expandiu, primeiro dentro dos EUA e depois para outros países, como uma prática recreativa do Voleibol.¹⁰ No caso do Brasil, não foi diferente, a modalidade surgiu no país respeitando o perfil amador e desinteressado.¹¹

Tratando, especificamente, do Vôlei de Praia no Brasil, constatou-se que, o jogo começou a ser praticado por volta dos anos 30 como uma forma recreativa¹² e uma opção a mais para o Voleibol de Ginásio, este importado dos EUA, em 1916, através da Associação Cristã de Moços¹³ (ACM).¹⁴

⁸ Id. *ibid.*, p. 94.

⁹ Termo usado, aqui, no mesmo sentido das teorias de Serge Moscovici desenvolvidas em “A representação social da psicanálise”, da corrente etnográfica de Denise Jodelet e da corrente sociológica de Willem Doise.

¹⁰ SHEWMAN, Byron. **Volleyball centennial**: the first 100 years... Indianapolis: Master Press, 1995. p. 29.

¹¹ COUVILLON, Art. **Sands of time**: the history of beach volleyball, volume # 1: 1895-1969. United States of America: Information Guides, 2002. p. 62.

¹² Site <http://www.cbv.com.br/cbv/prai/index.asp?m=historia.htm> Acesso em: 15 mar. 2004.

¹³ No original: *Young Men Christian Association* (Y.M.C.A.).

¹⁴ BIZZOCCHI, Carlos “Caca”. **O voleibol de alto nível**: da iniciação à competição. Barueri: Editora Manole, 2004. p. 7.

O Vôlei de Praia desenvolveu-se na cidade do Rio de Janeiro, nas praias freqüentadas, originalmente, pelas elites (Copacabana e Ipanema), depois ao longo da costa nacional e finalmente ganhando espaço no interior do país, longe das praias mas inserido nos clubes sociais de elite.¹⁵

Fiel às particularidades específicas do seu campo de nascimento, o Vôlei de Praia se desenvolveu no Brasil seguindo o modelo americano de prática de lazer restrito às elites. Principalmente na orla marítima carioca, berço e principal centro da modalidade no país.

Nem sempre a praia foi um local atrativo e prazeroso. É o que demonstra o historiador Alain Corbin ao retratar a repugnância que o homem europeu sentia pelas praias:

O olhar dirigido às praias de mar, no fim do século XVII à metade do século XVIII, inscreve-se no quadro de uma *epistême* clássica que mistura, em geral de maneira confusa ainda que numa ordem aparente, a tradição judaico-cristã, a filosofia helenística e a literatura latina. Globalmente, predominam o temor do mar e a repugnância em permanecer em suas praias. A figura do oceano terrível, vestígio caótico das catástrofes mergulhadas no passado dos homens, a cólera imprevisível de sua imensidão movente e lúgubre, conjugam-se aos perigos e à pestilência da praia enigmática, linha indecisa, submissa a todo tipo de incursões, onde vem depositar-se os excrementos do abismo.¹⁶

Com a superação dessa visão, as sociedades começaram então a nutrir o desejo pela beira-mar, como os banhos de mar, passeios, contemplação, etc, o que culminaria com a invenção do veraneio e dos balneários. No Rio de Janeiro, com a expansão da cidade e o uso dos meios de transportes, a praia passou a ser uma opção de lazer. Para Ricardo Lucena, “no Brasil, os banhos de mar, para além de seu caráter profilático, como um passatempo, não teriam sido também uma ação conquistada por aqueles que estavam voltados para a prática de esportes?”¹⁷

¹⁵ Site <http://www.cbv.com.br/cbv/praias/index.asp?m=historia.htm> Acesso em: 15 mar. 2004.

¹⁶ CORBIN, Alain. **O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 64.

¹⁷ LUCENA, Ricardo. **O esporte na cidade**. Campinas: Autores Associados, 2001. p. 25.

Depois que os cariocas se apropriaram da praia como um local de esportes e lazer, durante o século XIX, o Voleibol surgiria nesses espaços do Rio de Janeiro, o que demandou da construção de uma estrutura física apropriada e permanente. E também em muitas outras cidades litorâneas do país. Assim, o Vôlei de Praia passou a ser praticado nas praias (daí seu nome original). Posteriormente, essa atividade saiu da praia, ou melhor, migrou para o interior do Brasil, dessa forma, a modalidade começou a ficar popularmente conhecida, nesses lugares, como “vôlei de areia”.

Por volta de 50 anos se passaram e o Vôlei de Praia seguiu sendo uma atividade praticamente desconhecida no Brasil. Em 1985, aproveitando a alta popularidade que o Voleibol brasileiro alcançara devido, principalmente, à profissionalização das equipes, a cobertura da mídia durante os jogos do campeonato brasileiro e das competições internacionais, a conquista do vice-campeonato mundial masculino adulto na Argentina, em 1982 e, por último, a obtenção da medalha de prata na Olimpíada de Los Angeles, em 1984; o Vôlei de Praia finalmente irrompe no cenário nacional como espetáculo esportivo de massa. Essa foi a primeira evolução significativa que iniciou uma onda de transformações no panorama nacional e também mundial do Vôlei de Praia.

Em menos de 15 anos, o Vôlei de Praia brasileiro se converteu em uma prática reconhecida no cenário esportivo internacional. Transformou-se de simples diversão familiar em um lucrativo negócio. Foi a modalidade a ingressar mais rápido nos Jogos Olímpicos sendo o Brasil o maior impulsionador dessa conquista.

Na Olimpíada de Barcelona, em 1992, o Vôlei de Praia apareceu como esporte de exibição. Em 1993, o presidente do Comitê Olímpico Internacional (COI), o espanhol Juan Antonio Samaranch assistiu à etapa brasileira do circuito mundial e deu o seu aval para a entrada do Vôlei de Praia no rol dos esportes olímpicos.

A Olimpíada de Atlanta, 1996, marcou a estréia da modalidade na competição. Com esse *status*, o Vôlei de Praia passou a comportar os símbolos e signos¹⁸ que os Jogos Olímpicos podem transmitir.

Atualmente, o Vôlei de Praia brasileiro é considerado como referência mundial, ou seja, possui alguns dos melhores jogadores, na maioria das categorias.¹⁹

Outro indicativo que espelha a condição de referência internacional é sua estrutura, isto é, a mais profissional em termos de organização e espetáculo esportivo. No Futebol, por exemplo, o Brasil não é exatamente o local onde o espetáculo seja vendido. Vende-se o artista, não o espetáculo. Já no caso do Vôlei de Praia, o *know-how* e o próprio espetáculo da modalidade são produzidos aqui e depois exportados.

O Brasil, possui também, o maior e mais competitivo circuito nacional de Vôlei de Praia.²⁰ Sem contar o público que é bastante numeroso e fiel, tanto ao vivo quanto em transmissões pela televisão, gerando um mercado que movimenta milhões de reais a cada ano.²¹

¹⁸ Termos empregados, aqui, no mesmo sentido da noção de imaginário segundo Gilbert Durand.

¹⁹ 2003: um ano de conquistas. **Vôlei – Informativo da CBV**. ano 1. n. 10. Edição especial, dez. 2003. p. 11-12. A pontuação final no ranking do Circuito Mundial Masculino 2003 apontou as duplas brasileiras como líderes, em 1º lugar, Emanuel/Ricardo e em 2º lugar, Márcio/Benjamin. O Brasil conquistou nove das dez etapas do Circuito, na única que não obteve a vitória ficou em segundo lugar. No Circuito Mundial Feminino 2003, as brasileiras foram vencedoras, o 1º lugar ficou com Ana Paula/Sandra e o 3º posto com Adriana Behar/Shelda. O feminino teve doze etapas e o Brasil participou de dez e, em todas elas, subiu ao pódio, dessas venceu quatro e em sete etapas duas duplas brasileiras ficaram entre as três primeiras colocadas. Nas categorias de base do Circuito Mundial 2003, as duplas brasileiras conseguiram as seguintes classificações: Sub 21 Masculino, em 1º lugar, Pedro Solberg/Pedro Cunha e no Feminino, em 3º lugar, Maria Clara/Carolina. Sub 18 Masculino, em 2º lugar, Pedro Solberg/Ian Borges e no Feminino, em 2º lugar, Carolina/Carla.

²⁰ DUPLAS de praia rumo a Atenas. **Vôlei – Informativo da CBV**. ano 2. n. 13, mar. 2004. p. 2. A premiação em dinheiro distribuída pelo Circuito Banco do Brasil de Vôlei de Praia durante as 15 etapas da temporada 2003 alcançou um total de R\$ 3,160 milhões.

²¹ O Circuito Banco do Brasil de Vôlei de Praia, durante a temporada 2003, teve um retorno de mídia impressa de 1.676 matérias. 76.448 cm/col com valor de R\$ 5.900.000,00. Já a mídia eletrônica teve 103h01min com valor de R\$ 36.640.000,00 perfazendo um total de R\$ 42.540.000,00. O retorno de mídia em 2003, em termos de valor (R\$ 42,5 milhões), está de acordo com os resultados dos anos anteriores. O retorno de 2003 é praticamente o dobro do valor médio de 2001 e é inferior ao do ano de 2002 (R\$ 58.861.921) em decorrência, principalmente, de não ter havido transmissões das finais dos jogos por tevê aberta. Em 2002, as finais de cinco etapas foram transmitidas pela Rede Bandeirantes (valor estimado: R\$ 22,5 milhões). Vale assinalar que o total de tempo editorial (programas jornalísticos) na temporada de 2003 alcançou 13h10min, correspondendo ao valor de R\$ 14,4 milhões. Nas temporadas anteriores não foi feita separação entre o tempo editorial e o tempo de transmissão dos jogos. CBV; SPS COMUNICAÇÃO: assessoria de imprensa e comunicação corporativa. **Relatório anual do Vôlei de Praia**. Rio de Janeiro, 2003.

Diante desse contexto, sumariamente apresentado, definiu-se o problema central desta pesquisa, por que o desenvolvimento internacional do Vôlei de Praia ocorreu no Brasil ao invés dos EUA?

A hipótese levantada, para a questão acima, foi que o desenvolvimento internacional do Vôlei de Praia ocorreu no Brasil ao invés dos EUA por ser uma estratégia de fortalecimento da Federação Internacional de Voleibol (FIVB) em relação a *Association of Volleyball Professional* (AVP), pelo controle de poder da modalidade.

Os objetivos traçados foram investigar o processo sociológico, ou seja, como e por que o Brasil (e não os EUA) passou a ser o local onde o Vôlei de Praia se transformou em *show business* internacional, analisar as configurações entre os agentes/estruturas que compõem cada um dos campos em questão e possibilitar possíveis contribuições para o seu desenvolvimento. Para tanto, o recorte proposto para a análise da modalidade compreendeu o intervalo de 1985 a 2003, período que coincidiu com o meu envolvimento com esse esporte.²²

A justificativa para a escolha do referido período foi que, até então, o esporte no Brasil era uma atividade totalmente amadora, uma prática de lazer. Em 1985, o verdadeiro espetáculo da modalidade tem início com a realização do Hollywoody Vôlei *de Praia* e atingiu seu ápice, em 2003, com a realização dos Campeonatos Mundiais, masculino e feminino, em Copacabana, Rio de Janeiro.

A configuração analisada constituiu-se de ex-jogadores (as) e atuais jogadores (as) profissionais do Circuito Banco do Brasil de Vôlei de Praia e “pessoas chave” das instituições e estruturas que regem o Vôlei de Praia no Brasil, tais como, Confederação Brasileira de Voleibol (CBV), dirigentes esportivos, técnicos, árbitros, patrocinadores, organizadores, profissionais de saúde, jornalistas esportivos, profissionais da mídia, entre outros.

Os dados foram obtidos através de levantamento e análise das fontes escritas, tais como, documentos oficiais, livros, e material de imprensa. Também foram utilizadas

imagens fotográficas e de vídeo, além de entrevistas com os jogadores e com as “pessoas chave” que fizeram ou fazem parte do campo do Vôlei de Praia brasileiro.

O procedimento de análise utilizado foi, basicamente, o viés sociológico, já que não se trabalhou as fontes históricas originais com maior profundidade. Os dados históricos foram analisados a partir de revisão da literatura e material de imprensa. Os depoimentos colhidos durante as entrevistas foram utilizados apenas como reforço argumentativo.

Este estudo está fundamentado na escolha de uma metodologia de natureza qualitativa e a sua organização está de acordo com o proposto por Pedro Demo, no livro, *Introdução à sociologia*. Sobre a pesquisa qualitativa, o autor aponta que:

Sua finalidade não é desprestigiar métodos quantitativos. Muito ao contrário, trata-se de usar ambos os horizontes, porque são sobretudo complementares. Entretanto, pode se aceitar que, em sociologia, tendemos a usar mais métodos qualitativos, tendo em vista objetos caracterizados por dimensões subjetivas, participativas, intensas, comunicativas. Em particular, usamos abordagens qualitativas para interpretar falas, depoimentos, entrevistas de profundidades, comunicações intensas, com o intuito de penetrar na semântica não linear, para além da sintaxe linear. [...] A dialética histórico-estrutural apresenta-se por si mesma, dessa forma: destina-se sobretudo a compreender a dinâmica histórica, mas reconhece nela estruturas. Por “contextualização sócio-histórica” entende-se a conveniência de contextualizar a análise no espaço e no tempo, atribuindo à inserção social e histórica condição explicativa, não apenas conotativa. É sempre possível dar conta melhor de um fenômeno social, se sabemos como se originou historicamente e em que condições sociais ocorre.²³

Segundo Pedro Demo, a entrevista:

Cabe quando queremos conhecer a “opinião” ou “posicionamento” verbalizado dos outros, usando para tanto “questionário”, que pode ser fechado ou aberto, ou combinado. [...] Por questionário aberto entendemos aquele montado por meio de roteiro flexível de perguntas que buscam respostas discursivas, interpretativas, implicando relacionamento comunicativo entre entrevistador e entrevistado. Busca-se o “aprofundamento” dos temas, não tanto sua representatividade, entrando em cena a habilidade do entrevistador: não pode simplesmente acreditar no entrevistado, precisa interpretar não só as palavras, mas sua falta, a reticência, o silêncio, os gestos, deve levar

²² Sobre o meu envolvimento com o Vôlei de Praia, confira o apêndice 1.

²³ DEMO, Pedro. **Introdução à sociologia**. São Paulo: Atlas, 2002. Capítulo 8: Pesquisa Social. p. 277-300.

em conta o contexto da entrevista, ocasião, momento, e se necessário, pode repetir até imaginar que chegou ao aprofundamento pretendido.²⁴

Como referencial teórico metodológico de análise, buscou-se na teoria dos campos de Pierre Bourdieu o instrumento capaz de explicitar as relações que se estabelecem no contexto socioeconômico contemporâneo, aplicando-o na leitura do desenvolvimento do Vôlei de Praia. Para tal, utilizou-se, principalmente, os conceitos praxiológicos de campo, representação social, *habitus*, poder simbólico, agentes sociais, disposições, estruturas, capital, oferta, demanda e distinção social.

Nesse sentido, a dissertação foi articulada em três capítulos. No capítulo 1, utilizou-se o acervo teórico de Pierre Bourdieu, pertinente ao tema, principalmente, com as obras “Questões de sociologia”, “Coisas ditas” e “Sobre a televisão”, além de outras. Seguiu-se com um aprofundamento do referencial teórico-metodológico de análise escolhido e explorou-se mais detidamente os principais conceitos sociológicos do autor que foram utilizados no estudo. Prosseguiu-se com a dimensão do espetáculo e do consumo que o esporte assumiu na sociedade contemporânea.

No capítulo 2, apresentou-se uma narrativa histórica do Voleibol e em seguida as raízes do Vôlei de Praia, procurando evidenciar a invenção da modalidade, nos EUA, seu contexto de origem, sua fase amadora, sua expansão e divulgação internacional.

No capítulo 3, explicitou-se a inserção da modalidade no Brasil, seu processo de desenvolvimento, profissionalização, evolução e reconhecimento, considerando o contexto e os agentes sociais. Por último, descreveu-se como se deu o processo de espetacularização e mercantilização do Vôlei de Praia, passando pelo patrocínio de empresas e pela cobertura da mídia, principalmente a televisão. Em todas essas passagens utilizou-se o referencial teórico de Bourdieu para a análise dos acontecimentos históricos.

Nas considerações finais, procurou-se relatar a síntese dos resultados, a validade da hipótese inicial, o alcance dos objetivos propostos no estudo e, ao mesmo tempo, visualizar possíveis trabalhos futuros.

²⁴ Id. *ibid.*, p. 289-300.

CAPÍTULO 1 - ESPORTE CONTEMPORÂNEO

Discutir o esporte a partir de um referencial teórico de análise é uma prática necessária para que se possa compreender a dimensão e o significado do fenômeno esportivo na sociedade atual. Para esse fim, existem inúmeros autores e suas referidas teorias. Assim sendo, optou-se pelas teorias de Pierre Bourdieu as quais se mostraram pertinentes para o entendimento e realização desta pesquisa.

Antes disso, diante de um leque de possibilidades que o termo esporte assumiu atualmente – e não poderia ser diferente devido à complexidade de nossa sociedade – questiona-se: O que é o esporte? Qual é a função do esporte? Qual é o significado social e sociológico do esporte?

Inúmeras respostas das mais variadas correntes teóricas poderiam ser apresentadas aqui para definir o esporte e o seu significado. Estas indagações serão tratadas um pouco mais a diante quando a discussão incorporar as recentes características que o esporte apresenta, hoje, tais como, a espetacularização e a mercantilização dos esportes de alto rendimento, principalmente através da televisão que os transformou em um produto de grande sucesso comercial; a crescente profissionalização de todos os setores e em todos os níveis relacionados ao esporte e por fim a globalização.

Utilizou-se o termo contemporâneo, com base em Luiz Alberto Pilatti, na visão do autor:

[...] o esporte é um fenômeno dinâmico e, por extensão, difícil de ser alcançado interpretativamente; dificuldade que é ampliada ao considerarmos o esporte atual como esporte moderno. O que pretendemos firmar com essa argumentação é que os padrões estabelecidos para definir o moderno, no caso do esporte, não possibilitam mais uma compreensão ampla do fenômeno.²⁵

²⁵ PILATTI. op. cit., p. 1-2.

Pierre Bourdieu é uma das referências para o entendimento do esporte atual, já que o autor enxerga o fenômeno esportivo como uma atividade mercantil, ou seja, um produto que está sujeito às leis do mercado e por ele é moldado.

Dentro do corpo teórico do autor, encontra-se a Teoria dos Campos, isto é, uma teoria que propõe a existência de um espaço social delimitado e ocupado pelos agentes, pelas instituições e pelas estruturas que compõem determinada atividade. No interior desse campo são travadas lutas, disputas e concorrências em função do papel ou posição espelhada pelo capital social, econômico ou cultural de cada indivíduo. Por meio dessas relações de poder – cada um possui um interesse específico – busca-se as coisas materiais e simbólicas que estão em jogo.²⁶

Transferindo a Teoria dos Campos e aplicando-a na leitura do campo esportivo, tem-se mais um meio de análise para se compreender o esporte contemporâneo. É bom lembrar que existem inúmeras formas de leitura para se estudar o esporte e as teorias de Bourdieu não são as únicas possibilidades para esse fim.

Na visão de Bourdieu, o esporte moderno assume representações mercantis mantidas pela relação entre a oferta e a demanda por determinadas práticas culturais. São essas imposições culturais que o autor se refere quando analisa a apropriação e esportivização que sofreram os jogos populares pelas elites dentro do contexto educacional inglês. Em relação a essa dominação cultural, Bourdieu destaca:

Parece indiscutível que a passagem do jogo ao esporte propriamente dito tenha se realizado nas grandes escolas reservadas às “elites” da sociedade burguesa, nas **public schools** inglesas, onde os filhos das famílias da aristocracia ou da grande burguesia retomaram alguns **jogos populares**, isto é, vulgares, impondo-lhes uma mudança de significado e de função muito parecida àquela que o campo da música erudita impôs às danças populares, **bourrées**, gavotas e sarabandas, para fazê-las assumir formas eruditas como a suíte. Para caracterizar os princípios desta transformação, pode-se dizer que os exercícios corporais da “elite” foram separados das ocasiões sociais ordinárias às quais os jogos populares permaneciam associados (festas agrárias, por exemplo) e desprovidos das funções sociais (e, a **fortiori**, religiosas) ainda ligadas a vários jogos tradicionais (como os jogos rituais praticados em muitas sociedades pré-capitalistas em certas passagens do ano agrícola). (...) A escola é o lugar por excelência do exercício chamado gratuito

²⁶ BOURDIEU, Pierre. Programa para uma sociologia do esporte. In: _____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

e onde se adquiri uma disposição distante e neutralizante em relação ao mundo social, a mesma que está implícita na relação burguesa com a arte, a linguagem e o corpo [...].²⁷

É a instituição escolar que rompe e encerra um significado para impor um novo, ou seja, são as próprias estruturas sociais que passam a estruturar novas disposições de práticas e consumos. Se para Bourdieu os esportes modernos surgem dentro dessa reestruturação moldada no interior do campo socioeconômico e cultural inglês, novas práticas esportivas surgem depois sem passar por semelhantes rupturas e transições, mas sim, como uma invenção que respeitou a necessidade e a especificidade do seu campo de origem. Como exemplo de modalidade inventada pode-se citar o Vôlei de Praia.

Tanto o Vôlei de Praia (esporte inventado) como o Futebol (esporte evoluído de jogos populares ou “reinventado”) são regidos pelas leis pragmáticas do mercado. É bom reiterar, aqui, que o campo esportivo contemporâneo engloba os campos específicos de cada modalidade e está sujeito a todas as estruturas que compõem nossa sociedade. O que se quer dizer é que o campo esportivo, apesar de ser relativamente autônomo, como sugere o próprio Bourdieu, não está imune e desvinculado de todas as disposições globais/regionais, tanto de ordem cultural, política, econômica e social. Dentro de tal ótica, o autor nos apresenta um modelo de análise que veremos um pouco mais adiante.

Diante do caminho a ser seguido, identificou-se no referencial teórico e metodológico de Pierre Bourdieu, para quem o esporte é uma mercadoria de consumo, o eixo norteador desta dissertação. Esta aproximação a Bourdieu para a análise do campo esportivo do Vôlei de Praia apresenta-se apropriada em relação aos problemas levantados. Dentro desta perspectiva, buscou-se aprofundar os conceitos centrais de sua teoria, a seguir.

²⁷ BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In: _____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 139 (grifos no original).

1.1 TEORIA DOS CAMPOS DE PIERRE BOURDIEU

Bourdieu²⁸ costumava dizer que praticava um “esporte de combate”. Esse intelectual francês, via a Sociologia como um espaço para a luta, para o conflito. Bourdieu²⁹ é um dos principais cientistas sociais do mundo e se tornou um referencial para estudantes e pesquisadores das ciências humanas.

Em relação a sua extensa obra,³⁰ o autor dissecou, no livro, **A Reprodução** (1970) o funcionamento do sistema escolar francês que, ao invés de transformar a sociedade e permitir a ascensão social, ratifica e reproduz as desigualdades. **A Distinção** (1979)³¹ é dedicado ao consumo cultural e aos gostos, ou seja, parte da idéia de que as pessoas emitem julgamentos de valor – do tipo “detesto música sertaneja” – para se diferenciar de quem está numa posição hierarquicamente inferior. Em **Sobre a Televisão** – que vendeu 150 mil exemplares em 1996 – desvelou o círculo vicioso da informação televisiva.

Além da contribuição teórica, a polêmica em volta do autor tem a ver com sua atuação pública e sua atitude engajada. Nos últimos tempos, vinha tentando aproximar

²⁸ Bourdieu nasceu no dia 1º de agosto de 1930 na cidade de Denguin, sul da França, situada na região de Hautes-Pyrénées, onde seu pai era funcionário dos correios. A 23 de janeiro de 2002, Bourdieu morreu em Paris, aos 71 anos de idade. LOYOLA, Maria Andréa. **Pierre Bourdieu entrevistado por Maria Andréa Loyola**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. p. 87-91.

²⁹ Bourdieu cursou primário e ginásio num internato “rude e violento”. A experiência marcou-o para sempre. É o que atesta a pista biográfica que acaba de ser divulgada pela revista *Nouvelle Observateur* que publicou – sem autorização da família – um trecho das memórias que Bourdieu estava escrevendo quando morreu. O autor conta ter descoberto, no internato, a opressão da disciplina, a traição entre colegas, o sadismo dos bedéis ao exercer seu pequeno poder, as estratégias e espertezas dos internos para conseguir seu lugar ao sol e a discriminação baseada na aparência física, na maneira de falar e no sobrenome das crianças (o dele era motivo de piada por soar “caipira”). Essa confissão lança luz sobre as motivações que o levaram a lutar, ao longo da vida e da obra, contra todas as formas de dominação e de mascaramento da realidade social.

³⁰ compreende 72 livros e 234 ensaios, além de depoimentos, conferências, entrevistas e artigos em jornais, publicados em diversas línguas. LOYOLA. op. cit., p. 93. Uma relação completa dos escritos do autor, acompanhada de uma entrevista Sobre o espírito da pesquisa, pode ser encontrada em *Bibliographie des travaux de Pierre Bourdieu*, de Yvette Delsaut e Marie-Christine Rivière, publicada em Paris pela editora Le Temps des Cerises (2002).

³¹ A Associação Internacional de Sociologia considerou o livro um dos dez trabalhos mais importantes de sociologia produzidos no século XX. LOYOLA. op. cit., p. 89.

reflexão intelectual e militância política,³² o que se percebe no tom de suas últimas obras, **A Miséria do Mundo** (1993) é uma nova forma de fazer política e um instrumento de denúncia social.³³ O livro **Questões de Sociologia** (1983) é destinado aos não especialistas. Dessa forma, Bourdieu pretende atingir um público maior e ampliar o campo sociológico. Já no prólogo, o autor afirma que “a sociologia não valeria nem uma hora de esforço se fosse um saber de especialista reservada aos especialistas”. Para Bourdieu, a sociologia toca, na maioria das vezes, em “interesses vitais” e, em tais casos, “revela os fundamentos ocultos desta dominação”.³⁴

Segundo o sociólogo Afrânio Mendes Catani:

Esse seria, talvez, o sentido principal de ter escrito este (e alguns outros) livros (s) aos não iniciados, isto é, o de fazer com que um público mais amplo tivesse acesso a uma série de conceitos, de métodos de análise, de procedimentos teóricos-práticos que lhe permitisse entender o espaço social em que estivesse inserido, os fatores que condicionam e limitam a sua atuação e que são responsáveis, no limite, pelo destino social dos agentes.³⁵

Pode-se considerar Bourdieu como um “construtor de novos objetos de estudo”, pois baseou seus alicerces de investigação em alguns pilares como a relação entre a cultura, as formas de dominação e as desigualdades sociais, interagindo com historiadores, filósofos, lingüistas, etnólogos, geógrafos etc. Além de ter explorado uma grande diversidade de assuntos, tais como, a literatura, a televisão, o esporte, o teatro, a alta costura, a dominação masculina, a psicanálise, o campo econômico, o sistema de ensino, a filosofia de Heidegger, os estilos de vida e outros tantos.

³² Não causa surpresa saber que o autor foi o mentor do grupo *Raisons d'Agir*, composto de cientistas, políticos e sindicalistas com o objetivo de coordenar manifestações internacionais contra o desemprego e a exclusão social.

³³ LOYOLA. op. cit., p. 89-90.

³⁴ BOURDIEU, Pierre. Prólogo. In: _____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 7.

³⁵ Simpósio **Lazer e motricidade**: reflexões contemporâneas sobre o corpo e o lúdico. Faculdade de Educação Física da Unicamp (Departamento de estudos do lazer – programa de pós-graduação em Educação Física), out. 1999. O autor foi responsável pelo capítulo “Pierre Bourdieu e a formulação de uma teoria social que procura revelar os fundamentos ocultos da dominação”, presente no livro BRUHNS, H. T.; GUTIERREZ, G. L. (Orgs.) **O corpo e o lúdico**: ciclo de debates sobre lazer e motricidade. Campinas: Autores Associados, 2000. p. 53-65. A referida citação está na p. 54.

Bourdieu é um exemplo de autor difícil de ser situado em relação a uma “escola”, pois apresenta um pensamento profundamente original e seus estudos abrangem um número infindável de objetos.³⁶ Por conta de suas qualidades e estilo, recebeu duras críticas e provocou reações iradas em muitos domínios aos quais se dedicou. Apesar de ter feito muitos adversários, Bourdieu foi um autor de sucesso. Note o que diz Louis Pinto a esse respeito:

Entretanto, o sucesso obtido junto a um público mais amplo deve-se, talvez, ao fato de que seus textos de sociologia fogem à postura escolástica de produção de bens culturais e, também, de seu consumo, oferecendo-lhe uma insólita e rara combinação de distância e proximidade que, ao modificar suas maneiras de ver e de se verem, afeta tanto os pensamentos quanto os afetos. O que percebemos nestes textos não é de ordem exclusivamente teórica e põe em xeque a nossa relação com a cultura, com a ciência e com aquilo que daí podemos esperar.³⁷

As teorias de Bourdieu têm sido aceitas cada vez mais devido ao conhecimento que delas se extrai e esse conhecimento é fundamental para revelar os “fundamentos ocultos da dominação”. Através da aquisição desse capital cultural, que, por sua vez, exerce um efeito libertador, pois os mecanismos de qualquer dominação se sustentam no desconhecimento, por parte dos agentes e da real situação em que vivem. A partir do seu referencial de análise, é possível formular determinadas “leis de reprodução social”. Para a ordem dominante, isso, por sua vez, é deplorado e combatido. As elites alegam que a análise sociológica conduz ao desencanto.³⁸

Um dos objetivos traçados por Bourdieu em seus estudos foi entender a constituição, a reprodução e os mecanismos atuantes na sociedade. Portanto, é preciso compreender que o poder em si não deve ser combatido como algo negativo. Na perspectiva de Ortiz:

³⁶ ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994. p. 7.

³⁷ PINTO, Louis. **Pierre Bourdieu e a teoria do mundo social**. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p. 185.

³⁸ CATANI, Afrânio Mendes. Pierre Bourdieu e a formulação de uma teoria social que procura revelar os fundamentos ocultos da dominação. In: BRUHNS, H. T. ; GUTIERREZ, G. L. (Orgs.) **O corpo e o lúdico: ciclo de debates sobre lazer e motricidade**. Campinas: Autores Associados, 2000. p. 63.

Os estudos de Bourdieu nos parecem de grande importância e podem ser da maior valia desde que os consideremos fora de uma perspectiva imobilista do processo de reprodução. A análise é extremamente rica quando se trata de desvendar os mecanismos profundos de poder, perspectiva tão peculiar aos autores modernos franceses, mas que, no fundo, se caracteriza por um certo pessimismo político e social que, muitas vezes, nos induz a aceitar o axioma de que o poder em geral seria necessariamente ‘maléfico’. Gramsci nos ensina que toda hegemonia é sempre momento de reprodução e de transformação; de nada nos adiantaria tomar uma posição moral contra o poder quando, na realidade, o problema consiste em saber quem o utiliza, e para que fins.³⁹

Com essa perspectiva, adentrou-se mais detalhadamente em alguns conceitos e modelos interpretativos de Bourdieu com o objetivo de analisar o campo esportivo do Vôlei de Praia. Para isso, é preciso compreender as relações que estruturam a história da modalidade, quem são os agentes sociais e que posições ocupam dentro do campo. Outro ponto importante é relacionar esse espaço esportivo com o espaço social. Finalmente, deve-se entender grupo social como um conjunto de indivíduos numericamente limitado, territorialmente delimitado o que possibilita um número determinado de regras sociais estáveis em função do tempo.

Para Marx, entre a sociedade e o indivíduo, existe a **classe**; para Bourdieu, existe o **campo**. O conceito de campo, segundo Bourdieu, é definido como um espaço social movido por uma lógica específica e ocupado por agentes em constantes lutas, disputas ou concorrências em função ou de interesses próprios ou de prestígio e reconhecimento dos outros, estes lucros são reforçados pela posição que os agentes ocupam no interior desse campo. A “munição” de que cada um dispõe é exatamente o acúmulo de capital. Este, por sua vez pode ser de natureza econômica, social ou cultural. Veja como Maria Andréa Loyola define a idéia de capital e seus tipos:

Bourdieu emprestou também do marxismo a noção de capital como relação social e a idéia de que a posse do *capital econômico* confere, aos que o possuem, poder sobre os desprovidos. Mas ele estende essa noção a outras formas de riqueza, criando conceitos como o de *capital cultural*, que designa uma relação privilegiada com a cultura erudita e a cultura escolar; de *capital social*, designando a rede de relações sociais que constitui uma das riquezas essenciais dos dominantes;

³⁹ ORTIZ. **Pierre Bourdieu**. op. cit., p. 29.

e de *capital simbólico*, formado pelo conjunto de signos e símbolos que permitem situar os agentes no espaço social.⁴⁰

Todo campo é, portanto, um espaço de conflitos onde as relações estão em movimento. É preciso lembrar que cada campo possui uma especificidade própria, definida exatamente por uma lógica interna, por exemplo, o que é importante no campo cultural, pode não ter valor no campo econômico. Por outro lado, dentro de um mesmo campo, os capitais podem ser convertidos entre si, ou seja, um agente pode usar um tipo de capital para aumentar outro. Pode-se citar para uma situação como esta, o caso de um agente que quer subir alguns degraus na escala social e usa de estratégias possibilitadas pelo potencial de seu capital econômico para galgar essa nova posição.

Um outro conceito do modelo de análise bourdiano são as disposições, ou seja, a constante exposição às condições sociais definidas imprime nos indivíduos um conjunto de disposições permanentes e transferíveis, que são a interiorização da realidade externa, das pressões do meio social inscritas no organismo.⁴¹

A noção de disposições adquiridas, nos leva ao conceito de *habitus*. Para Bourdieu:

O *habitus*, sistema de disposições adquiridas pela aprendizagem implícita ou explícita que funciona como um sistema de esquemas geradores, é gerador de estratégias que podem ser objetivamente afins aos interesses objetivos de seus autores sem terem sido expressamente concebidas para esse fim.⁴²

Na opinião de Loyola, o conceito de *habitus* mais o conceito de campo, constituem a espinha dorsal da teoria bourdiana. Eles são relacionais, ou seja, só podem funcionar um em relação ao outro. Vale a pena acompanhar o entendimento da autora em relação ao conceito de *habitus*:

⁴⁰ LOYOLA. op. cit., p. 66.

⁴¹ Id. ibid., p. 68.

⁴² BOURDIEU, Pierre. Algumas propriedades dos campos. In: _____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 94.

O *habitus* constitui um sistema de esquemas de percepção, de apreciação e de ação, quer dizer, um conjunto de conhecimentos práticos adquiridos ao longo do tempo que nos permitem perceber e agir e evoluir com naturalidade num universo social dado. Constitui uma espécie de segunda natureza inconsciente, [...] Enquanto coletivo individualizado pela incorporação do social, ou indivíduo biológico coletivizado pela socialização, o *habitus* não é uma invariante antropológica, mas uma matriz geradora, historicamente constituída, institucionalmente enraizada e socialmente variável. O *habitus* é um operador de racionalidade, mas de uma racionalidade prática, inerente a um sistema histórico de relações sociais; assim, transcende o indivíduo. O *habitus* é criador, inventivo, mas nos limites de suas estruturas.⁴³

Um interessante esquema apresentado por Loyola, nos permite compreender com mais clareza alguns conceitos do corpo praxiológico de Bourdieu: “O espaço social construído segundo a equação *habitus + capital + campo = prática* permite ao sociólogo interpretar e mapear as estratégias de distinção.”⁴⁴

Para que uma sociologia do esporte possa se constituir, Bourdieu sugere que é preciso primeiro perceber que não se pode analisar um esporte independentemente do campo esportivo, é preciso reconhecer a posição que ele ocupa no espaço dos esportes. Depois, é necessário relacionar esse espaço de esportes com o espaço social. Assim, o sociólogo estabelece as propriedades socialmente pertinentes que fazem com que um esporte tenha afinidades com os interesses, gostos e preferências de uma determinada classe social. A prioridade é a construção da estrutura do espaço das práticas esportivas, como primeiro ponto. O segundo ponto é que esse espaço dos esportes não é um campo fechado. Ele está inserido num universo de práticas e consumos, eles mesmos, estruturados e constituídos como sistema.⁴⁵

Esta pesquisa tem como objeto de análise o campo esportivo do Vôlei de Praia, tanto brasileiro quanto americano. Estes, por sua vez, são espaços sociais relativamente autônomos que estão intimamente ligados a um campo maior caracterizado pela modalidade Voleibol.

Apesar de possuir características próprias, o Vôlei de Praia está vinculado a todas as estruturas que dimensionam e direcionam o Voleibol como um produto mercantilizado

⁴³ LOYOLA. op. cit., p. 68-69.

⁴⁴ Id. ibid., p. 69.

e espetacularizado. Para Bourdieu, as estruturas não são outra coisa senão o produto objetivado das lutas históricas tal como se pode aprendê-lo num dado momento do tempo. E o universo das práticas esportivas não é senão a resultante da relação entre uma oferta e uma procura.⁴⁶

As representações dessa relação marcam uma apropriação de uma determinada prática esportiva por uma classe social. Bourdieu afirma que:

Esse efeito de apropriação social faz com que, a todo momento, cada uma das ‘realidades’ oferecidas sob o nome de esporte seja marcada, na objetividade, por um conjunto de propriedades que não estão inscritas na definição puramente técnica, que podem até ser oficialmente excluídas dela, e que orientam as práticas e as escolhas.⁴⁷

De acordo com Bourdieu, a distribuição diferencial das práticas esportivas resulta do estabelecimento de relações entre o espaço da oferta, as práticas possíveis, e o espaço da procura, as disposições a serem praticadas. Ou seja, as propriedades intrínsecas, técnicas, relacionais e estruturais de cada esporte caracterizam a oferta. Já a procura está relacionada com as disposições esportivas, entendidas como *habitus* rotulando as posições sociais e que num dado momento são definidas pela particularidade do estado atual da oferta. Bourdieu afirma que este é o modelo geral que rege as mais diferentes práticas de consumo.⁴⁸

Dito de outra forma, pelas concorrências que ocorrem dentro do campo esportivo, num dado momento, formam-se novos *habitus* sociais que são identificados e incorporados pelos agentes sociais delineando novas representações na estrutura social. A partir destas disposições, a até então estrutura estruturada passa a funcionar como estrutura estruturante, que nada mais é do que uma imposição de novos *habitus* sociais de acordo com o potencial de apropriação dos capitais cultural, econômico e social dos agentes.

⁴⁵ BOURDIEU. **Programa para uma sociologia do esporte...** op. cit., p. 208-210.

⁴⁶ Id. *ibid.*, p. 212.

⁴⁷ Id. *ibid.*, p. 213.

O sub campo do Vôlei de Praia – como todo campo esportivo ou de maneira mais geral, como toda prática social – é um espaço de lutas. Este é um pressuposto elementar para que se possa analisar a história da modalidade. Foi então com esse objetivo que se teve o cuidado de apresentar os principais conceitos do modelo de análise bourdiano.

Atualmente, a característica mais latente do Vôlei de Praia é a relação de mercado e espetáculo. Dessa maneira, é de fundamental importância um aprofundamento nesses assuntos. È o que se pretende, a seguir.

1.2 MERCANTILIZAÇÃO E ESPETACULARIZAÇÃO DO ESPORTE

“O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens.”
(DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**, p. 14.)

A mercantilização dos esportes de alto rendimento abriu espaço para que as práticas fossem transformados em espetáculo para as massas. Ou será a espetacularização dos esportes de alto rendimento que potencializou o comércio junto às massas? Ou ainda, estes dois processos ocorrem juntos como atividades interdependentes?

Antes de entrar, especificamente, em contato com duas das características mais fortes da nossa sociedade atual – a inclinação mercadológica, ou seja, o consumo como forma de se relacionar com o mundo. E o espetáculo – modelo atual da vida dominante na sociedade. É preciso saber quem são os consumidores do mundo globalizado, e por que consomem um certo produto e não outro, ou melhor, saber o que orienta as escolhas. Acredita-se que dentro dessa visão, o trabalho de compreensão do sentido da mercantilização e espetacularização dos esportes se torne mais profundo do que uma simples noção de achar que a lógica capitalista seja a resposta para tudo.

Inicia-se com Néstor García Canclini, que analisa a relação entre consumo e cidadania. Para Canclini:

⁴⁸ Id. *ibid.*, p. 214.

Num tempo em que as campanhas eleitorais se mudam dos comícios para a televisão, das polêmicas doutrinárias para o confronto de imagens e da persuasão ideológica para as pesquisas de marketing, é coerente nos sentirmos convocados como consumidores ainda quando se nos interpela como cidadãos.⁴⁹

Canclini defende a idéia de que enquanto somos consumidores do século XXI, somos, ao mesmo tempo, cidadãos do século XVIII. Segundo o autor, a distribuição dos bens e da informação permite que o consumo dos países ricos e pobres se aproxime: compramos nas mesmas lojas, os mesmos produtos. Vemos no cinema e na televisão os mesmos filmes. Acompanhamos a Olimpíada de Sydney 2000, o decapitamento de um rebelde africano e a explosão ao vivo do *World Trade Center*, em 11 de setembro, em Nova Iorque. No período de um ano, mais de quinhentas mil horas são transmitidas para os países da América Latina, enquanto na Europa Latina são apenas 12 mil. Somos subdesenvolvidos na produção mas não para o consumo.⁵⁰

Esse é um dos pontos que Bourdieu classifica de dominação cultural, dessa maneira, os mercados dominantes procuram aumentar o número de consumidores pelo mundo. E os esportes como práticas culturais fazem parte desse pacote. Basta ligarmos a televisão para consumirmos espetáculos do Futebol europeu, ou jogos de Basquetebol da NBA, ou ainda as partidas do milionário Futebol Americano.

Para uma melhor compreensão do esporte atual, deve-se entender o consumo como forma de diferenciação e distinção entre as classes e os grupos sociais. Dentro dessa perspectiva, irrompe o que Bourdieu classificou de violência simbólica, ou a apropriação de um *status* relacionado ao tipo de produto que os indivíduos consomem. Em cada campo específico, existe uma lógica na construção dos signos e como eles são transmitidos. Bourdieu argumenta que nas sociedades contemporâneas, as relações sociais giram em torno da apropriação dos meios de distinção simbólica.⁵¹

⁴⁹ CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 4 ed., 1999. p. 37-38.

⁵⁰ Id. *ibid.*, p. 53-54.

⁵¹ Cf. Bourdieu, Pierre. **La distinction: critique sociale du jugement**. Paris: Minuit, 1979.

No caso do campo esportivo, quando um grupo frequenta os mesmos locais, compartilha a mesma prática corporal, consome os mesmos produtos referentes à modalidade escolhida, enfim, possui o mesmo *habitus* de classe, percebe-se que, é no consumo que se constrói parte da racionalidade integrativa e comunicativa de uma sociedade.⁵²

O esporte atual precisa de público, de expectadores, ou melhor, de uma massa de consumidores. Esse consumo esportivo, tanto dos produtos relativos quanto do espetáculo – que pode ser ao vivo, pelo rádio, internet e, principalmente, pela televisão – depende diretamente da disponibilidade de tempo livre e de condições materiais e ou financeiras. Nesse sentido, a possibilidade desse tipo de consumo vem crescendo, ao longo do tempo, devido ao advento da sociedade de massa.

O consumo massificado começou a se tornar uma realidade social, principalmente, nos EUA, e esteve associado a duas situações: a) relação de tempo livre e desemprego; e b) aumento salarial e redução da jornada de trabalho da população ativa.

Com a consolidação da sociedade de consumo, o esporte passa a ocupar grande espaço no campo midiático. Sobre as representações esportivas, Serge Moscovici aponta que o esporte é uma grandiosa encenação de espetáculo para a modernidade, uma maneira eficaz de não-participação e de participação não-participativa na vida social e no debate político.⁵³

No livro, *Sobre a televisão* (1997), Bourdieu analisa a especificidade do campo televisivo. Bourdieu dissecou e desmonta os mecanismos que estão por trás das imagens e discursos exibidos na televisão, e com isso, nos instiga a (re)pensar os rumos do esporte dentro da televisão, uma vez que é o que “passa” na televisão que orienta as práticas e os consumos. A televisão se transformou numa grande vitrine para qualquer esporte com pretensões de desenvolvimento, como é caso do Vôlei de Praia.

⁵² CANCLINI. op. cit., p. 80.

⁵³ MOSCOVICI, Serge. **Reflexions à propos de représentations sportives**. In: *Quel corps – critique de la modernité sportive*. Paris: Les Editions de la Passion, 1995. p. 179-194.

Segundo Bourdieu, “Com a televisão, estamos diante de um instrumento que, teoricamente, possibilita atingir todo mundo.”⁵⁴ Se a televisão pode atingir todo mundo e o esporte é um assunto que interessa aos mais variados e distintos públicos, ou seja, todos consomem esporte como telespectadores diferentemente da classe social ou da formação profissional, fica claro perceber então que, atualmente a televisão é a maior parceira do negócio do esporte (esporte-televisão) e o esporte é o maior parceiro da televisão (televisão-esporte).

A espetacularização e a mercantilização, para algumas modalidades esportivas, pode ser um caminho sem volta. Estamos na era do esporte-espetáculo, como no caso do Circuito Banco do Brasil de Vôlei de Praia e do Circuito Mundial, das partidas da Super Liga Nacional de Voleibol e da Liga Mundial Masculina e do Grand Prix Feminino, do Basquetebol profissional norte-americano da NBA,⁵⁵ do Futebol Americano profissional da NFL,⁵⁶ da Fórmula 1, do Boxe profissional, do campeonato europeu de Futebol etc.

O *marketing* esportivo ou “bombardeio” publicitário também é uma constante e segundo Bourdieu, existe, em casa, o “esportista de televisão”⁵⁷ que é o amador no esporte-comum distante do profissional no esporte-espetáculo, esse distanciamento leva ao despreparo do espectador no entendimento e na prática dos esportes dentro de um processo de contínua evolução (este seria para Bourdieu um dos pontos negativos da espetacularização). Sobre a passividade do espectador diante da televisão Bourdieu descreve:

O sentimento de que o mundo, tal como o apresenta a televisão, não oferece ponto de apoio ao comum dos mortais conjuga-se com a impressão de que, um pouco à maneira do esporte de alto nível que suscita uma ruptura semelhante entre os praticantes e os espectadores, o jogo político é um assunto de profissionais, para encorajar, sobretudo nos menos politizados, um desengajamento fatalista evidentemente favorável à manutenção da ordem estabelecida.⁵⁸

⁵⁴ BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. p. 18.

⁵⁵ No original: *National Basketball Association*.

⁵⁶ No original: *National Football League*.

⁵⁷ **Como é possível ser esportivo?** Texto da exposição introdutória ao Congresso Internacional do HISPAN, realizado no INSEP (Paris), março de 1978 e publicado no livro **Questões de sociologia**. p. 145.

É preciso ter em mente que a transmissão de certas modalidades, pela televisão, principalmente, à noite, nos finais de semana e feriados, tem uma boa receptividade por parte do público.⁵⁹ Dessa forma, alavanca as vendas de todos os produtos anunciados durante os intervalos. Vale lembrar que o esporte é também um dos assuntos de destaque dentro do telejornal, quase sempre fechando o programa com sua mensagem vitoriosa de um paraíso artificial, dessa forma, é usado para promover a venda de uma infinidade de produtos, desde desodorante até automóveis.

Comprar e vender faz parte da nossa sobrevivência social e cultural. Mas, quando a prática do consumo é exacerbada por novos valores impostos na população, ou seja, novos *habitus*, entra-se no terreno do consumismo no qual somos induzidos pelos signos da publicidade a comprar sempre mais. Seguindo esse raciocínio, percebe-se que o esporte, como espetáculo de entretenimento ou dentro do telejornal é um momento poderoso de persuasão mercadológica.

É extremamente saudável a discussão sobre o poder da televisão, pois é importante conhecer os seus potenciais e limites. Na nossa atual sociedade de mercado, toda ação é pragmática. Seria então uma utopia pensar que a televisão – com seu alto poder de sedução – não estivesse “dando as cartas” dentro do campo esportivo mundial, nacional e regional. O que se quer dizer com isso diz respeito às modificações que a televisão vem impondo nas regras e na organização de algumas modalidades esportivas, com o objetivo de atrair mais patrocinadores e público para as transmissões.

Não há como analisar aspectos da mercantilização e espetacularização dos esportes sem abordar os Jogos Olímpicos. Com esse intuito, encontra-se em Bourdieu uma análise sobre o quanto a Olimpíada atual mudou as perspectivas do espetáculo:

⁵⁸ BOURDIEU. **Sobre a televisão**. op. cit., p. 142.

⁵⁹ BIZZOCCHI. “A TV é hoje o veículo mais importante para o patrocinador do esporte, e os cálculos por aparição são muito vantajosos. O Campeonato Mundial de 2002, na Argentina, que teve mais de 330 mil pessoas nos ginásios, foi transmitido a cerca de 1 bilhão de telespectadores em 160 países.” op. cit., p. 10.

Pelo fato de que cada televisão nacional dá tanto mais espaço a um atleta ou a uma prática esportiva quanto mais eles forem capazes de satisfazer o orgulho nacional ou nacionalista, a representação televisiva, embora apareça como um simples registro, transforma a competição esportiva entre atletas originários de todo o universo em um confronto entre os campeões (no sentido de combatentes devidamente delegados) de diferentes nações. Para compreender esse processo de transmutação simbólica seria preciso primeiro analisar a construção social do espetáculo olímpico, das próprias competições, mas também de todas as *manifestações* de que elas são cercadas, como os desfiles de abertura e encerramento. Seria preciso, em seguida, analisar a produção da imagem televisiva desse espetáculo, que, enquanto suporte de *spots* publicitários, torna-se um produto comercial que obedece à lógica do mercado e, portanto, deve ser concebido de maneira a atingir e prender o mais duradouramente possível o público mais amplo possível: além de dever ser oferecida nos horários de grande audiência nos países economicamente dominantes, ela deve submeter-se à demanda do público [...].⁶⁰

Para Bourdieu, a Olimpíada, de um modo geral, é um espetáculo televisivo no qual as ações de *marketing* a transformam em “instrumento de comunicação”, definido pelo autor como: “o conjunto das relações objetivas entre os agentes e as instituições comprometidos na concorrência pela produção e comercialização das imagens e dos discursos sobre os Jogos”⁶¹. Segundo Bourdieu, os agentes e instituições que compõem o campo de produção da Olimpíada são: Comitê Olímpico Internacional (COI),⁶² as grandes companhias de televisão (sobretudo americanas), as grandes empresas multinacionais (Coca-Cola, Kodak, Ricoh, Philips etc.), e os produtores de imagens e de comentários destinados à televisão, rádio, ou aos jornais.⁶³

Esse corpo de profissionais especializados que tem como matéria de trabalho a informação esportiva, movimenta uma indústria cada vez mais necessária ao espetáculo devido à quantidade e velocidade com que as notícias são repassadas pelos meios de comunicação, dentro da nossa sociedade de massa.

⁶⁰ Id. *ibid.*, p. 123-124.

⁶¹ Id. *ibid.*, p. 125.

⁶² Id. *ibid.*, p. 125-126. “o Comitê Olímpico Internacional (COI), progressivamente convertido em uma grande empresa comercial com orçamento anual de 20 milhões de dólares, dominado por uma pequena camarilha de dirigentes esportivos e de representantes das grandes marcas industriais (Adidas, Coca-Cola etc.), que controla a venda dos direitos de transmissão (avaliados para Barcelona em 633 bilhões de dólares) e dos direitos de patrocínio, assim como a escolha das cidades olímpicas [...]”.

⁶³ Id. *ibid.*, p. 126. Para um maior aprofundamento no assunto, confira em, SIMSON, Vyv; JENNINGS, Andrew. **Os senhores dos anéis: poder, dinheiro e drogas nas Olimpíadas Modernas**. São Paulo: Best Seller, 1992.

Para enriquecer a análise, buscou-se em Jean Baudrillard um melhor entendimento da lógica social do consumo. Segundo o autor, tal lógica não gira em torno da apropriação individual do valor de uso dos bens e dos serviços, nem da satisfação, mas sim uma lógica que compreende o viés da produção e da manipulação dos significantes sociais.⁶⁴

Dentro dessa perspectiva, Baudrillard classifica o processo de consumo de acordo com dois aspectos fundamentais: a) como processo de significação e de comunicação: este tem como base um sistema de códigos em que as práticas de consumo são identificadas e assumem seu respectivo sentido. É um conjunto de permuta e equivalente de uma linguagem, a abordagem aqui é feita pela análise estrutural; e b) como processo de classificação e de diferenciação social: neste os objetos/signos se ordenam, não apenas em termo das diferenças estabelecidas dentro de um código, mas através de valores estatutários no interior de uma hierarquia. Aqui, o consumo assume um peso específico de valor, o que leva a outros significantes sociais tais como saber, poder, cultura, etc.⁶⁵

Baudrillard define, então, o princípio da análise da seguinte forma:

nunca se consome o objeto em si (no seu valor de uso) – os objetos (no sentido lato) manipulam-se sempre como signos que distinguem o indivíduo, quer filiando-o no próprio grupo tomado como referência ideal quer demarcando-o do respectivo grupo por referência a um grupo de estatuto superior.⁶⁶

A concepção de mercado, não seria um simples local de troca de mercadoria, mas sim visto como parte de interações socioculturais mais complexas. E por extensão, o consumo é visto não como uma mera possessão individual de objetos isolados mas como uma apropriação coletiva de bens que proporcionam satisfações biológicas e simbólicas, que servem para enviar e receber mensagens. O valor mercantil não é algo presente

⁶⁴ BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, sem data. p. 59.

⁶⁵ Id. *ibid.*, p. 59-60.

⁶⁶ Id. *ibid.*, p. 60.

naturalmente nos objetos, mas é resultante das interações socioculturais que a população os usam.⁶⁷

Sem perder de vista o foco, a mercantilização e a espetacularização do esporte contemporâneo engloba distintos e específicos campos, como por exemplo, o campo esportivo, o campo midiático e o campo das políticas públicas municipais, estaduais e nacionais. E é justamente a relação entre consumo, espetáculo e representação social que pode fornecer elementos para uma análise mais complexa do fenômeno esportivo atual.

Para compreender a dimensão do espetáculo, buscou-se apoio em Guy Debord para quem “o espetáculo é a *principal produção* da sociedade atual.”⁶⁸ Nossa sociedade está mergulhada no reino das imagens, ou seja, vivemos em um tempo dominado pela onipresença das imagens, particularmente da televisão. Mas é preciso compreender que “o espetáculo vai muito além do *show* de imagens”⁶⁹: ele nos permite a possibilidade de analisar as relações sociais entre as pessoas, e o elo entre elas é justamente as imagens.

No mundo da mercadoria, o espetáculo é sinônimo de cultura. Isso acaba reduzindo a cultura ao seu mais alto grau de alienação, reino da passividade absoluta do indivíduo.⁷⁰ Sobre a abstração do espetáculo, Debord esclarece que:

A alienação do espectador em favor do objeto contemplado (o que resulta de sua própria atividade inconsciente) se expressa assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo. Em relação ao homem que age, a exterioridade do espetáculo aparece no fato de seus próprios gestos já não serem seus, mas de um outro que os representa por eles. É por isso que o espectador não se sente em casa em lugar algum, pois o espetáculo está em toda parte.⁷¹

⁶⁷ CANCLINI. op. cit., p. 90.

⁶⁸ DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. p. 17.

⁶⁹ NOVAES, Adauto. Curadoria e introdução, A imagem e o espetáculo. p. 3. In: **Muito além do espetáculo**. Ciclo de conferências, 26 de ago. a 25 de set. de 2003. Teatro Maison de France, Rio de Janeiro e Teatro SESC da Esquina, Curitiba.

⁷⁰ Id. *ibid.*, p. 3.

⁷¹ DEBORD. op. cit., p. 24.

É necessário um aprofundamento⁷² sobre a relação entre imagem e espetáculo, pois, atualmente o consumo de imagens é universal e essa difusão se dá, principalmente, através do espetáculo. No caso dos esportes, a espetacularização é facilitada pela plasticidade e beleza das imagens. O espetáculo esportivo é um território representado por imagens.

Para Adauto Novaes:

À diferença dos momentos anteriores, a imagem hoje transformou-se na mercadoria por excelência, objeto de produção, circulação e consumo, realizando de forma fantástica o velho axioma: cria-se não apenas uma mercadoria para o sujeito, mas criam-se também, sujeitos para a mercadoria. [...] O esforço do pensamento consiste, pois, em decifrar imagens, entender o mundo a partir delas. Traduzir o enigma das imagens é uma forma de reconciliação do espírito com os sentidos. Neste processo, cada imagem quer tornar-se palavra, *logos*; e cada palavra, imagem. Imaginar é, pois, julgar e pensar. [...] O homem contemporâneo não cessa de consumir imagens e é certo que seu olhar acolhe mais do que sua capacidade de refletir sobre elas. Como pensar o mundo da aparência, no qual apenas a imagem provoca desejos, e a posse ou a apropriação de cada objeto desaparece na virtualidade? Como definir um objeto que se desfaz no momento mesmo em que entra no campo do visível? É preciso, antes de tudo, discutir a estrutura do imaginário. Ver as idéias nas imagens; compreender o mundo partindo das imagens mas permanecendo nelas, eis o que o mundo imaginário exige do pensador contemporâneo. O que se quer dizer com isso é que não se compreende a imagem separando-a do pensamento; caso contrário, a própria imagem se perde, e isso é o cúmulo da distração.⁷³

É através do espetáculo que se constrói um elo social, um meio de desenvolvimento social. De que outra maneira seriam estabelecidas as relações, vínculos e elos sociais senão através das emoções (afetos)? As sociedades humanas estão se tornando cada vez mais individualistas. Encontra-se nos EUA o maior exemplo para esta afirmação, portanto o espaço público dos espetáculos – *ágora*, para os gregos – é o verdadeiro local de escoamento das emoções. É necessário e produtivo valorizar o que o espetáculo propicia no desenvolvimento dos elos sociais.⁷⁴

⁷² O que se quer dizer com aprofundamento, diz respeito ao estudo das representações sociais, ao imaginário e ainda ao significado semiótico, fornecido pelas imagens em relação ao espetáculo.

⁷³ NOVAES. Introdução. In: **Muito além do espetáculo**. op. cit., p. 4-8.

⁷⁴ RIBEIRO, Renato Janine. A política dos costumes. Relato do autor durante o evento: **Muito além do espetáculo**. op. cit., Curitiba, 04 de set de 2003.

Este é um dos pontos positivos do espetáculo esportivo. No caso do Vôlei de Praia, o público participa do evento por livre e espontânea vontade. Com exceção do torneio olímpico, não é cobrado ingresso para entrar na arena a fim de fazer parte do espetáculo. Para David Mata, Geraldo de la Encarnación e Fernando Rodríguez:

...o Vôlei de Praia encarna todos os ingredientes do esporte contemporâneo: jogo rápido, constante incerteza, tremenda exigência física, fácil cobertura televisiva, é um evento atrativo para os patrocinadores, propicia a aparição do dualismo ídolo/torcida e encerra a máxima expressão vital. Em suma, é um esporte espetáculo.⁷⁵

Para Eugênio Bucci,

O espetáculo não é um transitar ensandecido de conteúdos saídos de emissoras em busca de receptores, mas o novo estágio das relações sociais. As imagens, antes de mensagens, são mercadorias – mercadorias que revelam a própria face do capital. O capitalismo se converte num modo de produção de signos – não mais de coisas. [...] É como modo de produção que o espetáculo pode ser compreendido. É como imagem que o capital se manifesta.⁷⁶

Sobre esse raciocínio, Guy Debord foi enfático, “O espetáculo é o *capital* em tal grau de acumulação que se torna imagem.”⁷⁷ E a mercadoria como espetáculo opera uma tão evidente perda da qualidade, em todos os níveis, dos objetos que a linguagem espetacular utiliza e das atitudes que ela ordena. Este mecanismo direciona para um afastamento da realidade, é o confronto da mercadoria consigo mesma sob a condição quantitativa. “Ela desenvolve o quantitativo e só pode se desenvolver nele.”⁷⁸

Segundo Debord, a sociedade do espetáculo se manifesta no consumo globalizado, presente dentro de uma economia universal:

⁷⁵ MATA VERDEJO, Davi; ENCARNACIÓN GONSABLÉZ, Geraldo de la; SÁNCHEZ-GONTAN, Fernando Rodríguez. **Volley playa**: aprendizaje, entrenamiento y organización. Madri: Alianza, 1994. p. 15. No original: “... el voley playa encarna todos los valores del deporte moderno: juego rápido, continua incertidumbre, tremenda exigencia física, fácil cobertura televisiva, atractivo para patrocinadores, propicia la aparición del dualismo ídolo-hinchada y recoge la máxima expresión vital. En suma es un deporte espectáculo.”

⁷⁶ BUCCI, Eugênio. Espectáculo, ou o novo modo de produção de signos. p. 27. In: **Muito além do espetáculo**. op. cit., Curitiba, 28 de ago de 2003.

⁷⁷ DEBORD. op. cit., p. 25.

⁷⁸ Id. *ibid.*, p. 28.

Esse desenvolvimento que exclui o qualitativo também está sujeito, como desenvolvimento, à passagem qualitativa: o espetáculo significa que ele transpôs o limiar de sua própria abundância; isto só é verdade localmente em alguns lugares, mas já é verdade em escala universal, que é a referência original da mercadoria, referência que seu movimento prático confirmou, ao unificar a Terra como mercado mundial.⁷⁹

A grande questão da globalização é possibilitar a integração máxima em termos de informação em qualquer ponto da rede integrada. As novas configurações sociais, através da globalização, alteram os nossos sentidos, ou melhor, alteram a distância com que percebemos as informações. Essa alteração do tempo e do espaço faz com que a velocidade seja mais importante do que a própria qualidade. A globalização alterou o sentido de pertencimento.

O espetáculo esportivo globalizado de uma Olimpíada, por exemplo, sendo transmitido ao vivo, pela televisão ou ainda, pela internet, se torna muito mais importante que os acontecimentos locais, ou seja, ao mesmo tempo que fortalece a noção de identidade nacional dos países participantes, enfraquece a capacidade das cidades de evocar referências marcantes nos seus indivíduos através da imaginação.

Após esta breve explanação sobre a mercantilização e espetacularização do esporte a qual julgou-se necessária para o estudo da história do Vôlei de Praia, adentrou-se, a seguir, especificamente, no campo esportivo da modalidade a fim de explicitar seu processo de desenvolvimento.

⁷⁹ Id. *ibid.*, p. 28-29.

CAPÍTULO 2 - DELIMITANDO O VÔLEI DE PRAIA

Acho que deveríamos nos perguntar primeiro sobre as condições históricas e sociais da possibilidade deste fenômeno social que aceitamos muito facilmente como algo óbvio, o “esporte moderno”. [...] não se pode compreender diretamente os fenômenos num dado momento, num dado ambiente social, colocando-os em relação direta com as condições econômicas e sociais das sociedades correspondentes: a história dos esportes é uma história relativamente autônoma que, mesmo estando articulada com os grandes acontecimentos da história econômica e política, tem seu próprio tempo, suas próprias leis de evolução, suas próprias crises, em suma, sua cronologia específica.

(BOURDIEU, Pierre. **Como é possível ser esportivo?** p. 136-137.)

Para uma melhor compreensão do esporte contemporâneo, é preciso ter em mente que existe um campo de concorrências alimentado pelas condições sociais dos agentes, esses, por sua vez, possuem interesses específicos dentro desse espaço. Tem-se, então, o que Bourdieu chama de campo. O funcionamento desse campo só é possível em sociedades altamente corporativas, isto é, em sociedades onde haja uma diferenciação ou divisão das funções de trabalho. Pois bem, no caso do Vôlei de Praia, o que orienta a prática e o consumo? De uma forma geral, desde os agrupamentos “esportivos”, públicos ou privados, que asseguram a representação e os interesses dos praticantes e, ao mesmo tempo, elaboram e aplicam as normas que regem essa prática, até os produtores e vendedores de bens (equipamentos, artigos de vestuário, etc.); dos serviços necessários à prática (professores, treinadores, jogadores, médicos, árbitros, etc.) e produtores e vendedores do espetáculo esportivo e de bens associados (dirigentes, patrocinadores, organizadores, jornalistas esportivos, fotógrafos, animadores de torcida, TVs, *merchandise* e *marketing* esportivo, por exemplo). Como foi se constituindo, progressivamente, este corpo de especialistas que vive diretamente ou indiretamente do Vôlei de Praia e quando foi que este sistema de agentes e de instituições começou a funcionar como um campo? É disso que o texto vai tratar, a seguir.

2.1 RELATO HISTÓRICO DO VOLEIBOL

Esta parte cobre, resumidamente, os primeiros 70 anos da história do Voleibol, exatamente até o ponto em que este esporte foi incluído na Olimpíada. Estas informações são relativas ao Voleibol de Ginásio – motivação para o surgimento do Vôlei de Praia. Para documentar a história do Vôlei de Praia, é importante ilustrar suas “raízes” originais.

O jogo de Voleibol, “raiz” do Vôlei de Praia, foi inventado em 1895, por um americano chamado William George Morgan,⁸⁰ diretor de Educação Física da Associação Cristã de Moços⁸¹ (ACM) da cidade de Holyoke, estado de Massachusetts, nos Estados Unidos da América (EUA). Nas palavras de Art Couvillon:

Em 1895 Morgan assumiu a direção do departamento de Educação Física da ACM em Holyoke Massachusetts. Enquanto seu trabalho progredia, as classes dos homens de negócios estavam crescendo rapidamente, foi então quando Morgan visualizou a necessidade de alguma forma de recreação e divertimento para os membros. Ele tinha consciência que o Basquetebol era adequado para os homens mais jovens, havia a necessidade, para os membros mais velhos, de participar em algum tipo de exercício que não fosse tão bruto ou severo.⁸²

No final do século XIX, os americanos dedicavam-se a esportes específicos em cada estação do ano. O Beisebol era praticado na primavera, no outono era a vez do Futebol Americano e, durante o inverno, as pessoas se recolhiam aos ginásios fechados, onde as sessões de ginástica dominavam os programas de Educação Física das instituições da época. Era preciso entreter os esportistas quando a neve impedia atividades recreativas ao ar livre. Assim, em dezembro de 1891 surgiu o Basquetebol. Este teve aceitação imediata, popularizou-se e, em pouco tempo já era praticado em todo o território

⁸⁰ Nascido em 23 de janeiro de 1870 na cidade de Lockport, New York, filho do irlandês George Henry Morgan e da americana Nancy Chatfield, formou-se professor de Educação Física no curso regular da Young Men Christian Association em Holyoke, Massachusetts. Morgan faleceu aos 72 anos de idade, em 27 de dezembro de 1942, na sua cidade natal.

⁸¹ No original: *Young Men Christian Association* (Y.M.C.A.).

⁸² COUVILLON, Art. No original: “In 1895 Morgan had taken charge of the physical department of the Y.M.C.A. As his work progressed, the business men’s classes were growing rapidly, this is when Morgan found a need of some form of recreation and relaxation for the members. He felt that Basketball was suited well for the

americano.⁸³ O Basquetebol dispunha de grande popularidade entre os mais jovens, no entanto, devido aos contatos físicos intensos, não era o esporte ideal para os homens com idade entre 40 e 50 anos. Dessa maneira, Morgan começou a elaborar um novo jogo para os associados de meia-idade que fosse menos vigoroso que o Basquetebol e mais atrativo que a calistenia (exercícios ginásticos para moldar e fortalecer o corpo).

Enquanto estava tentando desenvolver um jogo apropriado para os “homens de negócios”⁸⁴ Morgan considerou o Tênis, mas este requeria raquetes, bolas, rede e outros equipamentos. Embora tenha deixado de lado esse jogo, a idéia de usar a rede parecia boa, então ele elevou a rede de Tênis até a altura aproximada de 1,98 m do solo, o que correspondia justamente um pouco mais que a média masculina de altura.⁸⁵

Neste ponto, Morgan recrutou alguns homens e uma câmara de bola de basquete, eles tentaram rebater a bola por cima da rede, mas a câmara era muito leve e lenta. Mais tarde eles tentaram uma bola de basquete a qual provou ser muito grande e pesada. Finalmente eles decidiram que precisariam de uma bola semelhante a que é usada atualmente. Morgan encomendou à firma A. G. Spalding Brothers a fabricação desse tipo de bola. Com o desenvolvimento do jogo, mudanças foram feitas, de tempos em tempos, para o seu aprimoramento, mas a idéia original da rede separando os oponentes foi mantida.⁸⁶

younger men, but there as a need, for the older members, to participate in some sort of exercise that was not so rough or severe.” Volume #1. p. 2.

⁸³ BIZZOCCHI. op. cit., p. 2.

⁸⁴ Cf. MATTHIESEN, Sara Quenzer. Um estudo sobre o voleibol: em busca de elementos para sua compreensão, publicado na **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Santa Maria, v. 15, n. 2, p. 195-199, jan./abr. 1994. Este artigo retrata a relação da origem do Voleibol na ACM de Holyoke nos Estados Unidos com o surgimento e o desenvolvimento da burguesia pós-Revolução Industrial da Inglaterra no final do século 18. Para a autora os homens de negócios representam o estereótipo perfeito da burguesia americana ascendente, associada a evolução da maquinaria industrial e à “sofisticação” da exploração da mão-de-obra.

⁸⁵ COUVILLON. op. cit., volume #1. p. 2.

⁸⁶ Id. *ibid.*, p. 2.

Segundo Couvillon, “A mistura de Morgan com elementos do basquetebol, beisebol, tênis e handebol criou o jogo para suas classes de homens de negócios que desejavam um novo jogo com menos contato físico que o basquetebol.”⁸⁷

Em junho de 1896, durante a conferência de diretores de Educação Física realizada na Faculdade da ACM em Springfield Massachusetts, Morgan foi convidado pelo Dr. Luther Halsey Gulick, Decano de Educação Física desta Escola de Treinamento da ACM para fazer uma demonstração de sua invenção a qual originalmente batizara de “Minonette” ou, como citam algumas fontes, “Mintonette” por derivar do badminton.⁸⁸

Morgan então organizou dois times com cinco jogadores os quais eram membros de suas aulas, a demonstração teve como capitães o chefe do corpo de bombeiros de Holyoke John Lynch e o prefeito J.J. Curran. Aqui o Professor Alfred T. Halsted propôs o novo nome de “Volley Ball” devido a natureza da atividade ser de voleio. Morgan concordou em mudar o nome já que a característica do jogo era voar a bola por cima da rede. Atualmente, usa-se o termo “Volleyball” escrito com uma só palavra (o nome foi registrado em 1950 pela *United States Volleyball Association* pela conveniência).⁸⁹

Morgan apresentou o jogo aos diretores informando-os que:

Volley ball é um novo jogo que é notavelmente adequado para o ginásio ou pátio coberto mas que pode ser jogado ao ar livre (incluindo voleibol de praia, embora Morgan não mencionasse a praia). Qualquer número de pessoas pode participar do jogo. O jogo consiste em manter a bola em movimento sobre uma rede elevada, de um lado para o outro, assim tomando parte das características de dois jogos tênis e handebol. Inicia-se o jogo por um jogador de um lado sacando a bola por cima da rede dentro do campo ou quadra adversária. Os oponentes então sem permitir que a bola toque o chão a retornam, e dessa maneira mantém a bola pra lá e pra cá até um lado falhar o retorno ou a bola tocar o chão. Isto conta um ponto para um lado ou uma vantagem para o outro, dependendo do lado que estiver com a posse de bola. A partida é composta de nove *innings*, cada lado sacando um certo número de vezes, como pelas regras em cada *inning*.⁹⁰

⁸⁷ Id. *ibid.*, p. 2. No original: “Morgan’s blending of the elements of basketball, baseball, tennis, and handball created the game for his classes of businessmen that desired a new game with less physical contact than basketball.”

⁸⁸ Id. *ibid.*, p. 2.

⁸⁹ Id. *ibid.*, p. 2.

⁹⁰ Id. *ibid.*, p. 2. No original: “Volley ball is a new game which is preeminently fitted for gymnasium or the exercise hall but which may be played out of doors (including beach volleyball, although Morgan did not mention the beach). Any number of persons may play the game. The play consist in keeping the ball in motion over a high net, from one side to the other, thus partaking of the character of the two games tennis and handball. Play is started

A impressão geral, entre os diretores, foi de que o jogo preencheria um lugar jamais preenchido por nenhum outro. Então no dia 7 de julho de 1896, a primeira partida de Voleibol foi realizada na Faculdade de Springfield. Morgan não tinha idéia de que sua invenção se transformaria em um esporte olímpico de grande apelo comercial como é atualmente. Quais foram então as pretensões de Morgan ao idealizar o Voleibol?

Para a compreensão de como o campo de origem do Voleibol começou a ser demarcado, precisamos entender que essa prática não apresentou um processo de desportivização, nem evoluiu de outra manifestação cultural de jogo, passatempo ou qualquer outra atividade esportiva. Ele foi inventado. Nasceu como um esporte pronto, com suas regras e características próprias, uma delas, por exemplo, é o fato de ser uma criação totalmente americana e não uma atividade desportivizada européia.⁹¹ Para Marchi Jr., o Voleibol foi criado exclusivamente com o objetivo de atender as necessidades de uma elite em ascensão. Na análise do autor:

Pela origem do Voleibol e palavras de Morgan referentes aos objetivos e ao público a ser atingido pela modalidade, percebemos fundamentalmente que o esporte nasceu respeitando as necessidades de uma elite, qual seja, a elite clubística cristã. Em momento algum encontramos nos escritos de Morgan alguma menção à popularização do esporte ou que o Voleibol fosse uma prática desenvolvida além-clubes. Esse processo ocorreu posteriormente, não se sabe se em concordância com os preceitos iniciais de seu criador. O que vale registrar é que a burguesia emergente americana necessitava de uma atividade que poupasse os “homens de negócios” dos contatos mais ríspidos e das oscilações climáticas do inverno americano. [...] na determinação do campo esportivo, um conjunto de disposições eram exigidas pela estrutura que se formava para a modalidade, ou seja, para estar inserido nesse campo, das pessoas envolvidas eram cobradas determinadas representações sociais. Era uma modalidade para os sócios da Associação Cristã de Moços, preferencialmente profissionais liberais com aproximação aos dogmas presbiterianos. Em termos bourdianos, os primeiros traços para a constituição de um *habitus* esportivo social manifestavam-se com essa caracterização. [...] para ser um participante desse universo esportivo, o jogador tinha que apresentar um capital social e cultural [...]. Dessa forma, o Voleibol passa a exigir um perfil, ou melhor, um capital cultural, social e econômico específico que reflete uma disposição, inicialmente estável, [...]. De início, a modalidade apresenta-se como uma estrutura

by a player on one side serving the ball over the net into the opponents' field or court. The opponents then without allowing the ball to strike the floor return it, and it is in this way kept going back and forth until one side fails to return it or it hits the floor. This counts as a score for one side or a serve out for the other, depending upon the side in point. The game consist of nine innings, each side serving a certain number of times, as per rules in each inning.”

⁹¹ MARCHI JR. op. cit., p. 74.

estruturada respeitadora de normas constitucionais, porém, com sua aceitação e propagação de um status social específico, ela alinha-se como uma estrutura que passa a ser estruturante dos comportamentos e da ação social de seus componentes. [...] Essa elite forjou agentes de divulgação nas mais diversas formas de intervenção com a perspectiva de que as estruturas, eventualmente estabelecidas no campo esportivo, fossem capazes de compor e perpetuar uma representação social.⁹²

Encontrou-se nas palavras de Bizzocchi, uma descrição que corrobora a análise descrita acima:

Apesar da euforia inicial, o voleibol tem uma difusão muito pequena nos anos subseqüentes. O basquetebol se espalhou por todo o território americano, ganhando a preferência nacional ao lado do futebol americano e do beisebol, enquanto o vôlei continuava a ser praticado por grupos de adultos de meia-idade e, exclusivamente em ambientes fechados.⁹³

Foi dentro de um perfil com características elitistas que o Voleibol se propagou, primeiramente, dentro dos EUA, depois para outros países e continentes. O primeiro país a recebê-lo foi o Canadá em 1900. Depois, introduzido em Cuba em 1906 por Augusto York, um oficial das forças armadas dos EUA. Hyozo Omori introduziu o Voleibol no Japão, em 1908, depois de frequentar o “Springfield College”, nos EUA, Omori foi para a ACM de Tóquio e começou este esporte em seu país nativo. Em 1918 o Japão organizou seu primeiro campeonato escolar. Na China, começou em 1911 com Max Exner e Howard Crokner, eles jogavam até 21 pontos com 16 jogadores de cada lado. No mesmo ano, Elwood Brown (diretor nacional de Educação Física da ACM) foi convidado pela Divisão de Trabalho Estrangeiro para ir para as Filipinas a fim de promover o Voleibol além mar, em apenas dois anos ele organizou os primeiros Jogos do Extremo Oriente, em Manila, com times representativos da China, Japão e Filipinas.⁹⁴

Na América do Sul, a modalidade foi inaugurada oficialmente em 1910 no Peru. Depois, em 1914, o Uruguai realizou uma campanha intensiva por duas semanas com o intuito de fazer do Voleibol seu esporte nacional, esforços foram feitos em sua promoção

⁹² Id. *ibid.*, p. 74-77.

⁹³ BIZZOCCHI. *op. cit.*, p. 4.

⁹⁴ COUVILLON. *op. cit.*, volume #1. p. 5.

por todo o país, jogos demonstrativos foram realizados como preliminar de algumas partidas de futebol as quais eram assistidas por dezenas de milhares de espectadores. O relatório cita ainda o fato de algumas demonstrações terem ocorrido nas praias. Esta descrição seria a mais antiga de um jogo de Voleibol sendo praticado na praia, embora as fontes não confirmem seu registro oficial.⁹⁵ No Brasil, existe controvérsia em relação ao ano da sua primeira exibição, alguns autores acreditam que foi no Colégio Marista de Recife, Pernambuco, em 1915; outros informam que ocorreu na ACM de São Paulo, em 1916. Há registro fotográfico dessa apresentação na capital paulista. O primeiro campeonato nacional foi disputado somente em 1944. A Confederação Sul-Americana de Voleibol foi fundada em 12 de fevereiro de 1946, com sede no Brasil e tendo Célio Negreiro de Barros como presidente.⁹⁶

Um instrumental importante para a difusão do Voleibol foi a sua inclusão no programa de recreação e atividades físicas das Forças Armadas norte-americanas, em 1914, pelo secretário do Gabinete de Guerra da ACM, George J. Fisher.

Na Europa, o Voleibol desembarcou em 1915 nas praias da França, Normandia e Britânia trazido pelas tropas americanas que lutavam durante a 1ª Guerra Mundial. Soldados americanos também levaram o jogo para a África, nesse mesmo ano. Em 1917, foi a vez da Itália por intermédio dos pilotos americanos.

Um novo impulso de divulgação foi dado ao referido esporte através da instituição escolar, no ano de 1915. Uma resolução dos órgãos governamentais de educação recomendou a prática da modalidade nos programas de Educação Física das escolas americanas.

Nesses primeiros 20 anos de história do Voleibol, constatou-se, baseados em Bourdieu, primeiramente que: o esporte foi inventado fora do eixo europeu (Inglaterra, França, Itália e Alemanha), ou seja, no seio de uma sociedade burguesa emergente americana como um dos meios de perpetuar uma representação social através de um estilo

⁹⁵ Id. *ibid.*, p. 7.

⁹⁶ BIZZOCCHI. *op. cit.*, p. 7.

de vida diferenciado. Segundo, a modalidade nasceu com um caráter elitista já que os agentes sociais que faziam parte do círculo em questão eram portadores de um capital social, econômico e cultural específico. Terceiro, as estruturas iniciais que edificaram o campo esportivo e que foram responsáveis pela divulgação e expansão dessa prática eram três das mais representativas instituições americanas da época, a saber, a) os clubes corporativos cristãos, ou em outras palavras, associações ligadas à igreja; b) as Forças Armadas, em pleno andamento da 1ª Guerra Mundial da qual os EUA terminariam vitoriosos e iniciariam aí seu sólido domínio de propagação de seus modelos culturais; e por fim, c) as escolas, que para Bourdieu nada mais são do que um meio de perpetuação da ordem social estabelecida.

É importante observar que o campo delimitado pelas estruturas do Voleibol se baseou em três principais pilares de sustentação: clube cristão, tropas e escola. Por escola, entenda-se todos os níveis de educação, incluindo, é claro, as universidades. Mais adiante, este tripé será fundamental para a análise do nascimento e expansão do Vôlei de Praia.

O Livro de Regras de Voleibol da Spalding (Spalding Volleyball Rule Book) foi publicado a pedido da ACM, em 1916, com o intuito de unificar as regras do jogo. A Associação Atlética Universitária Nacional (National Collegiate Athletic Association – NCAA) foi convidada a promover o Voleibol. Naquela época, foi estimado que 200 mil pessoas estavam praticando a modalidade nos EUA.⁹⁷

Em 1917, o jogo de volear a bola por cima da rede fez sua primeira aparição oficial na Rússia, nas cidades do Volga: Gorki e Kazan. Também estava sendo jogado na Índia no mesmo período. Um ano depois, foi preparado o Livro de Mão de Atividades Atléticas da ACM, Exército e Marinha, incluindo uma seção extensiva sobre o Voleibol. Em 1919, mais de 15 mil bolas foram distribuídas às Forças Expedicionárias Americanas na Europa.⁹⁸

⁹⁷ COUVILLON. op. cit., volume #1. p. 7.

⁹⁸ Id. *ibid.*, p. 7.

A primeira federação foi fundada na Tchecoslováquia e Bulgária, em 1922. No mesmo ano, o comitê de voleibol da ACM junto com a NCAA forçou a aceitação da modalidade no programa masculino de esportes universitários, esta parceria concordou em incluir os membros da Associação Americana de Recreação e Playground e os Escoteiros da América. Por causa desses esforços, o primeiro Campeonato Nacional de Voleibol foi realizado no Brooklyn, New York, em 28 de abril. Participaram 23 equipes de 11 Estados e Canadá. Somente times da ACM competiram e Pittsburgh sagrou-se campeão, repetindo a façanha em 1923, 1924, 1925 e 1926, ganhando o troféu permanentemente.⁹⁹

Durante a Olimpíada de Paris, em 1924, foi apresentada uma demonstração do jogo de Voleibol.¹⁰⁰ E em Uden, Holanda, um padre católico, S. Buis introduziu o esporte, em 1925, durante uma missão.¹⁰¹

Para se ter uma idéia do rápido desenvolvimento e evolução do esporte dentro dos EUA, transcreveu-se, aqui, uma descrição de Couvillon:

Em 1927, os diretores de recreação municipal relataram que havia 75.125 jogadores de voleibol em 267 cidades. Isto representa um aumento frente aos 34.962 jogadores em 206 cidades em 1926. Esta genuína duplicação dos participantes indicava o aumento da popularidade do jogo. O número de espectadores cresceu de 386.572 para 433.684.¹⁰²

Katherine Montgomery escreveu o primeiro manual sobre o esporte em 1928, *Volleyball for Women*, como uma fonte para as mulheres que queriam aprender o jogo. O próximo passo para o progresso da modalidade foi gigante e ocorreu no dia 14 de maio desse mesmo ano, durante o encontro anual do Comitê de Articulação das Regras de Voleibol (Joint Volley Ball Rules Committee), realizado na cidade de Nova Iorque, onde

⁹⁹ Id. *ibid.*, p. 9.

¹⁰⁰ Id. *ibid.*, p. 10.

¹⁰¹ Id. *ibid.*, p. 11.

¹⁰² Id. *ibid.*, p. 11. No original: “In 1927, municipal recreation directors reported that there were 75,125 volleyball players in 267 cities. This figure was an increase from the 34,962 players in 206 cities in 1926. This veritable doubling of participants indicated the rise of the game’s popularity. The number of spectators reportedly increased from 386,572 to 433,684.”

foi proposta a criação de uma Associação Nacional. Um comitê especial com 372 pessoas-chave do mundo do Voleibol foi formado e a elas demandado que se investigasse a idéia. Na convenção de 22 de junho, no Yale Club, em Nova Iorque, estabeleceu-se um novo nome para a organização, Associação de Voleibol dos Estados Unidos (United States Volley Ball Association – USVBA) a qual contaria com uma constituição, provisões para expansão de funções e um quadro de associados.

A entidade foi criada como órgão supremo para governar o Voleibol e se tornou responsável pela promoção do esporte tanto no nível nacional quanto internacional. Seu primeiro presidente foi George J. Fischer, que ficou no poder até 1952, portanto 24 anos. Atualmente, a USVBA é conhecida como USA Volleyball (USAV).¹⁰³

Usando a teoria dos campos de Bourdieu, pode-se, nesse ponto, analisar como estava se moldando o campo do Voleibol. O esporte crescia de forma vertiginosa em todos os sentidos, número de praticantes, espectadores e competições; materiais, equipamentos e publicações destinadas aos novos consumidores; construção de locais públicos e privados destinados à prática; a organização interna através de entidades que passariam a gerenciar seus próprios interesses e com isso a perpetuação do poder, ou seja, passa a haver uma relação entre a oferta e a procura, o que gera possibilidades de lucro e, assim a disputa pelo poder.

Diante dessa análise, encontrou-se um exemplo na URSS, onde em 1933 foi organizado o primeiro campeonato nacional com mais de 400 mil jogadores participantes e ainda uma partida realizada no palco do Teatro Bolshoi.¹⁰⁴ Como dito anteriormente, a invenção americana estava completando apenas 17 anos em território russo e já contava com elevado número de adeptos, as novas possibilidades que o desenvolvimento da modalidade apresentavam eram suficientemente reais, ainda que num país comunista. A organização dessa partida veio confirmar os artifícios dos dirigentes para obtenção de promoção pessoal, através do ganho de algum tipo de capital.

¹⁰³ Id. *ibid.*, p. 11-12.

¹⁰⁴ Id. *ibid.*, p. 15.

Durante a 2ª Guerra Mundial, o Voleibol era muito popular entre as tropas, até mesmo abordo de porta-aviões. Fora recomendado para treinamento, pois ajudava na manutenção da condição física enquanto fortalecia a moral ensinando como permanecer unido dentro de um grupo.

O Voleibol comemorou seu aniversário de 50 anos, logo após o final da 2ª Guerra, com a maior quantidade de artigos escritos sobre o esporte em qualquer outro ano de sua história. Por essa época, foi classificado como o quinto esporte mais praticado nos EUA, tendo dobrado o número de participantes em apenas 2 anos, de 5 milhões em 1944 para 10 milhões em 1946. Neste ano, foi realizado o primeiro campeonato mundial da Força Aérea, sediado na base aérea de Hamilton, Hamilton – Califórnia. E os acontecimentos em favor do esporte não paravam, ainda no mesmo ano, na cidade de Praga, foi realizado um encontro entre os representantes das federações da Tchecoslováquia, Polônia e França; o que resultou na primeira tentativa em se organizar uma federação internacional. Enquanto isso, nos EUA, os primeiros passos a fim de incluir o Voleibol na Olimpíada eram dados; a USVBA convidou para o seu encontro anual, realizado em Chicago, Avery Brundage, o presidente do Comitê Olímpico Americano e vice-presidente da Federação Olímpica Internacional para que o mesmo descrevesse o caminho necessário para tal. Ele relatou que a federação de cada país filiado deveria ser a autoridade reconhecida deste esporte e contar com a cooperação de todo o grupo.¹⁰⁵

Dentro dessa ótica política, organizacional e administrativa foi criada no dia 20 de abril de 1947 a Federação Internacional de Voleibol (FIVB) em Paris e teve o francês Paul Libaud como primeiro presidente, permanecendo no cargo por 37 anos. Os países fundadores foram: Bélgica, Brasil, Tchecoslováquia, Egito, França, Holanda, Hungria, Itália, Polônia, Portugal, Romênia, EUA, Uruguai e Iugoslávia.¹⁰⁶

Sobre o mandato de Libaud ter durado tanto tempo, Marchi Jr. afirma que:

¹⁰⁵ Id. *ibid.*, p. 17.

A manutenção de um dirigente durante um período tão extenso, seguindo o raciocínio bourdiano, permite inferir que as estruturas autônomas desenvolvidas nessa entidade foram fruto dos esquemas de percepção da realidade do Voleibol mundial, associados às disposições dos agentes sociais que compuseram e legitimaram o crescimento desse campo. Somente dessa forma é possível aceitar-se a permanência de uma única pessoa, sem oposição, à frente da Federação Internacional de Voleibol. Em outras palavras, reconhecida a expansão e as possibilidades de penetração social da modalidade, estruturou-se o campo esportivo de forma que seus componentes pudessem manter o domínio sobre as deliberações oficiais do esporte.¹⁰⁷

Com o gerenciamento da FIVB, o esporte começa a se unificar e o primeiro campeonato europeu masculino foi realizado em Roma, em 1948, e a seleção da Tchecoslováquia saiu vitoriosa. No próximo ano, aconteceu o primeiro campeonato mundial masculino, em Praga e a equipe da Tchecoslováquia¹⁰⁸ ficou com o primeiro lugar. Ainda no mesmo ano, foi negada a proposta de inclusão na Olimpíada de 1960. Em 1952, foi a vez das mulheres participarem do primeiro campeonato mundial, em Moscou, e a equipe da URSS foi campeã.

O 53º congresso do Comitê Olímpico Internacional (COI), realizado em setembro de 1957¹⁰⁹ em Sofia, Bulgária, foi muito importante para o Voleibol. Os membros do COI organizaram um torneio demonstrativo com a intenção de decidirem se o esporte seria incluído na Olimpíada de Tóquio, em 1964. Depois da demonstração, os membros decidiram incluir o Voleibol nos Jogos Olímpicos.¹¹⁰

O Brasil foi o palco do quarto campeonato mundial, em 1960. Pela primeira vez sediado fora da Europa. No torneio feminino, a seleção brasileira ficou em 4º lugar e no masculino, com o 5º posto. Mas a grande novidade no início da década de 60 era mesmo a inclusão do Voleibol na próxima Olimpíada, o contingente do Voleibol brasileiro e mundial estava entusiasmado com a possibilidade de participação e com o *status* de esporte olímpico.

¹⁰⁶ MARCHI JR. op. cit., p. 88.

¹⁰⁷ Id. *ibid.*, p. 88-89.

¹⁰⁸ Algumas fontes relatam a equipe da URSS como vencedora. Cf. MARCHI JR. op. cit., p. 86.

¹⁰⁹ Algumas fontes relatam que esse evento ocorreu em 1962. Cf. MARCHI JR. op. cit., p. 87.

¹¹⁰ COUVILLON. op. cit., volume #1. p. 24.

A XVIII Olimpíada teve como sede, a cidade de Tóquio e celebrou a estréia do Voleibol. Foi a única modalidade coletiva disputada por homens e mulheres. No torneio masculino, participaram dez países e a medalha de ouro ficou com a URSS. O torneio feminino contou com seis países e o vencedor foi o Japão. O Brasil viajou apenas com a seleção masculina e obteve a sétima colocação.

Após o mapeamento dos momentos históricos iniciais do Voleibol, analisou-se, especificamente, como se deu o processo de nascimento e expansão do Vôlei de Praia. Em outras palavras, quando foi possível falar de um campo esportivo para o Vôlei de Praia? Qual foi o impacto da inserção midiática dentro desse processo? É o que se apresenta, a seguir.

2.2 SURGIMENTO DO VÔLEI DE PRAIA

A atração que a praia exerce sobre as pessoas sempre foi intensa. E parece um tanto óbvio que isso sempre tenha acontecido desta forma mas não é o que demonstrou Alain Corbin ao retratar o processo de apropriação das praias e as conseqüências sociais da utilização desse espaço. Para o autor, o nascimento do desejo da beira-mar começou no século XVIII com o homem europeu das classes altas e culminou na invenção da vilegiatura marinha. Ao analisar pinturas da época, Courbin esclareceu que se modificou a significação social do quadro:

A praia permanece, certamente, o lugar de trabalho dos pescadores, o prolongamento do espaço público da aldeia, mas passa a representar também a culminação do ritual do passeio urbano. Burgueses a passeio, em conversação galante, ou cavaleiros garbosos disseminam-se pela praia; alguns vêm contemplar o mar aberto. [...] A cena de praia difundiu um modelo social de utilização da beira-mar; [...] inauguram-se práticas que, sub-repticiamente, pressagiam a emergência de um desejo coletivo.¹¹¹

¹¹¹ CORBIN. op. cit., p. 50-52.

A nova maneira de se passar o tempo, inventada na Europa, logo se disseminou para outros continentes, especialmente nos países que possuíam praias localizadas em regiões de clima quente, como no caso dos EUA (Califórnia), Brasil (Rio de Janeiro), etc.

Posteriormente, ao longo do século XIX, com esses modelos inéditos de contemplação, o número de pessoas que procurou as praias americanas, como playground para todo tipo de atividades, aumentou, substancialmente, especialmente, a partir do último quarto do século. Pensando em como capitalizar sobre isso, um homem chamado, Michael Duffy construiu na praia de Santa Mônica, Califórnia, em 1877, a primeira “Casa de Banho”, um local adequado para se lavar e se trocar. Essa casa foi a precursora de uma série de facilidades recreativas e clubes que surgiram e se espalharam pelas praias mais badaladas dos EUA. Uma denúncia no jornal local, em 1892 proclamou que a população de Santa Mônica era de 2.000 residentes mas, essa aumentava mais que o dobro com a chegada dos turistas vindos de Los Angeles, tanto no verão quanto no inverno. As instalações físicas, como os clubes recreativos e sociais, para atender os praiheiros que passavam seu tempo livre na costa, seria a próxima novidade.¹¹²

Um deles é o *Outrigger Canoe Club*, sediado na praia de Waikiki, ilha de Oahu, Havaí. Fundado em 1908, por um pequeno grupo de empresários e profissionais da comunidade de Honolulu,¹¹³ o clube nasceu como um local privado, portanto agregou uma elite de associados que compartilhavam interesses comuns como o esporte, por exemplo.

O Vôlei de Praia surgiu no *Outrigger Canoe Club*, em 1915 e foi batizado originalmente com o nome de “Beach Volleyball”. Por sua vez, muitos entusiastas acreditam que o esporte nasceu nas praias do sul da Califórnia, no início da década de 20. A história revela ainda que algumas partidas demonstrativas de Voleibol ocorreram nas praias do Uruguai, em 1914. Portanto, há três diferentes versões para o surgimento da modalidade. Eis os detalhes de cada uma delas.

¹¹² COUVILLON. op. cit., volume #1. p. 30.

¹¹³ Id. ibid., p. 31.

Em 1914, o Uruguai realizou uma campanha intensiva com duração de duas semanas num esforço de fazer com que o Voleibol se transformasse no seu esporte nacional. Nessa época, o futebol era a preferência. Defensores do Voleibol apontavam que durante os meses de verão era muito quente para se jogar futebol e que a prática do Voleibol não requeria grandes espaços visto que um cantinho do campo poderia ser utilizado, sem nenhum prejuízo para o tão bem cuidado gramado. Esforços foram feitos para promover a modalidade por todo o país, jogos demonstrativos foram realizados como preliminar de algumas partidas de futebol as quais eram vistas por dezenas de milhares de espectadores. Há também relatos da utilização das praias durante essa campanha, embora não existam relatórios que indiquem a continuação do jogo nesses mesmos locais. Esta menção é significativa para a história do Voleibol porque é o primeiro registro do jogo realizado em qualquer praia.¹¹⁴

A outra versão aponta que a concepção real do jogo teve início em 1915, no Havaí. De acordo com a fonte entrevistada¹¹⁵, Couvvilon descreve que, o Sr. Higgins lembra-se de um membro do clube, George David “Dad” Center¹¹⁶ saindo e comprando duas bolas e uma rede de voleibol em algum momento, no início de 1915. Então “Dad”, com outros membros penduraram a rede na praia arenosa paralela a linha da maré, entre os armários das pranchas de surfe e o barracão das canoas. O local foi onde aconteceu o primeiro jogo de “Vôlei de Praia”. Este momento é histórico, porque os jogos no *Outrigger Club*, sem dúvidas, representam o legítimo nascimento do Vôlei de Praia.¹¹⁷

Depois de usar essa quadra, “Dad” e seu grupo decidiram mudar de local já que o espaço ali era reduzido. Então, eles organizaram a nova quadra em frente a pequena loja de artigos esportivos e da grande varanda a qual eventualmente era usada como sala de

¹¹⁴ Id. *ibid.*, p. 31.

¹¹⁵ Id. *ibid.*, p. 31. *Outrigger Club*, através do seu comitê de História, tem produzido relatórios, baseados em História Oral, confirmando que o Vôlei de Praia começou em suas areias. Essa entrevista foi realizada em 9 de junho de 1978 por Kenneth Pratt. O sujeito entrevistado é um membro original do clube, chamado Ronald Higgins.

¹¹⁶ Id. *ibid.*, p. 31. Ele era um dos mais famosos técnicos de natação do Havaí, foi assistente técnico da equipe olímpica dos EUA durante a Olimpíada de 1920 na Antuérpia, Bélgica, onde os nadadores havaianos conquistaram os quatro primeiros lugares na prova dos 100 metros livre. “Dad” era severo e motivador. O autor qualifica “Dad” como o mentor do Vôlei de Praia.

jantar do clube. A partir dessa mudança, o jogo se tornou muito popular e rapidamente passou a fazer parte como uma das atividades principais do clube. Os surfistas e nadadores se sentiam à vontade pois jogavam descalços, com os mesmos trajes usados para as atividades aquáticas, isso sem falar na liberdade, diversão, competitividade e condicionamento físico que a nova modalidade ao ar livre proporcionava. Duke Paoa Kahanamoku¹¹⁸ era um deles.

Por outro lado, Sinjin Smith e Neil Feineman ignoram as descrições anteriores e acreditam na origem californiana do Vôlei de Praia, segundo os autores: “Embora há cochichos não confirmados de ocasionais times de seis homens jogando nas praias do Havaí no início dos anos 20, muitos relatórios localizam a origem do esporte em Santa Mônica, Califórnia.”¹¹⁹

Neste ponto, uma análise sobre a origem do Vôlei de Praia faz-se necessária. Constatou-se no material pesquisado que apesar do Havaí ser o local oficialmente documentado de nascimento da modalidade e as praias do Uruguai serem as primeiras, que se tem notícia, a sediar jogos de Vôlei; todo o crédito fica mesmo com a Califórnia. A grande maioria das fontes relata a Califórnia como o “berço” do esporte.

Através de um olhar mais apurado, levantou-se algumas possíveis hipóteses para justificar os interesses por trás dessa estrutura de informações, a saber: a) o Uruguai nunca teve tradição ou expressão alguma dentro do campo esportivo do Vôlei de Praia, assim os acontecimentos históricos acabaram sendo ignorados; b) apesar do Havaí fazer parte do território americano, estaria assegurado aos EUA o título de criadores da modalidade, mas, as instituições e os agentes californianos perceberam reais

¹¹⁷ Id. *ibid.*, p. 31.

¹¹⁸ Id. *ibid.*, p. 32. O mais famoso membro do Outrigger Club. Duke nasceu em Waikiki em 1890, cresceu nadando e surfando nas praias da ilha. Competiu em quatro Olimpíadas, estabeleceu dois recordes mundiais e conquistou três medalhas de ouro e uma de prata. “O Duke” é reconhecido por apresentar o surfe ao mundo. Estava presente na primeira partida idealizada por “Dad” e era um dos melhores jogadores de Vôlei de Praia do clube. Duke também é creditado pelos associados mais antigos do Santa Mônica Clube de Praia por ajudar a refinar o jogo durante a década de 1930 quando ele foi trabalhar como diretor atlético nesse mesmo clube.

¹¹⁹ SMITH, Sinjin; FEINEMAN, Neil. **Kings of the beach**: the story of beach volleyball. Los Angeles – Seattle: Power Books, 1988. p. 2. No original: “Although there are unconfirmed whispers of occasional six-man

oportunidades em classificar a Califórnia como local de sua gênese; c) o livro de Sinjin Smith (*Kings of the beach...*), lançado em 1988, é uma literatura de referência que tem sido a base de informações sobre o esporte; d) Smith foi um dos primeiro a encarar este movimento de forma empresarial com os patrocinadores, a mídia, as empresas, a TV e com o poderoso Ruben Acosta (presidente da FIVB). Smith foi um dos fundadores e era o presidente da AVP na época do lançamento do livro, jogador com o maior número de vitórias e prêmios em dinheiro da história da AVP (recentemente superado por Karch Kiraly), é inegavelmente o símbolo do Vôlei de Praia mundial; e) a Califórnia era a referência mundial para o esporte (posto atualmente ocupado pelo Brasil), então, o reconhecimento histórico só poderia valorizar ainda mais e alavancar os interesses dos agentes que formavam sua estrutura.

Devido ao aumento das atividades recreativas e o desenvolvimento de áreas formalizadas para jogos, a primeira convenção anual de “Playgrounds da América” (agora, Associação Nacional de Recreação) aconteceu em 1907, em Akron, Ohio. Uma pesquisa apresentada naquela época apontava o Voleibol como um dos mais populares jogos ao ar livre.¹²⁰

No entanto, Couvillon descreve que a verdadeira evolução do Vôlei de Praia ocorreu a partir de 1920, originalmente, em *Santa Monica*. Nos primeiros anos do século XX, o Voleibol “engatinhava” na costa do Pacífico, mais precisamente no Sul da Califórnia e, era praticado basicamente por associados da ACM. Durante esse período, a atividade teve um desenvolvimento natural passando a ser praticada ao ar livre em playgrounds, parques, e também nas praias.

Esse crescimento se deu, em parte, devido às características do jogo ou grande adaptabilidade, quer dizer, podia ser jogado em qualquer tipo de terreno; requeria pouco equipamento; permitia uma variação no número de jogadores de cada lado que competiam

teams playng on the beaches of Hawaii in the early '20s, most accounts place the sports origins in Santa Monica, California.”

¹²⁰ COUVILLON. op. cit., volume #1. p. 5.

de modo formal ou apenas por divertimento; não necessitava de contato físico e os esforços despendidos eram moderados, só para citar algumas.

Uma influência significativa sobre o Vôlei de Praia aconteceu em 1920 com o término da construção dos quebra-águas¹²¹ de Santa Mônica. Antes, a praia estava sempre sujeita a erosão, era demasiada estreita e mais exclusiva do que é hoje. Depois, as praias arenosas começaram a se expandir e estabilizar permitindo uma utilização mais consistente e regular para diversas atividades, incluindo o Vôlei.¹²²

Por conta desse uso mais racional da praia, algumas das primeiras quadras permanentes de Vôlei foram estabelecidas nas areias do Sul da Califórnia. Grupos de pessoas, na sua maioria estudantes universitários jogavam seis contra seis participando de uma atividade simples, pois tudo que precisavam era uma roupa de banho, uma rede e uma bola. Segundo Couvillon, o jogo nessa época era totalmente recreativo, vamos ver como ele descreve a “primeira infância” do Vôlei de Praia:

Eles jogavam na forma de um esporte recreativo, muito diferente de como o jogo é hoje. Os times usualmente consistiam de pelo menos seis jogadores os quais rebatiam a bola quase exclusivamente com os dedos. Nessa versão do voleibol, não havia regras de como manusear a bola com as mãos, e a prática provavelmente não era um pré-requisito. [...] Todos esses jogadores foram os precursores do jogo de vôlei de praia atual.¹²³

A região viveu o “nascimento” da modalidade, durante os anos 20. Esse desenvolvimento pode ser explicado devido a uma série de fatores interligados tais como, o término da Primeira Guerra Mundial, a economia americana a pleno vapor, as universidades, a Califórnia, o clima, a praia, o automóvel, a sociedade de consumo, a sociedade de massa e os clubes.

¹²¹ No original: Santa Monica “Groins” ou breakwater jetties.

¹²² Id. *ibid.*, p. 35.

¹²³ Id. *ibid.*, p. 35. No original: “They were playng the game in the form of a recreational sport, much differently than the game is played today. The teams usually consisted of at least six players who played the ball almost exclusively with their fingers. In this version of volleyball, there were no rules in handling the ball, and skill probably was not a prerequisite. [...] All of these players were the forerunners of today’s game of beach volleyball.”

Uma parte da análise trata do *boom* econômico (1920-1929) que ocorreu na sociedade americana, imediatamente, após a Primeira Guerra Mundial. Como o conflito estava se desenrolando na Europa, entre países europeus, por conseguinte os mecanismos que operavam a guerra eram gerados pelos problemas e interesses dessas nações. Com isso, os EUA estavam distantes e se envolveram por um curto e decisivo período. Dessa forma, não houve estragos na sua economia. A guerra fortaleceu-os espetacularmente. Nas palavras de Hobsbawm:

Em 1913, os EUA já se haviam tornado a maior economia do mundo, produzindo mais de um terço de sua produção industrial [...]. É uma cifra espantosa. [...] após o fim da Primeira Guerra Mundial, os EUA eram em muitos aspectos uma economia tão internacionalmente dominante quanto voltou a tornar-se após a Segunda Guerra Mundial. Foi a Grande Depressão que interrompeu temporariamente essa ascensão. Além disso, a guerra não apenas reforçou sua posição como maior produtor industrial do mundo, como os transformou no maior credor do mundo.¹²⁴

A Inglaterra perdeu cerca de um quarto de seus investimentos internacionais em consequência da guerra, as aplicações feitas nos EUA são então vendidas para comprar suprimentos de guerra. A França perdeu, mais ou menos, a metade dos seus, em grande parte, por causa das revoluções e colapsos na Europa. Por outro lado, os EUA começaram a guerra como um país devedor e ao final, acabaram como o principal credor internacional.¹²⁵

Essa foi uma condição invejável de supremacia e de estabilidade econômica que teve reflexos diretos dentro da sua sociedade.

Um desses reflexos foi o fortalecimento dos trabalhadores e sindicatos. Uma vez que a produção industrial estava de vento em popa, a classe operária, representada pelos seus sindicatos, conseguiu uma significativa redução da jornada de trabalho e ao mesmo

¹²⁴ HOBBSAWM. op. cit., p. 101. Em relação a produção industrial dos EUA, Hobsbawm citando Hilgendt, 1945, tabela 1.14, afirma que essa produção está um pouco abaixo do total combinado de Alemanha, Grã-Bretanha e França. Em 1929, o país responde por mais de 42% da produção mundial total, comparado com apenas 28% das três potências industriais européias. Citando Rostow, 1978, p. 194, tabela II.33, o autor afirma que enquanto a produção de aço americana subiu cerca de um quarto entre 1913 e 1920, a produção de aço do resto do mundo caiu cerca de um terço.

¹²⁵ Id. *ibid.*, p. 101-102.

tempo um aumento nos salários.¹²⁶ Outro diferencial foi a oferta de trabalho, enquanto a taxa de desemprego atingia a média de 10% e 12% na Grã-Bretanha, Alemanha e Suécia; 17% a 18% na Dinamarca e na Noruega; a maior e mais rica economia da época, os EUA, apresentavam uma média de 4%.¹²⁷

Outro importante acontecimento, a saber, está documentado que durante o curso da Primeira Guerra Mundial, as tropas americanas receberam da YMCA mais de 15 mil bolas de vôlei. Somente o 3º batalhão recebeu 1.982 bolas e 835 redes no período compreendido entre primeiro de dezembro de 1918 e quinze de março de 1919. Uma reportagem presente na edição de 1920 do “Livro de Regras Oficiais de Voleibol”, noticia que dezenas de milhares de homens que não sabiam jogar Voleibol antes de servir nas Forças Expedicionárias Americanas, aprenderam a jogar, ou seja, um total de 985.876 novos praticantes, um contingente de quase 1 milhão de homens que aprenderam a modalidade somente no período de um ano, de 1º de julho de 1918 a 1º de julho de 1919. O senso comum aponta que alguns membros das tropas podem ter jogado Voleibol em alguma praia ou pelo menos sobre a areia, embora não haja documentação que comprove essa possibilidade.¹²⁸

Seguindo esta linha de raciocínio, o fato mais importante é destacar que, com a vitória dos EUA e o fim da guerra, um expressivo número de militares – praticantes de Voleibol – desembarcou (muitos estão retornando, outros tantos se mudando) na ensolarada e promissora Califórnia portando consigo aquilo que Bourdieu classifica como capital social, ou seja, detêm ou representam um papel de respeito na sociedade, são vistos como heróis nacionais, são exemplos a serem seguidos pela juventude, incorporam o nacionalismo e o amor à pátria. Muitos deles, passaram a jogar Vôlei de Praia nos clubes e reforçaram o *habitus* que é próprio aos integrantes circunscritos às mesmas disposições sociais.

¹²⁶ Id. *ibid.*, p. 94.

¹²⁷ Id. *ibid.*, p. 95.

¹²⁸ COUVILLON. *op. cit.*, volume #1. p. 35.

Duas, das mais famosas universidades da Califórnia, a UCLA¹²⁹ e a USC¹³⁰ foram importantes para o desenvolvimento do Vôlei de Praia, pois com a implementação do programa de Voleibol nessas universidades, muitos estudantes passaram a praticá-lo, geralmente, nas areias das praias públicas durante o tempo livre. Eles concentravam suas aulas em três dias da semana, assim dispunham de mais tempo para ir à praia. A apropriação da modalidade pelos universitários confirma o caráter elitista do esporte, apesar de ser jogado em um local público, fora do campus universitário, tem nos seus integrantes os representantes de uma elite burguesa em ascensão e, portanto, detentora de um capital cultural, econômico e social agregados pela forte instituição escolar americana.

Outro elemento importante a ser discutido, aqui, é o uso do automóvel como facilitador do desejo de estar à beira-mar. Para essa análise, é preciso entender os novos padrões de comportamento que surgiram na emergente sociedade americana do pós-guerra. Foi demonstrado, anteriormente, que uma visível transformação das estruturas sociais e econômicas estava em andamento nos EUA, assim, houve uma melhora no padrão de vida da população, em geral, através do sentimento de aquisição e uso de uma infinidade de bens materiais tais como, casa própria, eletrodomésticos, roupas, artigos esportivos e de lazer, discos – o jazz teve um grande impulso nessa época – automóvel, entre outros.

É preciso deixar claro que, o consumo de massa somente vai se generalizar na sociedade americana após a Segunda Guerra Mundial, mas o seu início ocorreu durante o *boom* da década de 20, como sugerem as palavras de Marcelo Proni:

Não há como negar que foi nos EUA que primeiro se configurou, de modo mais palpável, uma sociedade cujas aspirações cotidianas se assentam na produção e no consumo massificados. De fato, já nos anos vinte, grande parcela das populações urbanas (e uma parte considerável das famílias do campo) passou a desfrutar de padrões de vida superiores aos que lhes tinham sido reservados em períodos anteriores – ou seja, progressivamente as famílias norte-americanas entraram no universo do bem estar, do consumo e do lazer modernos, que era então privilégio das classes burguesas. E isso foi possível graças a um aumento espetacular na produtividade do

¹²⁹ *University of California.*

¹³⁰ *University of Southern California.*

trabalho (produto das transformações tecnológicas e organizacionais) e ao barateamento dos bens produzidos em série (e dos preços dos alimentos). Em consequência, houve uma elevação real dos salários médios, que somada à expansão do crédito popular, permitiu que crescente parcela das famílias tivesse acesso àquele universo de consumo e de novas opções de entretenimento (como o cinema). Não obstante, foi apenas nos anos cinquenta que se generalizou definitivamente a posse dos bens que distinguiam o padrão de vida americano: a casa própria, o automóvel, e os eletrodomésticos.¹³¹

O uso do automóvel, como meio de transporte, permitiu à população desfrutar a praia de maneira mais cômoda e com maior frequência, o que aumentou as possibilidades de lazer nos balneários da Califórnia. Portanto, a “cultura de massa” na “sociedade de consumo” norte-americana veio favorecer as atividades recreativas, como no caso do Vôlei de Praia.

Bourdieu classifica como *habitus* de classe esse conjunto de elementos que fazem parte do modo de ser e que direcionam os comportamentos dos integrantes de um determinado grupo social. Se a posse do automóvel era importante, o uso que se fazia dele era ainda mais distintivo, ou seja, novos padrões de comportamento foram sendo adquiridos e valorizados de acordo com as representações sociais.

Da relação entre os elementos/acontecimentos referentes ao contexto histórico de desenvolvimento da modalidade, os clubes vêm completar a análise inicial. Com a rápida proliferação dos clubes, mais conhecida como a “era dos clubes de praia” que, por essa época, já infestavam a costa. Nada menos que onze¹³² clubes são construídos a beira mar ao longo dos balneários de *Santa Monica* e *Pacific Palisades*. O primeiro deles é o *Santa Monica Athletic Club*, erguido no final de 1922. Em 1923, um outro grupo de empresários compartilhou a mesma idéia do uso comum da praia para recreação e, no ano seguinte,

¹³¹ PRONI, Marcelo Weishaupt. **Esporte-espetáculo e futebol-empresa**. Campinas, 1998. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. p. 57-58.

¹³² COUVILLON. op. cit., volume #1. p. 38. *Beach Club*, fundado em 1923, ainda está operando. *Swimming Club*, fundado em 1923, foi demolido em 1955. *Casa Del Mar*, fundado em 1926, foi convertido para outro uso. *Breakers Beach Club*, fundado em 1926, foi convertido no Grande Hotel em 1934 e finalmente em um complexo de apartamentos. *Edgewater Beach Club*, fundado em 1927, foi demolido. *Deauville Beach Club*, fundado em 1927, foi demolido em 1955. *Sorrento Beach Club*, fundado em 1927, foi destruído pelo fogo em 1935. *Bel Air Bay Club*, fundado em 1927, ainda está em funcionamento. *Miramar Beach Club*, fundado em 1930, foi demolido no início dos anos 50. *Jonathan Club*, fundado em 1930, ainda está em atividade. O primeiro clube de praia, o *Santa Monica*

tornou-se uma realidade com a inauguração do *The Beach Club*. Também em 1924, um grupo similar construiu o *Swimming Club* na propriedade adjacente.

Os *Beach Clubs* desempenharam um papel fundamental no nascimento do Vôlei de Praia bem como as Universidades e as Forças Armadas, os três formaram os pilares da estrutura inicial da modalidade. É a partir dessa lógica que o esporte expandiu seus horizontes, primeiro dentro dos EUA e depois para vários outros países dos cinco continentes.

Por não ser um jogo ancestral mas sim um jogo reinventado (derivado do Voleibol), o Vôlei de Praia foi se desenvolvendo a partir de um conjunto de regras próprias. A estrutura administrativa/regimentar foi um dos fatores que contribuiu para o desenvolvimento e expansão da modalidade pois propiciou a normatização e a padronização do jogo. A fim de entender melhor a colocação, vale a pena ler a explicação de Bourdieu:

A autonomização do campo das práticas esportivas também se acompanha de um processo de **racionalização** destinado, segundo os termos de Weber, a assegurar a previsibilidade e a calculabilidade para além das diferenças e particularismos: a constituição de um corpo de regulamentos específicos e de um corpo de dirigentes especializados (governing bodies) [...] caminham par a par. A necessidade da aplicação universal de regras fixas se impõem desde o momento em que as “trocas” esportivas se estabelecem [...]. A autonomia relativa do campo das práticas esportivas se afirma mais claramente quando se reconhece aos grupos esportivos as faculdades de auto-administração e regulamentação, fundadas numa tradição histórica ou garantidas pelo Estado: estes organismos são investidos do direito de fixar as normas de participação nas provas por eles organizadas, de exercer, sob o controle dos tribunais, um poder disciplinar (exclusões, sanções, etc.), destinado a impor o respeito às regras específicas por eles editadas [...].¹³³

Seguindo essa lógica de desenvolvimento, o trabalho tratará, a seguir, sobre a expansão do Vôlei de Praia.

2.3 AMADORISMO E DIVULGAÇÃO

Athletic Club, fundado em 1922, cedeu lugar para o *Los Angeles Athletic Club* em 1928, o sítio original foi demolido no início dos anos 50, mas o clube ainda existe.

¹³³ BOURDIEU. **Como é possível ser esportivo?**... op. cit., p. 140.

Durante o período inicial do Vôlei de Praia, no interior dos clubes, a maioria dos jogadores mais assíduos contava com suporte financeiro de suas famílias, assim podiam passar os dias praticando. Embora alguns deles trabalhassem para seus pais, podiam manejar os horários de trabalho de tal forma que pudessem também estar no clube ao longo do dia.

Com o melhoramento do padrão de jogo, muitos clubes de praia organizaram seus próprios torneios internos entre os associados. Durante o verão de 1924, as competições de Vôlei de Praia já eram as principais atividades esportivas dos clubes os quais, eventualmente, jogavam uns contra os outros. Os mais freqüentes eram os desafios entre os times do *Beach Club* e *Swimming Club*. Eles encontravam-se todos os domingos, com a temporada começando no Dia da Independência – 4 de julho – e terminando no Dia do Trabalho – primeira segunda-feira de setembro – para disputar o troféu do campeonato anual, com os perdedores recebendo os vencedores em seu clube para jantar e celebrar. Para abrilhantar o evento, os jogadores usavam uniformes de seus times. Essas partidas interclubes foram os primeiros torneios de Vôlei de Praia que se tem registro, na Califórnia.¹³⁴

A tradição da rivalidade permaneceu presente pelos próximos trinta anos até que o *Swimming Club* encerrou suas atividades e fechou suas portas. Durante essa época romântica, muitos associados de ambos os clubes esperavam, ansiosamente, por esses jogos competitivos e acabavam oferecendo suporte para suas equipes, tais como uma torcida alegre e fiel ou ainda alimentos e bebidas frescas. O local de realização dos jogos se alternava a cada domingo entre as quadras dos dois clubes, com uma legião de entusiastas acompanhando seus respectivos times. Em 1947, a competição interclubes se expandiu ao incluir o torneio feminino em sua programação.¹³⁵

¹³⁴ Id. *ibid.*, p. 35.

¹³⁵ Id. *ibid.*, p. 38.

Por essa época, o Vôlei de Praia também era praticado nas praias públicas de *Santa Monica*, não sendo uma atividade restrita e exclusiva apenas dos clubes privados. Em comparação com os clubes, esses jogos eram disputados por um grupo de pessoas completamente diferente; alguns eram “vagabundos de praia”, outros eram estudantes universitários, bombeiros ou salva-vidas em seus horários de folga, bem como outros que não tinham um emprego regular. Todos eles estavam jogando Vôlei de Praia em um local público, confinados em uma área ao lado sul do Píer de *Santa Monica*. Essa área passou a ser chamada de “Playground” e posteriormente se tornou conhecida por “Praia do Músculo”.

A “Praia do Músculo” se tornou mundialmente famosa por agregar todo tipo de atividade, a que mais chamava a atenção era a competição de força e agilidade exibida por muitos halterofilistas que utilizam a área. Havia, também, os concursos de beleza em trajes de banho os quais, por sua vez, atraíam uma colorida multidão que se aglomera para ver tanto os homens como as mulheres.

Havia, então, uma certa tensão entre os praticantes de Vôlei de Praia que utilizam espaços bem demarcados de acordo com a classe social a qual pertenciam. A seguir, apresenta-se a visão de Couvillon para essas diferenças:

No início, os jogadores dos clubes de praia e os jogadores da praia pública não jogavam entre si nem com nem contra. Não havia quaisquer sentimentos negativos entre eles, apenas jogavam em suas próprias áreas e não se misturavam. Finalmente, isso mudou assim que os jogadores dos clubes ficaram entediados de jogar uns com os outros, dia após dia. Eles queriam criar partidas mais excitantes, então eles ocasionalmente convidariam alguns dos melhores jogadores das áreas públicas, o que gerava algumas partidas interessantes. Os jogadores da praia pública estavam motivados pela oportunidade de tirar algum dinheiro dos “caras ricos” nos clubes. Mais tarde, quando o jogo de duplas virou moda, Saenz e Holtzman se tornaram os melhores nesse empreendimento.¹³⁶

¹³⁶ Id. *ibid.*, p. 39. No original: “At first, the players at the beach clubs and the players on the public beach did not play with or against each other. There were not any bad feelings between them, they just played in their own areas and did not mix. Eventually this changed as the “Club” players got bored playng each other time after time. They wanted to create more exciting matches, so they occasionally would invit some of the good players from the public areas, which generated some interesting matches. The players from the public beach were motivated by the

Bernie Holtzman, que vendia fotografias no inverno e durante o verão trabalhava com seu pai algumas horas por semana, estava muito mais interessado em ganhar dinheiro do que espantar o tédio quando procurava os clubes para desafiar os garotos ricos. Seu “parceiro de negócios” e melhor amigo, Manny Saenz – originário da área da mais baixa classe média de Los Angeles, compartilhava o mesmo sentimento. A dupla logo fez sua aparição nos vários clubes desafiando os associados em 50 centavos de dólar por partida. Dessa forma, eles foram os primeiros a obter lucro financeiro com o Vôlei de Praia. É interessante acompanhar o raciocínio de Holtzman, que sintetizou bem a idéia, citado por Smith e Feineman: “Algumas vezes você tinha que trabalhar a maior parte do dia por alguns dólares, então meio dólar era uma quantia substancial de dinheiro.”¹³⁷

O que muitos chamam de desigualdades, Bourdieu chama de distinção. A representação social distintiva dos atores que pertenciam aos clubes em relação aos atores das praias públicas era fruto de um *habitus* de classe, ou, nas palavras de Bourdieu: “A minha prática é uma variante individual do *habitus* de classe.”¹³⁸

Embora não existissem animosidades entre as pessoas das praias públicas e privadas, elas representam dois universos diferentes, particularmente, durante a Grande Depressão de 1929-33. Este colapso econômico do entreguerras que operou sensíveis transformações na sociedade capitalista americana iniciou-se com a quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque, em 29 de outubro de 1929.¹³⁹ Na declaração de Paul Johnson, citado por Smith e Feineman, pode-se constatar a realidade dos jogadores membros dos clubes:

A depressão atingiu a área duramente, [...]. Definitivamente não haviam empregos na cidade, então muitos de nós ou fomos trabalhar com nossos pais ou esperamos isso passar. Meu pai tinha um rancho em *San Fernando Valley*, e eu era o encarregado dos homens. Acordava cedo, e delegava as tarefas. Depois que eles seguissem seus caminhos, eu iria para a praia e jogaria voleibol quase o dia todo. Eu me certificava de voltar ao rancho às quatro horas, um pouco antes

opportunity to hustle some money from the “rich-guys” at the Clubs. Later on, when the two-man game was the beach game of choice, Manny Saenz and Bernie Holtzman became the best at this undertaking.”

¹³⁷ SMITH; FEINEMAN. *op. cit.*, p. 8.

¹³⁸ BOURDIEU. *Questões de Sociologia*. *op. cit.*

¹³⁹ Cf. HOBBSAWM. *op. cit.*, Capítulo 3: Rumo ao abismo econômico. p. 90-112.

deles retornarem dos campos. Muitos associados como nós – em qualquer momento que não estivéssemos ocupados, iríamos para a praia.¹⁴⁰

Por sua vez, a realidade dos jogadores da praia pública era bem diferente. Eles não possuíam trabalho fixo e a maioria morava com seus pais. Enquanto muitos não pensavam no dinheiro do aluguel, por outro lado, eles tinham que achar maneiras de sustentar seu estilo de vida praieiro. Assim, alguns deles trabalhavam como garçons nos clubes durante o almoço e, em dias mais movimentados, também à tarde; outros ganhavam poucos dólares trabalhando como salva-vidas, manobristas, *barmen* ou aceitavam qualquer tipo de serviço.¹⁴¹

Para ilustrar a situação, Smith e Feineman citam o comentário de Doug Batt, um jogador daquela época que, assim como outros precursores que estão agora com idade avançada e não podem pagar as mensalidades de um clube de *Santa Monica*, acabam sendo aceitos como sócios honorários:

Você não precisava de muito. Se você conseguisse alguns trocados durante o dia, você podia pedir um sanduíche de roast beef com caldo de carne e um milkshake em um local popular de Santa Mônica chamado Weiss's, e ainda sobrava um pouco para ir ao cinema e pegar o bonde para casa.¹⁴²

Durante aquele período de crise, muitas pessoas precisaram escapar para sobreviver e muitas o fizeram indo para a rica Costa Oeste, especialmente para o Estado da Califórnia¹⁴³, conhecida como a “Terra Promissora”.

¹⁴⁰ SMITH; FEINEMAN. op. cit., p. 4-5. No original: “The depression hit the área pretty hard, [...]. There were no jobs to be found in town at all, so most of us either went to work for our parents or waited it out. My dad had a ranch in the San Fernando Valley, and I was in charge of the men. I would get up early, and give them their chores. After they had gone on their way, I would go to the beach and play volleyball almost all day. I made sure I was back at the ranch by four o'clock, just before they returned from the fields. It was like that for most of us at the clubs – whenever we weren't needed, we would head for the beach.”

¹⁴¹ Id. *ibid.*, p. 5.

¹⁴² Id. *ibid.*, p. 5-6. No original: “You didn't need so much. If you made a few bucks during the day, you could get a French dip and milkshake at a popular Santa Monica hangout called Weiss's, and still have enough left over to go to a movie and take the Red Car home.”

¹⁴³ Naquela época a Califórnia já era o estado americano mais rico devido a extração de petróleo, agricultura, estúdios cinematográficos, etc.

Por conta do grande contingente de desempregados que circulava pelas praias da região, principalmente *Santa Monica*, o Vôlei de Praia viveu um momento de popularidade e expansão. Um importante acontecimento para a história da modalidade aconteceu exatamente nessa época de crise, quando Paul Johnson teve a idéia de jogar 2x2, inaugurando, assim, um tipo de jogo que se tornaria quase uma exclusividade entre os praticantes.

Cada um dos clubes de praia, naquele tempo, contava com sua cancha de Vôlei e um grupo regular de jogadores. Quando não havia um número suficiente de jogadores para uma partida tradicional, ou seja, 6x6, eles competiam então em encontros de 4x4 ou ainda 2x2 mas não usando a cancha inteira e sim apenas um quarto dela. Vamos ver como Smith e Feineman, citando alguns comentários de Johnson, relatam o surgimento do jogo de duplas:

Então um dia em 1930 ou 1931, Johnson e três outros homens, Charley Kahn, Bill Brothers, e Johnny Allen, interrogavam-se em voz alta como seria jogar em uma cancha maior. Achando que a cancha inteira era muito grande para cobrir, eles começaram a jogar em meia quadra. “Nós tentamos, mas aquilo não parecia um bom jogo”, diz Johnson. Já que estávamos quase lá, imaginamos que poderíamos ir até o fim e tentamos a cancha toda.” Tão logo eles o fizeram, o jogo acelerou para uma alta intensidade. “Nós voávamos por toda a cancha”, diz Johnson. Dentro de alguns minutos, eles instintivamente descobriram como sinalizar uns para os outros, exatamente como os jogadores profissionais fazem atualmente, para coordenar seus movimentos. “Nós nos divertimos tanto que nunca mais jogamos em um quarto da cancha novamente.”¹⁴⁴

Na praia pública, havia espaço somente para uma cancha, e esta, geralmente, estava lotada com os jogos de 6x6. Assim, os clubes permaneceram como o reduto dos jogos de duplas ao longo da década de 30. Mas a praia era um local aberto – mesmo na área “privada” dos clubes. Contando com isso, os rapazes da praia pública podiam ver as

¹⁴⁴ SMITH; FEINEMAN. op. cit., p. 2. No original: “Then one day in either 1930 ou 1931, Johnson and three other men, Charley Kahn, Bill Brothers, and Johnny Allen, wondered aloud what it could be like to play on a bigger court. Thinking the full court was too big to cover, they started to play half-court. “We gave it a chance, but it just wasn’t that good a game,” Johnson says. “Since we were already half way there, we figured we might as well go all the way and give the whole court a shot.” As soon as they did, the game revved into high gear. “we were flying all over the court,” Johnson says. Within a few minutes, they instinctively figured out how to signal each other and, just as the professional players do today, to coordinate their movements. “We had so much fun that we never played quarter-court again.”

partidas de 2x2 que estavam se desenrolando nos clubes. Na opinião de Smith, “Isso era apenas uma questão de tempo até eles imaginarem uma maneira de jogar.”¹⁴⁵

Naquela época, era fácil chegar até a praia, o transporte público – via bonde – operava levando as pessoas de *Hollywood* para *Santa Monica* por apenas cinco centavos de dólar. Mas mesmo assim, alguns rapazes – Holtzman era um deles – descobriram que pegar uma carona era ainda melhor, pois era mais barato, mais rápido e mais divertido. Embora todo dia fosse dia de Vôlei no píer, domingo era especial. Os times de 6x6 competiam por uma caixa de maçãs frescas. Vivia-se em plena Depressão e o desejo pela liberdade, a brisa do mar, suco de fruta e Vôlei era o bastante para garantir uma multidão.¹⁴⁶

Durante o processo inicial de expansão do Vôlei de Praia, o meio por onde a modalidade se desenvolveu foi, naturalmente, o caminho aberto pelo Voleibol. Como dito anteriormente, o Vôlei de Praia cruzou, pela primeira vez, o Oceano Atlântico quando as tropas americanas jogaram algumas partidas recreativas durante a Primeira Guerra Mundial. Mas, somente em 1927, ele se converteu no principal esporte do Campo de Nudistas de Francoville, subúrbio ao noroeste de Paris.¹⁴⁷ Este acontecimento fez com que a França fosse o primeiro país da Europa a registrar o esporte como uma atividade que pudesse alavancar o turismo.

A partir de 1930, o verão ganhou ares de novidade com a modalidade sendo praticada nas praias de Palavas, Lacanau e Royan (França), também em Sofia (Bulgária), Praga (Tchecoslováquia) e Riga (Látvia).¹⁴⁸

A edição anual do *Volleyball Review* (1938-39) relatou que muitas partidas estavam sendo jogadas nas praias da América do Sul, especialmente, na cidade do Rio de Janeiro. A resenha qualificou o clima local como ameno e por isso a prática podia acontecer durante o ano inteiro. Além do Brasil, o esporte estava se desenvolvendo

¹⁴⁵ Id. *ibid.*, p. 2. No original: “It was just a matter of time before they figured out a way to play.”

¹⁴⁶ Id. *ibid.*, p. 4.

¹⁴⁷ LA HISTORIA del beach voley en el año de su debut olimpico. **Revista Voley**. Argentina: Editorial Green Field, ano XXVI, n. 83, abril/maio 1996. p. 5.

também no Uruguai onde muitos torneios atraíam um grande número de freqüentadores das praias do litoral sul do país.¹⁴⁹

Com a entrada¹⁵⁰ dos EUA na Segunda Guerra Mundial (1939-45) o Vôlei de Praia viveu duas realidades bem distintas: a) uma completa paralisação dentro dos EUA; e b) uma incrível disseminação operada pelas tropas americanas em praticamente todo o mundo. Sobre a primeira realidade, vale a pena acompanhar a descrição de Smith e Feineman:

Assim como todo mundo no país, o Vôlei de Praia viveu uma completa parada em 1941, quando o país se achou no meio de um ataque surpresa e em uma guerra mundial. Em poucos dias, botas e armas ocuparam o lugar de roupas de banho e bolas de praia; e as canchas de praia permaneceram vazias, um testamento para os tempos turbulentos.¹⁵¹

Sobre a segunda realidade, encontrou-se em Couvillon o seguinte relato:

Durante o serviço militar na Europa, Holtzman organizou em sua companhia uma liga de voleibol.[...] ao mesmo tempo, os acampamentos militares estavam construindo canchas de voleibol em expediente temporário para ajudar a aliviar as tensões da guerra. Durante a Segunda Guerra Mundial, soldados de todo o mundo, estavam participando em jogos de voleibol. É dito que as Forças Armadas dos Estados Unidos foram talvez os maiores promotores na história do voleibol.¹⁵²

Depois da guerra, Los Angeles apresentou um crescimento significativo. Muitos militares que haviam embarcado, via Califórnia, não se esqueceram da beleza e das temperaturas quentes da região e resolvem então mudar para essa área. Dessa vez, eles desembarcaram com suas famílias, benefícios de guerra, e sonhos.

¹⁴⁸ Id. *ibid.*, p. 5

¹⁴⁹ COUVILLON. *op. cit.*, volume #1. p. 62.

¹⁵⁰ HOBBSAWM. “O ataque japonês a Pearl Harbor em 7 de dezembro de 1941 tornou a guerra mundial.” *op. cit.*, p. 48.

¹⁵¹ SMITH; FEINEMAN. No original: “Like so much else in the country, beach volleyball came to a complete halt in 1941, as the country found itself in the middle of a surprise attack and a world war. In a matter of days, boots and guns replaced bathing suits and beach balls; and the beach courts stood empty, a testament to the turbulent times.” *op. cit.*, p. 10.

¹⁵² COUVILLON. No original: “While serving his ‘Tour-of-Duty’ in Europe, Holtzman organized a company volleyball league.[...] at the same time POW camps were building makeshift volleyball courts to help ease the tension of War. During World War II, soldiers from all over the world, were participating in games of volleyball. It is said that the Armed Forces of the United States were perhaps the greatest promoters in the history of volleyball.” *op. cit.*, volume #1. p. 66.

Apesar dos clubes ainda representarem um papel importante, foram as praias públicas que concentraram os empreendimentos em relação ao esporte. Uma das razões para isso foi que o quebra-águas ampliou a extensão de areia da praia pública, ao norte do píer. Portanto, uma larga área podia ser agora usada, com isso, o Vôlei de Praia passou a ser uma competição marcada em vários locais: *Muscle Beach*, *Sorrento Beach*, *State Beach*, entre outros.

Com o aumento no número de locais destinados aos praticantes das praias públicas, a popularidade do esporte cresceu, esses locais passaram a concentrar os melhores jogadores e as partidas mais disputadas. Então, torneios organizados começaram a surgir nessas dependências. Só para se ter uma idéia, antes de 1944 não havia nenhum registro de torneio sediado nas localidades públicas. Após essa data, onze torneios amadores foram organizados, até o final da década, desde a região ao sul de San Diego até o norte de Santa Bárbara.¹⁵³

A participação feminina aumentou nesse período, muitas mulheres eram vistas jogando tanto nos clubes quanto nas praias públicas em formações de todo tipo, ou melhor, 6x6, 5x5, 4x4, 3x3 e 2x2. As equipes ou eram compostas somente de mulheres, ou mistas – formadas por homens e mulheres – já que o Voleibol é um dos únicos esportes coletivos que possibilita essa interação sem causar prejuízos que por ventura venham a ocorrer devido aos contatos físicos tão freqüentes em outras práticas.

O primeiro torneio oficial de duplas de Vôlei de Praia para homens foi realizado, em 1947, na praia de *State Beach*, Califórnia. A organização do evento ficou por conta de Holtzman e a dupla vencedora foi Saenz e Harris.¹⁵⁴ Nem prêmio nem público, somente alguns espectadores tiveram a oportunidade de ver o nascimento desta promissora disciplina.

¹⁵³ Id *ibid.*, p. 63.

¹⁵⁴ Site <http://www.volleyball.org/history_beach.html> Acesso em: 11 dez. 2003.

A instituição universitária finalmente reconheceu, oficialmente, o novo fenômeno, em 1950, e assim fundou sua primeira equipe: *UCLA Beach Volley National Team*.¹⁵⁵ A modalidade começou a se organizar através de organizações/instituições que vão futuramente gerenciar o esporte.

Esse reconhecimento oficial não veio por acaso. Analisando por outro prisma, percebe-se o interesse da instituição em oficializar a modalidade já que muitos dos jogadores eram alunos desta universidade, e também, recrutar os jovens talentos que estavam se destacando nos torneios em troca de bolsas de estudos. Com a formação de uma equipe competitiva, a UCLA pretendia não só vencer as competições mas gerar publicidade, prestígio e promoção – condições que certamente fortalecem a imagem de uma organização capitalista.

No início dos anos 50, surgiu nas praias do Sul da Califórnia um jogador chamado Gene Selznick¹⁵⁶ que com sua potência acrobática conseguiu captar a atenção do público o qual se entusiasmou com seu jogo. Na opinião de Smith e Feineman: “Com Selznick, o público do voleibol tinha achado alguém que não só poderia jogar para o público, mas precisava daquele para alcançar seu potencial.”¹⁵⁷

As manifestações culturais precisam de mitos e heróis. São elementos que personificam e aumentam o consumo,¹⁵⁸ assim é no esporte, na música, na dança, no cinema, na fotografia, no teatro, na literatura etc. No caso do Vôlei de Praia, seu primeiro herói despontou na década de 50, conhecida como *The Golden Years of Beach Volleyball*.

Durante aqueles anos dourados, Selznick figurou como o melhor jogador do país, senão do mundo. Ele era a própria personificação da frase “life is a beach”. Como o Vôlei de Praia ainda não era um esporte profissional, Selznick ganhava a vida trabalhando como

¹⁵⁵ LA HISTORIA del beach voley en el año de su debut olimpico. op. cit., p. 5.

¹⁵⁶ Id. ibid., No original: “Gene Selznick talentoso y carismático jugador, poseedor de un fantástico salto, fue la primera ‘gran estrella’ del vóleibol norteamericano sobre piso duro y sobre arena. Por varias razones, se lo considera ‘un grande’ en la historia del vóleibol.” p. 5.

¹⁵⁷ SMITH; FEINEMAN. No original: “With Selznick, the volleyball crowd had found someone who not only could play to a crowd, but needed one to reach his potencial.” op. cit., p. 14.

¹⁵⁸ Cf. Kátia Rubio. **O atleta e o mito do herói**: o imaginário esportivo contemporâneo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

manobrista em estacionamentos, no período noturno. Assim, podia passar o dia todo na praia.

Holtzman, ao perceber o poder de atração que Selznick exercia no público, logo o convidou para formar dupla e juntos se tornaram invencíveis, conquistando todos os torneios da época. Decidiram então que era o momento de fazer alguma coisa diferente para promover o esporte. Smith e Feineman descrevem bem o sentimento dos jogadores: “Eles estavam jogando na praia por quase 20 anos, dia após dia, e eram reis do seu próprio pequeno mundo. Mas agora eles queriam torneios de verdade. Com um público. Um apresentador. Alguma publicidade. E prêmios para os vencedores.”¹⁵⁹

Em meados dos anos 50, a vida nos EUA era boa. O presidente Eisenhower administrava bem a invejável condição econômica que o país conquistara com a vitória na Segunda Guerra Mundial. As famílias faziam churrasco e estacionavam seus carros novos em suas novas casas.

A estrela de Hollywood, naquela época, era uma atriz chamada Greta Tyson, vista no filme *Pajama Tops*. Então Selznick e Holtzman tiveram a idéia de convidá-la para ser a rainha oficial do Vôlei de Praia. Tudo que ela teria que fazer era aparecer no torneio¹⁶⁰, dar algumas entrevistas, tirar fotos e dar um beijo no rosto dos vencedores durante a entrega dos troféus.

Pela possibilidade de estar em uma praia repleta de homens, o que lhe traria publicidade grátis, Greta Tyson aceitou o convite. Sem perder tempo, eles espalharam a notícia pelas praias, emprestaram um microfone, conseguiram os atletas do time de Futebol Americano da USC para rastelar a areia, entre os jogos, organizaram com antecedência um edital com fotos dos melhores jogadores e horários dos jogos, assim o público poderia saber quem estava jogando e quando. Então, no dia do torneio eles

¹⁵⁹ SMITH; FEINEMAN. No original: “They had been playing at the beach for almost 20 years, day in and day out, and were kings of their own little world. But now they wanted real tournaments. With an audience. An announcer. Some publicity. And prizes for the winners.” op. cit., introdução.

¹⁶⁰ COUVILLON. Este torneio foi realizado nos dias 10 e 11 de agosto de 1957, na praia de Santa Mônica, Califórnia, com o nome oficial de: *1957 State Beach Open*. O torneio foi realizado sob os auspícios do Departamento de Recreação e Parques de Los Angeles. op. cit., volume #1. p. 119-122.

tomaram a última providência, molharam a areia, uma medida contraditória, mas que ajudaria os jogadores a saltar mais.¹⁶¹

Todo o alarde feito, anteriormente, deu resultado, e uma multidão compareceu ao torneio, a única preocupação era se o público agüentaria ficar sob o sol o dia todo. Nesse ponto, entra o uso do microfone com o qual Selznick e Holtzman improvisaram uma locução bem humorada e também interagiram com a platéia a qual contribuiu com comentários divertidos. De tempos em tempos, os apresentadores lembravam o público que a qualquer momento a *Queen of the Beach* estaria presente.

No final da tarde, foi realizada a partida final e Greta Tyson entregou os troféus aos vencedores, Selznick e Holtzman. E para encerrar o evento, a estrela maior do cinema beijou ou foi beijada nos lábios pelos campeões. Nas palavras de Holtzman, citado por Smith e Feineman, o resultado foi excelente pois gerou uma enorme publicidade difundida nas primeiras páginas: “Aquele beijo saiu em todos os jornais [...]. Alguém ainda voltou à praia no próximo verão com um recorte nosso, os rapazes do Sul da Califórnia, em um jornal da China.”¹⁶²

Toda a cobertura jornalística verificou o que os jogadores já suspeitavam, ou seja, o Vôlei de Praia tinha tudo – uma competição excepcional, com sol e praia para as beldades em trajes de banho. O público seria “fisgado” desde o início somente se fosse envolvido. A fim de dar seqüência ao raciocínio, cabe aqui a conclusão de Holtzman, citado por Smith e Feineman: “O problema não era com o jogo, mas como promovê-lo.”¹⁶³

O Vôlei de Praia estava se tornando então um esporte definido em seus próprios objetos de disputas, suas regras do jogo e, ao mesmo tempo, na qualidade social dos participantes, praticantes ou espectadores, pela lógica específica do “campo esportivo”.¹⁶⁴

¹⁶¹ SMITH; FEINEMAN. op. cit., introdução.

¹⁶² Id. ibid., No original: “That Kiss made all the papers [...]. Someone even came back to the beach the next summer with a clipping of us, the boys of Southern California, in a paper from China.” Introdução.

¹⁶³ Id. ibid., No original: “The problem was not with the game, but how to promote it.” Introdução.

¹⁶⁴ BOURDIEU. **Como é possível ser esportivo?**... op. cit., p. 138.

Com esse evento, o Vôlei de Praia se tornou mais do que um esporte, começou a se transformar num verdadeiro show. Neste ponto, nos dirigimos a Bourdieu o qual nos permitiu outro foco de entendimento. O campo esportivo do Vôlei de Praia ainda não possuía instituições fortemente estruturadas, cabendo aos jogadores (Selznick e Holtzman) não só promover o esporte, mas acima de tudo, buscar promoção pessoal usando o esporte. Estes agentes ou atores usaram – de acordo com sua posição dentro do campo – estratégias as mais variadas possíveis para aumentar seu capital social.

Como eles tinham plena consciência de que viviam em uma era totalmente amadora, o interesse foi motivado pela busca de capital social o qual certamente seria convertido em capital econômico, ou assim esperavam. O Vôlei de Praia passou então a ser uma forma lógica de desenvolvimento social. E de que outra maneira, rapazes como eles, obteriam reconhecimento? Sobre esta questão, é interessante acompanhar o pensamento de Bourdieu:

Para compreender disposições tão distantes da gratuidade e do **fair play** originais, é preciso ter em mente, entre outras coisas, o fato de que a carreira esportiva, que é praticamente excluída do campo das trajetórias admissíveis para uma criança da burguesia – tênis ou golfe à parte –, representa uma das únicas vias de ascensão social para as crianças das classes dominadas: o mercado esportivo está para o capital físico dos meninos assim como os concursos de beleza e as profissões as quais eles dão acesso – recepcionistas, etc. – estão para o capital físico das meninas. Tudo sugere que os “interesses” e valores que os praticantes saídos das classes populares e médias trazem consigo para o exercício do esporte se harmonizam com as exigências correlativas da profissionalização (que pode, evidentemente, coincidir com as aparências do amadorismo), tanto da racionalização da preparação (treinamento) quanto da execução do exercício esportivo, imposto pela busca da maximização da eficácia específica (medida em “vitórias”, “títulos” ou “records”), busca que é ela mesma, já vimos, correlativa ao desenvolvimento de uma indústria – privada ou pública – do espetáculo esportivo.¹⁶⁵

Seguindo com o processo de divulgação do Vôlei de Praia, o primeiro torneio aberto de duplas femininas sancionado ocorreu em Santa Mônica, *Muscle Beach*, em 1958. As melhores jogadoras da época participaram e a dupla vencedora foi Kenui

¹⁶⁵ BOURDIEU. **Como é possível ser esportivo?** op. cit., p. 147-148.

Rochlen e Patti Barrett. No mesmo ano, mais duas etapas oficiais foram realizadas, uma em *State Beach* e a outra em *Sorrento Beach*.¹⁶⁶

O ano de 1960 registrou três acontecimentos importantes na história da modalidade, a) circuito com oito etapas para duplas masculinas: da concepção do primeiro circuito em 1951, com quatro etapas: *Corona del Mar, Laguna Beach, Santa Barbara e State Beach*, passou a ser disputado, nesse ano, em oito praias diferentes: *Corona del Mar, Laguna, Manhattan Beach, San Diego, Santa Barbara, Santa Cruz, State Beach e Tahoe*;¹⁶⁷ b) criação do torneio de *Manhattan*: em 27 e 28 de agosto “nasce o *Manhattan Beach Open*, primeiro grande torneio que reuniu os melhores e realçou a idéia de mar, sol, garotas, músculos e diversão.”¹⁶⁸; e c) premiação de 30.000 Francos: os vencedores dos torneios de 3x3 sediados nas praias francesas de La Baule e Les Sables d’Olonne receberam os maiores prêmios da história da modalidade.¹⁶⁹

Sem o comprometimento de seguir uma seqüência cronológica, passa-se, agora, a discutir como se formaram as primeiras instituições responsáveis pelo controle, gerenciamento e expansão do Vôlei de Praia.

Durante o ano de 1965, os organizadores dos torneios americanos se reuniram com o objetivo de planejar e coordenar um calendário de eventos bem como definir o curso da modalidade; para isso, fundaram a *California Beach Volleyball Association (CBVA)*. A instituição ficou então responsável em promover o esporte através de um sério planejamento, organização e condução dos torneios da maneira mais efetiva e profissional possível.¹⁷⁰

Esse foi um importante passo na construção do campo esportivo do Vôlei de Praia americano. Por outro lado, a organização em torno da modalidade, fora dos EUA, era ainda insipiente. Até então, somente a França tinha realizado um torneio isolado com uma

¹⁶⁶ COUVILLON. op. cit., volume #1. p. 134.

¹⁶⁷ Site <http://www.volleyball.org/history_beach.html> Acesso em: 11 dez. 2003.

¹⁶⁸ LA HISTORIA del beach voley en el año de su debut olimpico. No original: “Nace el primer gran torneo que reúne a los mejores y realza la idea de mar, sol, chicas, músculos e diversión.” op. cit., p. 5.

¹⁶⁹ Site <http://www.volleyball.org/history_beach.html> Acesso em: 11 dez. 2003.

¹⁷⁰ COUVILLON. op. cit., volume #1. p. 209.

grande premiação em dinheiro, coisa que não se repetiu nos anos seguintes tampouco um trabalho de estruturação.

A estrutura da organização foi baseada, como o próprio nome já diz, em forma de associação, ou seja, vários membros passaram a elaborar e tomar as decisões em conjunto. Trabalhando com competência a associação cresceu rapidamente, das quatro localidades fundadoras originais, isto é, onde o campo estava mais fortemente estruturado, *Manhattan Beach, Laguna Beach, Santa Monica, San Diego e Santa Bárbara*, em 1965, a CBVA expandiu-se para dezenove localidades, em 1987, desde Santa Cruz até San Diego. Atualmente, a CBVA promove centenas de torneios todos os anos e serve de modelo para outras associações.¹⁷¹

Uma importante medida imposta pela CBVA foi a criação de categorias. Para os torneios masculinos ficou estabelecida a seguinte divisão: “Men’s Open”, “AAA”, “AA”, “A”, “B” e “Novatos”. Para os torneios femininos as classificações ficaram assim distribuídas: “Women’s Open”, “AAA”, “AA”, “A” e Novatas.¹⁷² Este tipo de estruturação e ranqueamento no quadro geral de jogadores permitiu um melhoramento técnico e uma maior competitividade dos torneios, por isso tornou-se padrão no desenvolvimento das futuras competições nacionais e internacionais. O ranking passou a ser um sistema de pontos individual compilado e atualizado a cada ano pelo Departamento de Recreação e Parques de Santa Mônica.¹⁷³

Entendendo-se por novatos a categoria formada por principiantes e *open* a elite do esporte. De imediato, podemos visualizar, aqui, um claro direcionamento para a distinção, valorização e, conseqüentemente, profissionalização dos jogadores, que só seria alcançada através de uma sólida estrutura mercadológica e de espetáculo. Era um momento de evolução, assim, o Vôlei de Praia americano estava a um passo do reconhecimento de ser um negócio lucrativo.

¹⁷¹ Id. *ibid.*, p. 209.

¹⁷² Cf. o anexo I.

¹⁷³ Id. *ibid.*, p. 209.

Nesse sentido, Bourdieu aponta que um dos pontos negativos da especialização é o distanciamento entre profissionais e amadores. Isso gera uma diferenciação e uma fragmentação no entendimento que se tem do jogo.

Seguindo com a exposição, observa-se que, no final dos anos sessenta, o Vôlei de Praia experimentou um *boom* a nível esportivo e de espetáculo. Era uma época turbulenta para o povo americano, especialmente para a juventude, que negava, veementemente, o *status quo*, representado pela sua face mais sombria, a Guerra do Vietnã. Dessa forma, floresceu o movimento hippy e os grandes festivais de Rock. A década seguinte foi, assim, descrita:

Nesta década, a juventude americana apresenta um quadro de crises, caracterizado por um exagerado liberalismo moral: “Sexo, Drogas e Rock and Roll”, uma premissa que absolutamente se contrasta com o espírito transparente e esportivo das pessoas que freqüentam as praias. Os verdadeiros “Beachers” não aceitam aquelas regras, pois o álcool, as drogas e a desordem não combinam com o Vôlei de Praia. Surgem os profissionais: **Tom Chamales, Jim Menges, Greg Lee e Steve Obradovich.**¹⁷⁴

Em 1972, apareceu o primeiro patrocinador, um pequeno restaurante da praia de *Santa Monica*, chamado *Nick Fishmarket* o qual premiou os jogadores com US\$ 1.500. Em 1974, o primeiro torneio de duplas masculinas comercialmente patrocinado ocorreu em San Diego, na presença de 250 espectadores. Os prêmios somaram US\$ 1.500 e foram oferecidos pelos cigarros Winston. Dois anos mais tarde, a *Volleyball Magazine* e a *Olympia Beer* patrocinaram o primeiro *Olympia World Championship of Beach Volleyball*, em *State Beach*, com um super prêmio de US\$ 5.000 e a presença de mais de 30.000 espectadores. A dupla vencedora foi Jim Menges e Greg Lee. O conceito de evento começava a tomar vida.¹⁷⁵

¹⁷⁴ LA HISTORIA del beach voley en el año de su debut olimpico. No original: En esta década, la juventud americana presenta un cuadro de crisis, caracterizado por un exagerado liberalismo moral: “Sexo, Droga y Rock and Roll”, una premissa que se contrasta absolutamente con el espíritu transparente y deportivo del pueblo de las playas. Los verdaderos “Beachers” no aceptan aquellas reglas, pues el alcohol, las drogas y el desorden no se llevan bien con el BV. Surgen los profesionales: **Tom Chamales, Jim Menges, Greg Lee e Steve Obradovich.** op. cit., p. 6.

¹⁷⁵ SMITH; FEINEMAN. op. cit., p. 93-94.

A presença de um número tão elevado de pessoas, surpreendeu a todos. Note como Smith relata a experiência:

Aquele torneio causou um enorme impacto nas pessoas que lá estavam, e isso também valeu para mim. Eu tinha acabado de completar dezoito anos, e achava as garotas, a multidão que abarrotava a beira da cancha e a praia ótima. O que me impressionava ainda mais era como todo mundo se concentrava na cancha central quando os jogos começavam. Eu sei que aquela intensidade alimentou meu próprio desejo de jogar um torneio.¹⁷⁶

Dessa forma, David Wilk e Craig Masuoka (empregados da *Volleyball Magazine*) percebendo o ilimitado potencial comercial do Vôlei de Praia, abandonaram a revista e montaram a *Events Concepts*, uma companhia de promoção de eventos com o objetivo de expandir o circuito profissional. Em 1980, eles conseguiram grandes quantias para a premiação de sete torneios: San Diego, Santa Bárbara e Laguna (US\$ 5.000); *Manhattan Open* (US\$ 10.000); o Rei da Praia (US\$ 12.000) e para o *World Championship* (US\$ 15.000). A tequila mais famosa dos EUA – a Jose Cuervo – foi o principal patrocinador distribuindo, portanto, um total de US\$ 52.000. No ano de 1983, o esporte cresceu enormemente atingindo proporções nacionais com doze torneios em quatro estados (Califórnia, Flórida, Nova Iorque e Colorado). Quem decidiu apostar na modalidade, dessa vez, foi a *Miller Brewing Company*, proprietária da cerveja *Lite Beer* a qual distribuiu US\$ 137.000 em prêmios.¹⁷⁷

Ainda no mesmo ano, a mídia impulsionou o esporte em duas frentes, a revista *Sports Illustrated* e o jornal *USA Today* passaram a dedicar espaços permanentes ao Vôlei de Praia. As reportagens eram simpáticas e chamativas. A outra exposição veio através da série de televisão *Magnum*, protagonizada pelo ator Tom Selleck – um talentoso jogador e entusiasta da modalidade desde longa data.¹⁷⁸

¹⁷⁶ Id. *ibid.*, No original: “That tournament had a huge impact on many people there, including me. I had just turned eighteen, and thought the girls, the people crowded around the courts and the beach were great. What impressed me even more was how everyone focused on that center court once the games began. I know that intensity fueled my own desire to play in a tournament.” p. 94.

¹⁷⁷ Id. *ibid.*, p. 94.

¹⁷⁸ LA HISTORIA del beach voley en el año de su debut olimpico. op. cit., p. 7.

Selleck decidiu incluir, permanentemente, o estilo de vida livre e alegre do Vôlei de Praia em seu seriado, para isso, precisava de pessoas autênticas, ou seja, alguém que pudesse atuar e jogar ao mesmo tempo. Recrutou então os irmãos Andrew e Sinjin Smith (que além de serem jogadores profissionais, também trabalhavam como modelos, na Califórnia e em Nova Iorque) para o episódio que iria mostrar o Vôlei de Praia ao país inteiro.¹⁷⁹

Após o lançamento do programa, Smith percebeu a força da TV e passou a enxergar novas possibilidades para o esporte. Suas impressões foram:

Então, quando o programa foi transmitido pela primeira vez, eu não podia acreditar quantas pessoas me disseram que o tinham assistido. Eu imaginei que ele tinha dado a milhões de pessoas o primeiro vislumbre do vôlei de praia, e entendi pela primeira vez exatamente o quão importante a exposição na mídia poderia ser para minha carreira individual e para o esporte em si.¹⁸⁰

Durante todo esse tempo, a estrutura do Vôlei de Praia nos EUA mudou substancialmente. Os jogadores profissionais tais como Karch Kiraly, Tim Hovland, Sinjin Smith, Pat Powers, Dust Devorak e outros tantos acirraram as disputas transferindo para as areias, a clássica rivalidade entre as universidades californianas, UCLA e USC. A popularidade dessa prática cresceu muito. Só para ilustrar sua dimensão, por ocasião da Olimpíada de Los Angeles (1984) os números eram claros, mais de 100.000 aficionados jogavam Vôlei de Praia, entre eles extraordinários talentos como Randy Stoklos, Mike Dood, Jon Stevenson e Andy Fishburn.¹⁸¹

Corria o ano de 1983, enquanto a *Events Concepts* detinha os direitos administrativos do circuito profissional de Vôlei de Praia americano, buscando mais dinheiro para os torneios, tentando agradar os patrocinadores e procurando expandir as relações com a já interessada ESPN TV em cobrir os eventos do Vôlei de Praia, alguns

¹⁷⁹ SMITH; FEINEMAN. op. cit., p. 99.

¹⁸⁰ Id. *ibid.*, No original: “Then, when the show was aired for the first time, I couldn’t believe how many people told me they watched it. I realized that it had given millions of people their first glimpse of beach volleyball, and understood for the first time exactly how importante media exposure could be to my individual career and to the sport itself.” p. 101.

¹⁸¹ LA HISTORIA del beach voley en el año de su debut olimpico. op. cit., p. 6-7.

desentendimentos começaram a aflorar: o sistema de pontos e a nova bola se tornaram assuntos de divergências entre a empresa e os jogadores.

A fim de satisfazer os interesses da televisão em controlar o tempo de duração das partidas, a *Events Concepts* mudou as regras em relação ao sistema de marcação de pontos durante o jogo, explicando melhor, a televisão achava que uma partida de Vôlei de Praia demorava muito tempo porque a pontuação era com vantagem, isto é, para se marcar o ponto era preciso sacar antes. Dessa forma, uma partida durava, em média, 50 minutos, pois para se vencer era preciso fazer 35 pontos (no grupo dos vencedores) e 25 pontos (no grupo dos perdedores); além de confundir os telespectadores com as vantagens.¹⁸²

Com a mudança, o sistema de contagem dos pontos passou a ser o *rally-point*, que é mais interessante como espetáculo além de ser muito mais fácil de acompanhar e entender pois toda vez que a bola está em jogo uma das duplas faz ponto. Com este ajuste na regra, a modalidade estava pronta para estrear na televisão.

A outra reclamação dos jogadores dizia respeito à bola. Para satisfazer os patrocinadores, entenda-se *Mikasa Sports*,¹⁸³ a organização dos torneios profissionais impôs aos jogadores o uso da *Mikasa Suede Spike volleyball*. A nova bola, rapidamente, ficava pesada por absorver o suor dos jogadores os quais, por sua vez, preferiam jogar com a *Spalding Top-Flite 18 Patch beach volleyball*. Na opinião do veterano e melhor jogador da época, Jim Menges, a bola *mikasa* foi a responsável pela lesão em seu ombro o que, prematuramente, encerrou a sua carreira.¹⁸⁴

Teve-se o cuidado de apresentar, até aqui, uma seqüência de acontecimentos que fez com que os jogadores se organizassem em reuniões para discutir o futuro de todos eles

¹⁸² COUVILLON, Art. **Sands of time**: the history of beach volleyball, volume # 2: 1970-1989. United States of America: Information Guides, 2003. p. 389.

¹⁸³ Em 1990, a Mikasa Sports desenvolveu uma bola de vôlei de praia com um exclusivo design de três cores. Esta se tornaria a bola oficial do Circuito Mundial da FIVB, bem como dos Jogos Olímpicos de Verão. Em 1997 a empresa introduziu a segunda geração da VLS200, com uma nova e larga circunferência, feita com material sintético processado mecanicamente, revolucionário para o mundo do voleibol. A nova bola é resistente à água e foi desenvolvida para suportar as variações climáticas dos vários países por onde corre o Campeonato Mundial.

¹⁸⁴ Id. *ibid.*, p. 389.

dentro do esporte. Esses encontros, levaram à criação do que seria a mais importante instituição do Vôlei de Praia, esta entidade mudou, definitivamente, os rumos do esporte.

Em 21 de julho de 1983, nasceu a *Association of Volleyball Professionals* (AVP) fundada pelos próprios jogadores com os seguintes objetivos específicos: a) aumentar a premiação em dinheiro; b) oferecer mais oportunidades para os patrocinadores individuais; c) distribuição da premiação em dinheiro de acordo com os padrões da AVP (até o nono lugar); d) aprovação de todo equipamento usado em todos os eventos; e) aprovação do sistema de pontos bem como as regras do jogo; f) contínua influência na organização e direção do *Pro Beach Volleyball Series*.

Pelos objetivos da associação, ficou mais do que óbvio que a sua criação teve como meta proteger os interesses dos jogadores e preservar a integridade do Vôlei de Praia, ao passo que, no centro de tudo estava o aumento do sucesso comercial do esporte. Em outras palavras, a luta pelo controle do campo estava declarada, como evidencia-se, a seguir.

Os líderes fundadores foram: Smith, Stoklos, Kiraly, Hovland, Dood, Selznick, Hanseth, Fishburn e Jon Stevenson. Apesar da experiência como jogadores, a entidade ainda era muito acadêmica no seu primeiro ano. Então, no ano seguinte, Leonard Armato, um advogado de esportistas profissionais que tinha jogado Vôlei de Praia e era amigo de Kevin Cleary (primeiro presidente da AVP) concordou em representar a associação. Armato passou a ser de vital importância para a organização já que os jogadores queriam ter acesso aos relatórios financeiros, sem falar no licenciamento e *merchandising*.¹⁸⁵

Com a AVP, a modalidade bem como o nome das “estrelas” que a integravam passaram a ser comercializados de forma organizada. Os conceitos de marketing e promoção se tornaram familiares dentro do dia-a-dia do Vôlei de Praia. O volume de dinheiro, profissionalismo, desenvolvimento e expansão que a modalidade experimentou com o gerenciamento da AVP foi algo que chamou a atenção da Federação Internacional.

¹⁸⁵ SHEWMAN. op. cit., p. 208.

Com a solidificação da AVP, em 1984, pode-se dizer que o campo esportivo do Vôlei de Praia americano estava, realmente, configurado. Para uma melhor compreensão de como estava estruturado esse espaço é preciso explicar que, nessa época, a modalidade ainda não possuía a configuração de um campo em termos mundiais. Em outras palavras, somente nos EUA havia a dimensão de um campo. Não existia uma estrutura para a modalidade em nenhum outro país, nem mesmo no Brasil.

Em 26 de julho de 1984, por ocasião do Congresso Técnico de Long Beach, em Los Angeles, tomou posse o novo presidente da FIVB, o mexicano Ruben Acosta o qual, atualmente, ainda está no cargo. O principal objetivo de Ruben Acosta era otimizar o desenvolvimento do Voleibol. Para isso, um extenso planejamento foi adotado e uma nova estruturação foi estabelecida. A entidade mudou sua sede administrativa de Paris para Lausane, na Suíça, onde um *staff* profissional e atualizado foi empregado a fim de agilizar e modernizar o gerenciamento da instituição.¹⁸⁶ Por ocasião da posse do novo presidente, a FIVB contava com 156 países filiados. E Qual era a dimensão da AVP?

A AVP possuía uma forte representatividade no cenário esportivo americano. Era uma associação totalmente independente, ou seja, não estava subordinada a nenhuma outra entidade administrativa. A associação funcionava como uma empresa capitalista que era gerenciada pelos próprios jogadores. Só para se ter uma idéia, o circuito profissional percorreu sete estados num total de vinte e cinco eventos, em 1984.

Dentre as metas traçadas pela FIVB, foram retiradas aquelas relacionadas ao desenvolvimento do Voleibol mundial: a) servir e satisfazer as necessidades das Federações Nacionais; b) obter uma participação efetiva e eficiente das Federações Nacionais; c) estabelecer de maneira clara e prática, condições financeiras, organizacionais e técnicas para as competições da FIVB; d) unificar anualmente um planejamento de competições, dando prioridade para competições de interesse financeiro

¹⁸⁶ MARCHI JR. op. cit., p. 89.

e/ou promocional; e) promover o Voleibol como uma atividade de massa; f) promover o Voleibol como um esporte-show.¹⁸⁷

No caso específico do Vôlei de Praia, foram retiradas dos objetivos da FIVB, duas alíneas: 5.d) criar competições de Vôlei de Praia a fim de promover atividades atléticas facilmente assimiladas e adaptá-las ao público através de regras simples, práticas e flexíveis, para possibilitar competição entre equipes de dois, três ou quatro jogadores, tanto homens, mulheres ou misto; 5.e) objetivar o alto nível dos eventos de Vôlei de Praia que são patrocinados e profissionalmente organizados nas mais conhecidas praias do mundo.¹⁸⁸

Enquanto a AVP já contava com uma sólida organização nos seus eventos, a FIVB ainda estava dando seus primeiros passos com a elaboração de um plano de metas para o desenvolvimento mundial da modalidade.

¹⁸⁷ Id. *ibid.*, p. 89-90. Retirado de ACOSTA, Ruben. *Coaches Manual of Federation of Volleyball*. FIVB, s/d. Introduction. p. 26-27. Tradução de Wanderley Marchi Júnior.

¹⁸⁸ ACOSTA, Ruben. *Coaches Manual of Federation of Volleyball*. FIVB, s/d. Introduction. p. 26-27. Além das duas alíneas traduzidas acima, transcrevemos outras que se relacionam com esta pesquisa. No original: 4... Certain competitions must be sources of financial revenue through a scheme which is attractive to sponsors, the mass media, participants and the general public. 4.b. Other competitions must constitute a form of promotion and development of interest in Volleyball, as well as being a means to raise the technical level of developing teams by confronting them with more experienced teams. 4.c. A third category of competition must offer opportunities to countries with a lower standard, either through demonstrations by top-class teams, or by their participation in regional competitions of their own level. 5.a. Through a school program, to convince schools that Volleyball is the best education option, i. e., Mini-Volley. The latter ensures a complete physical education system, providing the psychomotor coordination necessary to the child's integral development without having to resort to expensive apparatus or equipment no endangering the physical integrity. 5.b. To motivate participation and encourage school competitions on a national level through international recognition. 5.c. To produce animation material and printed boards which will create an interest in Volleyball on the part of children. 5.d. To create Beach Volleyball competitions in order to promote easily assimilated athletic activities and to adapt them to holiday-makers through simple, practical and flexible rules, to enable competition between teams of two, three or four players, either men, women or mixed. 5.e. To aim at high level Beach Volleyball events that are sponsored and professionally organized on the best know beaches of the world. 6.a. To establish closer contacts with the mass media, sponsors and international sports bodies in order to bring vitality and practical content to the FIVB official magazine. 6.b. To begin the publication of a modern sports brochure, both flexible and timely, which will be distributed through correspondents nominated by the Federations. 6.c. To establish a Mass Media Comission with possible relations with AIPS and other bodies. 6.d. To make the publicity regulations imposed on team uniforms less rigid in order to give clubs and national teams the possibility of financial revenue which will enable them to train intensively under better conditions and reach a level high enough to attract spectators. 6.e. To encourage the most spectacular game actions, facilitate the mass adhesion of players of a high standard in their respective countries and obtain the direct broadcasting of complete matches by the commercial and state television channels, maintaining of course the spirit of the game.

Desde a sua criação, a FIVB passou a comandar o Voleibol na esfera internacional. Cada país filiado possui sua federação nacional e conta com soberania dentro de seu território. Como uma entidade legal, cada federação tem autoridade de firmar contratos, realizar eventos e adquirir direitos dentro dos limites definidos pela legislação nacional, respeitando e reconhecendo o estatuto e suas obrigações para com a entidade suprema (FIVB). A estrutura administrativa da FIVB é composta de órgãos que são descritos e estabelecidos pelo estatuto da instituição. Nessa estrutura, as decisões são subordinadas aos chamados Board of Administration e Executive Committee.¹⁸⁹

Sobre o campo estrutural de atuação da FIVB, Marchi Jr. descreve que: “em termos estruturais, e pelos seus objetivos, podemos acentuar que a FIVB nasceu com propósitos bem definidos e coerentemente articulados, tendo em vista as previsíveis interdependências impostas nesse campo.”¹⁹⁰

A briga de interesses entre AVP e FIVB estava apenas começando. Este assunto será retomado, um pouco mais adiante, quando o texto apresentar o campo do Vôlei de Praia no Brasil o qual se beneficiou dessa disputa. Por ora, é importante mostrar a visão da imprensa e de alguns dos fundadores da AVP:

Quando um pequeno grupo de jovens se reuniu numa praia da Califórnia há dez anos atrás e juntos resolveram fundar uma associação para trabalhar pelo vôlei de praia e defender os direitos daqueles que jogavam, não imaginavam o quanto modificariam a feição desse esporte pelo mundo. A Associação de Voleibol Profissional (AVP) é hoje uma das mais fortes e representativas associações esportivas do mundo. Tem o único torneio profissional de vôlei de praia e seus integrantes vivem da prática deste esporte, assim como os gigantes da NBA vivem do basquete.¹⁹¹

A entrevista de Sinjin Smith descreve bem a transição que houve na modalidade com a criação da entidade, ao passar do amadorismo para o profissionalismo:

Quando comecei a jogar na praia, não havia prêmio em dinheiro, não havia mídia, televisão e revistas especializadas. Não havia nada. O vôlei de praia era conhecido somente na Califórnia,

¹⁸⁹ MARCHI JR. op. cit., p. 90.

¹⁹⁰ Id. ibid., p. 91.

¹⁹¹ AVP 10 years. Revista **Volei de Praia**. São Paulo: AC Editora, 1993. ano III, n. 6. p. 8.

onde tinha uns oito ou dez torneios. Foi aí que os patrocinadores nos chamaram e disseram “nós temos dez, quinze mil pessoas que gostariam de assistir aos jogos de vôlei de praia e gostaríamos de colocar patrocínio nisso. Daremos cinco mil dólares para a premiação de todos os campeonatos que já existem”. Todos nós ficamos radiantes. Afinal, até aquele momento jogávamos sem ganhar um tostão. Havíamos conseguido algum dinheiro. Maravilha! A cada ano o prêmio aumentava um pouco: os patrocinadores e promotores estavam cada vez mais presentes nos esportes. Em 1983 criamos a AVP, com a ajuda do advogado Leonardo Armato. Ele nos disse “Vocês jogadores são o esporte, fazem o vôlei de praia e podem controlá-lo. Vocês estão desenvolvendo esse esporte rapidamente”. Até aquele momento, os patrocinadores davam o dinheiro aos promotores que realizavam os torneios e distribuía uma pequena parte do dinheiro em prêmios. Nós resolvemos ter mais controle sobre os torneios e tudo que ocorria em nossa volta por causa de nosso jogo. Nos reunimos e juntos ficamos mais fortes e representativos. [...] Hoje em dia, o típico esporte californiano invadiu os EUA e o mundo.¹⁹²

Nota-se, aqui, uma intrincada rede de interesses e disputas entre os agentes que compõem o campo esportivo do Vôlei de Praia profissional americano. Para Bourdieu, são as lutas que operam o funcionamento do campo, vejamos como ele explica esta questão:

Para que um campo funcione, é preciso que haja objetos de disputas e pessoas prontas para disputar o jogo, dotadas de *habitus* que impliquem no conhecimento e reconhecimento das leis imanentes do jogo, dos objetos de disputa, etc. [...] A estrutura do campo é um **estado** da relação de força entre os agentes ou as instituições engajadas na luta ou, se preferirmos, da distribuição do capital específico que, acumulado no curso das lutas anteriores, orienta as estratégias ulteriores. Esta estrutura, que está na origem das estratégias destinadas a transformá-la, também está sempre em jogo: as lutas cujo espaço é o campo têm por objeto o monopólio da violência legítima (autoridade específica) que é característica do campo considerado, isto é, em definitivo, a conservação ou a subversão da estrutura da distribuição do capital específico.¹⁹³

Na opinião de Karch Kiraly, “eu penso que o vôlei de praia mudou muito mais que pudéssemos imaginar quando criamos o AVP. Nós jogamos pelos EUA e por todo o mundo hoje em dia. Há dez anos atrás, não pensávamos que isso fosse possível.”¹⁹⁴

Tim Hovland é mais específico ao falar sobre a televisão e também sobre a FIVB, vejamos quais são as suas impressões no aniversário de 10 anos da associação:

¹⁹² Id. *ibid.*, p. 9.

¹⁹³ BOURDIEU. **Algumas propriedades dos campos**. *op. cit.*, p. 90-91.

¹⁹⁴ **AVP 10 years**. *op. cit.*, p. 10.

Quando começamos era realmente uma pequena AVP. Só houve o “boom” do vôlei de praia quando a TV começou as transmissões dos campeonatos. Nós sempre tivemos novos e bons projetos, porque no começo só jogávamos na Califórnia (uns dez torneios). Hoje competimos por todos os EUA e as pessoas conheceram e gostaram do estilo de vida californiano, mais de acordo com o meio ambiente. Nós levamos a praia, o sol e o vôlei de praia para todas as pessoas. Acho que atualmente a AVP está caminhando na direção certa. Nós vamos iniciar os “AVPs” pelo mundo. Como a FIVB não quer trabalhar conosco, vamos trabalhar separadamente pelo vôlei de praia mundial. Afinal, nós não somos vôlei indoor, é totalmente diverso. O problema é que todos querem ter o poder sobre o vôlei de praia atualmente. Nós demoramos 10 anos para chegar até aqui, poderemos trabalhar juntos mas não subjugados à eles. A AVP não tem problemas com a FIVB.¹⁹⁵

A temporada de 1984 foi turbulenta. A maioria dos jogadores não estava totalmente satisfeita com o controle administrativo da *Events Concepts*, apesar do circuito americano ter percorrido sete estados (Califórnia, Flórida, Nova Iorque, Colorado, Illinois, Arizona, Havaí) perfazendo um total de 25 torneios dos quais a *Miller Brewing* patrocinou 18 e a *Jose Cuervo* patrocinou 7 e a premiação ter alcançado US\$ 196.000 (45% de aumento). A relação entre os promotores e os jogadores estava insustentável. A associação ameaçou, então, fazer greve durante o *Redondo Beach World Championship* (um dos torneios mais prestigiados do circuito) demandando que eles próprios determinassem a premiação em dinheiro, as regras e os equipamentos. Os executivos rejeitaram as reivindicações e assim a maior parte dos jogadores não participou do evento.¹⁹⁶

Alguns grevistas, no entanto, formaram uma linha com cartazes que haviam preparado na noite anterior e começaram a atrair a atenção do público. Anteriormente, Leonard Armato tinha falado com os responsáveis da Jose Cuervo pedindo suporte para a temporada de 1985 e eles negaram. Com o piquete, o ambiente do torneio ficou pesado e os promotores da tequila, preocupados com a imagem do seu produto, voltaram atrás e prometeram dar suporte para a AVP.¹⁹⁷

¹⁹⁵ Id. *ibid.*, p. 11.

¹⁹⁶ COUVILLON. *op. cit.*, volume #2. p. 415.

¹⁹⁷ De acordo com os modelos de jogo propostos por Norbert Elias, pode-se classificar esse tipo de relação social como um exemplo de jogo de dois níveis – Tipo oligárquico. Na situação, descrita acima, pode-se perceber o potencial distintivo de poder entre os agentes e o quanto isso vai interferir no desenvolvimento do Vôlei de Praia.

Com o apoio, os jogadores decidiram pela independência. Se separaram da *Events Concepts* e formaram nova parceria com outra empresa, a *Group Dynamics* (GDI). Voltaram a usar a bola *Spalding* e o sistema de pontuação com vantagem.¹⁹⁸ Um novo patrocinador entrou em jogo, a *Bolle Sunglasses* e a premiação total em dinheiro, para a temporada, saltou para US\$ 275.000.¹⁹⁹

Logo a GDI desrespeitou os acordos firmados com a associação ao tratar diretamente com os patrocinadores e não revelando o desenvolvimento das finanças. Novamente a AVP estava tendo problemas com os organizadores, portanto, decidiu que era hora de tomar as rédeas do negócio.

Em 1986, o torneio profissional de duplas de Vôlei de Praia da AVP recebeu cobertura da TV à cabo via *Prime Ticket*. As transmissões tiveram o crédito do canal ABC. A modalidade expandiu sua popularidade e seus interesses, com isso, outra instituição foi formada: a *Women's Professional Volleyball Association* (WPVA), uma versão feminina da AVP que veio fortalecer ainda mais os interesses dos jogadores.

Somente em 1988, a AVP teve maturidade suficiente para assumir as responsabilidades promocionais, publicitárias, mercantis, de marketing e de licenciamento do Vôlei de Praia. Por conta desse profissionalismo, a *Jose Cuervo* patrocinou três torneios durante aquele ano, todavia, o prêmio para cada um deles era a quantia recorde de US\$ 100.000 em dinheiro. Atenta ao retorno publicitário do espetáculo do Vôlei de Praia, a *Miller Lite Beer* concordou em patrocinar mais de vinte torneios e assinou com a AVP um contrato por três anos no valor de US\$ 4.5 milhões.

Smith resumiu bem o processo de amadorismo e divulgação do Vôlei de Praia através da seguinte descrição:

Cinquenta anos se passaram desde que Manny Saenz e Bernie Holtzman primeiro varreram a praia, e 30 anos desde que Greta Tyson deu em Gene Selznick seu beijo de aprovação. Afinal,

¹⁹⁸ SMITH; FEINEMAN. op. cit., p. 135.

¹⁹⁹ Site <http://www.volleyball.org/history_beach.html> Acesso em: 11 dez. 2003.

depois de todo esse tempo, nós estivemos em controle do nosso esporte e nosso destino. Agora, finalmente, nós estamos prontos para encarar o negócio.²⁰⁰

Usando o modelo de análise de Bourdieu, pode-se constatar que o campo do Vôlei de Praia americano tem sido palco de inúmeras disputas. Segundo o autor: “Não existe, pois, uma neutralidade das ações, pois toda realização pressupõe necessariamente uma série de interesses (os mais diversos) em jogo.”²⁰¹

A partir do momento que a modalidade passou a ter a possibilidade de movimentar grandes quantias em dinheiro, rapidamente surgiram instituições/entidades a fim de se apoderar de um monopólio específico. Bourdieu defende que as estruturas de um campo convivem em constantes disputas entre dominados e dominantes, sobre esse ponto, o autor é enfático: “[...] sabe-se que em cada campo se encontrará uma luta, da qual se deve, cada vez, procurar as formas específicas, entre o novo que está entrando e que tenta forçar o direito de entrada e o dominante que tenta defender o monopólio e excluir a concorrência.”²⁰²

Com a criação da AVP, os órgãos que dirigiam o esporte até então, a USAVB (com poder nacional) e a FIVB (com poder mundial) começaram a pressionar a associação para que esta se submetesse ao controle da entidade americana (hierarquicamente subjugada a Federação Internacional), coisa que os jogadores rejeitaram, prontamente.

Com o interesse de transformar a modalidade em *business*, Smith tomou à frente da associação e se transformou em empreendedor, organizador, empresário e administrador, além de ser um dos jogadores com maior prestígio no cenário mundial da modalidade. Como ele mesmo relatou, anteriormente, Smith estava buscando promoção pessoal, ou

²⁰⁰ SMITH; FEINEMAN. No original: “It had been fifty years since Manny Saenz and Bernie Holtzman first combed the beach, and 30 years since greta Tyson gave Gene Selznick her kiss of approval. Finally, after all this time, we were in control of our sports and our destiny. Now, at last, we were ready to get down to business.” op. cit., p. 158.

²⁰¹ ORTIZ. op. cit., p. 22.

²⁰² BOURDIEU. **Algumas propriedades dos campos**. op. cit. p. 89.

seja, prestígio, reconhecimento, além de aumentar seu capital econômico, social e também cultural.

Fora dos EUA, o Vôlei de Praia apresentava-se de maneira impotente, ou seja, somente lazer. Não havia circuito profissional, conseqüentemente, também não havia jogadores profissionais. Não havia estrutura organizacional, diretiva nem tampouco regimentar. Enfim, pode-se afirmar que, fora dos EUA, a modalidade não tinha nenhuma expressão, ou melhor, não dispunha de um campo esportivo configurado.

O Vôlei de Praia americano foi o grande impulsionador desse esporte no mundo, até o Brasil entrar, definitivamente, no negócio. A partir da inserção e apropriação da modalidade, pelo Brasil, o caráter de espetáculo ganharia outro significado. Sobre a trajetória brasileira nesse processo, buscou-se explicitar a formação de um campo nacional do Vôlei de Praia. É o que a pesquisa descreve, a seguir.

CAPÍTULO 3 – PROCESSO DE PROFISSIONALIZAÇÃO E ESPETACULARIZAÇÃO DO VÔLEI DE PRAIA NO BRASIL

“Hoje, é um fato. Na época que nós jogávamos Vôlei [...] em Copacabana tinham 4 redes e em Ipanema e Leblon tinham mais 2 redes e o resto era campo de futebol. Hoje, você tem 4 campos de futebol e o resto tudo são redes de Voleibol. [...] Essa evolução ela foi lenta, ela... as premiações, eu me lembro, era 2, 3 mil reais, não mais do que isso, pra todo mundo. Era relógio, coca-cola, enfim... e, hoje em dia, você tá falando em premiações, só no Brasil, da ordem de 5,5 milhões de reais entre os jogadores. Hoje, você pode viver do Voleibol de Praia, como de fato vivem mais de 120 duplas que disputam o Circuito Vôlei de Praia do Banco do Brasil. De maneira que o Vôlei de Praia, hoje, é uma realidade, uma verdade e é um show. E nós criamos esse sentido que, além da arena, você tem a praça de alimentação, de venda de produtos, onde os patrocinadores podem não só patrocinar os jogadores, mas vender efetivamente, demonstrar os seus produtos”. (Entrevista realizada com Ary Graça Filho, presidente da CBV. Rio de Janeiro, 7 fev. 2004, praia de Ipanema, arena do Torneio Rei da Praia.)

Atualmente, dentro do panorama esportivo nacional o qual se transforma rapidamente, o crescimento do Vôlei de Praia representa um dos mais importantes e significantes acontecimentos dos últimos anos. Os fatores que contribuíram para o processo de espetacularização da modalidade, em um espaço de tempo tão curto, indicam uma consolidação e um extraordinário desenvolvimento no futuro.

De uma simples atividade de lazer, o Brasil se tornou o centro mundial do Vôlei de Praia, em praticamente 15 anos. Uma organização profissional, regimentar, administrativa e política foi sendo estabelecida e o simples passatempo se transformou em um poderoso e lucrativo negócio enquanto as estratégias e interesses dos agentes/instituições começaram a controlar o campo em questão. Este é o direcionamento do texto, a seguir.

3.1 VÔLEI DE PRAIA NO BRASIL

Não foi encontrada uma data precisa na qual o Vôlei de Praia tenha iniciado no território brasileiro, mas o local, sem dúvida nenhuma, foi na cidade do Rio de Janeiro. Durante o final da década de 1930, alguns jogadores formados nos clubes da cidade

começaram a praticar o Voleibol, de forma recreativa, nas praias de Ipanema, Copacabana e Leblon.

Uma das pioneiras do Vôlei de Praia no país é “Tia Leah”, ela merece reconhecimento pois desde 1938, quando se mudou com a família para Copacabana não parou mais de jogar.

Quando você passa pelo posto seis em Copacabana é impossível não parar um pouquinho para olhar o jogo. Todo dia bem cedinho, ela chega, monta sua rede e vai recebendo os amigos. Tia Leah é assim, fez das areias da praia um pedaço de sua casa. [...] Hoje é respeitada por todas as “feras” do voleibol. Na rede da Tia, ninguém fala palavrões e tem que pedir para jogar. Até o campeão mundial Sinjin Smith – que a chama de “minha mãe brasileira” – senta e espera humildemente sua vez.²⁰³

Na opinião de Zoulo Rabelo, técnico feminino da década de 40 e praticante de Vôlei de Praia em Copacabana, quem primeiro promoveu a modalidade para que esta ganhasse mais popularidade foi o Jornal dos Sports, em 1941, com o “1º Campeonato da Areia”. Devido ao prestígio do jornal e a divulgação do evento, várias “redes” se inscreveram sendo as mais importantes as de Copacabana, Ipanema e Leblon. As equipes formadas por seis integrantes mesclavam jogadores dos clubes locais e aqueles que praticavam o Vôlei de Praia por lazer, nos finais de semana. A “rede” vencedora foi a da “Bebê Barreto”, outra praticante entusiasta da modalidade.²⁰⁴

Um relatório publicado no “Volleyball Digest”, em março de 1947, nos EUA, anunciava o potencial do Vôlei de Praia brasileiro. O escritor “Doc” Walters afirmou que: “Dê àqueles rapazes da América do Sul alguns meses de aulas e eles darão prejuízo aos americanos.”²⁰⁵

O aviso estava sendo feito um pouco cedo demais. Mas, atualmente, ele corresponde à realidade do Vôlei de Praia mundial. o Brasil vence a maioria das

²⁰³ TIA Leah: a rainha da praia. Revista **Volei de Praia**. São Paulo: AC Editora, 1990. ano I. n. 1. editorial.

²⁰⁴ HISTÓRIA do Vôlei de Praia. **Informativo CBV – Koch Tavares**. Campeonato Mundial de Voleibol de Praia, 1988.

²⁰⁵ COUVILLON. No original: “Give those boys of South America a few months of lessons and they will give the Yankees a run for their money.” op. cit., volume #1. p. 70.

competições internacionais que disputa, em todas as categorias. Os jogadores e jogadoras brasileiras têm também competido muito bem em território americano, durante os torneios da AVP.

Em 1950, foi realizado o primeiro torneio de Vôlei de Praia, com patrocínio. Este aconteceu nas praias de Ipanema e Copacabana. Junto com os jogos, o patrocinador – um jornal da cidade – promoveu também um concurso de beleza, nomeando o evento de “*Beachmania*”.²⁰⁶

Por essa época, a modalidade já estava sendo bastante praticada nas praias do Rio de Janeiro, principalmente naquelas freqüentadas pelas elites. E foi por meio delas que a modalidade surgiu no Brasil. As camadas mais altas da sociedade sempre tendem a ignorar os padrões de comportamento da população em geral e dessa forma buscam “novidades” que acabam funcionando como elementos distintivos, pois espelham a posse de um capital cultural diferenciado.

A sociedade brasileira, por muito tempo, copiou o modelo francês em relação às práticas culturais. Com a ascensão e consolidação dos EUA, logo após o término da Segunda Guerra Mundial, o *American Way of Life* começou a determinar novos comportamentos e movimentos culturais que rapidamente ganhariam espaço no país. Os esportes, como práticas culturais, foram alguns deles e dentro dessa visão, o Vôlei de Praia por ser uma atividade essencialmente americana, ou seja, importada, trazia consigo um corpo de elementos representativos de uma elite.

Dentro dessa estrutura de expansão, novos praticantes foram se apropriando da modalidade, com isso, relações e representações sociais foram engendradas e difundidas pelo grupo. Toda matriz é geradora de um *habitus* social distintivo.

O surgimento do Vôlei de Praia brasileiro respeitou os pressupostos do seu ambiente de origem, o Vôlei de Praia americano. Dito de outra forma, surgiu de uma atividade importada seguindo o modelo de prática social reservada às elites. A diferença

²⁰⁶ Id. *ibid.*, p. 99.

básica é que no Brasil a difusão da modalidade foi orientada, nos primeiros momentos, por pequenos e reservados grupos de amigos e familiares que se reuniam em determinados locais das praias cariocas, chamados de “redes”. Cada grupo praticava em sua “rede” e eles raramente se misturavam. Assim, as representações sociais eram construídas na interação das sociolinguagens entre os membros do grupo.

Diferentemente dos EUA, onde a modalidade “nasceu e cresceu” dentro das estruturas formais dos clubes sociais, universidades e tropas, no Brasil, o desenvolvimento se deu através dos pequenos espaços circunscritos às “redes”, as quais, de certa forma, não deixavam de ser uma espécie de “clube”. A única diferença era que seu quadro de “associados” não pagava mensalidades.

Dentro de um campo em formação, Bourdieu destaca a idéia do *habitus* como um elemento importante:

[...] eu queria insistir na idéia de que o *habitus* é algo que possui uma enorme potência geradora. Para resumir, o *habitus* é um produto dos condicionamentos que tende a reproduzir a lógica objetiva dos condicionamentos mas introduzindo neles uma transformação; é uma espécie de máquina transformadora que faz com que nós “reproduzamos” as condições sociais de nossa própria produção, mas de uma maneira relativamente imprevisível, de uma maneira tal que não se pode passar simplesmente e mecanicamente do conhecimento das condições de produção ao conhecimento dos produtos.²⁰⁷

O uso do corpo também é outro item fundamental para se entender a formação do campo do Vôlei de praia brasileiro, segundo Bourdieu:

De fato, **além de qualquer busca de distinção** é a relação com o próprio corpo, enquanto dimensão privilegiada do *habitus*, que distingue as classes populares das classes privilegiadas, assim como no interior destas distingue frações separadas por todo o universo de um estilo de vida. Assim, a relação instrumental com o próprio corpo, que as classes populares exprimem em todas as práticas que têm o corpo como objeto ou questão de disputas, regime alimentar ou cuidados de beleza, relação com a doença ou cuidados com a saúde, também se manifesta na escolha de esportes que demandam um grande investimento de esforços, às vezes de dor e sofrimento (como o boxe), e em certos casos exigem que o próprio corpo seja colocado em jogo,

²⁰⁷ BOURDIEU, Pierre. O mercado lingüístico. In: _____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 105.

como a moto, o pára-quedismo, todas as formas de acrobacia e, em certa medida, todos os esportes de combate, entre os quais se pode incluir o rugby.²⁰⁸

Os anos foram passando e o Vôlei de Praia continuou seguindo seu modesto caminho, ou melhor, sendo uma atividade restrita ao lazer e recreação das elites que freqüentavam as praias. Com exceção de cidades como o Rio de Janeiro, onde a modalidade fazia parte da rotina local, este esporte era praticamente ignorado no restante do Brasil.

O ano de 1985 foi um marco na história do Vôlei de Praia brasileiro. A partir dessa data a modalidade começou a se desenvolver e buscar uma organização estrutural visando a constituição de um campo, coisa que ainda não existia. E, assim, trilhar seu caminho rumo ao estágio que se encontra, atualmente.

Do conhecimento da estrutura da FIVB, da USAVB e da AVP, descritos, anteriormente, passa-se, agora, a discutir a estrutura da entidade que dirige o Vôlei de Praia no Brasil, a CBV. Esta é uma entidade federal de administração esportiva, fundada na cidade do Rio de Janeiro, em 9 de agosto de 1954, é filiada ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e a FIVB. Teve como seu primeiro presidente, eleito em 15 de janeiro de 1955, Dennis Rupert Hathaway, que ocupou o cargo no período de 14 de março de 1955 a 15 de fevereiro de 1957.²⁰⁹

Seu primeiro sucessor foi Antonio Jaber, eleito em 31 de janeiro de 1957, exercendo suas funções de 15 de fevereiro de 1957 a 13 de fevereiro de 1959. Em seguida, Paulo Monteiro Mendes foi eleito, em 31 de janeiro de 1959 e cumpriu mandato de 13 de fevereiro de 1959 a 9 de fevereiro de 1961.²¹⁰

A seqüência de mandatos bianuais seria então quebrada pelo presidente eleito, Roberto Moreira Calçada, em 31 de janeiro de 1961. Reeleito por seis vezes consecutivas,

²⁰⁸ BOURDIEU. **Como é possível ser esportivo?**... op. cit., p. 151.

²⁰⁹ MARCHI JR. op. cit., p. 92.

²¹⁰ Id. *ibid.*, p. 92.

dirigiu a entidade de 9 de fevereiro de 1961 a 18 de janeiro de 1975, totalizando quatorze anos no cargo.²¹¹

Carlos Arthur Nuzman foi eleito em 18 de janeiro de 1975, sustentado também por seis reeleições, assumiu a responsabilidade da confederação de 18 de fevereiro de 1975 a 7 de janeiro de 1997. Quando Carlos Arthur Nuzman ocupou a presidência do COB, em 1995, foi sucedido oficialmente pelo seu último vice-presidente, Ary da Silva Graça Filho, em processo eletivo do dia 7 de janeiro de 1997. Este conquistou um mandato de quatro anos, de 7 de janeiro de 1997 a 7 de janeiro de 2001 o que, posteriormente, foi renovado por mais quatro anos. Dessa forma, Ary da Silva Graça Filho é o atual presidente da CBV.²¹²

Vale a pena observar a análise de Marchi Jr. sobre os mandatos iniciais de dois anos e as direções posteriores que foram marcadas por longos períodos:

Após esse período de experiências iniciais na administração da Confederação Brasileira, a história da entidade foi marcada por aquilo que podemos chamar de “eras” – representação decorrente das estruturas estruturadas atuando como estruturas estruturantes da FIVB –, nas quais processos de reeleições acusaram estilos de gerenciamento que imprimiram uma nova dinâmica ao esporte e, por que não dizer, estabeleceu uma nova configuração de inter-relações inéditas para o Voleibol.²¹³

A CBV é o órgão governante do Voleibol em todo o território nacional e tem autoridade e responsabilidade sobre todas as atividades do Voleibol no País, incluindo todos os torneios e atividades do Vôlei de Praia, sendo profissionais ou amadores, e aqueles sancionados pela CBV como parte do calendário oficial do Vôlei de Praia e as competições da FIVB no Brasil.²¹⁴

²¹¹ Id. *ibid.*, p. 93.

²¹² Id. *ibid.*, p. 93.

²¹³ Id. *ibid.*, p. 93.

²¹⁴ MANUAL do Voleibol de Praia da **Confederação Brasileira de Voleibol**, 2003. Parte I, item 1.1. p. 3. Sobre a propriedade da CBV, transcreveu-se o item 1.2 da Parte I. p. 3: As competições de voleibol de praia no Brasil, incluindo atletas profissionais e amadores das competições que integram o Calendário Oficial do Voleibol de Praia da CBV, estão diretamente sob a autoridade e são de exclusiva propriedade da CBV. Esta propriedade inclui, sem estar limitada a tanto, todos os direitos de comercialização, publicidade, transmissão de rádio ou TV (ao vivo, VT, por cabo, fio, circuito fechado, etc...), internet, fotografias e vídeo, filmes, publicações, posters, revistas, jornais

Continuando a explanação sobre o corpo estrutural da modalidade no Brasil, existe ainda a Unidade de Voleibol de Praia da CBV (UVP) que está sob a exclusiva e total autoridade da entidade. Os objetivos da UVP são supervisionar, organizar e promover o Vôlei de Praia no Brasil, especialmente os torneios incluídos no calendário oficial da modalidade. A unidade foi criada para fortalecer o desenvolvimento contínuo, significativo e participativo das Federações Estaduais, atletas, árbitros, dirigentes e de pessoas físicas ou jurídicas (promotores) na realização de competições de Vôlei de Praia.²¹⁵

Na seqüência hierárquica encontram-se as Federações Estaduais (FE), na qualidade de filiadas à CBV elas são seus representantes em seus respectivos Estados e, portanto, responsáveis pela organização das competições dentro dos mesmos, exceto aquelas constantes no calendário oficial do Vôlei de Praia da CBV, cuja responsabilidade é da própria CBV.²¹⁶

Encontra-se, ainda, na estrutura administrativa da CBV a Agência de Marketing (AM). Os agentes de *marketing* oficiais são responsáveis pela comercialização, coordenação, supervisão, e controle das competições do calendário oficial do Vôlei de Praia da CBV, incluindo os Campeonatos Mundiais da Federação Internacional – FIVB – *World Series*, Campeonato Brasileiro de Duplas de Vôlei de Praia²¹⁷, King of the Beach (Rei da Praia), Queen of the Beach (Rainha da Praia).²¹⁸

Dentro das questões burocráticas, a CBV detém os direitos sobre os eventos previstos no calendário de Vôlei de Praia da entidade.²¹⁹ A estrutura administrativa da

e todas as formas de publicidade onde as atividades da competição existam, o uso de mascotes, símbolos, emblemas, slogans, no geral, todos os direitos comerciais e de marketing inerentes à competição.

²¹⁵ Id. *ibid.*, Parte I, item 2.1 e 2.2. p. 3.

²¹⁶ Id. *ibid.*, Parte I, item 4.1 e 4.2. p. 4.

²¹⁷ Circuito Banco do Brasil de Vôlei de Praia.

²¹⁸ MANUAL do Voleibol de Praia... *op. cit.*, Parte I, item 5.1. p. 4.

²¹⁹ Id. *ibid.*, Parte I, item 6. p. 4. A fim de explicitar a organização da CBV em termos burocráticos/comerciais, transcreveu-se os **Direitos da CBV sobre os eventos previstos no calendário de Voleibol de Praia da CBV**: 6.1 O nome e logotipo oficiais são propriedades da CBV. O uso do mascote, logotipo, história e arquivo associados ao Calendário terá que ser previamente autorizado pela CBV. 6.2 Todos os direitos de televisão, gravação e comercialização. 6.3 Itens licenciados: T-Shirt, camisetas, e camisas, shorts, chapéus e bonés, toalhas,

CBV conta, atualmente, com 27 federações estaduais filiadas²²⁰ e 2.856 atletas de Vôlei de Praia oficialmente registrados. Através da força política, representatividade e credibilidade da CBV no cenário global, o Brasil é a sede, há sete anos consecutivos, do Mundial de Vôlei de Praia Masculino. No triênio 97-99, a CBV recebeu da FIVB o prêmio de “a mais bem sucedida Federação Nacional do Mundo”. E para espelhar tanto trabalho, no ano de 2.001, o Voleibol brasileiro obteve a melhor performance esportiva de um país em todos os tempos, das vinte e duas competições oficiais internacionais que disputou, o Brasil conquistou dezessete medalhas de ouro e três de prata, ou seja, foi um completo domínio do Voleibol brasileiro, tanto nos ginásios quanto nas praias.²²¹

Após a descrição da parte diretiva do Vôlei de Praia brasileiro, o texto retornará ao ano de 1985 para que se possa compreender como foi, continuamente, se formando esse campo.

Como dito na introdução desta pesquisa, até fevereiro de 1985, o Vôlei de Praia era um esporte praticado apenas por lazer nas praias brasileiras. A partir dessa data, a modalidade iria começar a ganhar reconhecimento e expressão no Brasil, o qual por sua vez impulsionaria o desenvolvimento desse esporte às proporções de espetáculo.

Aproveitando o momento de grande popularidade que os jogadores e jogadoras das seleções brasileiras adultas de Voleibol *indoor* desfrutavam logo após a Olimpíada de Los Angeles, a CBV em parceria com a Koch Tavares – uma empresa com sede na cidade de São Paulo, com *know-how* e pioneira em *marketing* esportivo na América do Sul – tiveram a iniciativa de promover o I Hollywood Vôlei de Praia.

Os astros e as estrelas do Voleibol *indoor* nacional foram levados a demonstrar seu talento em outro cenário, a praia. Quatro titulares da seleção masculina (Renan, Montanaro, William e Badá) e quatro da feminina (Isabel, Jacqueline, Vera Mossa e Regina Uchôa) participaram do evento. O torneio foi realizado em duas etapas, a primeira

bolsas, bola oficial, adesivos e plásticos, revistas, posters, redes, antenas, fitas de marcação de quadra, placar, cronômetro, refrigerantes, água e todos os outros itens referentes ao voleibol de praia.

²²⁰ Cf. o anexo 2.

²²¹ Site <<http://www.cbv.com.br/cbv/institucional/index.asp?m=historiacbv.htm>> Acesso em: 20 abr. 2004.

aconteceu no sábado, dia 2, na praia de Enseada, em Guarujá – litoral sul de São Paulo e a segunda, no dia 9, em Ipanema, posto 10, na cidade do Rio de Janeiro.

É produtivo acompanhar o relato de Fernando von Oertzen, Diretor de Marketing da Koch Tavares, empresa responsável pelo desenvolvimento do Vôlei de Praia, tanto no Brasil, quanto no exterior:

O Brasil tem uma extensa faixa litorânea, com praias lindíssimas. O vôlei de quadra nacional estava em plena ascensão com a conquista da medalha de prata na Olimpíada de Los Angeles, em 1984. Era o momento ideal para juntar as duas coisas e apostar no vôlei de praia.²²²

Uma estrutura com arquibancadas para aproximadamente dois mil lugares foi erguida na praia de Enseada, mas o público presente ao evento superou as expectativas dos organizadores, promotores e patrocinadores, ou seja, mais de cinco mil pessoas lotaram as arquibancadas e as laterais da quadra. Todos aguardavam a entrada dos ídolos do Voleibol brasileiro. Este acontecimento abriu caminho para a consolidação do Vôlei de Praia no país, e por que não dizer que ali estava sendo dada a largada para a implementação da modalidade na Olimpíada de Atlanta?

A imprensa local, tratou o acontecimento com uma pequena nota destacando o nome dos jogadores como chamariz e fazendo menção a um outro torneio paralelo:

Vera Mossa, Isabel, Jacqueline, Regina Uchôa, William, Montanaro, Renan e Badá são atrações hoje, a partir das 10 horas, na praia da Enseada, no Guarujá, no I Hollywood Vôlei de Praia. O torneio, com regras próprias, será disputado em duplas. Em Santos, acontecerá o II Staroup-Pernambucanas. Cinco equipes se enfrentam hoje e, amanhã, a seleção do torneio faz uma exibição contra os titulares da Pirelli.²²³

Dentro das poucas linhas, transcritas acima, pode-se notar a expressão, “com regras próprias”. O termo foi usado para justificar a novidade desse tipo de competição. O Vôlei de Praia ainda não possuía um conjunto de regras padronizadas, nem por parte da CBV,

²²² VÔLEI de praia vai a Atlanta. No Brasil, tudo começou em 1985! **FIVB Magazine**. Beach Volleyball History. Edição comemorativa dos 10 anos do Mundial de Vôlei de Praia: 1987-1996. p. 9.

²²³ EXIBIÇÕES em Guarujá e Santos. **O Estado de São Paulo**, sábado, 2 fev. 1985. p. 22.

nem tão pouco pela FIVB, por essa época, somente os EUA possuíam uma estrutura regimental para a modalidade.

Outro ponto que merece comentário é o fator promocional. Dois torneios, com patrocinadores não concorrentes, estavam usando a mesma forma de atrair o público, ou seja, usando o nome dos vice-campeões olímpicos. A estratégia usada era que as apresentações não fossem no mesmo dia, sábado, no Guarujá e, domingo, em Santos com os titulares da Pirelli – equipe mais famosa e importante do Voleibol masculino do Estado de São Paulo e que possuía, praticamente, a metade dos jogadores da seleção nacional.

Às 10 horas da manhã iniciaram-se os três jogos programados para a primeira etapa e tiveram como técnicos os jogadores, Bernardinho, levantador da seleção brasileira vice-campeã olímpica e Fernanda, atacante da seleção nacional. O primeiro jogo foi entre as duplas masculinas Renan/Montanaro que venceram William/Badá por 2 sets a 0, com parciais de 12/0 e 12/2; o segundo jogo foi entre as duplas femininas Isabel/Jacqueline que derrotaram Vera Mossa/Regina Uchôa por 2x0 (12/9 e 12/5); e a última partida foi disputada entre as quadras mistas formadas por William/Badá/Isabel/Jacqueline que ganharam de Vera Mossa/Regina Uchôa/Renan/Montanaro por 2x0 (12/5 e 13/11).²²⁴

Apesar de todo o contexto representar uma novidade para todos os envolvidos, o profissionalismo técnico da CBV e a credibilidade organizacional da Koch Tavares garantiram o bom resultado da primeira etapa.

Uma semana depois, por ocasião da realização da segunda etapa, na praia de Ipanema, as expectativas eram ainda maiores. Uma estrutura com quase o dobro da capacidade daquela usada na primeira etapa foi montada recebendo mais de seis mil pessoas que se aglomeraram sob um calor de 40 °C. As equipes se modificaram e os resultados foram os seguintes: Vera Mossa/Jacqueline venceram Isabel/Regina Uchôa por 2x1 (4x12, 12x10 e 12x4); depois William/Montanaro foram melhores que Renan/Badá por 2x1 (6/12, 12/9 e 12/10); e na seqüência Isabel/Jacqueline/William/Badá sagraram-se

²²⁴ VÔLEI de praia vai a Atlanta. No Brasil, tudo começou em 1985!... op. cit., p. 10.

campeões ao superarem Vera Mossa/Regina Uchôa/Renan/Montanaro por 2x1 (5x12, 14x12 e 15x13).²²⁵

Os jogos mais importantes, em termos comerciais, das duas etapas, foram transmitidos pela Rede Globo.

A boa aceitação do I Hollywood Vôlei incentivou os promotores a ampliar o evento que funcionou como impulso ao crescimento do Vôlei de Praia no Brasil. No ano seguinte, em 1986, a CBV e a Koch Tavares, ambas já contando com uma certa experiência adquirida nesse torneio – que serviu como evento piloto – resolveram então promover o Vôlei de Praia no panorama mundial. Para isso, organizaram, no Brasil, o Hollywood Vôlei de Praia Internacional, também chamado de II Hollywood Vôlei.

Nesse ano, o torneio tornou-se a maior competição de Vôlei de Praia da América Latina e possibilitou, pela primeira vez, uma revanche, ou melhor, um confronto na praia dos jogadores que fizeram a final olímpica de Voleibol masculino em Los Angeles, entre Brasil e USA.

A dupla norte-americana masculina era formada pelos seguintes jogadores, Pat Powers, considerado por Doug Beal, técnico da seleção americana campeã olímpica de 1984, como o principal responsável pela vitória dos Estados Unidos naquela competição, e Sinjin Smith, o melhor jogador de Vôlei de Praia do mundo, na época. Os americanos enfrentaram duas duplas brasileiras compostas por Renan/Badá e William/Montanaro. A imprensa brasileira tratou os jogadores dos EUA como expoentes da modalidade:

[...] No ano passado, o I Hollywood levou ao Guarujá e a Ipanema cerca de 20 mil pessoas. Desta vez, a Koch Tavares, promotora do evento, escolheu Sinjin Smith, de 27 anos, considerado o melhor jogador de vôlei das praias norte-americanas, para ser o parceiro de Pat Powers no confronto com os brasileiros. Smith defendeu a seleção dos Estados Unidos por quatro anos.²²⁶

Pelo torneio feminino, a dupla norte-americana composta por Nina Matthies, medalha de prata no Voleibol, em Los Angeles, 1984 e Linda Robertson, um dos

²²⁵ Id. *ibid.*, p. 10.

²²⁶ E NO DIA 15, as estrelas na praia. **O Estado de São Paulo**, sexta-feira, 9 fev. 1986. p. 26.

destaques do Vôlei de Praia americano, jogaram contra a dupla brasileira formada pelas jogadoras, Regina Uchôa/Roseli.

A Koch Tavarez investiu no Vôlei de Praia e obteve um excelente retorno. Vale acompanhar a declaração do Presidente da empresa, Luis Felipe Tavarez com relação às perspectivas do II Hollywood Vôlei:

A nossa expectativa era de que aquela iniciativa trouxesse bons resultados a longo prazo, e fizesse com que o vôlei de praia brasileiro atingisse o nível do americano, onde os jogadores já eram altamente competitivos e profissionais. A inclusão do Vôlei de Praia nos Jogos Olímpicos de Atlanta provou que tínhamos razão.²²⁷

Duas etapas marcaram o torneio internacional, a primeira foi disputada a partir das 10 horas do sábado, dia 15 de fevereiro, no posto 4, da praia do Gonzaga, em Santos, São Paulo. Vale conferir a menção que a imprensa paulista fez em relação à revanche da final olímpica de 1984: “o confronto entre Brasil e Estados Unidos será a maior atração do II Hollywood Vôlei de Praia [...].”²²⁸ E a segunda, ocorreu uma semana depois, também às 10 horas, dia 22, no posto 10, em Ipanema, Rio de Janeiro. O público presente superou a competição de 1985, ou seja, mais de sete mil pessoas prestigiaram cada uma das etapas. A empolgação da torcida brasileira fascinou os americanos, sobre essa peculiaridade, Sinjin Smith, relatou: “nunca vi nada no gênero e jogo em praia há seis anos. O público carioca é impressionante. Eles aplaudem e torcem o tempo todo e trazem instrumentos para cantar suas músicas”.²²⁹

A identificação do Vôlei de Praia com a cidade do Rio de Janeiro, de fato, impressionou os jogadores americanos. E nas outras cidades brasileiras, qual era a dimensão da modalidade? Com exceção de algumas praias na região Nordeste e no litoral do Estado de São Paulo as quais já tinham sediado algumas competições e portanto

²²⁷ VÔLEI de praia vai a Atlanta. No Brasil, tudo começou em 1985!... op. cit., p. 11.

²²⁸ BRASIL x EUA na praia do Gonzaga. **O Estado de São Paulo**, sábado, 15 fev. 1986. p. 24.

²²⁹ VÔLEI de praia vai a Atlanta. No Brasil, tudo começou em 1985!... op. cit., p. 11.

contavam com alguns praticantes de final de semana, as demais localidades brasileiras não se interessavam pelo Vôlei de Praia.

Três jogos foram realizados na praia do Gonzaga, o primeiro deles, envolveu a dupla Renan/Badá que venceu os americanos Powers/Smith por 2x1 (13/11, 9/12 e 14/12). No segundo jogo, a quadra mista formada por William/Montanaro/Roseli/Regina Uchôa foi derrotada por Powers/Smith/Robertson/Matthies por 2x0 (3/12 e 11/13) e na última partida do dia, disputada em apenas um set, Roseli/Regina Uchôa perderam para Robertson/Matthies por 8/12.²³⁰

Em Ipanema, os americanos Powers/Smith venceram Renan/Montanaro por 2x1 (12/3, 8/12 e 12/9). As brasileiras, Roseli/Regina Uchôa, por sua vez, venceram Robertson/Matthies por 12/9 e no último jogo, o quarteto americano formado por Powers/Smith/Robertson/Matthies conquistou nova vitória diante da equipe brasileira de William/Badá/Roseli/Regina Uchôa por 2x1 (13/11, 10/12 e 12/10).²³¹

Ao final do evento, o então Presidente da CBV, Carlos Arthur Nuzman, agendou uma reunião com o Presidente da FIVB, Ruben Acosta para entregar-lhe os vídeo-tapes de todos os jogos do II Hollywood Vôlei. Através dessa estratégia, o presidente da CBV pretendia promover o Vôlei de Praia brasileiro e mundial, para isso, além de sua habilidade e força política, ele contava ainda com a excelente organização do evento – feita pela CBV e Koch Tavaréz, da beleza plástica da modalidade, das técnicas e habilidades apuradas demonstradas pelos jogadores e também da participação empolgada do público brasileiro presente na arena, sem contar, é claro, com o imenso potencial mercadológico que o Vôlei de Praia apresentava como espetáculo esportivo para o futuro próximo. Mas, sobre os planos de Carlos Arthur Nuzman, abre-se espaço para seus esclarecimentos:

²³⁰ Id. *ibid.*, p. 11.

²³¹ Id. *ibid.*, p. 11.

O nosso objetivo era demonstrar o alto grau de organização e desenvolvimento do vôlei de praia brasileiro, e criar no Rio de Janeiro o Mundial da modalidade, que seria disputada em 1987, entre os principais países praticantes desse esporte.²³²

A imprensa publicou o assunto do seguinte modo:

[...] o torneio foi disputado sob forte calor e cerca de 12.000 pessoas assistiram as três partidas. O sucesso do II Hollywood Vôlei animou a Confederação Brasileira e a Koch Tavaréz, que unirão esforços para organizar no Brasil, em 87, as finais do Mundial de Vôlei de Praia.²³³

O campo do Vôlei de Praia brasileiro estava começando a se estruturar dentro de uma perspectiva de oferta, demanda e consumo, assim, percebe-se o monopólio das instituições/organizações (FIVB, CBV, Koch Tavaréz) que desde o início dominam este mercado.

Para compreender como se deu o desenvolvimento da modalidade no Brasil, é preciso pensar nas transformações, ou ainda, metamorfoses que vem ocorrendo dentro do campo esportivo. A fim de entender como o Vôlei de Praia brasileiro evoluiu e conquistou reconhecimento, tanto no Brasil, quanto no exterior, apresenta-se o próximo item.

3.2 EVOLUÇÃO E RECONHECIMENTO

Com a realização do Hollywood Vôlei de Praia e do Hollywood Internacional Vôlei de Praia, a improvisação cedeu espaço a organização e a modalidade passou a crescer como um esporte diferenciado do Voleibol *indoor*. Um conjunto de características próprias foi sendo revelado através desse tipo de espetáculo esportivo, a presença de um público crescente e aficcionado começou a atrair cada vez mais a atenção da imprensa e das redes de televisão, o que, certamente, ajudou a solidificar o Vôlei de Praia, no Brasil, como o esporte privilegiado pelo sol e pelo verão.

²³² Id. *ibid.*, p. 11.

²³³ VÔLEI dos EUA vence em Ipanema. **O Estado de São Paulo**, domingo, 23 fev. 1986. p. 45.

Os esportes náuticos, tão populares e praticados, no início dos anos 80, no Rio de Janeiro, começaram então a perder terreno para o Vôlei de Praia devido a algumas desvantagens: sua prática se dava longe da praia e da vista do grande público. Essa característica não permitia a interação/participação dos torcedores presentes, ou seja, como espetáculo esportivo para ser acompanhado ao vivo, durante o verão, os esportes náuticos não representavam a melhor opção. Essa necessidade foi amplamente preenchida pelo Vôlei de Praia, que se firmava como o melhor espetáculo esportivo do verão brasileiro.

Através do empenho da CBV junto à FIVB, os planos traçados por Carlos Arthur Nuzman, para o desenvolvimento desse esporte no Brasil, começariam a se concretizar. O congresso de Praga da FIVB, realizado nos dias 5 e 6 de setembro de 1986, oficializou o I Campeonato Mundial de Vôlei de Praia, tendo como cenário o posto 10, na praia de Ipanema, no Rio de Janeiro, a ser realizado no ano seguinte, ou seja, 1987.

A organização do I Mundial de Vôlei de Praia no Brasil comprova o pioneirismo da CBV nos últimos anos. A entidade foi precursora na organização de diversos eventos mundiais que a FIVB oficializou, especialmente o I Campeonato Mundial Juvenil Masculino e Feminino, o I Campeonato Mundial Interclubes e o Mundialito Masculino e Feminino Adulto.²³⁴ Sem contar o jogo histórico entre Brasil e URSS, o maior registro de público em uma partida de Voleibol.²³⁵

Dessa forma, a cidade do Rio de Janeiro – maior pólo turístico da América Latina, entrou para a história do Vôlei de Praia como sede do primeiro Mundial da modalidade. O maior desafio que os organizadores brasileiros enfrentaram foi com relação ao regulamento da competição, já que, como dito anteriormente, esse esporte não tinha um corpo de regras padronizadas internacionalmente.

²³⁴ NUNES, João Pedro. Mundial de Praia vai começar 3ª. **O Estado de São Paulo**, domingo, 15 fev. 1987. p. 44.

²³⁵ BIZZOCCHI. “Em 26 de julho de 1983 foi registrado o recorde mundial de público no jogo disputado entre Brasil e União Soviética. No estádio do Maracanã (o ‘templo do futebol’), no Rio de Janeiro, 95.887 pessoas vibraram com a vitória brasileira por 3 sets a 1. Nem mesmo a chuva atrapalhou o espetáculo; os próprios jogadores

Mais uma vez, usando a sua capacidade administrativa, Carlos Arthur Nuzman não só reconheceu, como transferiu um potencial de poder à Koch Tavarez, para que esta empresa elaborasse toda a parte normativa e regimentar desse ambicioso torneio.²³⁶

Contando com essa abertura e, baseada, principalmente, na estrutura e na experiência da AVP, a Koch Tavarez formulou um documento detalhado e completo sobre os aspectos técnicos que estariam envolvidos numa competição internacional de Vôlei de Praia, desde as regras do jogo em si, sistema de disputa²³⁷, chaves, torneio classificatório, torneio principal, normas para utilização dos espaços de publicidade, etc.

Sobre a importância da Koch Tavarez na estruturação e regulamentação do Vôlei de Praia internacional, vale conferir, aqui, como a informação veiculou na mídia:

Com a autorização e apoio da Federação Internacional de Volley-Ball, a Koch Tavarez elaborou e oficializou as regras e regulamentos do esporte e em conjunto com a CBV realizou no Brasil, em fevereiro de 1987, o I Campeonato Mundial de Vôlei de Praia. Vinte duplas de sete países (Estados Unidos, Brasil, Itália, Japão, Chile, Argentina e México) disputaram o título de primeira campeã mundial de vôlei de praia.²³⁸

A padronização e oficialização das regras contribuíram para a estruturação da modalidade em termos internacionais. É o que demonstra João Pedro Nunes:

se sujeitaram a enxugar a quadra, improvisar carpetes e até correr o risco de contusões para que a festa tivesse seu desfecho.”op. cit., p. 9-10.

²³⁶ De acordo com os modelos de jogo propostos por Norbert Elias, pode-se classificar esse tipo de relação social como um exemplo de jogo a dois níveis – Tipo democrático crescentemente simplificado. No exemplo, acima, constata-se que o potencial de poder foi conquistado pela Koch Tavarez, através de sua própria competência profissional, o que possibilitará um crescimento desta dentro da rede de interdependências.

²³⁷ NUNES, João Pedro. **Mundial de Praia vai começar 3^a**. op. cit., p. 44. “A competição terá 20 duplas, assim divididas: quatro cabeças-de-chave (duas do Brasil e duas dos Estados Unidos), duas *wild card* (convidadas), duas do Brasil (indicadas pela CBV), duas do *qualifying* (torneio de classificação) e 10 de outros países (indicadas pela CBV e pela Federação Internacional). As quatro duplas pré-classificadas (cabeças-de-chave) entram somente na segunda fase do torneio. As outras 16 são divididas em quatro grupos de quatro, jogando no sistema todos contra todos. As melhores equipes de cada grupo se classificarão para enfrentar os pré-classificados na quinta e na sexta-feira, divididas em duas novas chaves de quatro. As duas melhores duplas de cada chave disputarão as semifinais, no sábado, e os vencedores, a final, no domingo. Na etapa eliminatória, os jogos terão apenas um set de 15 pontos. A partir da segunda fase, com a entrada das cabeças-de-chave, as partidas passarão a ser de melhores de três sets, com 12 pontos.”

²³⁸ 1987: I Campeonato Mundial de Vôlei de Praia. **FIVB Magazine**. Beach Volleyball History. Edição comemorativa dos 10 anos do Mundial de Vôlei de Praia: 1987-1996. p. 14.

As regras elaboradas para o I Campeonato Mundial de praia foram aprovadas pela Federação Internacional e passarão a ser obrigadas em todo o mundo, num processo de uniformização do regulamento e normas. Para obter a padronização, a Federação Internacional distribuirá um manual básico para todos os seus filiados.²³⁹

Craig Thompson, diretor técnico da FIVB, resumiu bem as intenções e interesses da entidade ao relatar sua opinião, publicada na introdução do manual do campeonato:

Este manual e o trabalho de organização que ele representa, indicam o nascimento de uma nova Federação Internacional de Volley-Ball (FIVB), reconhecendo oficialmente o voleibol de praia como competição. A FIVB estimula os esforços feitos para organizar, uniformizar e desenvolver o voleibol de praia não só como uma atividade de recreação mas também competitiva. Recentemente o congresso Mundial da FIVB aprovou por unanimidade a criação de competições oficiais de voleibol de praia e o Campeonato Mundial. O Presidente da FIVB, Dr. Ruben Acosta entusiasticamente relata: “Este programa dará uma expansão ao voleibol e o levará a um público que de outra forma nunca teria qualquer contato com o voleibol”. O voleibol de praia tem sido praticado nos últimos 40 anos, mas apenas recentemente tem se organizado. É através desta organização que vemos um rápido crescimento de um aspecto competitivo do voleibol, como um espetáculo visual [...] tem despertado o interesse competitivo e recreativo dos jogadores, fazendo com que o voleibol se torne visível a um número incontável de novos admiradores, enquanto a TV e outras mídias começam a levar a seus telespectadores a vibração de espetáculo dos grandes torneios. O voleibol de praia desempenha um importante papel no futuro do nosso esporte.²⁴⁰

Com a importante chancela da FIVB, o Brasil abriu caminho para o desenvolvimento internacional da modalidade, assim, o Vôlei de Praia brasileiro passou a ser referência mundial em termos estruturais e políticos. Para fortalecer esta afirmação, encontrou-se nas diretrizes, formuladas pela Koch Tavares, algumas indicações que asseguraram tal domínio:

O objetivo deste manual é fornecer informações e instruções detalhadas às Confederações Nacionais, Promotores Locais e afiliados da Federação Internacional de Voleibol para promover torneios locais de voleibol de praia, dentro de um sistema padronizado de disputa e regras. A implementação correta destas instruções assegurará a criação de um programa com política definida e uniforme, em todos os lugares do mundo onde se pratica voleibol de praia. Através deste manual a FIVB em conjunto com a CBV e a Koch Tavares estarão estimulando a prática do voleibol de praia, incrementando a popularidade e exposição deste esporte, como um evento de expressão maior no cenário esportivo mundial. Como conseqüência acreditamos que o voleibol de

²³⁹ NUNES, João Pedro. **Mundial de Praia vai começar 3^a**. op. cit., p. 44.

²⁴⁰ THOMPSON, Craig. Mensagem da Federação Internacional de Volley-Ball. In. **Manual do I Campeonato Mundial de Voleibol de Praia**. 1987. introdução.

praia passará a figurar não só como um esporte lazer mas também como competição, assegurando o crescimento deste segmento do voleibol, bem como garantindo retorno financeiro e sucesso às empresas que investirem neste esporte. Este manual é considerado pela FIVB como uma fiel interpretação das regras e regulamentos que governarão o Campeonato Mundial de Voleibol de Praia e os campeonatos nacionais de voleibol de praia.²⁴¹

Antes de continuar, surge uma questão importante dentro desse campo que estava se estruturando. Por que a FIVB concedeu ao Brasil o direito de desenvolver o Vôlei de Praia mundial? Não seria mais apropriado ceder aos EUA essa função, já que os americanos – inventores do Voleibol – possuíam experiência, estrutura, *know-how*, associação profissional, circuito profissional, público, mercado, tradição, enfim, tinham o melhor Vôlei de Praia do mundo, naquela época?

O I Campeonato Mundial de Vôlei de Praia contou com o apoio da Embratur. Uma arena com 8.000 lugares recebeu um público de aproximadamente 100 mil pessoas durante a semana do evento, de 14 a 22 de fevereiro. O qualifying aconteceu nos dias 14 e 15, com presença de 12 duplas. O torneio principal foi realizado de terça-feira, dia 17 até domingo, dia 22 e as 20 duplas participantes²⁴² disputaram uma premiação total de US \$50.000, a dupla campeã recebeu a quantia de US \$6.000, a vice-campeã ficou com US \$4.000 e a terceira colocada com US \$2.500.

A supremacia americana se fez presente em Ipanema, Smith/Stoklos sagraram-se os primeiros campeões mundiais da modalidade ao vencerem Powers/Kiraly na final, por 2x0 (12/9 e 12/5). A dupla brasileira, formada por Renan/Montanaro ficou em terceiro lugar ao derrotar Bernard/Edinho por 2x1 (12/7, 6/12 e 12/7). O evento alcançou um ótimo resultado na mídia, principalmente na televisão, que transmitiu as semifinais e a final. Toda a cobertura, contribuiu para o crescimento das competições, no ano seguinte: “a Federação Internacional está estudando a possibilidade de organizar, em 88, um

²⁴¹ Koch Tavares – Apresentação. In. **Manual do I Campeonato Mundial de Voleibol de Praia**. 1987. introdução.

²⁴² Sobre a classificação final, confira o anexo 3.

Circuito Mundial de Vôlei de Praia, com a disputa de vários Grandes Prêmios e a final no Rio.”²⁴³

Como o sistema de pontuação ainda usava a vantagem, as partidas mais equilibradas se estendiam por duas horas, em média. A primeira semifinal, entre Powers/Kiraly e Bernard/Edinho durou 2h30, o placar foi de 2x1 (6/12, 12/8 e 13/11). Na outra semifinal, uma multidão que não conseguiu lugar na arena, começou a se infiltrar por debaixo das arquibancadas, obrigando os organizadores a ameaçarem paralisar o jogo, por questões de segurança.²⁴⁴

Uma estratégia importante usada pelos organizadores do I Campeonato Mundial de Vôlei de Praia foi a participação dos ídolos da “geração de prata”²⁴⁵. É o caso do jogador Bernard – um dos mais populares jogadores brasileiros dá época. A fim de garantir um grande público nos dias iniciais do evento (dias de semana), a organização colocou os jogos do inventor do saque “jornada nas estrelas”, desde o primeiro dia da competição, na parte da manhã e também na parte da tarde. O desgaste intenso resultou em câibras durante a semifinal, no sábado, forçando Bernard a desistir do jogo:

A dupla formada por Bernard e Edinho, considerada uma das maiores favoritas ao título do I Mundial do Vôlei de Praia, será a grande atração da abertura do torneio, hoje, em Ipanema, no Rio. Os dois brasileiros estarão na quadra por volta das 11 horas, na terceira partida do dia, contra os japoneses Matsumoto e Tatsukawa. À tarde, voltam a jogar enfrentando os irmãos Ricardo e Rodrigo Grimalt, do Chile. Embora não tenham sido incluídos entre os cabeças-de-chave [...] confirmam sua condição de candidatos ao título [...]. Se Bernard é o brasileiro mais conhecido do grande público pelos vários anos de destacada presença na Seleção Brasileira, Edinho [...] é famoso entre os freqüentadores das redes das praias de Copacabana e Ipanema. Edinho joga na areia desde os 15 anos [...].²⁴⁶

²⁴³ O TALENTO de Sinjin Smith. **O Estado de São Paulo**, terça-feira, 24 fev. 1987. p. 19.

²⁴⁴ DUPLAS dos EUA decidem o Mundial. **O Estado de São Paulo**, domingo, 22 fev. 1987.

²⁴⁵ Termo usado pela imprensa brasileira ao se referir ao grupo de jogadores da seleção masculina adulta de Voleibol do Brasil que conquistou a medalha de prata na Olimpíada de Los Angeles, em 1984.

²⁴⁶ MUNDIAL começa. E com Bernard. **O Estado de São Paulo**, terça-feira, 17 fev. 1987. p. 19.

Bernard – um dos mais conhecidos atletas da cena esportiva brasileira, na época, confirmou sua popularidade: “apesar do mau tempo, cerca de 6.000 pessoas foram ontem a Ipanema assistir aos jogos de abertura do I Mundial de Vôlei de Praia.”²⁴⁷

A dupla brasileira com a melhor colocação nessa competição foi Renan/Montanaro, eles moravam no Rio de Janeiro, na época, pois faziam parte da equipe da Atlântica Boa Vista. Montanaro resumiu a participação da dupla da seguinte forma: “considero a nossa terceira colocação naquele primeiro mundial um excelente resultado, [...]. O vôlei de praia norte-americano era muito mais desenvolvido que o brasileiro e nós não tínhamos tempo para treinar, pois na ocasião jogávamos pelo clube e pela seleção”.²⁴⁸

É importante conferir a visão americana do evento que entrou para a história do Vôlei de Praia mundial. O campeonato foi resumido, de acordo com as impressões de um dos integrantes da dupla campeã, Sinjin Smith:

Em 1986, uma firma brasileira de promoção convidou Pat Powers e eu até o Rio de Janeiro para uma partida de exibição, a qual foi muito boa. No próximo ano, eles organizaram um Campeonato Mundial e requisitaram Powers, Karch, Randy e eu, várias duplas brasileiras e de outros seis países para jogar. O torneio foi um evento de mídia desde o minuto que nós descemos do avião. O Voleibol é muito popular lá e o público sabia quem nós éramos, [...]. Os jogos eram como um campeonato da NBA. As partidas televisionadas tiveram 80% de audiência em seus horários. Nós éramos reconhecidos em todos os lugares, e tratados como celebridades. [...] Ainda mais incrível para nós era a confusão em volta dos jogos. O público lutava para entrar na arena, a qual estava lotada bem acima de sua capacidade oficial de assentos. Milhares de fãs que não conseguiram entrar cercaram a arena. Em determinado momento, eles se precipitaram sobre as barreiras e entraram debaixo das arquibancadas. A polícia teve que usar cassetetes para fazê-los voltar. [...] os promotores pediram a todos para acelerar o jogo por causa da televisão. Mas os brasileiros jogam de forma lenta, o que é menos poderoso. A velocidade mais lenta da bola dá aos jogadores mais opções e portanto prolonga o jogo. Nós começamos a jogar à maneira deles, mas isso era mais lento do que nós estávamos acostumados e mais difícil para nós colocarmos a bola no chão. Decidimos mudar para nosso estilo mais poderoso de jogar, o qual não só foi mais fácil vencer mas também acelerar o jogo. Tentamos convencer as autoridades para jogar de acordo com as nossas regras. Exatamente como a USVBA recusou a jogar pelas regras internacionais, nos anos 60, no entanto, os brasileiros insistiram em jogar do jeito deles. [...] A experiência nos convenceu que o Vôlei de Praia estava agora estabelecido internacionalmente. Com convites para exibição e torneios acontecendo não apenas em cada canto dos EUA mas também da Europa, Japão e

²⁴⁷ AS VITÓRIAS de Bernard. *O Estado de São Paulo*, quarta-feira, 18 fev. 1987. p. 18.

²⁴⁸ MONTANARO JR., José. In. 1987: I Campeonato Mundial de Vôlei de Praia. *FIVB Magazine*. op. cit., p. 15.

América do Sul, os jogadores perceberam que nós teríamos que trabalhar ainda mais duro para permanecer no controle do crescimento do esporte.²⁴⁹

Pelo relato de Smith, nota-se o impacto social do Vôlei de Praia, no Brasil, durante aquela época. O público estava surpreso com um elemento tão diverso de seu cotidiano, tanto na cidade do Rio de Janeiro, com a construção de um verdadeiro estádio nas areias de Ipanema, quanto pela importância dada pela mídia ao evento que foi transmitido ao vivo para todo o país.

Outro ponto de destaque, foi a preocupação da televisão em relação ao tempo de duração das partidas o que resultou no início de sua manipulação a fim de deixar o espetáculo mais comercial, pressionando e intervindo diretamente em constantes mudanças de regras para a modalidade.

O EUA é o único país onde as regras são diferenciadas. Pelo relato de Smith, percebe-se que nem a AVP, nem a FIVB vão aceitar a unificação das regras, tentativas que começaram desde os anos 60. E por fim, Smith é enfático ao sugerir que a AVP tem que se esforçar para não perder o controle do Vôlei de Praia, já que esta modalidade, definitivamente, está expandindo suas fronteiras para todos os continentes, o que confirma o grande e crescente interesse do público por esse esporte.

Por ocasião da cerimônia de encerramento do I Campeonato Mundial, o Sr. Mike O'Hara – diretor de projetos da FIVB e vice-presidente do Comitê Organizador da

²⁴⁹ SMITH; FEINEMAN. No original: "In 1986, a Brazilian promoting firm invited Pat Powers and me to Rio de Janeiro for an exhibition match, which had gone very well. The next year, they set up a World Championship and asked Powers, Karch, Randy and me, several Brazilian teams and teams from six other countries to play. The tournament was a media event from the minute we got off the plane. Volleyball is very popular there and the public knew who we were, [...]. The games themselves were like an NBA championship. The televised matches got an 80 percent market share in their time slots. We were recognized everywhere, and treated like celebrities. [...] Even more incredible to us was the bedlam surrounding the games. People fought to get into the stadium, which was packed well beyond the official seating capacity. Thousands of fans who could not get in surrounding the stadium. At one point, they stormed the barricades and got in under the bleachers. The police had to use billy clubs to beat them back. [...] the promoters asked everyone to speed up the game for television. But the brazilians play a throw game, which is less powerful. The slower ball speed gives the players more options and therefore makes for a longer game. We started playing their way, but it was slower than we were used to and it was more difficult for us to sideout. We decided to shift to our more powerful style of play, which not only made it easier for us to win but also makes for a faster game. We tried to convince the officials to play by our rules. Just as the USVBA refused to play by the international rules in the '60s, however, the brazilians insisted on playing it their way. The experience convinced us that beach volleyball was now established internationally. With invitations for exhibitions and tournaments pouring in not just from every corner of America but also from Europe, Japan and South America, the players realized we were going to have to work even harder to remain in control of the sport's growth." op. cit., p. 148-153.

Olimpíada de Los Angeles, destacou a importância da praia de Ipanema dentro do cenário internacional da modalidade: “Ipanema representa para o voleibol de praia o que Wimbledon representa para o tênis”.²⁵⁰

Todos os anos, durante o mês de fevereiro, o Rio de Janeiro é motivo de atenção, devido à realização do seu Carnaval. Dessa vez, durante a semana do campeonato, a praia de Ipanema despertou o interesse do público, em vários países, num fenômeno de comunicação que ajudou, inclusive, a fortalecer a imagem do Brasil no exterior como um país de reconhecido potencial para espetáculos esportivos e turísticos.

Com o sucesso do I Campeonato Mundial de Vôlei de Praia e o reconhecimento e aval da FIVB, o Brasil começaria então a conquistar a cena internacional passando não só a produzir como também vender o espetáculo se tornando o principal centro da modalidade no mundo. É sobre a continuação desse processo que o trabalho tratará, a seguir.

3.3 MERCANTILIZAÇÃO E ESPETACULARIZAÇÃO DO VÔLEI DE PRAIA

Comprovando o mérito brasileiro com a realização do I Mundial, a CBV ao lado da Koch Tavarez promoveram de 23 a 28 de fevereiro de 1988, o II Mundial de Vôlei de Praia, consolidando de vez a modalidade no calendário esportivo nacional e internacional.

Pela segunda vez, as areias do posto 10, praia de Ipanema, na cidade do Rio de Janeiro receberam os maiores ídolos internacionais da modalidade para a realização de um campeonato mundial. Dessa vez, os organizadores do evento planejaram uma arquibancada para 10.500 pessoas. A modalidade já estava com a participação garantida na Olimpíada de Barcelona, em 1992, como esporte de demonstração. “Isso vai dar um impulso ainda maior ao esporte”, opinou Karch Kiraly.²⁵¹

²⁵⁰ O’HARA, Mike. Depoimento de encerramento. In. **Manual do Campeonato Mundial de Voleibol de Praia**, 1988. CBV/Koch Tavarez. Introdução.

²⁵¹ OS MELHORES da praia. **O Estado de São Paulo**, terça-feira, 23 fev. 1988. p. 20.

Foram realizadas quatro seletivas nacionais, no Sul, Centro-Sul, Rio de Janeiro e no Nordeste para credenciar mais quatro duplas brasileiras que iriam se juntar as cinco já classificadas para representar o país no mundial. Participaram do torneio principal 24 duplas²⁵² de dez países representando quatro continentes, Estados Unidos, Brasil, Cuba, Argentina, Itália, Chile, México, Austrália, Japão e Espanha. Dessa vez, o vôlei de Praia brasileiro estava mais evoluído e disputou a final e também a disputa de terceiro colocado contra os EUA.²⁵³

O Jornal dos Sports, do Rio de Janeiro, estampou uma foto colorida na primeira página, da final ocorrida no domingo entre as duplas Powers e Kiraly contra Bernard e Luís Américo. Os americanos venceram por 2 sets a 0, parciais de 12/5 e 12/6. Renan e Montanaro conquistaram a inesperada terceira colocação ao vencerem Smith e Stoklos por 2 sets a 0, parciais de 12/10 e 12/6. Vale acompanhar a reportagem:

Desde muito cedo, por volta das 7 hortas da manhã, já era grande a fila formada na porta da arena montada no posto 10, em Ipanema, para assistir à grande final do II Campeonato Mundial de Vôlei de Praia. Às 9 horas não havia mais lugar nas arquibancadas, e muita gente ficou do lado de fora [...]. Com as arquibancadas lotadas, o que se viu foi uma grande festa verde amarela, com os torcedores vestidos com camisetas das cores do Brasil, e comandados pela alegria de Dartagnan, acompanhado por um grande grupo, com pistão e bateria. Complementando a festa, não faltaram um grande número de bandeiras verdes e amarelas e de clubes cariocas, e uma enorme pipa também nas cores brasileiras, sempre sobrevoando a arena. Para a entrada dos jogadores em quadra, não faltaram também fumaças verde-amarela que saíram detrás das placas de publicidade e um fundo musical, com o tema olímpico [...].²⁵⁴

Kiraly, considerado o melhor jogador de Voleibol *indoor* do mundo, para a época, declarou que os EUA deverão manter sua hegemonia no Vôlei de Praia durante muito tempo.²⁵⁵ Seu parceiro Powers, afirmou que:

²⁵² Sobre a classificação final, confira o anexo 4.

²⁵³ 1987: I Campeonato Mundial de vôlei de Praia... op. cit., p. 15.

²⁵⁴ INFANTE, Georgia; BRANDÃO, Luciana. Estados Unidos vencem por 2 a 0 e ficam com o título do Mundial. **Jornal dos Sports**, segunda-feira 29 fev. 1988. p. 9.

²⁵⁵ POWERS e Kiraly mal têm tempo para comemorações. **Jornal dos Sports**, segunda-feira, 29 fev. 1988. p. 10.

O vôlei de praia é um dos mais importantes esportes dos Estados Unidos, onde são realizados anualmente 28 torneios. Acontece que aqui no Brasil é diferente. O Renan e o Montanaro venceram Jinji Smith e Randy Stoklos. Imagine se eles tivessem jogando junto há mais tempo?²⁵⁶

De olho no futuro, a imprensa publicou:

Para breve, Bernard disse que será criada uma Federação de Voleibol de Praia, nos moldes dos norte-americanos, que segundo o jogador brasileiro, “é muito bom, porque não são programados campeonatos regionais”. É feito como um **Open**, ou seja, participa quem quer, com patrocínio ou não, pelos Estados do País.²⁵⁷

O II Campeonato Mundial de Vôlei de Praia distribuiu uma premiação de US\$ 50 mil em dinheiro. Trinta e quatro duplas (contando o torneio classificatório) disputaram um total de 83 partidas (43 horas de jogo) que foram assistidas por 100 mil pessoas presentes à arena.²⁵⁸

Após a realização do II Mundial, a modalidade experimentou um crescimento em muitos países. O presidente da FIVB, Ruben Acosta o qual esteve presente em Ipanema a fim de assistir às semifinais e finais do torneio anunciou três importantes decisões que impulsionaram esse desenvolvimento. Primeira, a criação de um Conselho Mundial de Vôlei de Praia sob a presidência do brasileiro Carlos Arthur Nuzman; segunda, a Koch Tavares seria a agência de *marketing* da FIVB para assuntos de Vôlei de Praia; e terceira, em 1989 o mundial seria disputado em forma de circuito, com etapas na Itália e Japão.²⁵⁹

Com o potencial de poder abrangendo a esfera mundial, a Koch Tavares exportou seu *know-how* e desenvolveu projetos de torneios similares ao do Brasil, para outros países como os citados acima. Assim, em 1989, nasceu o Circuito Mundial Masculino de

²⁵⁶ Id. *ibid.*, p. 10.

²⁵⁷ BERNARD e Luiz Américo: somos os campeões morais. **Jornal dos Sports**, segunda-feira, 29 fev. 1988. p. 10.

²⁵⁸ CEM mil pessoas vibraram com atletas de 10 países. **Jornal dos Sports**, segunda-feira 29 fev. 1988. p. 10.

²⁵⁹ 1987: I Campeonato Mundial de vôlei de Praia... *op. cit.*, p. 16.

Vôlei de Praia, o FIVB World Series Championship.²⁶⁰ O Campeonato Mundial foi mantido e passou a figurar como a etapa principal do Circuito.

A primeira temporada aconteceu no biênio 1989-1990 e contou com quatro etapas. Começou no Brasil (1989) com a realização da primeira etapa, depois seguiu para a Itália (1989); na seqüência foi a vez do Japão (1989) e o encerramento do circuito ocorreu novamente no Brasil (1990). E assim, através desta lógica, o World Championship Series vem seguindo, até a atual temporada, ou seja, 2003-2004.

As primeiras etapas do Circuito Mundial, organizadas pela FIVB, se converteram em um grande sucesso comercial com milhares de espectadores fora das arenas. Os prêmios em dinheiro chegaram a US\$ 50 mil em cada torneio.²⁶¹

Os jogadores brasileiros começaram então a perceber o futuro potencial do Vôlei de Praia como uma atividade profissional, o que já era uma realidade nos EUA. Resolveram se organizar e juntos fundaram uma entidade representativa nos mesmos moldes da AVP. Dessa forma, em setembro de 1989, no Rio de Janeiro – com a formalização e registro do estatuto – foi criada a Associação de Vôlei de Areia (AVA) a qual teve como Diretoria Executiva os seguintes membros, Bernardinho, Henrique Brandão, Serginho, Luis Américo, Clóvis, Túlio e Marcelinho. Fazia parte do Conselho, Bebeto de Freitas, Alexandre Abeid, Coronel Malta, Gilberto Prado e Celso Kalash.²⁶²

A imprensa divulgou a concepção, bem como as idéias e planos desta que foi a primeira associação de jogadores em nível nacional. Eis a reportagem:

A entidade tem esse nome para abranger aqueles que praticam o vôlei em quadras de areia, mesmo não tendo praia. Em fevereiro durante o Campeonato Nacional – que antecede o Mundial no Rio – a Associação de Vôlei de Areia realizará uma assembléia com todos os jogadores brasileiros presentes, para submeter seus estatutos e definir o calendário de eventos para 1990. [...] A sua prioridade é fazer do vôlei de praia – que já é tão democrático – um esporte de massa. Dando seqüência ao projeto de divulgar e promover a AVA nacionalmente, a entidade pretende realizar

²⁶⁰ O CIRCUITO Mundial de Vôlei de Praia da FIVB. **FIVB Magazine**. Beach Volleyball History. Edição comemorativa dos 10 anos do Mundial de Vôlei de Praia: 1987-1996. p. 18.

²⁶¹ LA HISTORIA del beach voley en el año de su debut olimpico. op. cit., p. 8.

²⁶² AVA: o projeto de organização dos jogadores de vôlei de praia está concretizado. Revista **Volei de Praia**. São Paulo: AC Editora, 1990. ano I, n. 1. p. 23.

uma ampla campanha de filiação. A organização dos jogadores brasileiros certamente contribuirá para o crescimento e sedimentação do vôlei de praia como esporte nacional. Afinal, como diz o atual presidente da AVA (Bernardinho) “se nós brasileiros, jogando nos finais de semana e horários livres somos tão bons, imagine quando estivermos estruturados”!²⁶³

Com a cobertura feita pela mídia durante as etapas do mundial e contando com uma melhor organização interna o Vôlei de Praia se expandiu para outras regiões do país. O Nordeste surgiria então como uma das grandes forças da modalidade no Brasil. Novos ídolos começaram a despontar, como no caso dos jogadores pernambucanos Moreira e Garrido, dos paraibanos Denis e Ninaua, dos cearenses Franco e Roberto Lopes e dos baianos Paulão e Paulo Emílio.

A dupla Moreira e Garrido sagrou-se campeã em 1989 por ocasião do primeiro campeonato brasileiro da modalidade e conquistou a quinta colocação no mundial do Rio. Ambos torneios foram disputados na praia de Ipanema, no mês de janeiro e fevereiro, respectivamente. Nada de estranho, não fossem eles representantes do Nordeste, uma região até então inexpressiva no cenário do Vôlei de Praia nacional.²⁶⁴

No mês de novembro de 1989, em Recife, foi realizada a Copa Brasilit de Vôlei de Praia. Participaram duplas de toda a região Nordeste e também do Estado do Rio de Janeiro. Os vencedores foram os donos da casa, Moreira e Garrido que venceram na final, Franco e Roberto Lopes – a grande revelação da competição.²⁶⁵

No ano de 1990, foi lançada no Brasil a revista Volei de Praia, uma publicação que nasceu pelo entusiasmo e determinação de três irmãs, as editoras: Eliane Aronovich Cunha, Moira Aronovich Cunha e Graziela Aronovich. O pioneirismo da revista veio suprir a necessidade de informação de uma modalidade que se expandia rapidamente. O periódico semestral era uma impressão colorida com muitas fotos, reportagens, entrevistas, cobertura de campeonatos, informações sobre a parte histórica, resultados, calendários de competições, enfim, o que de mais importante acontecia no Vôlei de Praia aqui no Brasil e no mundo.

²⁶³ Id. *ibid.*, p. 23.

²⁶⁴ A GARRA nordestina. Revista **Volei de Praia**. São Paulo: AC Editora, 1990. ano I, n. 1. p. 26.

A revista alcançou um bom resultado comercial, já no primeiro número. Com essa motivação, as responsáveis decidiram, para o segundo número, transformá-la em uma publicação bilíngüe (português e inglês) na tentativa de conquistar o mercado internacional. A mídia escrita e televisiva dos EUA registrou a presença da revista com atenção especial.²⁶⁶

Ainda em 1990, um importante fato chamou a atenção dos interessados pela modalidade. O primeiro Conselho Mundial de Vôlei de Praia, dentro da FIVB, se reuniu em Lausane, na Suíça, para discutir o plano da futura regulamentação e do calendário do Circuito Mundial. É bom lembrar que o brasileiro Carlos Arthur Nuzman era o presidente do Conselho Mundial.²⁶⁷

Embora ainda possuísse uma estrutura amadora, o Vôlei de Praia brasileiro começava a demonstrar sua importância no cenário internacional, ou seja, os cariocas Guilherme e André conquistaram, pela primeira vez na história, o título de campeões mundiais. A façanha foi na etapa francesa do World Series, mais precisamente, na cidade de Séte, em 1990. Antes disso, a melhor colocação brasileira num mundial, tinha sido os vice-campeonatos de Bernard/Luis Américo (1988) e Edinho/Tinoco (1989), no Rio de Janeiro.²⁶⁸

Um divisor de águas na trajetória do Vôlei de Praia brasileiro aconteceu, em 1991. Com o patrocínio do Banco do Brasil, foi criado uma espécie de circuito brasileiro, inicialmente, apenas para duplas masculinas e com cinco etapas que percorreram diferentes cidades do Nordeste (Fortaleza, Natal, João Pessoa, Recife e Salvador).

O empreendimento do Banco do Brasil em parceria com a CBV recebeu o nome de Banco do Brasil Open de Vôlei de Praia. Com essa criação a modalidade marcou outro ponto importante e decisivo no desenvolvimento desse esporte em todo o país. Porém,

²⁶⁵ Id. *ibid.*, p. 26.

²⁶⁶ Revista **Vôlei de Praia**. São Paulo: AC Editora, 1992-1993. ano III, n. 6. p. 4.

²⁶⁷ LA HISTORIA del beach voley en el año de su debut olimpico. *op. cit.*, p. 8.

²⁶⁸ THE FIRST great brazilian victory. Revista **Vôlei de Praia**. São Paulo: AC Editora, 1990. ano I. n. 2. Introdução.

antes disso, em 1989, duas empresas, o Banco do Brasil e os Correios optaram em patrocinar juntas o que elas chamaram de circuito piloto. Vale a pena conferir as palavras do então coordenador de Vôlei de Praia da CBV, o professor Fernando Tovar:

O Banco do Brasil injeta recursos, desde o início, desde o primeiro, que entrou com os Correios. Depois, o Correio saiu e ficou o Banco do Brasil.[...] Depois, eu ... é... Eu não posso dizer o que foi. Mas, eu tenho a impressão que por orientação do governo uma das duas é... vamos dizer não estatais, mas de economia mista do governo, teriam de optar por continuar ou não no esporte, pra não ter duas no esporte. E o governo até hoje mantém isso. Por exemplo, na natação é o Correio. No basquete... No atletismo, é a Caixa Econômica. No basquete, é a Eletrobrás. E, no Vôlei, é o Banco do Brasil. Pra não ficarem duas no mesmo esporte. Não houve briga, não houve nada. Houve uma opção que o Banco disse: “Não, aqui eu fico”. Não sei se já prevendo um futuro e o Correio patrocina o esporte aquático até hoje. Não houve nada contra isso. Eu não sei se o Banco do Brasil, o dia que sair, como vai ser a briga. Não sei se eles vão sair não, porque eu já sei que eles querem mais 4 anos.²⁶⁹

Em 1992, houve um rápido crescimento e o Banco do Brasil Open de Vôlei de Praia passou para dezesseis etapas no masculino e, finalmente, a estréia do circuito feminino, com cinco etapas. Durante os meses de agosto a dezembro, o espetáculo do Vôlei de Praia percorreu mais de quatro mil quilômetros passando por dezesseis cidades brasileiras. E pela primeira vez, algumas etapas do circuito nacional foram realizadas em cidades que não possuíam praia. Desta forma, o Vôlei de Praia foi migrando para o interior do Brasil, conquistando novos mercados. As etapas foram então sediadas em praças, parques ou mesmo em estacionamento de shoppings.²⁷⁰

Mais de quinhentos atletas participaram da temporada 1992 disputando uma premiação que somou mais de US\$ 300 mil. Os campeões gerais do circuito, isto é, que totalizaram um maior número de pontos no *ranking* foram os pernambucanos Moreira/Garrido e no feminino as cariocas Isabel/Jacqueline.²⁷¹

²⁶⁹ Depoimento colhido na entrevista realizada com o professor Fernando Tovar, coordenador do Vôlei de Praia da CBV no período de 1989-2001. Atualmente trabalha no COB com a difusão das modalidades olímpicas não espetacularizadas. Rio de Janeiro, 5 fev. 2004. Sede do COB.

²⁷⁰ BANCO do Brasil Open 93. **Informativo da CBV**. 1993. p. 5.

²⁷¹ Id. *ibid.*, p. 5.

Desde o nascimento do circuito, algumas parcerias foram estabelecidas. Uma delas foi com a empresa de materiais esportivos Penalty – que já patrocinava a CBV. Dessa forma, a bola da marca Penalty foi e continua sendo, até hoje, a bola oficial do circuito.

Nos torneios internacionais, ou melhor, oficiais da FIVB, a bola utilizada é a da marca Mikasa – que é um dos patrocinadores da entidade. Com isso, os jogadores brasileiros usam duas bolas diferentes, dependendo do tipo de competição, o que gera uma certa dificuldade inicial.

Voltando ao FIVB World Series, o ano de 1992 foi marcante para o Vôlei de Praia brasileiro e mundial. Os números das relações mercantis e de espetáculo da modalidade quebraram todos os recordes anteriores, ou melhor, a temporada 1992-1993 que começou na Espanha e terminou no Brasil contou com 45 países participantes, mais de 50 milhões de telespectadores, 33 horas de transmissão ao vivo e ainda porque a primeira etapa foi disputada em Almeria – cidade escolhida para a demonstração olímpica da modalidade ou, oficialmente falando, o Torneio Ano Olímpico de Vôlei de Praia.²⁷²

Apenas três dias após o encerramento dos Jogos Olímpicos de Barcelona e com a aprovação do COI, o suporte da FIVB, o know-how da Koch Tavares e o apoio do Conselho Mundial de Vôlei de Praia, vinte e quatro duplas masculinas e dez duplas femininas monopolizaram a atenção de milhares de pessoas, durante cinco dias, na praia de Zapillo. O evento teve como vencedoras, as americanas Kirb/Reno e no masculino, os campeões foram os americanos Smith/Stoklos.²⁷³

1993, sem dúvidas, será lembrado como um ano chave na história do Vôlei de Praia mundial. No mês de fevereiro, uma estratégia política da FIVB/CBV/Koch Tavares/Conselho Mundial foi decisiva para transformar a modalidade em esporte olímpico. Vale a pena conferir como isso aconteceu:

²⁷² ALMERIA: the start of a new age. **FIVB Magazine**. 1993.

²⁷³ 1993: ano da estréia do vôlei feminino no circuito mundial. **FIVB Magazine**. Beach Volleyball History. Edição comemorativa dos 10 anos do Mundial de Vôlei de Praia: 1987-1996. p. 24.

A FIVB dá **o grande golpe**: monta um “mega espetáculo” à maneira brasileira, em Copacabana e Ruben Acosta convida o ilustre **Juan Antonio Samaranch**, Presidente do COI e **John Payne**, Presidente do ACOG – Comitê Organizador de Atlanta 1996 – os quais se mostram “assombrados” pelo espetáculo, pela cobertura da TV, da imprensa e particularmente pelos 140.000 espectadores que compareceram à arena em apenas uma semana. [...] Poucos meses depois, em 24 de setembro em Monte Carlo e contrariando algumas disposições do COI, Samaranch decide “reconhecer” o Vôlei de Praia como um esporte olímpico e determina que esta modalidade integrará em Atlanta, o rol de esportes nas disputas por medalhas.²⁷⁴

Este evento retratou perfeitamente como e qual era a dimensão do Vôlei de Praia no cenário esportivo mundial, um rápido crescimento em um curto período de tempo apresentando um desenvolvimento marcado em termos técnicos, organizacionais, e promocionais. O que havia sido feito até então e o que reservaria o futuro? Em resumo, usando uma linguagem mais condizente com esta pesquisa, o Vôlei de Praia estava se tornando um negócio poderoso e lucrativo.

Junto com o mundial masculino, a CBV e a Koch Tavearez realizaram um torneio feminino paralelo. Este reuniu dez duplas de seis países e foi um grande sucesso. Assim os organizadores do evento e a FIVB entenderam que a categoria feminina estava pronta para assumir um papel de destaque no cenário mundial. Tanto que em novembro, do mesmo ano, nasceu o Campeonato Mundial Feminino de Vôlei de Praia, na cidade de Santos, litoral sul do Estado de São Paulo. A partir desse início, mais uma vez pioneiro do Brasil, as etapas foram se sucedendo e o circuito foi ganhando força, seguindo os passos do masculino.²⁷⁵

O presidente da CBV e do Conselho Mundial de Vôlei de Praia resumiu bem a criação do Circuito Mundial Feminino com a seguinte declaração, “a realização da FIVB

²⁷⁴ LA HISTORIA del beach voley en el año de su debut olimpico. No original: “La FIVB da **el gran golpe**: monta un “megaespetáculo” a la brasileña, en Copacabana y Rubén Acosta invita al mismísimo **Juan Antonio Samaranch**, Presidente del COI y a **John Payne**, Presidente del ACOG – Comitê Organizador de Atlanta '96 – quienes se muestran “asombrados” por el espectáculo, el despliegue de la TV, la prensa y particularmente por los 140.000 espectadores que concurren al estadio en tan sólo una semana. [...] Pocos meses después, el 24 de Septiembre en Montecarlo y contradiciendo viejas disposiciones del COI, Samaranch decide “reconocer” al BV como disciplina olímpica y determina que esta modalidad integrará en Atlanta, la nómina de deportes a disputar.” op. cit., p. 8.

²⁷⁵ 1993: ano da estréia do vôlei feminino no circuito mundial... op. cit., p. 24.

Women's World Series é a inequívoca confirmação da qualidade transformada em espetáculo.”²⁷⁶

Pela primeira vez, em 1994, os EUA resolveram sediar uma etapa do World Series. Tanto no masculino, vencida pelos noruegueses Kvalheim/Maaseide²⁷⁷ quanto no feminino, vencida pelas brasileiras Isabel/Roseli. Esta foi a primeira vitória de uma dupla feminina no circuito mundial, as brasileiras foram campeãs em Miami ao derrotarem as americanas Fontana/Forsyline.²⁷⁸

O espetáculo do mundial do Rio de Janeiro chegava ao seu ápice com a vitória inédita de uma dupla brasileira. Jogando em casa, Franco/Roberto Lopes acabaram com a hegemonia dos americanos ao vencerem Briceño/Willians.

Os Jogos da Amizade ou Goodwill Games, 1994, receberam a inclusão do Vôlei de Praia em seu programa. As competições foram realizadas na cidade de São Petersburg, na Rússia. As brasileiras Adriana/Mônica ficaram com a medalha de prata e no masculino, Aluísio/Emanuel terminaram na quinta colocação.

As comemorações pelo centenário do Voleibol marcaram o ano de 1995, apenas um ano antes da estréia do Vôlei de Praia na Olimpíada de Atlanta. Com a inclusão da modalidade nos Jogos Olímpicos, a temporada 1995-1996 da FIVB – World Series ganhou uma importância ainda maior do que as edições anteriores, ou seja, o *ranking* final do circuito serviria para classificar as duplas representantes dos países que disputariam os Jogos de Atlanta.

Assim sendo, a FIVB anunciou o seguinte critério, os oito países mais bem classificados no *ranking* masculino poderão indicar duas duplas, exceto o país sede (3 duplas). A primeira dupla de cada um desses oito países já está automaticamente qualificada, e a segunda poderá ser selecionada se estiver entre as 24 melhores do ranking. No feminino, os quatro primeiros países do *ranking* terão o direito de indicar

²⁷⁶ MUNDIAL de Vôlei de Praia Feminino. Praia do Gonzaga, Santos, nov. 1993. **Programa Oficial da FIVB**. p. 3.

²⁷⁷ LA HISTORIA del beach voley en el año de su debut olimpico. op. cit., p. 9.

²⁷⁸ Site <<http://www.cbv.com.br/cbv/institucional/index.asp?m=historiacbv.htm>> Acesso em: 20 abr. 2004.

duas duplas, exceto o país sede (3 duplas). A primeira dupla de cada uma dessas nações já está classificada, e a outra poderá ser qualificada se estiver entre as 16 colocadas.²⁷⁹

Antes de apresentar como foi o primeiro torneio olímpico de Vôlei de Praia bem como sua importância para o crescimento da modalidade, é preciso analisar como estava estruturado o campo esportivo do Vôlei de Praia no mundo, dando maior ênfase, é claro, aos domínios da FIVB, Brasil e EUA (entenda-se AVP e WPVA).

Às vésperas da maior vitrine promocional para o Vôlei de Praia – a Olimpíada de Atlanta – a FIVB investiu, de forma inteligente, através da Koch Tavaréz – sua agência de marketing – e emplacou, definitivamente, o World Series como seu principal produto:

Em 1995 o Vôlei de Praia experimenta um *boom* em todo o mundo. A FIVB se expande aos 5 continentes com a participação de representantes de 29 países e uma premiação total de US\$ 3.650.000 e mais de 800.000 espectadores “ao vivo” e 50 milhões de telespectadores. [...] O conflito entre a FIVB, AVP e WPVA está longe de chegar a uma solução.²⁸⁰

Por sua vez, o campo esportivo do Vôlei de Praia americano continuava sobre o domínio dos jogadores e jogadoras, através da AVP e WPVA. É fácil notar a força destas duas entidades, basta conferir a dimensão das negociações.

Em 1991, a AVP organizou o primeiro King of the Beach Tournament (Torneio Rei da Praia) que foi acrescentado ao seu calendário de eventos. Em 1993, o canal NBC transmitiu ao vivo dez eventos da AVP com uma audiência estimada em 600.000 telespectadores e uma premiação total de US\$ 3.700.000 em dinheiro. Em 1994, foram vinte e sete eventos que percorreram as principais cidades do seu extenso território, destes, a NBC transmitiu dez (21 horas). A Evian patrocinou uma etapa que foi realizada dentro do Madison Square Garden, em Nova Iorque, uma estratégia promocional inédita que teve repercussão internacional. A premiação total da temporada chegou a US\$ 4.000.000 em dinheiro. Em 1995, o total de eventos chegou a vinte e nove. A Evian

²⁷⁹ VÔLEI de Praia nas Olimpíadas. **FIVB Magazine**. Beach Volleyball History. Edição comemorativa dos 10 anos do Mundial de Vôlei de Praia: 1987-1996. p. 28.

²⁸⁰ LA HISTORIA del beach voley en el año de su debut olimpico. op. cit., p. 9.

resolveu expandir para quatro o número de torneios de Vôlei de Praia *indoor* (Washington, Boston, Minneapolis, e Nova Iorque).²⁸¹

No Brasil, o campo esportivo do Vôlei de Praia se mostrava em pleno desenvolvimento, apesar de já se poder falar na existência de um campo. O domínio desse espaço estava nas mãos das estruturas dirigentes, ou seja, CBV, Koch Tavares e FIVB bem como do principal patrocinador do circuito nacional – o Banco do Brasil. O Circuito Banco do Brasil percorreu, em 1995, dezessete cidades, de Norte a Sul do país.

Na tentativa de equilibrar o potencial de poder do campo em questão, os jogadores brasileiros se organizaram e, novamente, fundaram uma associação. Dessa vez, o presidente foi o carioca Guilherme Marques, que tinha uma boa representatividade perante os dirigentes. Esta associação foi importante pois iniciou as negociações objetivando suprir as necessidades dos jogadores, em termos mais profissionais.

Apesar de ainda não possuir a dimensão profissional do campo americano, o Vôlei de Praia brasileiro era politicamente forte, ou seja, os dirigentes brasileiros faziam parte do Governing Body Mundial da modalidade.

A estrutura da modalidade em outros países se mostrava da seguinte forma, na Austrália havia um circuito profissional de Vôlei de praia, desde 1986.²⁸²

Na Europa, os jogadores se organizaram em uma associação, seguindo o exemplo norte-americano da AVP, assim, nasceu a GAP – Giocatori Associati di Pallavolo de Spiagia (Associação de Jogadores de Vôlei de Praia) que teve como seu primeiro presidente o italiano Ricardo Marchiori e como diretores os austríacos Stephan Potyka e Hannes Kronthaler. Na Espanha, uma espécie de associação, chamada Club Voleibol San Jose, que sob a presidência de Miguel Angel Nodrid, filiou os jogadores e acrescentou “know-how à modalidade. Ainda na Espanha, já existiam vários circuitos durante o verão mas o mais importante era o circuito Ballantines que pagava ótimos prêmios e percorria

²⁸¹ Site <http://www.volleyball.org/history_beach.html> Acesso em: 11 dez. 2003.

²⁸² Id. *ibid.*

as melhores praias do país. Na Suíça, aconteceu o primeiro campeonato internacional, em Lausane, com o apoio da GAP.²⁸³

No México, Estero Beach sedia o maior torneio amador de Vôlei de Praia do mundo.²⁸⁴

A maioria dos demais países, tais como, Argentina, Chile, Canadá, Cuba, Portugal, Alemanha, Áustria, França, Noruega, Japão, Rússia, Nova Zelândia contava com seus circuitos nacionais ou então torneios isolados.

Pela realidade do Vôlei de Praia internacional, apresentada em meados da década de 1990, percebe-se a supremacia dos dois principais centros da modalidade, Brasil e EUA.

Atlanta – 1996 marcou a estréia do Vôlei de Praia em Jogos Olímpicos. A uma distância de apenas 32 quilômetros da Vila Olímpica, Atlanta Beach entrou para a história da modalidade. Entre os dias 23 e 28 de julho (de terça-feira à domingo), 24 duplas masculinas e 16 duplas femininas disputaram os inéditos títulos de campeões olímpicos. A estrutura do Clayton County International Park, onde foram realizadas as partidas, tinha capacidade para 11.000 pessoas sentadas, sendo 8.000 na arena central e 3.000 na externa. Além disso, mais quatro canchas, duas para treinamento e duas para aquecimento foram montadas ao lado da arena principal. Antes mesmo da estréia, os ingressos para as semifinais e finais já estavam esgotados.²⁸⁵

Cerca de 107.000 pessoas acompanharam as disputas. Pelo torneio feminino, duas duplas brasileiras disputaram a partida final – um completo domínio. Jacqueline/Sandra foram as primeiras campeãs olímpicas e Mônica/Adriana as vice-campeãs. As australianas Cook/Pottharst ficaram com a medalha de bronze. No masculino, os EUA fizeram a partida final, demonstrando a hegemonia americana. Kiraly/Steffes conquistaram o título e Dood/Whitmarsh ficaram com a medalha de prata. Os canadenses

²⁸³ GOOD news. Revista **Volei de Praia**. São Paulo: AC Editora, 1993. ano III. n. 7. p. 11.

²⁸⁴ SHEWMAN. op. cit., p. 316.

²⁸⁵ VÔLEI de Praia nas Olimpíadas. op. cit., p. 29.

Child/Heese terminaram em terceiro lugar. Diante do favoritismo, os brasileiros Franco/Roberto Lopes e Zé Marco/Emanuel acabaram na nona colocação.²⁸⁶

Devido às conquistas do Vôlei de Praia feminino na Olimpíada, o Brasil verificou, no segundo semestre de 1996, uma grande exposição da modalidade na mídia. O público, mais do que nunca, estava interessado por este esporte. Assim, novos jogadores surgiram e outros se transferiram para as areias, como no caso da jogadora Ida – medalha de bronze no Voleibol *indoor*, em Atlanta. Muitos torneios foram organizados no país. É o caso do Torneio Rei da Praia, realizado pelo COB, na praia de Copacabana, Rio de Janeiro, onde o baiano Paulão foi o vencedor e assim considerado o primeiro Rei da Praia brasileiro.²⁸⁷

Outro foi o Torneio Internacional Feminino Jose Cuervo de Vôlei de Praia 4 x 4, na cidade de Florianópolis, entre os dias 28 e 29 de dezembro. A estratégia do promotor do evento, a Koch Tavares, foi trazer as equipes dos EUA, Canadá e Itália para enfrentar as campeãs olímpicas.²⁸⁸

Através da já consagrada competência dos promotores, da parceria com um patrocinador internacional, da presença das “estrelas” brasileiras e americanas da modalidade e da escolha do local – a praia de Jurerê – o espetáculo estava garantido, tanto ao vivo quanto pela televisão.

Para finalizar o ano, Jacqueline foi considerada a atleta do ano pelo Comitê Olímpico Brasileiro. E o Comitê Olímpico Internacional confirmou o Vôlei de Praia como esporte olímpico na Olimpíada de Sydney – 2000.²⁸⁹

No Brasil, o ano de 1997 prosseguiu em meio às comemorações pela conquista das medalhas olímpicas do Vôlei de Praia. Enquanto isso, nos EUA, um estrangeiro conquistou pela primeira vez o título de Rei da Praia, foi o brasileiro Loiola. E, em 1998, aconteceu outro fato inédito, duas duplas brasileiras disputaram uma final do competitivo

²⁸⁶ Site <<http://www.cbv.com.br/cbv/institucional/index.asp?m=historiacbv.htm>> Acesso em: 20 abr. 2004.

²⁸⁷ Id. *ibid*.

²⁸⁸ MANUAL do Torneio Internacional Feminino Jose Cuervo de Vôlei de Praia 4 x 4. **Koch Tavares** – CBV. Florianópolis, 1996. Introdução. Anos mais tarde, a Koch Tavares promoveria a Copa Samsung de Vôlei de Praia 4 x 4. Nos EUA, existe um circuito profissional no formato 4 x 4, tanto masculino quanto feminino.

²⁸⁹ Site <<http://www.cbv.com.br/cbv/institucional/index.asp?m=historiacbv.htm>> Acesso em: 20 abr. 2004.

torneio norte-americano da AVP. Vitória de Loiola/Emanuel sobre Franco/Roberto Lopes. Ainda no mesmo ano, uma arena foi montada em pleno Central Park, em Nova Iorque, para a segunda participação do Vôlei de Praia no Goodwill Games. A competição aconteceu de 22 de julho a 2 de agosto. As duplas brasileiras foram campeãs, Shelda/Adriana Behar e Guilherme/Pará.²⁹⁰

A temporada 1998 do Circuito Banco do Brasil de Vôlei de Praia, contou com a presença dos campeões olímpicos em Barcelona – 1992, os jogadores Tande, Giovane e Carlão. Tande e Giovane formaram dupla e estrearam logo no início da temporada da qual terminaram como campeões.²⁹¹ A vinda dos “garotos de ouro” para o Vôlei de Praia trouxe não só um novo alento aos torneios espalhados pelo Brasil afora, como também uma melhoria na parte organizacional, estrutural e física do Circuito, ou seja, este se tornou mais profissional por conta das exigências feitas pela associação de jogadores, que teve como presidente o próprio Tande. O texto tratará este assunto um pouco mais adiante.

Por sua vez, o “capitão” Carlão montou parceria com o baiano Paulo Emílio. Eis como Fernando Duarte divulgou a notícia:

Tão grande era o desejo do capitão Carlão de mudar de ares que ele sacrificou até o seu último sonho nas quadras: o atacante de 32 anos, 14 deles vividos na seleção brasileira de vôlei, anunciou ontem que não vai disputar o Campeonato Mundial de vôlei, em novembro, no Japão, para se dedicar à tarefa de formar com Paulo Emílio a mais nova dupla de praia brasileira. [...] Tinha assumido compromissos com os patrocinadores. Disputar o mundial atrapalharia meu projeto de representar o Brasil nas Olimpíadas de Sydney no vôlei de praia, explicou Carlão, [...]. Carlão e Paulo Emílio devem fazer sua estréia na etapa de João Pessoa do Circuito Banco do Brasil, nos dias 23 a 27 de setembro.²⁹²

²⁹⁰ Id. *ibid.*

²⁹¹ Id. *ibid.*

²⁹² DUARTE, Fernando. Carlão troca o Mundial do Japão pelo vôlei de praia. **O Globo**, quinta-feira, 27 ago. 1998.

Em fevereiro de 1999, surgiu na praia de Ipanema, Rio de Janeiro, o Torneio Rei e Rainha da Praia²⁹³ – uma versão muito mais profissional do que aquela feita pelo COB, em 1996. Desta vez, a organização dos torneios ficou por conta de uma empresa particular, a Intersport, criada exatamente para esse fim e que teve como idealizadores Marcia Casz e o ex-jogador de Vôlei de Praia, Luiz Paulo P. de Moura, que comentou sobre o nascimento do evento:

O torneio a gente realizou pela primeira vez em 99, era um formato que começou nos Estados Unidos, esse formato de disputa de rodízios. Quer dizer, você tem um rodízio de parceiros e você tem um vencedor individual que é o Rei da Praia. [...] e não tinha esse torneio no Brasil. E o Brasil sendo o melhor, já na época, já era o melhor do Vôlei de Praia mundial, a gente falou, bom, é uma oportunidade de estar fazendo um torneio tanto masculino como feminino, porque nos Estados Unidos ele só acontecia masculino e uma versão menor, de menor porte feminina. Aqui, a gente já começou em 99 com os dois torneios iguais, tanto em volume de premiação como no mesmo espaço. Bom, pra começar o evento, a gente primeiro negociou com a CBV que é o órgão que dirige o Voleibol no Brasil e a gente colocou o evento dentro do calendário oficial da CBV, porque a gente, apesar do formato da competição ser um formato diferenciado, a gente tava utilizando os atletas oficiais, os atletas credenciados da CBV, os que estão inscritos na CBV. Então, a gente negociou com a CBV. A gente tem um contrato de longo prazo, onde a gente tem um poder sobre a marca Rei da Praia, sobre o poder de organização do evento, um compromisso da CBV, através desse contrato, que não existe... não vai existir outro Rei da Praia, além desse que a gente faz, porque é a importância de ser um torneio único e anual, tá? Você não tem um outro título parecido. Então, a primeira fase da negociação foi com a CBV. A gente assinou esse contrato de longo prazo com eles. Depois, aí sim a gente partiu pra parte de mídia que, na época, a gente negociou com o Sport TV. Hoje, a gente tem um contrato de longo prazo com o Sport TV, em cima dos dois eventos: O Rei e Rainha da Praia. Depois disso, a gente partiu pros patrocinadores. E desde lá, de 99, a gente tem patrocinadores que continuam até hoje.²⁹⁴

No final do mês de julho, de 1999, na cidade de Winnipeg, no Canadá, o Vôlei de Praia debutou nos Jogos Pan-Americanos. A partida final contou com a presença de 5.000 pessoas que viram os canadenses Holden/Leinemann vencerem os brasileiros Lula/Adriano. Franco/Roberto Lopes conquistaram a medalha de bronze. No feminino, o lugar mais alto do pódio ficou com as brasileiras Shelda/Adriana Behar.²⁹⁵

²⁹³ Estes foram os Reis e as Rainhas da Praia, até hoje: 1999 – Tande e Shelda. 2000 – Fred e Sandra. 2001 – Loiola e Sandra. 2002 – Ricardo e Ana Paula. 2003 – Shaylin e Guto. 2004 – Emanuel e Val.

²⁹⁴ Depoimento colhido durante a entrevista realizada com Luiz Paulo P. de Mora, um dos idealizadores dos Torneios Rei e Rainha da Praia. Rio de Janeiro, praia de Ipanema, arena do Torneio Rei da Praia, 7 fev. 2004.

²⁹⁵ Site <<http://www.cbv.com.br/cbv/institucional/index.asp?m=historiacbv.htm>> Acesso em: 20 abr. 2004.

Novamente, as vésperas de uma Olimpíada, o Vôlei de Praia brasileiro se profissionalizou um pouco mais e disparou nas conquistas internacionais. É o que atesta a reportagem de Rogério Daflon:

Hoje, o esporte ganhou sotaque brasileiro. [...] Em 1989 o Brasil tinha três duplas em disputas internacionais. Hoje são 16. Há dez anos, não havia conquistado um torneio. Em 1999, faturou 15. [...] o vôlei de praia esbanja evidências de que passou por um processo rápido de profissionalização. Adriana e Shelda são assessoradas por uma equipe de 11 pessoas: técnico, preparador físico, fisioterapeuta, nutricionista, ortopedista, professor de ioga, clínico-geral e quatro responsáveis pela montagem da rede. “Do dinheiro que ganhamos, investimos 60% em treinamento”, explica Shelda. Além do patrocínio do Vasco, cujo valor nem clube nem elas revelam, nos últimos três anos elas embolsaram US\$ 675 mil em premiações. Emanuel e Loiola, também do Vasco, receberam neste ano US\$ 290 mil pelas 12 participações. Os dois moram e treinam nos Estados Unidos. A dupla já contratou um agente americano para captar outros patrocínios. Não por acaso, Loiola incrementa o visual para firmar a imagem: sempre joga com bandana da Nike e óculos Oakley. As cifras do Circuito Banco do Brasil, patrocinado pelo BB, atestam a força do esporte. O banco paga R\$ 1,5 milhão de prêmios.²⁹⁶

No entendimento de Sérgio Ruiz Luz, a estrutura profissional de que a modalidade dispõe no Brasil é um dos fatores fundamentais para esse rápido desenvolvimento:

A boa estrutura do esporte no país também contribuiu para o bom desempenho de brasileiros e brasileiras nessa praia. A liga nacional, disputada desde 1990, sempre contou com uma organização profissional. As principais competições são transmitidas pela TV e o Banco do Brasil, principal patrocinador do campeonato, injeta mais de 5 milhões de reais no esporte a cada temporada. Com isso, as arenas montadas nas praias são equipadas com telões para a torcida e as duplas dispõem de recursos para caprichar na preparação.²⁹⁷

Na cerimônia de abertura da Olimpíada de Sydney – 2000, o Vôlei de Praia quebrou um tabu quando a jogadora campeã olímpica – Sandra Pires empunhou a bandeira do Brasil, durante o desfile. Até então, nunca um porta-bandeira fora do Voleibol e muito menos uma mulher.²⁹⁸

²⁹⁶ DAFLON, Rogério. A explosão nas areias: duplas brasileiras somam títulos e partem para os Jogos Olímpicos de Sydney com sede de vitória. Revista **Época**, São Paulo, n. 78, 15 nov. 1999. p. 58-59.

²⁹⁷ LUZ, Sérgio Ruiz. Ouro na areia. Revista **Veja**, São Paulo, n. 23, 7 jun. 2000. p. 84-85.

²⁹⁸ ROSEGUINI, Guilherme. No adeus, Borges esquece medalha e pede bandeira. **Folha de São Paulo**, quinta-feira, 17 jun. 2004. p. D 2. Confirma os porta-bandeiras do Brasil por ocasião dos Jogos Olímpicos: 1924: Alvaro Ribeiro – Atletismo; 1932: Antonio Lira – Atletismo; 1936: Antonio Lira – Atletismo; 1948: Sylvio Padilha –

Após um completo domínio no Circuito Mundial, o Brasil, novamente qualificou duas duplas em cada categoria. No masculino, os representantes foram Emanuel/Loiola e Zé Marco/Ricardo. No feminino, Shelda/Adriana Behar e Sandra/Adriana.

Alguns ídolos das quadras não conseguiram a tão sonhada classificação para Sydney. Foi o caso de Tande/Giovane. Outro exemplo foi Carlão que havia montado parceria com Paulo Emílio. E também da jogadora Ana Paula que havia conquistado a medalha de bronze no Voleibol *indoor*, em Atlanta e estava tentando uma das vagas ao lado da experiente Jacqueline.

Existe uma diferença brutal em termos de desgaste físico entre as duas modalidades. O período de adaptação é demasiado longo e os resultados demoram a aparecer. É o que ilustra a matéria de Rogério Daflon:

A mudança do vôlei de quadra para o de praia não é fácil. Talvez por isso craques como Tande e Giovane, campeões olímpicos em Barcelona, frustraram os fãs quando passaram a jogar descalços. Giovane reconhece que o treinamento para a areia é mais puxado. “Na quadra, atletas descansam na fila do saque e da cortada. Na areia, é saque, cortada, levantamento o tempo todo”, diz. [...] Ana Paula, ex-musa das quadras e atual parceira de Jacqueline, assusta-se com a diferença. “Antes eu só cortava. Na areia, tenho de ser completa”, constata. “É tudo mais lento, como um jogo de xadrez.”²⁹⁹

Entre os dias 16 e 26 de setembro, Bondi Beach, em Sydney, na Austrália, abrigou o Torneio de Vôlei de Praia nos Jogos Olímpicos. A modalidade foi a que mais conquistou medalhas para o Brasil, três no total: duas de prata com Zé Marco/Ricardo e Shelda/Adriana Behar e uma de Bronze com Sandra/Adriana. Os americanos Blanton/Fonoimoana e as australianas Cook/Pottharst ficaram com a medalha de ouro. Os alemães Ahmann/Hager terminaram em terceiro lugar. E os brasileiros Emanuel/Loiola

Dirigente; 1952: Mário Hermes – Basquete; 1956: Bruno Barabani – Lev. De peso; 1960: Adhemar F. da Silva – Atletismo; 1964: Wlamir Marques – Basquete; 1968: João G. Filho – Pólo Aquático; 1972: Luís Cláudio Menon – Basquete; 1976: João Carlos Oliveira – Atletismo; 1980: João Carlos Oliveira – Atletismo; 1984: Eduardo Ramos – Iatismo; 1988: Walter Carmona – Judô; 1992: Aurélio Miguel – Judô; 1996: Joaquim Cruz – Atletismo; 2000: Sandra Pires – Vôlei de Praia.

²⁹⁹ DAFLON, Rogério. TROPEÇOS sob o sol: os ídolos das quadras não se adaptam com facilidade. Revista **Época**, São Paulo, n. 78, 15 nov. 1999. p. 59.

terminaram na nona colocação, apesar de serem considerados, na época, a melhor dupla de Vôlei de Praia do mundo.³⁰⁰

O Vôlei de Praia foi um espetáculo à parte dentro da Olimpíada de Sydney, tanto ao vivo quanto nas transmissões feitas pela televisão. Parte desse sucesso cabe ao Brasil já que os australianos vieram buscar o *know-how* desenvolvido aqui para organizar o torneio olímpico. Assim, a modalidade se transformou num produto amplamente comercializado durante aqueles Jogos Olímpicos e em eventos futuros:

[...] em Sydney eles criaram um ambiente que até que me surpreendeu. Eu cheguei ao ponto de ir ver ensaios daquela festa que eles montaram. Eles contrataram pessoas, animadores profissionais que caíram no gosto do público. Então, era o ingresso mais disputado pelo povo da Austrália pra ir ver como espetáculo.[...] foi o ápice da ... da... da... vamos dizer da farrá (entre aspas) do Vôlei de Praia. O público sentia. O público quase que jogava Voleibol de Praia. Eles tavam torcendo pro Brasil, tavam torcendo pros Estados Unidos. Eles queriam participar do Voleibol de Praia. Eles “entraram” na quadra com os jogadores. Quando tinha um ponto, tinha uma brincadeira, quando tinha um pedido de tempo, ele comandava uma ola rápida, depois passava pra aquela ola lenta, depois chamava aqui, chamava ali... Sempre tinha alguma coisa.³⁰¹

É interessante acompanhar o ponto de vista de quem participou daquele espetáculo como jogador, eis a opinião de Emanuel:

O melhor evento que eu achei que aconteceu, até hoje, foi a Olimpíada de 2000, em Sydney, porque o povo australiano ele tinha um envolvimento muito grande com praia, com divertimento, muito parecido até com a cultura brasileira que é mais à vontade. Eu acho que essa Olimpíada ali foi o grande marco do Vôlei de Praia. Eu acho que depois daquela Olimpíada todos os jogadores estão sendo reconhecidos internacionalmente. A venda dos pacotes de imagem dos torneios tá sendo muito mais fácil. Acho que ali a cultura do Vôlei de Praia se expandiu pro mundo todo. Hoje, os asiáticos já tão jogando muito bem Vôlei de Praia, que antigamente não tinha. E eu acredito que a Olimpíada fez com que o nosso esporte se tornou a grande coqueluche, que todo mundo quer assistir. Tanto é que nos eventos de praia todos os lugares são vendidos com muita antecedência. Até Atenas, agora, já tá tudo vendido.³⁰²

³⁰⁰ Site <<http://www.cbv.com.br/cbv/institucional/index.asp?m=historiacbv.htm>> Acesso em: 20 abr. 2004.

³⁰¹ Entrevista com o professor Fernando Tovar. op. cit.

³⁰² Depoimento colhido na entrevista realizada com o Jogador Emanuel Fernando Scheffer Rego. Pentacampeão do Circuito Mundial, Pentacampeão do Circuito Brasileiro, Bicampeão Mundial (1999, 2003), eleito o melhor jogador da década de 90 pela FIVB e atual Rei da Praia brasileiro (2004). Disputou a Olimpíada de Atlanta (1996) ao lado de Zé Marco, a de Sydney (2000) com Loiola e já está classificado, com seu parceiro Ricardo, entre as duas duplas masculinas que irão representar o Brasil nos próximos Jogos Olímpicos de Atenas (2004). Rio de Janeiro, 7 fev. 2004. Dependências do Hotel Othon.

Emanuel apontou ainda, alguns fatores que contribuíram para a melhora do espetáculo do Vôlei de Praia, durante a Olimpíada de Sydney:

Eu acredito que primeiro foi a forma como foi televisionado. Mostrou-se um Vôlei de Praia muito mais alegre, muito mais cheio de opções de imagens. Antigamente, era só a imagem lateral e a imagem do fundo. Aí, pelo... quem viu pela televisão, viu que eles abusaram, colocaram câmeras que se mexiam em grua. Vamos dizer assim, e um... focos mais centrais nos jogadores, mais perto dos rostos dos jogadores. Então, isso aí fez com que o espectador tivesse mais dentro da partida, que escutasse mais o som... essa parte da televisão. Acho que também a parte de animação. Tiveram praticamente em todos os jogos em Sydney, sempre tinha 3 ou 4 animadores de torcida. Esses animadores eles eram, ao mesmo tempo, palhaços que eles divertiam o povo e, ao mesmo tempo, eles ajudavam as pessoas a torcer pra equipe que elas queriam torcer. Então, se tornou, realmente, aquela bipolaridade, um lado torcia pra uma equipe e outro pra outro. Então, todo mundo ficou à vontade em estar ali se divertindo. Não só vendo que era só uma Olimpíada, mas se divertindo. Vendo que você poderia torcer pra uma equipe e aquela equipe dava retorno, porque muitos jogadores fazem o show com a torcida. Vai e chamam a torcida. Essa é uma coisa que no Vôlei de Praia é muito fácil de ser conquistada. Eu acho que essa parte do show que evoluiu muito, porque as pessoas que vão assistir, hoje, o Vôlei de Praia são pessoas que vão não só pra ver o jogo, mas sim pra prestar atenção, tomar um sol, curtir mesmo o evento, como se fosse um... igual a NBA, todo mundo vai pra assistir o evento, mas tem, nos intervalos, as participações.³⁰³

Após o sucesso na Olimpíada, a FIVB percebeu que poderia aumentar ainda mais o mercado internacional do Vôlei de Praia, e assim, organizou uma seqüência de campeonatos mundiais referentes às categorias de base. Aproximando esta estratégia à lógica bourdiana, percebeu-se que a FIVB considerou “o conjunto de práticas e de consumos esportivos oferecidos aos agentes sociais [...] como uma **oferta** destinada a encontrar uma certa **demanda social**.”³⁰⁴

Desse modo, a FIVB percebeu que, naquele momento, tinha nas mãos um excelente produto – o Vôlei de Praia – e lançou-o no universo das práticas e dos consumos esportivos disponíveis e socialmente aceitáveis.³⁰⁵

³⁰³ Id. *ibid.*

³⁰⁴ BOURDIEU. *Como é possível ser esportivo?* op. cit., p. 136.

³⁰⁵ Id. *ibid.*, p. 136.

Em agosto de 2001, na França, aconteceu o I Campeonato Mundial Sub-21 de Vôlei de Praia. O Brasil foi campeão tanto no feminino, com Maria Clara/Shaylin quanto no masculino, com Pedro/Anselmo.³⁰⁶

Em 2002, na cidade de Binic, na França, foram organizados dois campeonatos, o Masculino Sub-19 e o Feminino Sub-17. Novamente o Brasil foi campeão nas duas categorias, com Juliana/Luíza e com Pedro Solberg/Gabriel.

No mesmo ano, na Itália, foi disputado o I Campeonato Mundial Sub-18. Mais uma vez, os brasileiros Pedro Solberg/Ian foram campeões. No feminino, Carol/Isabel Graef ficaram na quarta colocação.

Ainda em 2002, em Catânia, na Itália, foi realizado o II Campeonato Mundial Sub-21. A partida final feminina foi disputada entre duas duplas brasileiras e Taiana/Juliana acabaram vencendo Maria Clara/Talita. No masculino, os espanhóis Raul/Pablo derrotaram os brasileiros Pedro/Adriano, na partida final.

Em 2003, a CBV realizou as primeiras edições do Campeonato Brasileiro Sub-18 e Sub-21 que serviram como seletiva para os Mundiais das categorias. A praia de Ipanema, no Rio de Janeiro, foi o local escolhido para esse fim. Pedro Solberg/Ian e Bárbara/Bia foram as duplas campeãs, na categoria até 18 anos. Pedro/Igor e Juliana/Taiana ficaram com os títulos na categoria até 21 anos.

Voltando ao ano de 2002, descreveu-se, a seguir, como surgiu o torneio, Desafio dos Reis – que também aproveitou a boa popularidade que o Vôlei de Praia encontrava, no Brasil, após a Olimpíada de Sydney. Para isso, usou-se o depoimento de Luiz Paulo P. de Moura, um dos seus idealizadores:

Esse foi um evento que a gente começou em 2002. Foi uma idéia [...] em função de a gente ter um formato de evento o Rei e Rainha da praia, que eram adaptados pro Sport TV, porque a gente, através do Sport TV, conseguia passar, além da final [...] a história do torneio, a partir do segundo dia – dos torneios do Rei e Rainha – porque é importante pro cara saber porque os atletas foram classificados, porque que ele tá ali naquela final. Como não é um sistema muito fácil de se compreender é... precisa acompanhar todos os jogos pro público entender a seqüência da classificação dos atletas, ficava uma coisa muito difícil pra gente ter uma televisão aberta como a

³⁰⁶ Site <<http://www.cbv.com.br/cbv/institucional/index.asp?m=historiacbv.htm>> Acesso em: 20 abr. 2004.

Rede Globo, por exemplo, no evento. Ela teria que fazer um jogo final que o cara ... que de repente fosse ver o jogo final não ia entender muito bem o que tava vendo. Então, a gente criou um formato de evento que se adaptasse muito bem ao formato da Globo. Quer dizer, que envolvesse a brasilidade, a questão de Brasil e Estados Unidos e que tivesse um *link* especial com o Rei da Praia. Então, a gente criou um evento especial, um formato adequado pra televisão aberta, uniu as duas principais... os dois principais países... Eu acho que a principal rivalidade do Vôlei de Praia é Brasil e Estados Unidos. É... é... um evento que tava realmente dentro desta atmosfera do rei contra o rei. Então, foi um negócio que deu muito certo, porque ele não é um desafio gratuito entre Brasil e Estados Unidos, assim, ele tem essa história do Rei da Praia brasileiro contra o Rei da Praia americano, tá? E deu muito certo – em 2002 e 2003 – o Desafio dos Reis. Tanto é que a gente conseguiu a segunda data na Rede Globo e estamos fazendo em sequência, agora, pela primeira vez, o Desafio dos Reis e depois o Desafio das Rainhas.³⁰⁷

A rede Globo transmitiu ao vivo o primeiro Desafio dos Reis: Brasil x USA, dentro do programa Esporte Espetacular, domingo pela manhã. Os brasileiros Ricardo/Loiola venceram Wong/Metzger, e assim, Ricardo recebeu o título de primeiro Rei dos Reis.³⁰⁸

Uma das grandes conquistas da CBV veio, em julho de 2003, com o recebimento do Certificado de Qualidade ISO 9001:2000 credenciado pela empresa norueguesa Det Norske Veritas (DNV). “Esta é a primeira vez no mundo que uma organização esportiva é reconhecida pelo sistema de gestão esportiva.”³⁰⁹

Para Bourdieu, está é uma estratégia de evolução da produção. Nesse sentido, percebe-se que o Voleibol e o Vôlei de Praia, são espetáculos esportivos produzidos por profissionais e destinados ao consumo de massa:

[...] o desenvolvimento, no interior desse campo, de uma indústria do espetáculo esportivo que, submetida às leis da rentabilidade, visa a maximizar a eficácia minimizando os riscos (o que, particularmente, acarreta a necessidade de um pessoal técnico especializado e de uma verdadeira gerência científica, capaz de organizar racionalmente o treinamento e a manutenção do capital físico dos profissionais – pensemos por exemplo no **futebol** americano, onde o corpo de treinadores, médicos, **public relations**, excede o corpo de jogadores e serve, quase sempre, de apoio publicitário a uma indústria de equipamentos e de acessórios esportivos).³¹⁰

³⁰⁷ Entrevista com Luiz Paulo P. de Moura. op. cit.

³⁰⁸ Em 2003, o brasileiro Guto foi o Rei dos Reis, jogando ao lado de Jorge, venceram o campeão olímpico Fonoimoana e seu parceiro Holdren. Em 2004, o americano Nygaard conquistou o título de atual Rei dos Reis, jogando ao lado de Blanton, venceram Emanuel e Ricardo. E pela primeira vez foi realizada a edição do Desafio das Rainhas, a americana Walsh é a atual Rainha das Rainhas, ela jogou ao lado da sua parceira May e venceram Val e Gerusa.

³⁰⁹ 2003: um ano de conquistas... op. cit., p. 9.

³¹⁰ BOURDIEU. **Como é possível ser esportivo?** op. cit., p. 145.

Com esta titulação, a apenas dois meses do início dos Campeonatos Mundiais, no Brasil, a CBV não só fortaleceu seu domínio na esfera internacional da modalidade como também adquiriu maior credibilidade e transparência na conquista do mercado mundial em termos de patrocinadores, parcerias, apoio político, e sobretudo, legitimidade da soberana FIVB.

O espetáculo da modalidade atingiu seu ápice com a realização dos torneios mais profissionais vistos até então. O Brasil organizou em Copacabana, Rio de Janeiro, no mês de outubro de 2003, os Campeonatos Mundiais de Vôlei de Praia Masculino³¹¹ e Feminino.³¹² O Campeonato Mundial é a competição mais importante e especial do FIVB World Series Championship. O feminino aconteceu entre os dias 7 e 12 e o masculino entre os dias 14 e 19.

Os brasileiros Emanuel/Ricardo venceram os americanos Metger/Holdren na partida final, por 2 sets a 0 (21/18 e 21/15). No feminino, as americanas Wash/May venceram as brasileiras Shelda/Adriana Behar na final, por 2 sets a 0 (21/19 e 21/19).³¹³

A temporada 2003-2004 do Circuito Mundial conta pontos para a classificação das duplas que representarão seus respectivos países na próxima Olimpíada, Atenas – 2004. E durante essa temporada, até o final do Mundial do Rio de Janeiro, a dupla Emanuel/Ricardo, havia contabilizado US\$ 237.000 em premiação.³¹⁴

A organização e a estrutura montada para o Mundial do Rio de Janeiro recebeu vários elogios da FIVB. Segundo Marcelo Wangler, gerente da Unidade de Vôlei de Praia

³¹¹ O Campeonato Mundial Masculino começou no Rio de Janeiro, em 1987 e foi anual até 1995, depois passou a ser bienal. Los Angeles realizou a primeira edição fora do Brasil, em 1997. Os EUA ainda são os maiores vencedores da história do torneio, com sete títulos, ao passo que o Brasil possui cinco títulos. Sobre os locais e as duplas vencedoras em todas as edições dos Campeonatos Mundiais, confira o anexo 5.

³¹² O Campeonato Mundial Feminino começou no Rio de Janeiro, em 1993, depois seguiu junto com o masculino. As americanas possuem dois títulos contra cinco das brasileiras. Sobre os locais e as duplas vencedoras em todas as edições dos Campeonatos Mundiais, confira o anexo 6.

³¹³ SHOW na praia. **Vôlei – Informativo da CBV**. ano 1. n. 9. nov. 2003. p. 4.

³¹⁴ TÍTULO mundial coroa Emanuel/Ricardo. **Folha de São Paulo**, segunda-feira, 20 out. 2003. p. D 4.

da CBV, a maior conquista brasileira foi o êxito dos Campeonatos Mundiais, considerados pela FIVB entre os melhores de todos os tempos.³¹⁵

No último dia, a arena teve sua lotação esgotada e, do lado de fora, uma fila de mais de um quilômetro formou-se para assistir aos jogos. Marcelo Wangler recorda, ainda, sobre o sucesso das transmissões feitas pela TV Globo a qual ficou muito satisfeita em transmitir os campeonatos tendo excelentes picos de audiência, nos horários das transmissões. A *Eurosports* retransmitiu o campeonato para mais de 53 países, além de terem elogiado bastante a qualidade da transmissão. A sala de imprensa contou com uma área de 171 m², 24 computadores e 24 pontos para *laptops*, o espaço recebeu 86 jornalistas estrangeiros.³¹⁶

Além dos jogos da elite do Vôlei de Praia mundial, o torcedor presente à arena também desfrutou de uma estrutura de lazer com uma área de 16 mil m² que demorou um mês para ser construída. A praça ofereceu inúmeras atrações: parede de escalada, academia, bar, oficina cultural, cama elástica e um parque infantil. Esse empreendimento garantiu a diversão das quase 60 mil pessoas que passaram pelo evento.³¹⁷

Mais do que meros espectadores, os torcedores se tornaram parte fundamental do espetáculo. A torcida brasileira – comandada pelo animador profissional Paulo Lopes – mostrou criatividade, inovou nas coreografias e foi um dos destaques da competição.

Como foi dito em uma passagem anterior, o Vôlei de Praia é uma modalidade que permite uma interação entre público e jogadores. Além disso, pela atual dimensão que o espetáculo do Vôlei de Praia assumiu, já não basta mais assistir passivamente aos jogos, é preciso transmitir a alegria de estar presente em um evento por vontade própria (o que fortalece a credibilidade dos organizadores e a imagem dos patrocinadores), assim, toda a arena se transformou num espaço espetacularizado. Dessa forma o campo foi se estratificando cada vez mais, um novo profissional surgiu dentro desse contexto, o animador de torcida ou *entertainer*. Do mesmo modo que o público precisa dos jogadores,

³¹⁵ 2003: um ano de conquistas... op. cit., p. 13.

³¹⁶ Id. *ibid.*, p. 13.

estes também necessitam do público, por exemplo. Em resumo, todos os segmentos dependem um dos outros.

O Campeonato Mundial reuniu nomes importantes do cenário esportivo, além de autoridades internacionais, tais como, Ruben Acosta, presidente da FIVB; Carlos Arthur Nuzman, presidente do COB; Agnelo Queiroz, ministro do Esporte; Ruy César, secretário municipal de Esportes e Lazer do Rio de Janeiro; Antonio Carlos de Almeida Braga, empresário; Henrique Pizzolato, diretor de marketing do Banco do Brasil; Carlão, Pampa e Paulão, campeões olímpicos em Barcelona, 1992, no Voleibol *indoor*; Harald Quinto, rei da Noruega; Mr. Böger, ministro do Esporte da Alemanha, entre outros.³¹⁸

A FIVB entrou com seus patrocinadores, Swatch, Mikasa e Speedo. A CBV entrou com, Banco do Brasil, Prefeitura do Rio de Janeiro, Siemens, Fisk, Campari e Coca-Cola. Foram disputadas 208 partidas com média de 60 minutos cada e assistidas por cerca de 60.000 pessoas. A premiação chegou a US\$ 800.000 em dinheiro. A TV Globo apurou uma audiência de 17 pontos em média nas partidas femininas e de 12 pontos nos jogos masculinos.³¹⁹

Um fato que chamou a atenção, durante o evento, foi a inovação publicitária. A rede usada para os jogos dos Mundiais trouxe estampada em suas malhas a marca dos relógios suíços, Swatch. Para se ter uma idéia, uma rede oficial de Vôlei de Praia possui, no sentido vertical, dez quadrados de dez cm cada, possibilitando uma boa visualização. Na rede citada, a fim de gravar o nome do patrocinador, existiam vinte e um quadrados, motivo de reclamação dos jogadores os quais perderam um pouco do campo visual.³²⁰

Retomando o Circuito Banco do Brasil de Vôlei de Praia e a seqüência da associação dos jogadores, em 2001, após ter jogado a Olimpíada de Sydney pela seleção brasileira de Voleibol *indoor*, Tande retornou as areias e assumiu a presidência da

³¹⁷ SHOW na praia... op. cit., p. 5.

³¹⁸ Id. *ibid.*, p. 5.

³¹⁹ Id. *Ibid.*, p. 2.

³²⁰ Confira uma fotografia dessa rede no anexo 7.

organização, depois sendo sucedido por Adriana Behar. Sobre a trajetória e a importância da associação dentro do campo esportivo do Vôlei de Praia brasileiro, Emanuel relatou:

Ela teve o seu retorno em 2000, 2002, acho. Não. Desculpe, 2001! Porque teve um evento em Florianópolis que a areia tava, realmente, muito dura. Teve até um dos jogadores no *qualifying* que se machucou, se machucou muito sério. Foi a partir desse evento que todos os jogadores que chegaram pra jogar essa etapa de Florianópolis pararam. Todos se reuniram e acharam a hora certa de criar a associação de novo. Para lutar pelos interesses. A associação, realmente, teve o seu sucesso. Até o Tande era o presidente. Ele tinha muito respaldo porque ele tinha uma ligação muito forte com o Banco do Brasil, que é o patrocinador mais forte que a gente tem até hoje. [...] Então, ele conseguiu muitas coisas pros jogadores, nessa época. Em 2003, ele deixou de ser o presidente. Quem assumiu foi a Adriana Behar. Realmente, a associação começou entrar em descrédito, de novo. Nenhum dos jogadores queriam pagar uma taxa, porque você tem realmente que pagar uma taxa de 2% da premiação do Banco do Brasil, de quem joga. E isso é pra, pra... só pra dar reforço, pra ter a possibilidade da associação funcionar, pra ter um escritório, ter um fax, ter um computador pra ela mesma conseguir ir atrás das coisas que são interessantes pros jogadores. Mas, agora em 2004, acho que outra reformulação tá sendo feita na associação. Eu, como jogador, acho necessário ter uma associação, porque através dela que nós podemos lutar pelos nossos direitos. Eu acho que nunca é interessante pros jogadores quando tem só a CBV ou só o patrocinador mandam no esporte. Acho que tem que ter esse triângulo, CBV, jogadores e patrocinador. Eu acho que, quando esses 3 pontos extremos funcionam direitinho, eu acho que todos podem ser beneficiados. Acho que até agora só os patrocinadores e a CBV são beneficiados, porque nós jogadores não estamos mais unidos assim fortemente pra lutar pelos nossos interesses. Eu acho que a partir de 2005, acho que depois que a Olimpíada... depois desse período olímpico passar, eu acho que de novo a associação tem que ser retomada.³²¹

Algumas das conquistas, as quais Emanuel se referiu, alcançadas pela associação, durante a gestão de Tande e que vieram beneficiar os jogadores foram, por exemplo, aumento da premiação e do auxílio monetário para as despesas com alimentação, instalação de um buffet dentro da área restrita aos jogadores para que estes pudessem fazer as refeições sem a necessidade de sair da arena, distribuição de lanche para as duplas que disputam o *qualifying*, presença permanente de ambulância, médico e fisioterapeuta para atendimento, disponibilidade de macas altas (espécie de mesas com colchão) para os jogadores deitarem durante o atendimento, disponibilidade de armários

³²¹ Entrevista com o jogador Emanuel. op. cit.

para depósito dos pertences, disponibilidade de uma quadra de aquecimento dentro de uma área restrita, boas condições do piso das canchas de jogo (areia), entre outras.

Em 2003, talvez como reflexo das conquistas da associação, a CBV financiou parte da cirurgia e ajudou na recuperação de cinco atletas que estavam disputando o Circuito Banco do Brasil de Vôlei de Praia. Os jogadores que receberam auxílio foram, Paulão, Fernanda Dias, Juliana Felizberta, Érika Nascimento e Bruno Marcelo. Paulão que operou o ombro direito e forma dupla com o paranaense Clésio, relatou, “a CBV foi muito atenciosa comigo num momento de muita dor na minha carreira. Minha operação foi em agosto de 2003 e, na recuperação, contei com o seu apoio.”³²²

Após 10 meses, percorrendo 20 Estados, onde foram realizadas 15 Etapas Open e 5 Etapas Challengers, o Circuito Banco do Brasil de Vôlei de Praia fechou o ano de 2003. O encerramento foi com uma festa na própria arena, na praia de Boa Viagem, cidade de Recife, Estado de Pernambuco, local da última etapa, em dezembro.³²³

Durante a festa, foi lançada a Revista Vôlei de Praia. Uma publicação colorida que trouxe no número 1 matérias relativas somente ao contexto brasileiro da modalidade. Para a próxima edição a qual será comercializada semestralmente, a revista pretende cobrir também os acontecimentos internacionais mais importantes. Os idealizadores da revista são três amigos envolvidos com o Vôlei de Praia, Luiz Carlos Ferreira (árbitro), Ernesto Vogado (ex-jogador e atualmente exercendo a função de técnico) e Márcio Araújo (jogador que representará o Brasil na próxima Olimpíada, Atenas – 2004, ao lado de seu parceiro Benjamin).

A partir desta iniciativa, o Vôlei de Praia brasileiro passou a contar, novamente, com uma publicação especializada no assunto. Já que, com o encerramento da circulação da outra revista (citada anteriormente), em meados de 1995, o Brasil ficou, por volta de oito anos sem nenhuma publicação que cobrisse esse emergente mercado.

³²² CUIDADOS da CBV com os atletas e as competições. *Vôlei – Informativo da CBV*. ano 2. n. 15. mai. 2004. p. 3.

³²³ FESTA no encerramento do Circuito Banco do Brasil. *Vôlei – Informativo da CBV*. ano 2. n. 11. jan. 2004. p. 7.

E qual é a realidade atual das publicações referentes ao Voleibol *indoor*, no Brasil, existe alguma revista de circulação regular sendo comercializada no país? Não. Por quê?

Na década de 1980, quando o Voleibol viveu o início do profissionalismo, foi lançada uma revista chamada Saque, idealizada pelos jogadores da seleção brasileira William e Montanaro. Na década de 1990, quando o voleibol experimentou a espetacularização, foram lançadas duas revistas, a Vôlei Técnico, uma publicação oficial da CBV de periodicidade trimestral com circulação nacional e dirigida aos profissionais e estudantes da área; e a Volleyball, uma publicação mensal da Qualis Editora destinada tanto aos espectadores quanto aos profissionais, ou seja, uma revista de entretenimento e informação.

Durante esse período, o Voleibol viveu uma super exposição na mídia e adentrou a década de 2000 de forma menos intensa devido à saída dos ídolos dando lugar a uma renovação natural dentro do esporte. Aliada a essa realidade, o alto custo dos impostos fiscais e a desvalorização do real frente ao dólar desestimula as editoras.

Sobre a carência de publicações brasileiras destinadas ao Voleibol, vale acompanhar o relato do presidente da CBV, Ary Graça Filho e do professor Istvan Kasznar:

As publicações esportivas são bastante populares no Brasil, sobretudo os cadernos dos principais jornais brasileiros, que informam sobre as diversas modalidades de esporte segundo seu destaque no momento da publicação. Revistas específicas, como a Placar (de futebol), alcançam bastante aceitação entre o público amante deste esporte. Com relação ao Voleibol, o que existe são encartes em revistas de generalidades quando a seleção Brasileira conquista um campeonato ou alguma vitória espetacular, não havendo uma publicação destinada especificamente a este esporte, com informações regulares sobre ele.³²⁴

No caso dos EUA, atualmente, existem várias publicações que cobrem o Voleibol e o Vôlei de Praia. As mais importantes são a *Sports Illustrated*, uma revista de esportes, em

³²⁴ KASZNAR, Istvan Karoly; GRAÇA FILHO, Ary da Silva. **O esporte como indústria**: solução para criação de riqueza e emprego. Rio de Janeiro: FGV/CBV, 2002. Introdução, p. XI.

geral; a *Volleyball Magazine*, uma edição especializada em Voleibol/Vôlei de Praia; e a *Dig Magazine*, um periódico exclusivo do Vôlei de Praia.

Para finalizar este capítulo, um fato importante e que pode contribuir ainda mais para o desenvolvimento do Vôlei de Praia brasileiro, diz respeito à parte estrutural. A CBV construiu e entregou, no final de 2003, o Centro de Desenvolvimento de Voleibol – Saquarema: um complexo com 108 mil m², que oferece infra-estrutura para treinamento das duplas, capacitação de profissionais e aprimoramento técnico dos atletas. Este é o maior centro de Voleibol do mundo.³²⁵

Nesse contexto, adentramos em 2004, ano de realização dos Jogos Olímpicos de Atenas onde as melhores duplas de Vôlei de Praia estarão competindo e o Brasil, novamente, detém a posição de favorito. Cabe destacar que o planejamento da CBV com relação ao Vôlei de Praia é feito levando-se em consideração o calendário olímpico, ou seja, este ciclo se encerra em Atenas e um outro já começou, ainda em 2004, visando a Olimpíada de Pequim – 2008.

³²⁵ 2003: um ano de conquistas... op. cit., p. 11.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a inclusão do Vôlei de Praia no programa olímpico, em Atlanta – 1996, vários países colocaram em prática um planejamento de desenvolvimento da modalidade, aumentando, assim, o número de torneios organizados.

Atualmente, o Vôlei de Praia goza de grande popularidade em numerosos países dos cinco continentes. Até mesmo em países como Filipinas, Emirados Árabes, Haiti, Porto Rico, Índia e Nigéria.³²⁶

Constatou-se, neste estudo, que a estrutura do Vôlei de Praia brasileiro é um complexo espaço inscrito em um domínio maior que está cerceado pelo Voleibol. Pode-se, assim, identificar o Vôlei de Praia, no Brasil, como um sub campo da modalidade original.

No Brasil, o campo esportivo do Vôlei de Praia está intimamente atrelado as estruturas político-administrativas das instituições que regem o Voleibol e o Vôlei de Praia, tanto na esfera nacional quanto internacional, além do seu patrocinador oficial. Dessa forma, entidades como FIVB, CBV, Koch Tavares e Banco do Brasil, controlam a modalidade.

Nos EUA, o campo esportivo do Vôlei de Praia, apresenta-se como um campo independente. Quem detém plenos poderes sobre a modalidade são os próprios jogadores, estes estão organizados em associações representativas. As famosas AVP e WPVA.

Estas associações funcionam como empresas, capitalizando todos os lucros que o Vôlei de Praia tem capacidade de gerar como produto mercantilizado e espetacularizado.

Como foram, aos poucos, se estruturando essas duas configurações, a americana e a brasileira, foi o principal objetivo desta pesquisa. Após apresentar como funciona, de forma geral, cada uma delas, descreveu-se, a seguir, alguns pontos em comum e também algumas diferenças que marcaram os dois processos de desenvolvimento.

³²⁶ MATA VERDEJO; ENCARNACIÓN GONSABLÉZ; SÁNCHEZ-GONTAN. op. cit., p. 22.

Assim como no início do Vôlei de Praia americano, o brasileiro também precisou de promoção, de um atrativo para chamar o público. A inteligente estratégia usada pelos promotores – apostar na força dos “nomes” de alguns jogadores da “geração de prata” e jogadoras que recentemente haviam disputado a Olimpíada de Los Angeles, defendendo as seleções nacionais de Voleibol, ou seja, pessoas famosas, populares, saudáveis, com carisma e *sex appeal* – não só garantiu o sucesso dos primeiros eventos como possibilitou uma interação entre os profissionais (jogadores) e os leigos (público), o que, de fato, se transformou em uma das características da modalidade.

Que sentido o Vôlei de Praia assumiu nas relações sociais daquela época? Primeiro, a escolha dos locais para a realização do I Hollywood Vôlei de Praia: a praia da Enseada, no Guarujá era uma das mais nobres do litoral paulista; e o posto 10, em Ipanema, fica exatamente em frente ao refinado “Rio de Janeiro Country Club”, um local elitista da sociedade carioca. Embora, entre o clube e a praia exista a avenida Vieira Souto, o posto 10 funciona como uma extensão do clube, abrigando algumas das redes de Vôlei de Praia mais famosas da cidade.

Para Bourdieu, a estrutura delimitadora que constitui um *habitus* social implica numa distinção de classes. Diante dessa constatação, fica claro perceber que a origem do Vôlei de Praia brasileiro copiou o modelo americano cujo desenvolvimento se deu nos clubes sociais de elite.

Segundo, a apresentação dos jogos funcionou “como uma oferta destinada a encontrar uma certa demanda social” impulsionando os mecanismos de consumo esportivo que viriam a fazer parte da modalidade favorecendo, assim, o desenvolvimento desse sub campo, o que já vinha acontecendo desde a apropriação dessa prática pelas elites. Dessa forma, o caminho para a mercantilização e espetacularização do Vôlei de Praia estava aberto.

Bourdieu classifica as relações que moldam um campo como relações de força objetivas, ou melhor, para cada movimento que determinado agente efetua no interior do

campo sempre existe uma intenção de obter lucro. Este lucro vem em forma de acúmulo de capital e só se define como tal, num determinado mercado.

Enquanto nos Estados Unidos, os jogadores, através da AVP, monopolizam o campo do Vôlei de Praia, no Brasil, as instituições administrativas é que promovem o esporte. Comprovando a hipótese inicial do estudo, esta é uma das maiores diferenças entre o desenvolvimento da modalidade nos dois países. Atualmente, pode-se observar o patamar que se encontra o Vôlei de Praia, no Brasil em relação aos Estados Unidos e demais países, e notar a superioridade brasileira nesse campo.

Outra diferença diz respeito ao uso que se faz do corpo. Enquanto os jogadores brasileiros que disputam as competições oficiais da CBV são obrigados a usar camiseta e as jogadoras a usar *top* (com o nome dos patrocinadores impresso), nos EUA, os torneios da AVP permitem que os jogadores joguem somente de shorts e as jogadoras de biquíni ou maiô.

Encontrou-se no material histórico pesquisado, alguns acontecimentos que justificaram as estratégias que moldaram o campo em questão. A posse de Ruben Acosta no comando da FIVB, em 1984, trouxe dinamismo e arrojo à entidade. Com essa política e aproveitando o momento de crescimento do Vôlei de Praia, Ruben Acosta visualizou um extraordinário meio de promoção pessoal:

O torneio de Ipanema, **reconhecido pela FIVB**, foi o primeiro passo de Ruben Acosta em relação ao Vôlei de Praia. Quando viu o espetáculo e o entusiasmo do público disse: **“esta é minha grande oportunidade”** e junto da criação da Liga Mundial, deu vida a seus dois maiores feitos: por um lado, o reconhecimento do grande público e por outro, a sensação de que em nada se confunde Voleibol com Boliche.³²⁷

Para Bourdieu, os interesses específicos de cada agente orientam o campo que está se desenvolvendo progressivamente. A fim de corroborar a análise, transcreveu-se a

³²⁷ LA HISTORIA del beach voley en el año de su debut olimpico. No original: “El torneo de Ipanema, **reconocido por la FIVB**, fue el primer paso de Rubén Acosta en relación al BV. Cuando vió el espectáculo y el entusiasmo de la gente dijo: **‘esta es mi gran oportunidad’** y junto a la creación de la Liga Mundial, dió vida a sus dos mayores logros: Por um lado, el reconocimiento del gran público y por pto, el hecho de que ya nadie confunde Vóleibol con Bowling.” op. cit., p. 8.

seguinte afirmação: “o advogado **Ruben Acosta** ‘descobriu’ a importância do Vôlei de Praia e o reconheceu como um filho pródigo. Na realidade, ele ‘viu’ que este é um movimento fantástico e lhe pode creditar incrível prestígio e popularidade.”³²⁸

Importante incluir, aqui, o relato do jogador americano Karch Kiraly o qual descreveu as intenções do presidente da FIVB para com o Vôlei de Praia:

Em 1986, o presidente da FIVB Ruben Acosta, um homem muito perspicaz e astuto, colocou seus olhos no crescente e vigoroso fenômeno do vôlei de praia. Embora ele tivesse estado na presidência por apenas dois anos, ele já tinha estudado a cena do Sul da Califórnia tão bem como os milhões de dólares que os patrocinadores estavam injetando na modalidade. Ele também sabia que isso estava acontecendo no Brasil, embora não no mesmo nível. Diferente das pessoas que dirigiam o voleibol Americano, Acosta sabiamente considerou o jogo de praia como genuíno voleibol – apenas uma versão diferente. O homem mais poderoso no esporte não demorou muito para perceber que a imagem de um estilo de vida sexy poderia mostrar ser ainda mais atrativa para a TV e os patrocinadores a nível mundial do que tinha o tradicional jogo *indoor*.³²⁹

Ruben Acosta percebeu que o campo do Vôlei de Praia, nos EUA, era um espaço realmente impenetrável para a FIVB, pois, como foi descrito, anteriormente, a AVP não aceitava ser controlada pela USAVB. Somando-se a isso, havia o prestígio político de Carlos Arthur Nuzman e seu empenho junto a FIVB em relação ao Vôlei de Praia, a capacidade organizacional da Koch Tavares, o profissionalismo da CBV – órgão responsável pela ascensão do Voleibol *indoor* e da seleção brasileira como uma das mais competitivas em termos mundiais – e, não se podia deixar de citar, o entusiasmo do público brasileiro para com a modalidade. Diante desse contexto, o presidente da FIVB

³²⁸ Id. *ibid.*, No original: “El abogado **Rubén Acosta** ‘descubrió’ la importancia del BV y lo recogió como a un hijo pródigo. En realidad él ‘vió’ que esto es un movimiento fantástico y que le puede reeditar increíble prestigio y popularidad.” p. 5.

³²⁹ KIRALY, Karch; SHEWMAN, Byron. **The sand man: an autobiography**. Los Angeles: Renaissance Books, 1999. p. 131. No original: “By 1986 FIVB president Ruben Acosta, a very perceptive and shrewd man, had his eyes on the burgeoning phenomenon of beach volleyball. Although he’d only been in office two years, he had already studied the Southern California scene as well as the millions of dollars that corporate sponsors were pouring into it. He also knew that it was happening in Brazil, although not on the same level. Unlike the people who ran American volleyball, Acosta wisely considered the beach game to be genuine volleyball – just a different version. The most powerful man in the sport didn’t take long to realize that the sexy lifestyle image might prove even more attractive to TV and sponsors on a worldwide level than had the traditional indoor game.”

resolveu reconhecer, investir e credenciar o Brasil como o promotor do Vôlei de Praia internacional.

Bourdieu afirma que todas as relações de força ou lutas travadas no interior do campo, têm por objetivo a possibilidade de um acúmulo de capital pelos que disputam a hegemonia. Nesse caso, ficou aparente a força política da FIVB – não podendo contar com parte dos lucros do mercado do Vôlei de Praia americano, a entidade “suprema” passou a ver a AVP como uma liga “pirata”. A briga entre AVP e FIVB ainda está longe de um acordo, embora as negociações “oficiais” visando a “unificação” começaram em 1988.

A fim de fortalecer o argumento acima, usou-se aqui o depoimento do jogador Emanuel:

A AVP foi criada através dos jogadores. Foi a reunião de jogadores, vamos dizer, os *top* 10 dos Estados Unidos, os melhores jogadores, os melhores 10 jogadores se reuniram e fizeram uma associação entre eles. A princípio, essa associação era pra ir contra a USA Volleyball que é como se fosse a CBV americana. [...] Porque eles achavam que a USA Volleyball cobrava muitas taxas e não dava nenhum retorno. Ela queria ter os direitos autorais de tudo e não deixava eles progredirem. Quer dizer, é como se fosse... Eles seguravam toda forma de rendimento. Tudo aquilo que eles queriam evoluir, em termos de premiação, tudo teria que ser repassado pra USA Volleyball. Então, esses jogadores como já [...] tinham jogado um *indoor* muito forte [...] muitos deles tinham jogado na Itália, eles resolveram criar uma associação que eles mesmos poderiam vender o direito de imagens pra televisão, eles mesmos podiam procurar os patrocinadores pessoais. Então, quer dizer, o retorno seria para os jogadores! Não para uma entidade! Todo o dinheiro que seria recolhido seria para os jogadores. Então, essa era a principal idéia, por isso, foi criada a AVP. O que aconteceu, quando eles criaram essa AVP, ela ficou tão forte [...] eles fizeram contrato com a NBC, que é a maior rede americana de televisão e eles passavam ao vivo a maioria dos campeonatos. Então, o retorno de imagem que eles tiveram em venda de patrocinadores, venda dos próprios nomes dos jogadores foi absurda. Isso criou um atrito com a Federação Internacional, porque ela queria ter, pelo menos, os royalties desse... porque era o Voleibol, porque tavam jogando em terreno americano. Então, foi aí que se criou a briga, por isso que se falava que a AVP era uma liga pirata. Mas, na realidade, ela tinha o seu próprio sustento. Ela não dependia da FIVB e ela não dependia da USA Volleyball. Ela criou como se fosse um empreendimento, o produto dela era o Voleibol de Praia. Então, isso aí ficou por muitos anos incomodando a Federação Internacional, porque era um produto tão bom, que a Federação Internacional queria fazer um produto tão bom quanto esse. Por isso que foram anos de investimento no circuito mundial. Por isso que começou, em 94, só em 94, com 5 etapas do circuito mundial e foi crescendo e foi... foi sendo muito... muito dinheiro que era do *indoor* foi passado pra Federação de Praia pra que se tivesse um investimento e chegasse no mesmo nível da AVP. Copiando até a idéia da AVP. Por isso eu acho que, hoje, é tão grande assim o poder da Federação Internacional no Vôlei de Praia, porque ela conseguiu assim até apagar a AVP e só

seguiu os mesmos ideais. E, quando eu fui pra lá, foi bem o ano que tava quebrando a AVP. Em 98, quando eu cheguei na AVP, aquele... é como se fosse o *board* de diretores, que eram os jogadores, eles tavam saindo, eles tavam parando de jogar. [...] Criou-se uma empresa pra tomar conta da AVP. Então, foi nesse momento que a AVP começou a quebrar, [...]. Chegou até a dar falência, [...] é nesse momento que a Federação Internacional deu o *boom* de novo, cresceu muito. Chegou até a ter 24 campeonatos na Federação Internacional por ano, coisa que não existia. Em 2003, a Federação Internacional fez um acordo com a AVP, só que a AVP teria que ser regida nas normas da Federação Internacional então, a bola, o sistema de pontos, sistema da quadra teria que ser igual ao da Federação Internacional, com a coordenação da USA Volleyball. E esse acordo foi feito o ano passado. Vamos dizer, muitos dos campeonatos, os Grand Slams que tiveram em 2003, sempre tinha 2 Wild Card, 2 convites pras duplas americanas, coisa que isso não existe. Praticamente, o ano passado teve 5 Grand Slams, em todos os 5 teve 2 convites pros Estados Unidos. Muitos jogadores reclamaram com relação a isso mas era um tipo de acordo que a Federação Internacional fez com a AVP para que, em 2004, tivesse, no mínimo, 2 Grand Slams lá em terreno americano. Aí o que aconteceu, em outubro, teve o Grand Slam de Los Angeles e a Federação Internacional não teve contato com... não consegui se intrometer na parte de venda de imagem pra televisão e a AVP teve um lucro muito grande, na parte de imagem. E não foi repassado pra FIVB. A FIVB ficou muito chateada e muito assim querendo pegar a AVP. E aí o que aconteceu, foi quebrado de novo o acordo. A AVP tá rodando agora sozinha, de novo. Não vai ter os Grand Slams esse ano, que eram prometidos. Então, criou-se um atrito de novo. A Federação Internacional, de novo, tá brigada com a AVP, a partir de 2004.³³⁰

Até o presente momento, a FIVB tem ganho a “queda de braço” com a AVP assumindo, dessa forma, o controle da modalidade. O Brasil tem desempenhado papel fundamental dentro desse contexto e tirado vantagem dessa briga, passando ele próprio a ser a referência mundial desse esporte, ou como relatou a jogadora Jacqueline, “hoje, nos temos aqui um país que é... a capital... se tornou a capital do Voleibol de Praia do mundo.”³³¹

O Vôlei de Praia brasileiro, realmente, dita as regras na esfera internacional, fato que não acontece com o Futebol, por exemplo. O calendário do Futebol brasileiro é feito em função do calendário europeu, até mesmo o planejamento anual da seleção brasileira. No caso do Vôlei de Praia, os Campeonatos Mundiais feitos no Brasil, na sua maioria, são

³³⁰ Entrevista com o jogador Emanuel. op. cit.

³³¹ Depoimento colhido durante a entrevista realizada com a jogadora Jacqueline Silva, uma das precursoras do Vôlei de Praia brasileiro, foi a primeira mulher, ao lado de Sandra Pires, a conquistar uma medalha de ouro olímpica para o Brasil, em Atlanta – 1996, Bicampeã do Circuito Mundial (1996, 1997). Nos EUA, Jackie foi uma das fundadoras da WPVA, em 1987 e, nos oito anos que lá jogou, venceu 58 etapas do circuito americano. Procura passar seus conhecimentos para cerca de 300 crianças de suas escolhinhas de Vôlei de Praia espalhadas em vários núcleos em diferentes praias e também em comunidades carentes da cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 6 fev. 2004. Praia de Ipanema, arena do Torneio Rei da Praia.

feitos durante o mês de fevereiro, ou seja, em pleno verão no hemisfério sul, enquanto no hemisfério norte os jogadores estão passando pelo rigoroso inverno, o que prejudica o treinamento.

Há uma forte relação entre o clima quente e o Vôlei de Praia mas parece um tanto ingênuo pensar que o Vôlei de Praia brasileiro tenha se desenvolvido somente por conta da condição climática. O que se pretende demonstrar, com este comentário, é que há vários países localizados em regiões quentes e nem por isso possuem um Vôlei de Praia como o brasileiro.

Diante dessa situação, muitos jogadores e jogadoras da Europa, Canadá e Japão vêm para o Brasil, durante os meses de inverno em seus respectivos países em busca de dois interesses específicos, clima quente e *know-how*, movimentando um mercado de intercâmbio esportivo em franca ascensão, já que esses estrangeiros contratam mão de obra brasileira, ou seja, técnicos, preparadores físicos e *staff* especializado.

Quando um país ocupa a hegemonia em uma determinada área é natural que outros países não só busquem conhecimento diretamente na fonte como também consumam seus produtos. É o caso do basquetebol profissional americano – a famosa NBA. Esta associação conseguiu se impor no cenário esportivo mundial, passando por cima até mesmo da Federação Internacional de Basquetebol, coisa que a AVP não conseguiu diante da FIVB.

A NBA comercializou mundialmente o basquetebol com a venda de direitos de transmissão pela televisão, obtendo assim, grandes lucros, estratégia que a FIVB fez com o Vôlei de Praia e a AVP não fez, ficando restrita somente ao mercado interno americano.

Pelo caminho percorrido, até aqui, o Vôlei de Praia americano, entenda-se AVP e WPVA, por estar inserido num rico mercado, tem condições de se reerguer, ainda mais que o presidente da FIVB, pela primeira vez em 20 anos no poder, está enfrentando dificuldades e pressões da comunidade esportiva internacional, o que enfraquece a entidade politicamente. Sobre este assunto, vale a pena acompanhar a reportagem da jornalista Cida Santos:

Fora das quadras, o espanto é a “lei da mordação” imposta pela Federação Internacional de Vôlei (FIVB). O presidente, Rubén Acosta, há 20 anos no cargo, proibiu críticas públicas à FIVB e às suas decisões. As confederações nacionais também não podem se opor legalmente à entidade. Ou seja, Acosta tem plenos poderes. A liberdade de expressão e a democracia estão bem longe do esporte. Vale lembrar que Acosta está sendo investigado pela justiça da Suíça e pelo Comitê Olímpico Internacional por uso ilegal de verbas dos direitos de transmissões de jogos de vôlei.³³²

Não se pretende com estas constatações realizar previsões, entretanto, diante das conclusões deste estudo e dessas novas configurações que se apresentam, ao final deste ciclo olímpico, abrem-se novas possibilidades e perspectivas de estudos dentro do campo esportivo internacional do Vôlei de Praia.

³³² SANTOS, Cida. As vagas e a mordação. **Folha de São Paulo**, segunda-feira, 17 mai. 2004, p. D 4.

REFERÊNCIAS

- A GARRA nordestina. Revista **Volei de Praia**. São Paulo: AC Editora, 1990. ano I. n. 1.
- AS VITÓRIAS de Bernard. **O Estado de São Paulo**, 18 fev. 1987.
- ACOSTA, Ruben. **Coaches Manual of Federation of Volleyball**. FIVB, s/d.
- ALMERIA: the start of a new age. **FIVB Magazine**. 1993.
- AVA: o projeto de organização dos jogadores de vôlei de praia está concretizado. Revista **Volei de Praia**. São Paulo: AC Editora, 1990. ano I. n. 1.
- AVP 10 years. Revista **Volei de Praia**. São Paulo: AC Editora, 1993. ano III. n. 6.
- BANCO do Brasil Open 93. **Informativo da CBV**. 1993.
- BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, s/d.
- BERNARD e Luiz Américo: somos os campeões morais. **Jornal dos Sports**, segunda-feira, 29 fev. 1988.
- BIZZOCHI, Carlos “Cacá”. **O voleibol de alto nível: da iniciação á competição**. Barueri: Editora Manole, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- BRASIL x EUA na praia do Gonzaga. **O Estado de São Paulo**, 15 fev. 1986.
- BRUHNS, H. T.; GUTIERREZ, G. L. (Orgs.) **O corpo e o lúdico: ciclo de debates sobre lazer e motricidade**. Campinas: Autores Associados, 2000.
- BUCCI, Eugênio. Espetáculo, ou o novo modo de produção de signos. In: **Muito além do espetáculo**. Ciclo de conferências. Curitiba, 28 ago. 2003.
- CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 4ª ed., 1999.

CBV; SPS COMUNICAÇÃO: assessoria de imprensa e comunicação corporativa. **Relatório anual do Vôlei de Praia**. Rio de Janeiro, 2003.

CEM mil pessoas vibraram com atletas de 10 países. **Jornal dos Sports**, segunda-feira, 29 fev. 1988.

CORBIN, Alain. **O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

COUVILLON, Art. **Sands of time: the history of beach volleyball**, volume # 1: 1895-1969. United States of America: Information Guides, 2002.

COUVILLON, Art. **Sands of time: the history of beach volleyball**, volume # 2: 1970-1989. United States of America: Information Guides, 2003.

CUIDADOS da CBV com os atletas e as competições. **Vôlei – Informativo da CBV**. ano 2. n. 15. mai. 2004.

DAFLON, Rogério. A explosão nas areias: duplas brasileiras somam títulos e partem para os Jogos Olímpicos de Sydney com sede de vitória. Revista **Época**, São Paulo, n. 78, 15 nov. 1999.

DAFLON, Rogério. TROPEÇOS sob o sol: os ídolos das quadras não se adaptam com facilidade. Revista **Época**, São Paulo, n. 78, 15 nov. 1999.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEMO, Pedro. **Introdução à sociologia**. São Paulo: Atlas, 2002.

DUARTE, Fernando. Carlão troca o Mundial do Japão pelo vôlei de praia. **O Globo**, 27 ago. 1998.

DUPLAS de praia rumo a Atenas. **Vôlei – Informativo da CBV**. ano 2. n. 13. mar. 2004.

DUPLAS dos EUA decidem o Mundial. **O Estado de São Paulo**, 22 fev. 1987.

E NO DIA 15, as estrelas na praia. **O Estado de São Paulo**, 9 fev. 1986.

ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

EXIBIÇÕES em Guarujá e Santos. **O Estado de São Paulo**, 2 fev. 1985.

FESTA no encerramento do Circuito Banco do Brasil. **Vôlei – Informativo da CBV**. ano 2. n. 11. jan. 2004. p. 7.

GOOD news. Revista **Volei de Praia**. São Paulo: AC Editora, 1993. ano III. n. 7.

HISTÓRIA do Vôlei de Praia. CBV – Koch Tavares. **Campeonato Mundial de Voleibol de Praia**, 1988.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

INFANTE, Georgia; BRANDÃO, Luciana. Estados Unidos vencem por 2 a 0 e ficam com o título do Mundial. **Jornal dos Sports**, segunda-feira, 29 fev. 1988.

KASNAR, Istvan Karoly; GRAÇA FILHO, Ary da Silva. **O esporte como indústria: solução para criação de riqueza e emprego**. Rio de Janeiro: FGV/CBV, 2002.

KIRALY, Karch; SHEWMAN, Byron. **The sand man: an autobiography**. Los Angeles: Renaissance Books, 1999.

Koch Tavares – Apresentação. In. **Manual do I Campeonato Mundial de Voleibol de Praia**, 1987. Koch Tavares/CBV.

LA HISTORIA del beach voley em el año de su debut olimpico. **Revista Voley**. Argentina: Editorial Green Field, ano XXVI, n. 83, abril/maio 1996.

LOYOLA, Maria Andréa. **Pierre Bourdieu entrevistado por Maria Andréa Loyola**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

LUCENA, Ricardo. **O esporte na cidade**. Campinas: Autores Associados, 2001.

LUZ, Sérgio Ruiz. Ouro na areia. Revista **Veja**, São Paulo, n. 23, 7 jun. 2000.

MANUAL do Torneio Internacional Feminino Jose Cuervo de Vôlei de Praia 4 x 4. **Koch Tavares – CBV**. Florianópolis, 1996.

MANUAL do Voleibol de Praia da **Confederação Brasileira de Voleibol**, 2003.

MARCHI JR., Wanderley. **“Sacando” o Voleibol: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970 – 2000)**. Campinas, 2001. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas.

MATA VERDEJO, Davi; ENCARNACIÓN GONSABLÉZ, Geraldo de la; SÁNCHEZ-GONTAN, Fernando Rodríguez. **Volley playa: aprendizaje, entrenamiento y organización.** Madri: Alianza, 1994.

MONTANARO JR., José. In. 1987: I Campeonato Mundial de Vôlei de Praia. **FIVB Magazine.** Beach Volleyball History. Edição comemorativa dos 10 anos do Mundial de Vôlei de Praia: 1987-1996.

MOSCOVICI, Serge. **Reflexions à propos de représentations sportives.** In: Quel corps – critique de la modernité sportive. Paris: Les Editions de la Passion, 1995.

MUNDIAL começa. E com Bernard. **O Estado de São Paulo**, 17 fev. 1987.

MUNDIAL de Vôlei de Praia Feminino. Praia do Gonzaga, Santos, nov. 1993. **Programa Oficial da FIVB.**

NOVAES, Adauto. A imagem e o espetáculo. In: **Muito além do espetáculo.** Ciclo de conferências, 26 ago. a 25 set. 2003. Teatro Maison de France, Rio de Janeiro e Teatro SESC da Esquina, Curitiba.

NUNES, João Pedro. Mundial de Praia vai começar 3^a. **O Estado de São Paulo**, 15 fev. 1987.

O CIRCUITO Mundial de Vôlei de Praia da FIVB. **FIVB Magazine.** Beach Volleyball History. Edição comemorativa dos 10 anos do Mundial de Vôlei de Praia: 1987-1996.

O TALENTO de Sinjin Smith. **O Estado de São Paulo**, 24 fev. 1987.

O'HARA, Mike. Depoimento de encerramento. In. **Manual do I Campeonato Mundial de Voleibol de Praia**, 1988. CBV/Koch Tavares.

ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu.** 2^a ed. São Paulo: Ática, 1994.

OS MELHORES da praia. **O Estado de São Paulo**, terça-feira, 23 fev. 1988.

PILATTI, Luiz Alberto. **Os donos das pistas: uma efígie sociológica do esporte federativo brasileiro.** Campinas, 2000. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas.

PINTO, Louis. **Pierre Bourdieu e a teoria do mundo social.** Rio de Janeiro: FGV, 2000.

PRONI, Marcelo Weishaupt. **Esporte-espetáculo e futebol empresa**. Campinas, 1998. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas.

RIBEIRO, Renato Janine. A política dos costumes. **Muito além do espetáculo**. Ciclo de conferências. Curitiba, 04 set. 2003.

ROSEGUINI, Guilherme. No adeus, Borges esquece medalha e pede bandeira. **Folha de São Paulo**, quinta-feira, 17 jun. 2004.

SHEWMAN, Byron. **Volleyball centennial: the first 100 years...** Indianapolis: Master Press, 1995.

SHOW na praia. **Vôlei – Informativo da CBV**. ano 1. n. 9. nov. 2003.

SIMPÓSIO **Lazer e motricidade**: reflexões contemporâneas sobre o corpo e o lúdico. Faculdade de Educação Física da Unicamp (Departamento de estudos do lazer – programa de pós-graduação em Educação Física), out. 1999.

SMITH, Sinjin; FEINEMAN, Neil. **Kings of the beach: the story of beach volleyball**. Los Angeles – Seattle: Power Books, 1988.

THE FIRST great brazilian victory. Revista **Volei de Praia**. São Paulo: AC Editora, 1990. ano I. n. 2.

THOMPSON, Craig. Mensagem da Federação Internacional de Volley-Ball. In. **Manual do I Campeonato Mundial de Voleibol de Praia**. 1987. Koch Tavares/CBV.

TIA Leah: a rainha da praia. Revista **Volei de Praia**. São Paulo: AC Editora, 1990. ano I. n. 1.

TÍTULO mundial coroa Emanuel/Ricardo. **Folha de São Paulo**, segunda-feira, 20 out. 2003.

VÔLEI de Praia nas Olimpíadas. **FIVB Magazine**. Beach Volleyball History. Edição comemorativa dos 10 anos do Mundial de Vôlei de Praia: 1987-1996.

VÔLEI de praia vai a Atlanta. No Brasil, tudo começou em 1985! **FIVB Magazine**. Beach Volleyball History. Edição comemorativa dos 10 anos do Mundial de Vôlei de Praia: 1987-1996.

VÔLEI dos EUA vence em Ipanema. **O Estado de São Paulo**, 23 fev. 1986.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Livraria Pioneira, 1967.

1987: I Campeonato Mundial de Vôlei de Praia. **FIVB Magazine**. Beach Volleyball History. Edição comemorativa dos 10 anos do Mundial de Vôlei de Praia: 1987-1996.

1993: ano da estréia do vôlei feminino no circuito mundial. **FIVB Magazine**. Beach Volleyball History. Edição comemorativa dos 10 anos do Mundial de Vôlei de Praia: 1987-1996.

2003: um ano de conquistas. **Vôlei – Informativo da CBV**. ano 1. n. 10. Edição especial, dez. 2003.

Site <http://www.volleyball.org/history_beach.html> Acesso em: 11 dez. 2003.

Site <<http://www.cbv.com.br/cbv/praiia/index.asp?m=historia.htm>> Acesso em: 15 mar. 2004.

Site <<http://www.cbv.com.br/cbv/institucional/index.asp?m=historiacbv.htm>> Acesso em: 20 abr. 2004.

Site <<http://www.cbv.com.br/cbv/mundialpraiaf/index.asp>> Acesso em: 30 jun. 2004.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – MEU ENVOLVIMENTO COM O VÔLEI DE PRAIA	145
APÊNDICE 2 – ENTREVISTAS	149

MEU ENVOLVIMENTO COM O VÔLEI DE PRAIA

Meu envolvimento com o esporte ocorreu, primeiramente, em casa. Por fazer parte de uma família de muitos irmãos e irmãs que praticavam as mais diversas modalidades (Diniz, Atletismo e Tae-konw-do; Beth, Atletismo, Basquetebol e Tênis de Mesa; Nino, Futebol e Voleibol; Gil, Atletismo; Tina, Atletismo, Handebol e Judô; Adriana, Atletismo e Basquetebol; Solange, Voleibol; Zeca, Natação) foi natural que o esporte despertasse meu interesse e desde então venha fazendo parte da minha história de vida.

Do ambiente familiar passei para o ambiente escolar onde as aulas de Educação Física foram fundamentais para minha formação e decisão de ingressar no treinamento esportivo o qual acontecia no contraturno, ou seja, fora do período das aulas. A opção pelo Voleibol se deu, primeiro, pelo fato de um desses irmãos – Nino – ter se destacado como atleta da modalidade o que me serviu de exemplo e grande incentivo. Segundo, pela minha iniciação esportiva ter se dado em plena década de 80, período no qual o Voleibol brasileiro dispunha de grande popularidade. Minha adolescência foi então marcada pelo “boom” do Voleibol no Brasil. E terceiro, pela oportunidade de ganho de uma bolsa de estudos parcial que o colégio Barddal, hoje, Expoente, oferecia aos seus atletas.

O Barddal era uma das principais forças esportivas nas competições estudantis que eram realizadas na cidade de Curitiba e também dentro do Estado do Paraná. Além do apoio recebido pelo colégio, da competência dos professores/técnicos e do nosso talento como atletas; de onde vinha aquela motivação para “vencer”? Motivação que ficou gravada em mim como uma marca indelével e que tem me impulsionado ao longo da vida.

O colégio era uma instituição de médio porte com a maioria dos alunos oriundos da classe média. Os estudantes das escolas mais ricas e tradicionais da cidade mantinham sempre um certo esnobismo. Através das competições – que eram frequentes na época – nós visualizávamos nas vitórias uma maneira de conquista social.

Após o término do ensino médio, tive a oportunidade de fazer parte da primeira equipe de “Voleibol profissional” do Estado do Paraná, o extinto Esporte Clube Cristalino. A experiência e a vivência adquirida com a profissionalização ampliaram meus horizontes e convicções dentro do campo esportivo.

Era, então, o momento de ingressar na universidade. A minha opção profissional recaiu, naturalmente, na faculdade de Educação Física (naquela época, já contava com um irmão – Nino – e uma irmã – Tina – formados em Educação Física e atuando na área). Com a graduação, vieram as dúvidas e incertezas em relação à carreira de educador. Que caminhos seguir, de que maneira? Passado esse período, ingressei na especialização (início dos anos 90), juntei a parte acadêmica/científica com a parte esportiva/empírica e fiz a monografia usando o Voleibol como objeto de estudo.

Ao final da especialização, surgiu um novo caminho, o Vôlei de Praia, modalidade que estava se fortalecendo cada vez mais no cenário esportivo brasileiro, oferecendo bons prêmios em dinheiro e a possibilidade de estar em contato com a natureza, de praticar uma atividade que propiciava um estilo de vida mais livre, ecológico, alegre, colorido, etc. A sedução que o Vôlei de Praia exercia em nós – jogadores sem maiores pretensões na quadra – era imensa.

O início do Vôlei de Praia, no Brasil, foi marcado por jogadores que abandonaram a quadra e buscaram na areia, o reconhecimento, o prazer, a motivação e a emoção que não encontravam mais na quadra, sem falar do entusiasmo pelo novo. Em Curitiba, não foi diferente e alguns colegas, Adriano, Clésio, Mano³³³, Crispin, Dega, Iranor, Nei, Gláucio, Paulo Schmitt, Henrique, Serginho Padilha, Daniel, Werninho, Erlon, Hudson, Cavalo, Negão, China, Minero, Jota, Milani, Rodacki, Voldir, Claudião, André Mattos, Ronie, Gustavo, Guto, Pirri, Roberto, Nunes... estavam migrando para o Vôlei de Praia,

³³³ Emanuel Fernando Scheffer Rego, natural de Curitiba – Paraná, atualmente treina na Praia de Cabo Branco em João Pessoa – Paraíba. Principais resultados: Pentacampeão do Circuito Mundial, Pentacampeão do Circuito Brasileiro, Bicampeão Mundial (1999, 2003), eleito o melhor jogador da década de 90 pela FIVB e atual Rei da Praia brasileiro (2004). Jogou por 3 anos na AVP. Disputou a Olimpíada de Atlanta (1996) ao lado de Zé Marco, a de Sydney (2000) com Loiola e já está classificado, com seu parceiro Ricardo, entre as duas duplas masculinas que irão representar o Brasil nos próximos Jogos Olímpicos, Atenas (2004).

ou seja, estavam deixando de praticar o Voleibol *indoor* para se dedicar exclusivamente ao Vôlei de Praia.

No ano de 1992 formei minha primeira parceria no Vôlei de Praia com Adriano, um amigo da época do colégio. No mesmo ano, disputamos o circuito paranaense. No mês de abril do ano seguinte, estreamos no Circuito Banco do Brasil de Vôlei de Praia, na 1ª etapa da temporada, disputada na praia de Camburi, em Vitória, Espírito Santo. Perdemos todos os jogos. As duplas do Sudeste, Norte e Nordeste estavam tecnicamente muito à frente. Só seria possível evoluir treinando na praia e decidimos seguir o exemplo do Mano que tinha deixado Curitiba para ir morar e treinar em Vitória, pois estava jogando com Aloísio. Optamos por Fortaleza, deixamos Curitiba em pleno inverno com uma temperatura de -1 °C e chegamos em Fortaleza com uma temperatura de 35 °C, estávamos no paraíso do Vôlei de Praia! Treinávamos com algumas das melhores duplas brasileiras da época, Franco/Roberto e Alemão/André. Naturalmente nosso jogo melhorou e seguimos mais confiantes para as etapas do Nordeste.

Para a temporada 94, Clésio montou nova parceria com o baiano Paulão, deixou Curitiba e foi morar em Salvador. Fomos, mais uma vez, treinar no Nordeste, agora, por apenas 2 meses, antes do início da temporada. Em Salvador, conheci Ricardo³³⁴, primo de Paulão. Ele estava procurando um parceiro, pois acabara de iniciar no Vôlei de Praia. Como Adriano estava impossibilitado de jogar as duas primeiras etapas, joguei com Ricardo no Rio de Janeiro e em São Paulo. Atualmente, a dupla formada por Ricardo e Emanuel é considerada a melhor do mundo.

Foram 2 anos jogando o circuito brasileiro com Adriano, depois participei de algumas etapas isoladas com Minero. Em 99 tive a oportunidade de jogar o circuito

³³⁴ Ricardo Alex Costa Santos, natural de Salvador – Bahia, atualmente treina na praia de Cabo Branco em João pessoa – Paraíba. Principais resultados: Medalha de Prata na Olimpíada de Sydney (2000) ao lado de Zé Marco, Bicampeão do circuito Mundial (2003, 2000), Medalha de Ouro no Campeonato Mundial (2003), Bicampeão do Circuito Brasileiro (2002, 2003), vencedor do Torneio Rei da Praia (2002) no Brasil, Campeão do Desafio dos Reis Brasil x USA (2002). Medalha de Ouro no Goodwill Games (2000). Está classificado, com seu parceiro Emanuel, entre as duas duplas masculinas que irão representar o Brasil nos próximos Jogos Olímpicos, Atenas (2004).

português de Vôlei de Praia com Crispin. Em 2000, disputei o circuito Matte Leão com Gláucio. Atualmente, faço parceria com Serginho Padilha.

De toda a experiência acumulada, adquiri um profundo conhecimento da realidade do Vôlei de Praia e pelas características que o esporte, de um modo geral, assumiu como fenômeno sociocultural de grande relevância na sociedade contemporânea, defini o caminho do Vôlei de Praia brasileiro de 1985 até 2003 como um objeto de estudo.

APÊNDICE 2 – ENTREVISTAS

GEORGIA INFANTE DA SILVA	150
PROF. FERNANDO TOVAR	154
LETÍCIA PESSOA	160
JACQUELINE SILVA	164
GUILHERME MARQUES	170
ARY GRAÇA FILHO	175
LUIZ PAULO P. DE MOURA	179
EMANUEL FERNANDO SCHEFFER REGO	183
RICARDO ALEX COSTA SANTOS	194
NEREU MARTINS MARQUES	200
ARI GOMES	203
PAULO SERGIO ALVES LOPES	206

FITA Nº 1

LADO A – Entrevista nº 1: Georgia Infante da Silva.

Entrevistador Gilmar: Fita número 1. Rio de Janeiro, 6 de fevereiro de 2004, Sede da CBV. Georgia Infante da Silva, repórter do Jornal dos Esportes, trabalhava na cobertura do mundial, a partir de 1988; depois, na Assessoria de Imprensa do Circuito Banco do Brasil, a partir de 90 e... 91... 92. Tá. Georgia, como você vê o Vôlei de Praia no cenário esportivo nacional?

Georgia: Bem, o Vôlei de Praia cresceu muito a partir do Circuito Banco do Brasil. Começou em 91, com 5 etapas; em 92, diante do sucesso dos primeiros... das primeiras 5 etapas, em 91, pelo Nordeste. Em 92, o circuito ganhou 16 etapas. E a partir daí o crescimento foi total. Ainda mais quando aconteceu do Vôlei de Praia virar um esporte olímpico, né? Em 93, ele foi aprovado como esporte olímpico. E, realmente, ganhou um crescimento muito grande. A partir de 93 foi evoluindo até em 96 explodir totalmente com a conquista das medalhas em Atlanta.

Entrevistador Gilmar: Como você vê o Vôlei de Praia no cenário esportivo mundial?

Georgia: O Vôlei de Praia... No começo do Circuito Mundial, os Estados Unidos dominavam totalmente. E, a partir de 93, o Brasil começou a ganhar o seu espaço e não deixou mais os Estados Unidos ganharem, né, as competições. E o Brasil ganhou o respeito total no cenário mundial. Hoje, o Brasil lidera o ranking. As meninas que já tão nos Estados Unidos já voltaram a ganhar. Então, o Brasil domina totalmente o Vôlei de Praia mundial.

Entrevistador Gilmar: Como você vê o Vôlei de Praia brasileiro no cenário esportivo mundial?

Georgia: O Vôlei de Praia, no cenário mundial... deixa, deixa eu pensar... pera aí... Melhor voltar... (ri).

Entrevistador Gilmar: Não tem problema. É...

Georgia: Eu respondi aqui que...

Entrevistador Gilmar: Qual a importância do Vôlei de Praia ser um esporte olímpico?

Georgia: Ele ganhou mais espaço. É importante o Vôlei de Praia ser um esporte olímpico até pelos jorna... na mídia mesmo, né? Ganhou muito mais espaço nos jornais. Ganhou mais espaço nas tevês. Essa é a importância primordial assim...

Entrevistador Gilmar: O que você acha do espetáculo do Vôlei de Praia ao vivo?

Georgia: Ao vivo. É importante principalmente pros patrocinadores, né, que apoiam a competição, vão aparecer ali. É um espaço muito difícil de ser conquistado, de ser... Principalmente, em tevê como tevê Globo. Então, você ganhar espaço num horário importante, incentiva os patrocinadores.

Entrevistador Gilmar: E do espetáculo do Vôlei de Praia transmitido pela televisão?

Georgia: Igualmente os patrocinadores. E a própria atração pro público, conhecer mais o esporte, conhecer mais os jogadores. A televisão tem um papel super importante na divulgação do Vôlei de Praia.

Entrevistador Gilmar: Por que o Vôlei de Praia faz tanto sucesso no Brasil?

Georgia: O Vôlei de Praia tem a cara do Brasil, né? Ele... Essa pergunta é meio complicada, deixa eu pensar mais um pouquinho... (ri). Então, o Vôlei de Praia é a cara do Brasil, porque a gente tem um litoral enorme e é um esporte que se pratica desde cedo, desde criança, e a gente tem mais de dois mil jogadores, hoje, já jogando Vôlei de Praia. É um esporte que deu certo, desde...

Entrevistador Gilmar: Esses 2 mil são profissionais registrados na CBV?

Georgia: Profissionais. Isso fora o pessoal que joga, né, todo o fim de semaaaana. Pessoal... E não tem idade, né, desde o adolescente até o mais velho. É um esporte que tem tudo com o Brasil. Tudo a ver com o Brasil.

Entrevistador Gilmar: Você poderia apontar alguns... na sua opinião, alguns acontecimentos que contribuíram pra esse sucesso.

Georgia: É. Os campeonatos mundiais que começaram em 87, lá em Ipanema, depois passou pra Copacabana e eles contribuíram muito até pro próprio Circuito Banco do Brasil, pelo sucesso que tinha. Os Estados Unidos dominavam, com Smith e Stoklos todo mundo esperava a chegada dos Smith e Stoklos, ansiosamente, porque todo mundo queria derrotar a dupla que era a sensação. Eles ganharam 5 vezes. Então, eles eram assim quase imbatíveis. E, depois, veio o próprio Circuito Banco do Brasil. Aí veio o... os... as Olimpíadas, né, a entrada do Vôlei de Praia nas Olimpíadas. Isso foi muito importante. As meninas conquistando aquelas medalhas. Acho que esses acontecimentos foram bem

marcantes. Agora, ano passado, a gente teve o campeonato mundial masculino e feminino, no Brasil, depois de muito tempo. E foi um sucesso! Todo mundo viu. Foi um sucesso total, com a tevê Globo passando os jogos ao vivo. Isso também contribui muito. Tanto o Brasil ganhou no masculino, ficou em segundo no feminino, mas ganhou o Circuito Mundial com a Ana Paula e a Sandra. Então, parece assim... A impressão que passou é que o Vôlei de Praia, ano passado, ele ganhou também um, um, um... As pessoas passaram a conhecer mais ainda o Vôlei de Praia, principalmente as duplas que devem ir pra Olimpíada de Atenas, agora. Acho que o pessoal ficou mais perto assim... mais próximo, né? Conheceu mais um pouco essas duplas que hoje são destaque no Brasil.

Entrevistador Gilmar: Georgia como você viu o *boom* do Vôlei de Praia no Brasil, na... no final dos anos 80, início dos anos 90? Como é que era trabalhar dentro de um jornal esportivo, cobrir vários esportes e, de repente, o Vôlei de Praia começar a fazer tanto sucesso? Como é que eram os bastidores, assim do jornal, em relação ao Vôlei de Praia?

Georgia: Naquela época, o Vôlei de Praia assim... não tinha esse, né... esse destaque todo. Única competição importante mesmo eram os mundiais. A gente ficava esperando mais os mundiais, e a seleção brasileira dominava realmente naquele período de... que mudou, né? Teve a mudança de geração, entrou o pessoal que... o Tande. Aí entrou aquela geração Tande, Maurício, Marcelo Negrão. Ali, foi um período mais importante assim, do período que eu trabalhei no jornal, em que o Bernard, Renan, Montanaro eles todos saíram da seleção e houve essa mudança. O Bebeto chamou esse pessoal, já no Sulamericano de 89, lá em Curitiba, no Tarumã, que teve o Sulamericano, o Brasil enfrentou as seleções do continente, né? E teve aquele encontro, que foi a final, com a Argentina, que tinha os astros todos da época e tal. E aquela seleção novinha, com Maurício, Tande, Giovane. Todo esse pessoal e eles conseguiram vencer a Argentina num jogo muito legal. E a partir dali, o Vôlei que tinha dado assim um... né... Depois a medalha de prata em 84, aí veio Seul, 88, o Brasil não tinha ido tão bem. Aí, a partir de 89, começou de novo aquela geração a surgir. E aí o Vôlei, em si, né, teve um espaço muito legal. As pessoas, acho, que já tavam até prevendo aquela conquista da medalha de ouro em 92. Mas o Vôlei de Praia não tinha o mesmo espaço da seleção que hoje tem, né? O Vôlei de Praia ganhou o seu espaço tranqüilamente nas competições que aconteceram, principalmente, as internacionais. Mas, naquela época, o Vôlei de Praia, realmente, não tinha esse espaço todo, não.

Entrevistador Gilmar: E, na tua opinião, o quê: foram os resultados? As conquistas a nível mundial, a conquista olímpica que fizeram o Vôlei de Praia ter mais espaço? O que você apontaria?

Georgia: É. Eu acho que sim. O próprio circuito, as competições internacionais, veio o circuito mundial, aquela coisa de derrotar os americanos. Aí, quando conseguiu, acho que o pessoal passou a acreditar mais, a inclusão do Vôlei de Praia na Olimpíada. Claro que

isso foi super importante pra o crescimento do Vôlei de Praia no... Assim, o espaço do Vôlei de Praia nos jornais e nas próprias tevês. Todo mundo, hoje, é uma medalha certa nessas competições mais importantes, Panamericano e Jogos Olímpicos. A medalha certa que o Brasil conta é com o Vôlei de Praia.

FITA N° 1

LADO A – Entrevista n° 2: Prof. Fernando Tovar.

Entrevistador Gilmar: Prof. Fernando Tovar, na época, era o coordenador do Vôlei de Praia da Confederação Brasileira de Voleibol. Tovar, como você vê o Vôlei de Praia no cenário esportivo nacional, atualmente?

Tovar: É o esporte que, hoje em dia, como nas outras duas Olimpíadas, tem condições de trazer quatro medalhas. Nós tivemos, no masculino... Até hoje, não tivemos a felicidade de... Tá brigando muito pelas medalhas de ouro. Isso foi visto na Olimpíada de Sydney, naquelas duas derrotas, nas finais, pra duas duplas que nunca mais ganharam competição nenhuma. Mas o importante é que ganharam na hora e acabou, não se lembram dela. Agora, atualmente, ainda é o melhor Voleibol de Praia do mundo e que pode ser explicado, daqui a pouco, na minha opinião, o porquê.

Entrevistador Gilmar: É... Qual a importância do Vôlei de Praia ser um esporte olímpico?

Tovar: A primeira é a visibilidade no mundo. Dá credibilidade a qualquer esporte ser um esporte olímpico. Haja visto... Vamos dar exemplo de um que é o Futsal, que é muito difundido no Brasil, mas que não é um esporte olímpico. Então, partindo desse princípio, ele já não recebe, hoje em dia, os recursos da Lei Piva (da Lei Aguielo Piva), que cada confederação tem as suas porcentagens de acordo com a sua importância no cenário mundial deste esporte no Brasil. Então, o Voleibol é um esporte que recebe a... o máximo que se distribui para cada confederação. Então, o sonho de todo atleta é jogar uma Olimpíada. É disputar uma Olimpíada. Essa é a meta de qualquer atleta que entra. E, hoje em dia, o Vôlei de Praia tem esse... entrou na Olimpíada. Foi o esporte que entrou mais rápido na Olimpíada. E você não consegue ingresso pro Vôlei de Praia em lugar nenhum, em Olimpíada nenhuma, porque virou um espetáculo. É um esporte ao ar livre. É um esporte gostoso de se ver, principalmente, quando joga um país contra o outro, porque você, quando, às vezes, tem jogos do Brasil contra Brasil ou de duplas em que ele não é tão atrativo, fica monótono. Mas, quando cai num espetáculo de uma Olimpíada em que em Sydney eles criaram um ambiente que até que me surpreendeu. Eu cheguei ao ponto de ir ver ensaios daquela festa que eles montaram. Eles contrataram pessoas, animadores profissionais que caíram no gosto do público. Então, era o ingresso mais disputado pelo povo da Austrália pra ir ver como espetáculo.

Entrevistador Gilmar: Os organizadores do Vôlei de Praia em Sydney não vieram buscar aqui no Brasil essa organização, na época?

Tovar: Tudo foi feito pelo Brasil. A gente pode dizer que o Vôlei de Praia do Brasil organizou o Vôlei de Praia do mundo. Isso aí a Confederação Brasileira de Vôlei teve

uma participação, nós montamos o circuito no Brasil e em função do circuito do Brasil foi montado o circuito mundial de Vôlei de Praia. O primeiro *handbook* que foi feito, foi feito através de um funcionário da Confederação Brasileira de Vôlei que passou quatro meses na Suíça, ela é a Heloísa Costa, que, atualmente, é funcionária aqui do COB. Ela trabalhava comigo no Departamento de Vôlei de Praia, que ela foi pra Suíça e montou o *handbook* da Federação Internacional de Voleibol, na parte de praia e *handbook* que, hoje, foi, mais aperfeiçoado, a partir do desenvolvimento desse Voleibol. Mas eu posso dizer que o pontapé inicial desse *handbook*, que ele engloba tudo, que ele engloba desde como você bota uma placa de *merchandising*, como você bota a posição da câmera de televisão, tudo foi montado pelo Brasil. Então, eles miraram no Circuito Banco do Brasil, que é o circuito nacional, que a gente chama de... Eu chamo até de Circuito Banco do Brasil, porque sempre foi junto. A primeira etapa do circuito nacional já se chamou Circuito Banco do Brasil, foi em Fortaleza em 1989, na... com... Volta da Jurema. Então, é por isso que o Voleibol do Brasil deu a contribuição pro Vôlei de Praia no mundo.

Entrevistador Gilmar: O que você acha do espetáculo do Vôlei de Praia ao vivo?

Tovar: É o, oooo... Você indo aos Jogos Olímpicos, é o esporte que mais interage entre a torcida e o Vôlei. Isso foi criado aqui no Brasil com... A gente até pode falar com Dartagnan.

Entrevistador Gilmar: Com o pessoal do Dartagnan.

Tovar: O Dartagnan tinha aquele oba, oba que eles faziam e que, hoje em dia, tem mais um grupo. Por incrível que pareça, o Brasil é único país do mundo em que existem torcedores profissionais. Só no Brasil mesmo que tem isso. Eles viajaram, inclusive, pra fora do Brasil, pra torcer pelo Brasil. E aquele pequeno espetáculo que ele fazia e com os locutores que nós tínhamos que chamando, “Vamô lá, uma ola!” Isso e aquilo. Isso chamou a atenção do Voleibol de Praia no mundo. Então, existem vários lugares do mundo já pessoas que comandam as grandes competições. Eu posso dizer que o da Áustria é muito bonito também, *Klagenfurt*. Eles fazem um espetáculo muito bonito. Em Marseille, que tem sempre um Grand Slam o espetáculo é muito bonito e da Austrália todo mundo viu na Olimpíada foi o ápice da... da... da... vamos dizer da farra (entre aspas) do Vôlei de Praia. O público sentia. O público quase que jogava Voleibol de Praia. Eles tavam torcendo pro Brasil, tavam torcendo pros Estados Unidos. Eles queriam participar do Voleibol de Praia. Eles “entraram” na quadra com os jogadores. Quando tinha um ponto, tinha uma brincadeira, quando tinha um pedido de tempo, ele comandava uma ola rápida, depois passava pra aquela ola lenta, depois chamava aqui, chamava ali... Sempre tinha alguma coisa.

Entrevistador Gilmar: O que você acha do espetáculo do Vôlei de Praia transmitido pela televisão?

Tovar: É difícil eu falar, porque.... é... as audiências de competições internacionais são sempre grandes. Agora, eu acho... pior do que assistir lá. Apesar de que eu não assisti muito, eu assisto ao vivo. Agora, eu assisto, por exemplo, algumas partidas, agora que eu saí do Vôlei de Praia, que eu não tô junto, eu assisto pela tevê a cabo e nunca é a mesma coisa. Você ali no sol, você levando aquele banho de água, você gritando, você vive melhor do que na televisão. Apesar que a televisão é mais dinâmica do que na hora, porque tem o *replay*. E lá na hora, às vezes, demora entre um ponto e outro. E a televisão não deixa demorar, porque ela tá olhando e o operador tá ali fazendo a repetição numa câmera, na outra, na outra... Parece que aquele jogo é contínuo, que não é ao vivo, porque, quando tem um bom animador, também a pessoa não nota.

Entrevistador Gilmar: Por que o Vôlei de Praia faz tanto sucesso no Brasil?

Tovar: Porque nós temos verão o ano inteiro. Nós temos verão começando... A gente começava... Eu posso dizer que a gente começava o nosso circuito no Norte e Nordeste, descia e agora a gente faz o contrário. A gente começa no Sul, porque o mês de março, abril e maio são meses secos no Sul. Tá chovendo muito em fevereiro, mas a partir de abril não chove. Então, a gente faz abril e maio... Você começa pelo Sul, vai por Centro-Oeste que também não chove, e, depois, vai subindo e termina no Nordeste. Nós temos 8 mil quilômetros de praias no Brasil. É... São 8 mil quilômetros de pessoas jogando Vôlei de Praia. Então você vê... Tirando o feminino que é muito concentrado no Rio de Janeiro, apesar das atletas tod... não serem do Rio de Janeiro. Você tem uma Shelda que é do Ceará e você tem a Larissa que é do Ceará. Elas vêm pro Rio, porque aqui o Voleibol feminino é muito forte. Então, o Vôlei precisa jogar um contra o outro. Não adiante ela ficar treinando no lugar dela jogando com uma dupla mais fraca que ela não vai ter o desenvolvimento. Já o masculino, isso aí, então, espalha pelo Brasil inteiro. Nós tivemos o Magal, no Amazonas. Nós temos o Márcio, no Ceará. O próprio Roberto Lopes.

Entrevistador Gilmar: Emanuel de Curitiba.

Tovar: O Benjamin no, no... de Mato Grosso. Moreira e Garrido, no Ceará. Paulão e Paulo Emílio, na Bahia. Temos o Loyola, no Espírito Santo. Não vou falar do Rio. São Paulo não tem muita gente, que só tem em Santos. Nunca saiu um jogador de Vôlei de Praia muito grande em São Paulo. Em Curitiba, tivemos o Emanuel que, hoje, foi treinar na... em João Pessoa. Mas isso aí nós sempre tivemos muitos jogadores de Vôlei de Praia masculino. Então, o problema nosso é que nós temos verão o ano inteiro. Mesmo no Sul, você chega em julho você joga Vôlei de Praia. Não é tão frio assim. A gente acha 14, 15 graus frio. Vai jogar com menos 5, aí não joga.

Entrevistador Gilmar: E, na sua opinião, quais os acontecimentos que contribuíram para esse sucesso, em termos de parcerias? Agora, eu quero que você fale um pouco daquela época da Koch Tavares, do Banco do Brasil. Enfim, o que você acha da medalha

olímpica, da Jacqueline e da Sandra. Esses fatores assim que, na sua opinião, contribuíram pra esse sucesso, fortaleceram, né, o Vôlei de Praia.

Tovar: Tudo bem. Vamos iniciar. Primeiro, a estrutura que o Nuzman montou na Confederação Brasileira de Vôlei. Ele criou um Departamento de Voleibol de Praia, independente do Voleibol *indoor*. Então, quem foi pro Voleibol de Praia, que eu tive a felicidade de comandar, eu era autônomo em relação ao Vôlei *indoor*. Então, não tinha uma pessoa oriunda do Vôlei *indoor* me comandando. Então, eu pude me dedicar a tudo aquilo com verba própria, com tudo próprio. Então, esse foi o primeiro passo, ele ter a visão de criar um Departamento de Voleibol de Praia, o Nuzman. O que a Federação Internacional de Vôlei de Praia, depois criou. Segundo, o patrocínio do Banco do Brasil. Isso não sei nem se precisa de falar. O Banco do Brasil injeta recursos, desde o início, desde o primeiro, que entrou com os Correios. Depois, o Correio saiu e ficou o Banco do Brasil. Eles viram a visão que dava isso, pra eles, no Brasil inteiro. Eles, hoje em dia, direcionam pra praças que interessam a eles. O ano passado teve um circuito em Feira de Santana, depois teve em Cuiabá, depois teve em Sorocaba. Já fiz Vôlei de Praia no Brasil, que, depois, vira Vôlei é...

Entrevistador Gilmar: De areia.

Tovar: Vôlei de areia. E que a gente chega nas cidades... em Goiás, a praia se mudou pra Goiânia. O Departamento de Marketing do Banco do Brasil é muito agressivo. E eles aproveitam o Vôlei de Praia. Uma das razões que eles são agressivos. E o terceiro... outro terceiro: a Koch Tavares. A Koch Tavares, ninguém pode tirar o mérito dela das competições internacionais. Ela fazia as competições internacionais, elas são caras. Ela arranjava patrocínio próprio. Às vezes, até o Banco do Brasil entrava e, às vezes, não. Mas ela sempre teve esses patrocínios. Esses patrocínios da Koch Tavares sempre tiveram a televisão, o que é muito bom para difundir o esporte. Então, a Koch Tavares merece um capítulo especial do Vôlei de Praia. Ela ajudou o Vôlei de Praia e até hoje ainda ajuda, que até hoje ela faz competições internacionais. Ela só faz as competições internacionais e ela fez durante 3 anos a Copa Samsung de 4 contra 4. É... E depois o brasileiro que gosta da farra, gosta do Vôlei de Praia. Você vai na praia de Copacabana, você vai em Torto... Você vai lá em Espírito Santo, em Camburi, você vai em Santos. Você vai... Chega em na...no... em Boa Viagem você vai lá, hoje, que tem umas 30 redes, todo mundo jogando Vôlei, dupla. Vale tudo, mas é dupla de Vôlei de Praia.

Entrevistador Gilmar: Eu queria que você falasse um pouco sobre essa parte dos Correios. Então, foi os Correios que foram... foi o precursor antes é... antes do Banco, né?

Tovar: Não. Junto.

Entrevistador Gilmar: Junto com o Banco?

Tovar: Junto com o Banco. Os dois entraram juntos.

Entrevistador Gilmar: Depois, o Correio saiu.

Tovar: Depois, eu... é... Eu não posso dizer o que foi. Mas, eu tenho a impressão que por orientação do governo uma das duas é... vamos dizer não estatais, mas de economia mista do governo, teriam de optar por continuar ou não no esporte, pra não ter duas no esporte. E o governo até hoje mantém isso. Por exemplo, na natação é o Correio. No basquete... No atletismo, é a Caixa Econômica. No basquete, é a Eletrobrás. E, no Vôlei, é o Banco do Brasil. Pra não ficarem duas no mesmo esporte. Não houve briga, não houve nada. Houve uma opção que o Banco disse: “Não, aqui eu fico”. Não sei se já prevendo um futuro e o Correio patrocina o esporte aquático até hoje. Não houve nada contra isso. Eu não sei se o Banco do Brasil, o dia que sair, como vai ser a briga. Não sei se eles vão sair não, porque eu já sei que eles querem mais 4 anos.

Entrevistador Gilmar: Por que o Vôlei de Praia foi um esporte... um dos esportes, talvez o esporte mais rápido, a fazer parte do rol dos esportes olímpicos?

Tovar: Aí volta a pessoa do Nuzman. O Nuzman era o presidente do Conselho Mundial de Vôlei de Praia. O Nuzman tem uma influência, mais um carisma muito grande dentro do Comitê Olímpico Internacional, na época do antigo presidente, o Samaranch, que era um espanhol, em que o circuito mundial de Vôlei de Praia já estava fortalecido. E ele, após a Olimpíada de Barcelona, foi... levou membros do COI pra pesquisar. É uma cidade que teve na Espanha, logo depois do... de Barcelona teve uma etapa do mundial do Vôlei de Praia e eu não me lembro o nome agora. Depois, a gente acha ou você vai achar pelo... E lá eles já começaram a ver o Vôlei de Praia. Depois disso, no Brasil, dois anos depois, criou na praia de Copacabana um super espetáculo de Vôlei de Praia. Teve um campeonato de Vôlei de Praia que ele, inclusive, pela primeira vez, construiu uma passarela ligando o Copacabana Palace à arena, em que o Don Samaranch não pisava no chão. Então, ele mostrou o que era o Vôlei de Praia. O Samaranch foi acordado as 6 horas da manhã, olhou pela janela tinham 3 quilômetros de fila pra cada lado. Então, aquilo empolgou a Confedera... a Federa... o Comitê Olímpico Internacional. E outra coisa, como já existia o Vôlei de Praia... Perdão. Como já existia o Voleibol, eles criaram o Vôlei de Praia dentro do Voleibol, porque o processo para entrar nos Jogos Olímpicos são de duas Olimpíadas. Exemplo: Tae-konw-do entrou numa Olimpíada, na Coréia, passou por outra e depois só entrou oficialmente em outra. Eles entram como esporte de competição, esporte que não conta medalha pra depois contar. Eles fazem a experiência. Em compensação, eu vou dar um exemplo... vou dar um exemplo absurdo, hoje em dia, existe a corrida de 10 mil metros no atletismo, se você quiser criar uma competição de 12 mil e 500 metros você pode criar e botar na Olimpíada, desde que o Comitê Olímpico Internacional diga que você não ficou maluco, mas você pode botar. Não precisa de ter esse processo, porque já existe o atletismo. Então, o que eles fizeram, consideraram o

Vôlei de Praia como um adendo do Vôlei. Não foi um esporte novo. Tanto que, por mais que achem mais gostoso 4 contra 4, eles não vão botar, na minha opinião, nunca, na Olimpíada, porque daí fica muito parecido com o *indoor*. Pra ter o *indoor* fica na quadra. E o Vôlei de Praia, dupla, é completamente diferente da quadra. Por esse motivo é que entrou logo, que pulou degraus, porque já existia o Vôlei.

Entrevistador Gilmar: OK.

Tovar: É isso?

Entrevistador Gilmar: Acho que é isso aí.

FITA N^o 2

LADO B – Entrevista n^o 3: Letícia Pessoa.

Entrevistador Gilmar: 6 de fevereiro de 2004, praia de Ipanema, Rio de Janeiro, primeiro dia do torneio Rei da Praia. Entrevistada: Letícia Pessoa, técnica de Vôlei de Praia. Letícia, quais foram os motivos que te levaram a trabalhar com o Vôlei de Praia?

Letícia: Eu fui jogadora de Vôlei *indoor*. Jogava Vôlei de Praia nos finais de semana, de brincadeira. E, quando eu entrei pra faculdade, eu fiz Educação Física e gostava muito de Vôlei e continuei no esporte, através... como técnica.

Entrevistador Gilmar: Você trabalhou primeiro com o Voleibol *indoor* ou já começou direto com o Vôlei de Praia?

Letícia: Não. Eu trabalhei dois anos com o Voleibol *indoor* e fui logo pro Vôlei de Praia, desde o início.

Entrevistador Gilmar: Qual foi o teu ano de estréia no Vôlei de Praia?

Letícia: Foi em 91, oficialmente, porque, na verdade, foi em 88 nos torneios que aconteceram aqui no Rio de Janeiro. Em 91, teve a primeira etapa do circuito brasileiro. E eu já estreei nessa etapa como técnica.

Entrevistador Gilmar: Quem foram suas atletas?

Letícia: Na época, a dupla Rose e Roseli.

Entrevistador Gilmar: O que você visualizou no Vôlei de Praia, né? Você deixou de trabalhar com o Voleibol *indoor* e foi pro Vôlei de Praia. O que você viu no Vôlei de Praia que te... que te... cat... que, profissionalmente, te chamou pro Vôlei de Praia?

Letícia: A primeira coisa, a afinidade que você tem com os atletas que você trabalha. No Vôlei de Praia, você é escolhido pelos atletas e você escolhe os atletas, também. Então, você trabalha por afinidade. Por afinidade e competência, obviamente. É... e você dá pra interagir mais na constituição total do atleta, desde como é a parte psicológica, parte nutricional e todas as outras partes que envolvem o esporte, no geral.

Entrevistador Gilmar: Como que você viu o... a transição no Vôlei de Praia, no Brasil, do amadorismo pro profissionalismo?

Letícia: É... eu acho que o circuito que é... inaugurou em 91 fez com que os atletas vissem o valor financeiro. E em 96, com a entrada do Voleibol como esporte olímpico, isso ajudou na profissionalização do Vôlei. Então, eu vi a transição uma coisa natural que acontece com qualquer esporte de alto nível.

Entrevistador Gilmar: Letícia, como você vê o Vôlei de Praia no cenário nacional?

Letícia: Ah, eu acho que hoje o Vôlei de Praia ele é o terceiro esporte, né, no Brasil. O primeiro é o futebol, o segundo é o Vôlei *indoor* e o terceiro é o Vôlei de Praia. Com certeza, porque o Vôlei de Praia trouxe muitas medalhas olímpicas pro Brasil e isso, logicamente, chama a atenção do público. Então, eu acho que é fácil praticar o esporte, é só... você não tem muito gasto e é só você ir pra praia jogar. Qualquer idade pode praticar. Então, isso aí chamou a atenção muito do público brasileiro.

Entrevistador Gilmar: E no cenário esportivo mundial como é que você vê o Vôlei de Praia, de uma forma geral, no mundo – cenário esportivo mundial?

Letícia: Ele cresceu muito, depois da Olimpíada de Atlanta que teve aceitação do Vôlei esporte... do Vôlei de Praia como esporte olímpico. Em Sydney, na Olimpíada de Sydney, o espo... o ginásio tava... o ginásio, a arena estava lotada, mais de dez mil pessoas. Então, eu acredito que o esporte tenha ganhado popularidade no mundo inteiro.

Entrevistador Gilmar: Como você vê o Vôlei de Praia brasileiro no cenário esportivo do Vôlei de Praia mundial?

Letícia: Ah, o Vôlei de Praia brasileiro tem um circuito muito bom, que é o melhor do mundo, que você tem de 12 a 16 etapas por ano. E os atletas, como no futebol, têm a ginga do esporte. Então, os atletas brasileiros eles são os mais craques, naturalmente. Então, eu acho que o Brasil é muito respeitado até porque os 7 últimos campeonatos foram ganhos pelo Brasil.

Entrevistador Gilmar: Letícia, qual a importância do Vôlei de Praia ser um esporte olímpico?

Letícia: A importância é ganhar popularidade, profissionalismo, é... patrocinadores novos e toda... Eu acho que é importância geral, em tudo que envolve qualquer esporte é... olímpico. Acho que ele ganhando popularidade ele vai ter patrocinadores, ele vai melhorar profissionalmente, ele vai melhorar na estrutura. Então, tudo isso ganhou muita importância a partir do momento em que ele foi aceito como esporte olímpico.

Entrevistador Gilmar: O que você acha do espetáculo do Vôlei de Praia ao vivo?

Letícia: Eu acho muito bacana. Eu acho que... pô... você, quando tá sol, aquela galera toda gritando teu nome, a entrada dos jogadores na quadra, o espetáculo que é... pô, você tá fazendo um ponto, você tá defendendo seu país, essa cidade e o seu patrocinador. Eu acho que no... que é um dos esportes mais bonitos do País.

Entrevistador Gilmar: E pela televisão? O que você acha do espetáculo do Vôlei de Praia pela televisão?

Letícia: Eu acho que o Vôlei de Praia é... tem uma forma de disputa, agora, que fica mais interessante pra televisão. Que, antigamente, o esporte era eliminatória dupla e aí o povo não entendia muito porque um perdia e tava na final. Eu acho que hoje em dia sendo eliminatória simples e você chegando a uma semifinal por meios normais, isso chamou muito a atenção do público. Então, eu acho que na televisão fica um espetáculo muito bonito. Com a entrada das câmeras novas, que pegam do ângulo tal, do ângulo X, do ângulo Y, eu acho que chama mais atenção ainda.

Entrevistador Gilmar: Letícia, por que o Vôlei de Praia faz tanto sucesso no Brasil?

Letícia: Porque nós temos uma... um bom clima durante o ano inteiro, que favorece a participação de cada vez mais pessoas. Nós temos uma praia que é... que tem uma extensão muito grande, tem muitas redes de Vôlei e as pessoas não precisam pagar pra ir jogar Vôlei na praia. Então, isso popularizou muito no País. E, logicamente, é... pelo Brasil ter trazido muitas medalhas no esporte, o esporte ficou mais popular.

Entrevistador Gilmar: Você podia apontar alguns acontecimentos que você... na sua opinião são chaves pra que esse sucesso é... acontecesse. Os acontecimentos históricos, ou estruturais...

Letícia: É, eu acho... é... por exemplo, logicamente, o Brasil ter ganho uma medalha de ouro no Vôlei feminino, ter ganho uma medalha de ouro no Panamericano, ter ganho uma medalha de ouro nos Jogos da Amizade é... a estrutura, o patrocinador, Banco do Brasil, ter feito um contrato de mais de 8 anos pra bancar o circuito nacional. Então, isso tudo levou o Brasil, a cada vez mais, é... ter um nome forte no mercado, fora o Brasil ser hepta campeão mundial na categoria feminina e penta campeão mundial na categoria masculina.

Entrevistador Gilmar: Letícia, você falou desses 8 anos de contrato. Esse foi em 91, no início, que eles fizeram esse contrato por 8 anos?

Letícia: Cara, isso aí você tem que perguntar ao Guilherme. Eu não lembro muito bem. Eu sei que eles já... até 2004, o contrato... já têm 2 contratos, que eu saiba. Um foi de 2000 a

2004. Outro foi de 96 a 2000. Eu não sei se teve um anterior. E, agora, eles tão tentando renovar até 2008. Eu acho que isso ajuda muito o esporte.

Entrevistador Gilmar: Letícia, e no Vôlei de Praia feminino... só pra encerrar, a última pergunta. No Vôlei de Praia feminino... é... a CBV tá fazendo um projeto, agora, o Saquarema, fazendo uma peneira com meninas... qual você acha que é o futuro do Vôlei de Praia feminino? O que você acha que pode ser feito pra melhorar? Você... como... na tua visão como técnica?

Letícia: Eu acho que o Vôlei de Praia feminino tem... é... atletas de nível bom que podem vir a ser grandes atletas. Só que a gente precisa entrar com mais patrocinadores individuais no mercado, porque muitas atletas não têm é... dinheiro pra fazer viagens, que faz elas ganharem experiência, porque, hoje em dia, no País, uma passagem aqui pro Brasil mesmo é muito cara. Então, o que eu acho é que precisa mais de estrutura pros treinadores. São poucos os treinadores que podem viver disso, entendeu? Eles não conseguem – se não tiver um bom patrocinador – se dedicar só a isso. Então, acho que falta o fator financeiro pra ter... pra um atleta ter só um treinador que possa se dedicar só a ele. Pra ele poder viajar, ir nas etapas pra poder ganhar mais experiência internacional e nacional. Então, isso tudo mesmo depende do fator financeiro. Eu acho que isso... se entrar mais patrocinadores, pra atletas individuais, isso vai ser importante pro nosso esporte.

Entrevistador Gilmar: Aqui, a gente finaliza, então, a entrevista com a Letícia. Obrigado, Letícia!

FITA N° 2

LADO A – Entrevista n° 4: Jacqueline Silva.

Entrevistador Gilmar: 6 de fevereiro de 2004, praia de Ipanema, Rio de Janeiro, primeiro dia do torneio Rei da Praia. Entrevistada: Jacqueline Silva, campeã olímpica de Vôlei de Praia, Atlanta 96 e primeira brasileira a jogar Vôlei de Praia nos Estados Unidos, profissional. Jacqueline, quais foram os motivos que te levaram a jogar Vôlei de Praia?

Jacqueline: Ah, eu comecei a jogar Voleibol na praia de Copacabana é... na... em frente a Bolívar. Era um local que dali é... coincidência ou não saíram outros jogadores de Voleibol, e, eu ia pra praia. Meu pai jogava Vôlei e eu jogava Vôlei com ele e era assim.

Entrevistador Gilmar: O que você visualizou no Vôlei de Praia? Porque você deixou o Voleibol *indoor*, né? Era da seleção brasileira, Olimpíada... de repente foi pro Vôlei de Praia. O que você visualizou no Vôlei de Praia que te cativou?

Jacqueline: Eu sempre joguei Vôlei de Praia. Faz parte... eu cresci jogando Voleibol, eu... é... eu... eu sou carioca, freqüento a praia de Ipanema desde pequena e... sempre joguei Voleibol, quando fui pra praia. Quer dizer...

Entrevistador Gilmar: É natural, então?

Jacqueline: Quando eu fui jogar a Olimpíada de Los Angeles, em 84, aí eu saía dos jogos e ia pra praia e via que eles jogavam Voleibol de Praia. E tinha uma revista americana com muitas fotos e tudo mais. Aí um dia enchi o saco de jogar Voleibol de quadra e fui pesquisar se tinha alguma maneira de eu começar a jogar Voleibol na praia da Califórnia. Aí arrumei as minhas coisas e fui pra lá. Mas naquela época não era nem profissional, ainda. Era só amador.

Entrevistador Gilmar: Descreva sua fase amadora no Vôlei de Praia.

Jacqueline: Ué... essa fase de... eu sempre jogava... e eu participei de alguns torneios na praia de Ipanema e não tinha nenhuma premiação. Acho que era só... restaurante, lanche, almoço, jantar. Isso ainda eu fiz também nos Estados Unidos muitas vezes. A premiação eram brindes e coisas desse tipo. Era uma forma que eu encontrei de me divertir realmente, jogando sem ser profissional.

Entrevistador Gilmar: Como foi essa transição? Você deixar de ser amadora e de repente se profissionalizou no Vôlei de Praia. Eu queria que você falasse da transição amadorismo/profissionalismo.

Jacqueline: Eu jogava nos Estados Unidos e... na... mas os homens já eram... já tinham uma associação de jogadores profissionais que é a famosa AVP e as mulheres ainda não. Aí eu já jogava lá algum tempo, já tinha um ano, e as mulheres se reuniram pra formar a primeira associação de jogadoras de Voleibol profissional. E aí eu participei da fundação e se criou a WPVA (*Women's Professional Volleyball Association*). Lá é muito organizado e não levou muito tempo e já tinha torneios e tudo com premiação alta em dinheiro. E foi isso.

Entrevistador Gilmar: Atualmente, como é ser um jogador profissional de Vôlei de Praia?

Jacqueline: Bom, desse tempo pra cá, isso foi em 1986, é... acho que ficou... acho que o Voleibol naquela época, nos anos 90, era um pouco mais divertido. Existiam mais jogadores envolvidos com a praia mesmo. Entendeu? Jogadores que vieram da praia, que moravam perto de praia. Hoje em dia, como o esporte cresceu muito, tem muita grana, ele... acho que os atletas ficaram muito voltados pra questão do dinheiro e o esporte tá perdendo um pouco do romantismo que ele tinha do lado dele que era bacana. O Voleibol de Praia era quase como um surfista, como os surfistas. Os jogadores, eles eram da área, faziam parte do crescimento do esporte. Quem tomava conta eram os atletas. Hoje, não. Hoje, cresceu muito, tem muito investimento, tem muito envolvimento político e algumas vezes atrapalha.

Entrevistador Gilmar: Jacqueline, como foi pra uma brasileira deixar o Brasil e jogar Vôlei de Praia nos Estados Unidos? Como foi a recepção lá, a aceitação, o início? Queria que você falasse um pouco do início do teu Vôlei de Praia nos Estados Unidos.

Jacqueline: Olha, é... eu acho que... assim, diante dá dificuldade, eu tive muita sorte. Eu joguei a Olimpíada de 84, em Los Angeles, e muitos jogadores me reconheceram pela jogadora que eu fui na Olimpíada. Eu fui, nessa época, a melhor levantadora da Olimpíada. E o pessoal... como eram pessoas do meio do Voleibol, foi muito fácil... assim as coisas acontecerem pra mim. E eu fui pro... eu escolhi o lugar pra ir, o lugar que era certo, cara, como se fosse a praia de Ipanema, aqui. Entendeu? Onde que é que fica...

Entrevistador Gilmar: Que praia que é?

Jacqueline: Que praia que é? Da onde são essas pessoas? Quem são? E eu fui direto nelas. E em pouco tempo eu já tinha conseguido bastante coisa. Apesar... não era a vencedora, na época, mas as pessoas tinham muito respeito pela forma que eu jogava e foi isso. Era assim... toda... o tempo inteiro tinham coisas que aconteciam legais e que me abriam

portas... e foi assim. As coisas deram muito certo, em dois anos eu era a número um, nos Estados Unidos, como jogadora.

Entrevistador Gilmar: Quem foi a tua primeira parceira, lá nos Estados Unidos?

Jacqueline: A minha primeira parceira chama-se Jeanne Meltzer... não sei... nem lembro dela mais. Ela era bem amadora, mas era uma jogadora que jogava melhor futebol de praia do que Vôlei (ri). E ela foi a primeira jogadora. Mas aí, daí em diante eu fui jogando com várias jogadoras até alcançar o *top* lá de...

Entrevistador Gilmar: Você entrou pra história do Voleibol brasileiro... americano. No americano, você foi a jogadora com maior vitórias no circuito americano, é... como você... como você, hoje, vê essa... essa volta dos Estados Unidos... Você é uma pessoa, vamos dizer assim, importante lá no Vôlei de Praia americano, como você vê essa volta pro Brasil? Como foi teu retorno?

Jacqueline: Foi muito legal! Assim, sabe que... é eu acho que eu voltei na época certa. Eu voltei com objetivo de participar das Olimpíadas, de representar o Brasil e então, assim... Depois, eu estava há oito anos já morando fora, eu vim pro Brasil e fui super bem recebida e foi... era exatamente o que faltava pra eu me preparar pras Olimpíadas. O Voleibol de Praia, graças a Deus, aqui cresceu muito, até mais do que nos Estados Unidos. Nos Estados Unidos, depois dessa época, teve uma parada grande. O esporte lá caiu muito, por falta de patrocínio e aqui no Brasil, só cresceu. Então, hoje, nos temos aqui um País que é... a capital... se tornou a capital do Voleibol de Praia do mundo. Os maiores jogadores estão aqui, realmente. Então eu acho que essa transição foi na hora certa. Se eu pudesse... é... realmente, se eu tivesse que fazer de novo, teria feito, entendeu? Eu não me arrependo de nada. Foi perfeito.

Entrevistador Gilmar: Jacqueline, como você vê o Vôlei de Praia no cenário esportivo nacional?

Jacqueline: Então, tem um grande patrocinador que é o Banco do Brasil e ele... eles organizam a nossa competição, porque eu acho que pro atleta profissional a coisa mais importante é a competição. Então, hoje nós temos... sei lá... um calendário com 12, 14 eventos anuais. Aí pra aqueles jogadores que têm condições de participar ainda dos eventos internacionais, faz um calendário, quase... sei lá... 20, 30 torneios anuais. Isso deixa a gente com uma bagagem muito grande pra poder jogar sempre lá em cima, o tempo inteiro, sempre criando novas oportunidades, novos jogadores e então eu acho que nesse lado aí tá legal. Hoje em dia, nós temos, além disso tudo, recebemos muitos estrangeiros que vêm pra cá treinar, na época que é frio lá, época de inverno deles, eles vêm pra cá pro Brasil e trabalham com muitos treinadores nossos. Eu mesmo já dou treino pra equipes da Alemanha, outras equipes, do Canadá também. Então, o mercado, ele abriu

muito, porque o Brasil oferece essas condições todas. Inclusive o nosso clima é muito bom, porque a gente tem o... jogamos e treinamos durante todo um ano, sem problema de inverno, frio, chuva, nada disso.

Entrevistador Gilmar: Qual a importância do Vôlei de Praia ser um esporte olímpico?

Jacqueline: Eu acho que é a visibilidade, exposição que ele ganha e a fama que os jogadores... o reconhecimento dos jogadores, né? Então, foi muito importante ele ingressar pra uma Olimpíada. E eu dei sorte de ter sido a primeira campeã olímpica, na primeira Olimpíada. Isso foi um marco.

Entrevistador Gilmar: O que você acha do espetáculo do Vôlei de Praia ao vivo?

Jacqueline: Eu acho que alguns torneios são muito importantes pro... pro... pra quem assiste. Principalmente, a forma como ele é feito é... no Circuito Mundial tem... Suíça, Áustria – que é um torneio maravilhoso de se participar, porque tem uma integração muito grande com o público que assiste e os jogadores e eu acho que isso é fundamental. Este torneio Rei e Rainha é um marco, que também é importante, que aqui é feito na praia de Ipanema. É realizado na praia de Ipanema. É onde tem... é o público conhece muito do esporte e tem antigos jogadores, antigos treinadores. Então, a gente consegue juntar a nata do, do... o mundo do Voleibol. Isso é muito importante. E eu acho que são torneios assim especiais que consagram mais o esporte.

Entrevistador Gilmar: O que você acha do espetáculo do Vôlei de Praia transmitido pela televisão?

Jacqueline: Algumas vezes, eu acho até melhor. Porque dependendo da aparelhagem que tem, da grua, entendeu? Da câmera, a aproximação, ele faz com que, realmente, com que você consiga ver até mais detalhes do que ao vivo. Ao vivo, você conta muito com a emoção do jogo, isso tudo. Mas na televisão ele é um grande esporte.

Entrevistador Gilmar: Por que o Vôlei de Praia faz tanto sucesso no Brasil?

Jacqueline: Acho que é a tradição. É... é... é óbvio que ele tem uma facilidade. É um esporte fácil, é um esporte em que as pessoas vão pra praia, levam uma bola, uma rede, armam e já tão praticando. E eu me lembro assim que, desde pequena, eu sempre passei pela praia e a praia foi sempre repleta de redes de Voleibol e as pessoas jogando. Quer dizer, imagino que seja uma coisa mesmo de tradição do brasileiro jogar Voleibol. Jogar Voleibol e Voleibol de Praia.

Entrevistador Gilmar: Você podia apontar alguns acontecimentos históricos, ou estruturais, ou organizacionais que fizeram com que o Vôlei de Praia brasileiro alcançasse o patamar que tem hoje?

Jacqueline: Eu acho que algumas... eu acho que o que, realmente, faz com que o esporte cresça são é... são os jogadores e é lógico, depois, o esporte organizado. Mas na época que o Vôlei de Praia começou a ser incentivado aqui no Brasil é... houveram grandes jogadores americanos que vieram pra cá e eu acho que chamaram... e eu acho que chamou muito...

Entrevistador Gilmar: Pro Hollywood...

Jacqueline: É. Na época era... Singin Smith, Randy Stoklos, Karch Kiraly e... aqui no nosso lado tínhamos Bernard, Badá, entendeu? Eu jogava, Isabel... eu acho que isso que faz com que, realmente, o esporte... o esporte precisa disso, de ídolos, sabe? E eu acho que, nessa época, vinha todo mundo. Os americanos eram os melhores e eram considerados os deuses, assim... E, então, eu acho que isso atraía muita gente. E, depois, o Brasil começou a ganhar dos americanos e atraiu mais gente ainda.

Entrevistador Gilmar: É. Isso foi em 85, né? Aquele promovido pela Koch Tavares, aquele... acho que foi no Guarujá, né?

Jacqueline: Guarujá. Teve um aqui.

Entrevistador Gilmar: Um aqui que... e na tua opinião, então, o início de tudo foi esse... esse Hollywood?!

Jacqueline: É. A presença desses jogadores bacanas, né? Eu acho que até hoje o esporte... acho que a própria queda que teve nos Estados Unidos foi que... eu acho que nunca mais eles conseguiram nomes tão importantes, jogadores tão importantes pra representar o esporte.

Entrevistador Gilmar: Só pra eu finalizar, eu queria que você falasse da tua escolinha de Vôlei de Praia. Quando começou? Como é que ela tá hoje? Com quantas crianças ela começou e quantas têm hoje? Só pra gente fazer um paralelo.

Jacqueline: Olha eu... A escolinha de Voleibol de Praia começou “Jackie Clube de Vôlei”. Ela começou uns 3... 3 anos e pouco atrás e ela tem... hoje ela cresceu muito, tem vários núcleos em diferentes praias. Não só na praia, também em comunidades, sabe? Onde eu puder plantar uma semente, eu planto. Mas, assim... ela tem cerca de 300 crianças praticando Voleibol, hoje. E eu comecei só com uma escolinha. Comecei com uma escolinha na Barra. Não! Comecei...

Entrevistador Gilmar: Começou com quantas crianças?

Jacqueline: Ah, hoje?

Entrevistador Gilmar: Não. Quando começou.

Jacqueline: Ah...! Quando começou? Não sei... umas 50 crianças. E é uma forma que eu encontrei de poder passar, assim... ter a possibilidade de oferecer uma coisa que o esporte me deu... sempre me ofereceu muito, sempre me deu muita chance. Hoje, eu faço a mesma coisa. Eu devolvo aquilo que eu consegui através do esporte.

Entrevistador Gilmar: Então, obrigado Jacqueline.

Jacqueline: Muito obrigado, vocês. Boa sorte! Espero que eu tenha ajudado com o trabalho de vocês todos.

FITA N^o 2

LADO B – Entrevista n^o 5: Guilherme Luiz Marques.

Entrevistador Gilmar: Dia 06 de fevereiro de 2004, praia de Ipanema, Rio de Janeiro, primeiro dia do Torneio Rei da Praia, Guilherme Marques. Guilherme, quais foram os motivos que o levaram a jogar Vôlei de Praia?

Guilherme: É... eu comecei a jogar Vôlei com 11 anos de idade e sempre gostei de jogar Vôlei... Vôlei de quadra. Joguei muito tempo no Flamengo, até os 18. Ah, o Vôlei de Praia veio acho pela facilidade de eu morar no Rio de Janeiro e... né... no Leblon, num lugar de praia. Então, via Vôlei de Praia todo final de semana. Já fazia parte da minha... vamos dizer, do meu estilo de vida, ir pra praia e tal. Só faltava eu ligar Vôlei, que era a coisa que eu mais gostava, com aquela atividade ali num lugar agradável. Então, eu comecei a jogar Vôlei de Praia, na época que eu parei de jogar Vôlei de Quadra e foi o único esporte que eu consegui ainda pra me manter um pouco em atividade. E, depois, naturalmente, sem muito... um pouco por acaso passou a se tornar uma coisa mais profissional.

Entrevistador Gilmar: O que você visualizou no Vôlei de Praia?

Guilherme: Como eu estou no Vôlei de Praia desde o começo, eu fui sempre observando a melhora dele em todos os aspectos, né, aspectos econômicos, né, financeiros, principalmente, as premiações foram aumentando, as competições também, número de competições foi aumentando, a exposição na televisão também foi aumentando. Então, eu participei, acompanhei esse... todo esse processo, né, essa evolução. Então, no começo era um esporte agradável, um esporte que sempre deu oportunidades de conhecer as cidades, né, viajar bastante. Não tinha um retorno financeiro. Depois, o fato de a gente tar viajando e poder conhecer outros lugares, viajar pelo mundo e tal, aliou-se ao fato de começar a ter a possibilidade de ganhar dinheiro. Então, uniu o útil ao agradável e aí resolvi continuar.

Entrevistador Gilmar: Como foi a sua transição do Voleibol, né, *indoor*, para o Vôlei de Praia?

Guilherme: Eu acho que eu falei um pouquinho na primeira pergunta, foi um pouco por acaso. Eu tinha parado de jogar Voleibol de Quadra, eu tinha ingressado na Faculdade de Engenharia, então, eu já não podia mais treinar todos os dias. Então, foram dois anos quase que eu não treinei... só finais de semanas e férias que eu podia praticar Vôlei de Praia, então, eu já tinha parado de um pra ir pro outro.

Entrevistador Gilmar: O início da tua carreira no Vôlei de Praia... ela foi amadora, né? Você podia falar um pouquinho só... da tua fase amadora?

Guilherme: A fase amadora ela foi... é... muito... No meu caso, até esse amadorismo do Vôlei de Praia foi bom pra mim porque eu tive a oportunidade de concluir o meu curso de Engenharia. Então, acho que eu sou um privilegiado, porque, naquela época, a gente jogava poucos torneios e era só na época de férias, quando eu tava de férias na faculdade. Então, a época de amadorismo do Vôlei de Praia coincidiu com a minha época de formação, a época que eu pude estudar. Quando os torneios passaram a se tornar oficiais, os calendários, né, oficiais, com premiação, eu pude optar, então, eu preferi continuar na carreira de Vôlei de Praia.

Entrevistador Gilmar: Como foi essa transição do amadorismo para o profissionalismo?

Guilherme: Uma série de fatores aí. O primeiro foi o fato de o grande presidente da Confederação Brasileira, o Carlos Arthur Nuzman, ter é... é... talvez visualizado aí a possibilidade das empresas tarem se unindo ao esporte, conseguiu trazer o Banco do Brasil pro Vôlei de Quadra e isso refletiu pra todo Vôlei. E o Vôlei de Praia também pegou uma carona. Então, assim que eles... o Banco do Brasil resolver... resolveu apostar no Vôlei de Praia por outros motivos a gente se deu bem nessa, passamos a nos tornar profissionais, porque foi permitido isso, né, pela quantidade de dinheiro, enfim... alguma coisa que eu já falei antes.

Entrevistador Gilmar: Como você vê o Vôlei de Praia no cenário esportivo nacional?

Guilherme: Eu vejo como um esporte privilegiado. É um esporte que contém... que já tem um calendário oficial, um calendário extenso, distribui é... mais de quase 2 milhões de reais pros jogadores, né, em premiações. Então, eu vejo aí uma distância grande pra outros esportes, nesses aspectos, né? As pessoas já podem se programar sabendo que tem calendário, procuram seus patrocinadores. E é uma coisa que não tende a acabar. Quando virou esporte olímpico, né, uma coisa puxou a outra. Ele, por ser esporte olímpico, obriga os países a indicarem uma dupla, né, pra representarem os seus países, e os seus países, pra terem essas duplas, tem que fazer os seus circuitos. Então, foram uma série de fatores que aí contribuíram pra esse esporte, definitivamente, tomar um lugar aí dentro dos grandes esportes brasileiros.

Entrevistador Gilmar: Guilherme, é... como é que você vê o Vôlei de Praia, de um modo geral, né, no cenário esportivo mundial? O Vôlei de Praia, de um modo geral.

Guilherme: No cenário mundial, a gente nota uma ascensão. Hoje em dia, os campeonatos mundiais são muito mais difíceis para os brasileiros e americanos do que há dez anos atrás. A gente vê algumas etapas sendo vencidas por duplas da Suíça, do Canadá e, enfim, você vê que eles já começam a participar. Os circuitos nacionais nesses países também vêm aumentando. Eles levam algumas vantagens pela estatura dos seus jogadores, que são jogadores altíssimos. Mas a desvantagem de não possuir um... um litoral tão extenso

como o nosso e contar com o grande problema do inverno. Na Europa, você tem que... não pode praticar durante a metade do ano. E aqui a gente não tem isso, né? Então, eu vejo vantagens e desvantagens pra esses países. Mas são países... todos países sérios. Quando eles entram em alguma coisa, não é pra brincar e isso tem acontecido no Vôlei de Praia.

Entrevistador Gilmar: Guilherme, qual a importância do Vôlei de Praia ser um esporte olímpico?

Guilherme: Acho que eu acabei respondendo um pouco disso. A importância, primeiro, pros atletas, né? Você saber que o esporte que você pratica é um esporte que concorre a medalhas, né? Dentro do cenário esportivo e tal, isso é muito bom. Isso... a gente tá indo, esse ano, pra terceira Olimpíada e o Brasil, dentro desse contexto aí, sempre tem chances muito fortes de ganhar medalha, né, medalhas de ouro, medalhas de prata, que é mais um fator estimulante pros jogadores, estimulante pra Confederação Brasileira, pros patrocinadores, então, é muito bom. A coisa da entrada na Olimpíada do nosso esporte... assim, definitivamente, é... colocou um horizonte, um futuro muito, muito bom pra esse esporte.

Entrevistador Gilmar: O que você acha do espetáculo do Vôlei de Praia ao vivo?

Guilherme: O Vôlei de Praia... essa... é... o nosso grande trabalho, eu acho que o desafio agora dos promotores e da própria CBV é passar do simples jogo pra um espetáculo, né, pras pessoas que vêm assistir. Então, temos aí a primeira preocupação: é o público na arena; uma segunda preocupação seria o público em casa. Mas o público na arena, hoje, nós temos assim procurado nos aperfeiçoar bastante em termos de entretenimento. Então, a gente já conta com locutores em todos os eventos, com músicas adequadas, né, características, ligadas ao estilo de vida das praias locais, arquibancadas confortáveis pra receber essas pessoas, enfim, a gente quer que a pessoa, quando venha aqui, assista um Vôlei de Praia e, no final das contas, tenha um ótimo show de entretenimento. Ao invés de ele escolher ir pro show de música, ele vai escolher vir pra um evento de Vôlei de Praia.

Entrevistador Gilmar: E do espetáculo do Vôlei de Praia transmitido pela televisão?

Guilherme: Aí que eu acho que ainda falta bastante. É difícil... devagar a gente tá conseguindo passar pro pessoal da televisão os melhores ângulos de filmagem. Nós temos que entender também um pouco o lado da televisão, quais são as carências e as necessidades que eles precisam. Coisas que a gente tem que respeitar, que não dá pra mudar. É... mas é fundamental. Sem a televisão é difícil o esporte continuar crescendo. Nós temos uma boa assistência da televisão. As nossas finais brasileiras são passadas pela Sport TV e algumas dos torneios internacionais, pela Rede Globo. É um esporte que já

deu mais Ibope, mas que, às vezes, depende muito da sorte do jogo que você tá transmitindo pro Ibope ser bom. O Ibope sendo bom, ele puxa uma série de coisas positivas pra haver uma renovação de um novo torneio. E cada jogo nosso passado na televisão, é a garantia de que a gente tá perpetuando, né, o Vôlei de Praia, os atletas, os patrocinadores. Mas acho que não existe, ainda, uma fórmula ideal de transmissão. A gente ainda tá longe dessa fórmula e a gente tá buscando ela.

Entrevistador Gilmar: Você acha que é uma tendência o Vôlei de Praia... você poder assistir ele pela Internet?

Guilherme: Eu não entendo muito assim, ainda, dessa tecnologia toda, da facilidade de você assistir pela Internet. Eu acho que sim. Assim... na minha pouca... no meu pouco entendimento, acho que vai ser assim, a Internet facilita o acesso onde quer que você esteja... a velocidade... acho que a tecnologia só que vai dar esse pontapé final... é... é... mas essas imagens seriam... vão ser geradas iguais as imagens de televisão. Então, a gente já tem um passo na frente que a gente se preocupa já com a televisão, a maneira legal de transmitir. A Internet vai poder pegar isso e jogar mais fácil e rapidamente pro público, em casa.

Entrevistador Gilmar: Guilherme, por que o Vôlei de Praia faz tanto sucesso no Brasil?

Guilherme: Pô! Vários motivos. É um esporte que pegou uma grande carona no Vôlei de Quadra, onde a gente teve, por várias gerações, times consagrados, né, e vários ídolos. E os ídolos no Vôlei de Quadra... eles trouxeram uma notoriedade pro esporte e a gente pega uma carona nisso aí. Vôlei de Praia é um esporte fácil de praticar, é um esporte barato. Então, aquele cara, o simpatizante, pode sair depois de um evento, achar uma quadra, basta apenas uma bola e mais três pessoas e ele já tá praticando. Isso facilita bastante. É um esporte que é praticado num lugar agradável, porque você sempre pode conciliar um jogo de Vôlei de Praia com a própria praia, você pode convidar os amigos, a família. Então o Vôlei de Praia permite essa... um leque de opções que não seja só o esporte em si. Então, isso facilita. Acaba revertendo pra prática do esporte. Então, eu acho que é muito por aí. Visualmente, é bonito. Os atletas são atletas bonitos. Masculino... feminino é muito bom. As meninas são bonitas. E isso tudo facilita.

Entrevistador Gilmar: Se você puder apontar pra gente alguns acontecimentos que aconteceram na história aí do Vôlei de Praia no Brasil que alavancaram esse sucesso, na sua opinião.

Guilherme: O litoral, a possibilidade da gente praticar Vôlei de Praia em qualquer cidade, né, do litoral. É um esporte barato, é um esporte... ah, com pouco contato físico, onde as pessoas se aborrecem apenas com o esporte mesmo. Não se aborrecem com os oponentes, é um esporte é.... Tivemos grandes dirigentes ao logo dessa última década. Dirigentes

com visão, que conseguiram trazer empresas e mostrar que esse relacionamento é fundamental e é rentável pros dois lados. E agora nós estamos dando continuidade com outros dirigentes com uma visão excelente de que o negócio é um negócio sério. Tem que ser tratado com seriedade, tem que ser mostrado os resultados, apontados os erros, corrigidos. Outro foi a entrada nos Jogos Olímpicos, que aí, definitivamente, era a última peça da engrenagem que faltava.

Entrevistador Gilmar: Guilherme, agora só pra encerrar, eu queria que você falasse da... Você foi o primeiro brasileiro a conquistar uma etapa do mundial, né, junto com o André, eu queria que você falasse um pouco daquela época, da conquista da etapa, de como isso mudou a tua carreira, né?

Guilherme: Esse evento foi, se eu não me engano, em 90, na França, aonde a Federação Internacional já contava, naquela época, com 5 eventos anuais mas eu ainda era amador, o pessoal todo no Brasil era amador. Eu tive a felicidade de ir com uma outra dupla brasileira, com o Franco e Roberto pra esse mesmo evento. Eram só nós dois. Na semifinal a gente se cruzou e nós ganhamos. Ali, foi o primeiro grande passo pra conquista. O segundo foi derrotar uma dupla americana. Não era a melhor dupla americana, na época, mas era uma dupla americana. Era o John Eddo e Sean Fallowfield. Eram dois atletas americanos, garotos que nem a gente, mas com 4, 5 anos de profissionalismo, nos Estados Unidos. A gente teve uma oportunidade. A gente criou uma confiança muito grande e foi aquele dia que deu tudo certo. Então, nós aproveitamos. A gente já tinha pego... tinha uma certa bagagem de outros eventos e...

Entrevistador Gilmar: Qual praia que foi, na França?

Guilherme: Foi numa praia... foi na cidade chamada Sète. Era um vilarejo chamado Ville de Sete, na França. Foi inesquecível. A premiação...

Entrevistador Gilmar: Vocês eram amadores ou já tavam com...

Guilherme: Não. Nós éramos.... A gente já tinha uma maior regularidade de eventos, mas só jogados no verão, aqui no Brasil. Nós não treinávamos. Eu estudava, o André ainda estudava. As premiações eram baixas. Nós fomos campeões do circuito mundial e cada um ganhou 3 mil dólares. Hoje, a menor premiação são de 26 mil dólares. Quer dizer, 13 mil dólares pra cada atleta. Então, pra você ter uma idéia, né, do crescimento nesses 10 anos.

Entrevistador Gilmar: Guilherme, obrigado. Acho que era isso.

Guilherme: Beleza, cara!

FITA Nº 3

LADO B – Entrevista nº 6: Ary Graça Filho.

Entrevistador Gilmar: 07 de fevereiro de 2004, praia de Ipanema, Torneio Rei da Praia, entrevistado, Sr. Ary Graça Filho, atual presidente da CBV. Ary, como o Sr. vê o Vôlei de Praia no cenário esportivo brasileiro?

Ary Graça: Hoje, é um fato. Na época que nós jogávamos Vôlei, que eu jogava Vôlei, eu fui jogador de praia, mormente de praia, e eu saí da praia pra ir jogar no *indoor*. Quer dizer, foi uma coisa diferente. Naquela época, o Vôlei de Praia era praticado... tinha... Na verdade, em Copacabana tinham 4 redes e em Ipanema e Leblon tinham mais 2 redes e o resto era campo de futebol. Hoje, você tem 4 campos de futebol e o resto tudo são redes de Voleibol. Na verdade, você tem mais de 500 redes de Voleibol. Então, é uma verdade, é um fato que tá trazendo essa garotada toda de todas as classes, porque é um engano achar que é só classe da elite, não é verdade. Eu tenho estatísticas dizendo que todo mundo tá praticando, inclusive os centros. Eu tenho mais de 25 mil crianças nas comunidades carentes praticando Voleibol, de 7 a 14 anos, inclusive Voleibol de Praia.

Entrevistador Gilmar: Como o Sr. viu a transição do Vôlei de Praia do amadorismo quando ele passou pro profissionalismo?

Ary Graça: Isso foi, principalmente, dentro do Brasil, o Brasil criou tudo isso e os Estados Unidos desenvolveu na famosa AVP lá, que era dos próprios jogadores e que já quebrou 2 vezes. E, no momento, tá quebrada de novo e tão tentando pedir um empresário pra fazer a AVP deles, por quê? Porque essa organização ela precisava se expandir como se expandiu para o mundo inteiro. Não bastava eu ter aqui Voleibol de Praia se eu não tivesse campeonatos internacionais que é o que realmente motiva todo mundo e motiva os patrocinadores. Essa evolução ela foi lenta, ela... as premiações, eu me lembro, era 2, 3 mil reais, não mais do que isso, pra todo mundo. Era relógio, coca-cola, enfim... e, hoje em dia, você tá falando em premiações, só no Brasil, da ordem de 5,5 milhões de reais entre os jogadores. Hoje, você pode viver do Voleibol de Praia, como de fato vivem mais de 120 duplas que disputam o Circuito Vôlei de Praia do Banco do Brasil. De maneira que o Vôlei de Praia, hoje, é uma realidade, uma verdade e é um show. E nós criamos esse sentido que, além da arena, você tem a praça de alimentação, de venda de produtos, onde os patrocinadores podem não só patrocinar os jogadores, mas vender efetivamente, demonstrar os seus produtos. Então, é um conceito que nós levamos pro mundo inteiro e que deu certo. Você tem o muro pra escalar, você tem cultural com as crianças, desenhar, fazer brincadeira de é... com muita pedagogia, muita didática pras crianças, enfim, você tem todo o tipo de divertimento. Então, o povo aflui.

Entrevistador Gilmar: Eu lembro que no Circuito Banco do Brasil, no início, era só a arena e as 2 quadras. Então, foi na sua gestão que começou a ter a área de lazer e todo esse show, esse espetáculo? A gente queria saber quando o Sr. assumiu a CBV, em que ano?

Ary Graça: Eu assumi... eu já tava eleito desde 95, mas assumi, efetivamente, em janeiro de 1997. Portanto, eu tô indo pro oitavo ano de administração.

Entrevistador Gilmar: O que o Sr. acha da inclusão do Vôlei de Praia ser um esporte olímpico? Qual a importância disso?

Ary Graça: É a dimensão maior. Você não pode convencer um atleta a jogar alguma coisa, profissionalmente, que não seja tendo um objetivo maior. E o objetivo maior são os campeonatos mundiais e a Olimpíada que, indiscutivelmente, ainda, é o grande sonho de todo atleta.

Entrevistador Gilmar: Como é que tá o Vôlei de Praia brasileiro no cenário do Vôlei de Praia mundial?

Ary Graça: Chega a ser constrangedor eu falar, na medida em que eu sou presidente. Mas é um domínio completo. Esse ano nós ganhamos absolutamente tudo em todas as divisões, no masculino e no feminino. Então, o Brasil, de fato, domina tecnicamente e domina em termos de *sponsors*, televisão e de um maior número de circuitos onde tem o maior número de etapas. Nós fizemos 20 etapas no ano passado. É por isso que eu disse que o jogador pode viver disso. No mundo inteiro, quem tem muito, tem 5 etapas, mas fraca. Não é do nível do nosso aqui. É um domínio técnico, financeiro, de televisão e de público, que ninguém no mundo tem o público que nós temos.

Entrevistador Gilmar: E... o que o Sr. acha do espetáculo do Vôlei de Praia ao vivo?

Ary Graça: É o nosso conceito que nós introduzimos, não só na praia como no *indoor* também. Aqui, além... não adianta ficar dando show pra torcida, não adianta botar *cheerleader*, que é coisa de americano. O nosso conceito que parece uma bobagem, mas foi fundamental é o seguinte, o povo tem que ir pra lá se divertir. Então, é um esporte da família que não tem pancadaria, não tem briga, e que você passa um sábado, um domingo com a sua família, pai, mãe, filhos, namorados, etc. E, chegando lá, o divertimento é fazer o público dançar, fazer o público brincar, é... não é dar espetáculo pro público. É fazer com que o público seja o espetáculo.

Entrevistador Gilmar: E pela televisão, qual é a... como é o espetáculo do Vôlei de Praia pela televisão?

Ary Graça: Hoje, é... Primeiro, segundo palavras do Boni, da TV Globo: “esporte com bola menor do que a de Vôlei não interessa”. Segundo, nós fazemos tudo em função da televisão. Mudamos as regras, que é o Brasil é que propôs a mudança das regras pro *rally-point*, pra limitar o tempo de televisão. Você não pode, hoje, com a televisão cara do jeito que é, ter um sinal aberto de 1 hora a 4 horas. Porque um jogo podia terminar em 1 hora, mas também podia terminar em 4 horas. Hoje, o jogo não termina em mais de 2 horas e 10. E não é menor do que 1 hora e 10. Então, você já limitou muito. E a televisão atraiu. Por quê? Porque a televisão considera o Voleibol um dos melhores espetáculos para serem transmitidos, pela sua plástica e por não ter briga. Não ter pancadaria. É um exemplo pra toda a juventude do País.

Entrevistador Gilmar: O Vôlei de Praia, no Brasil, é um sucesso. Na opinião do Sr., quais os fatores históricos, ou estruturais, ou pessoas, agentes que contribuíram para esse sucesso?

Ary Graça: Antes de mais nada, me parece ser óbvio. O País com 8... 8 mil quilômetros de praias... Bom... é... é um... é um... é um esporte natural do brasileiro! E descobriu-se que nós temos um talento especial para esse tipo de competição. E você vê, por exemplo, o Norte e o Nordeste que não participava o ano passado de quase nada, por força de característica de altura, de formação genética, etc. Hoje, o Voleibol de Praia você não precisa ter, necessariamente, 2 metros e o *indoor* precisa. E, com isso, o Voleibol centralizou-se muito. Minas Gerais e São Paulo, por exemplo, que são os campeões do *indoor* não tem muito Voleibol forte de Praia. Foi pro Nordeste, foi pro Amazonas, Rio de Janeiro e Espírito Santo. É da onde tão saindo os grandes jogadores. Então, você, com isso, fez com que o Voleibol se propagasse de uma outra forma para o resto do País.

Entrevistador Gilmar: Essa é uma idéia interessante porque o Vôlei de Praia ele passou a ser também o Vôlei de Areia no interior, nas cidades do interior, nos clubes. Como é que o Sr. vê essa transição Vôlei de Praia-Vôlei de Areia?

Ary Graça: Mais da metade das sedes das etapas do Circuito Banco do Brasil de Vôlei de Praia não são na praia, são na areia que a gente constrói e tudo, mas são é... esse circuito percorre é... Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Goiás é... o que eu quero dizer com isso é que interiorizou muito.

Entrevistador Gilmar: Londrina.

Ary Graça: O próprio Belo Horizonte, Londrina, pode ser que tenha. Novo Hamburgo deve ter agora, Caxias do Sul. Quer dizer, são cidades que tão patrocinando muito o Vôlei de Praia e que, na verdade, divulgando e difundindo e espalhando e criando possibilidade das crianças desses lugares todos virem a participar do Vôlei de Praia, até por um programa social.

Entrevistador Gilmar: Só pra encerrar, então, como é que o Sr. vê o futuro do Vôlei de Praia, no Brasil?

Ary Graça: Na verdade, o futuro do Vôlei de Praia é o presente, na medida em que nós dominamos o mundo inteiro com isso. Mas, esse futuro ele vai ser a massificação. Então, as pessoas vão ver que é agradável jogar Voleibol de Praia. E na medida em que você tem todas as praias do Brasil completamente tomadas pelo Voleibol, você, cada vez mais, aumenta a assistência, aumenta praticantes, estimula a juventude a jogar Voleibol e confunde-se um pouco o que a gente chama de Park-Voleibol. No interior, nessas cidades todas do interior... e... e... não é exatamente na areia, mas é no gramado, é no campo batido – que era futebol – hoje, você já tá vendo muitas redes de Vôlei espalhadas no Brasil inteiro. Então, o futuro é muito promissor. E a curto prazo!

Entrevistador Gilmar: Muito obrigado ao presidente da CBV, Sr. Ary Graça.

Ary Graça: Agora eu vou jogar!

Entrevistador Gilmar: Obrigado!

FITA Nº 3

LADO B – Entrevista nº 7: Luiz Paulo P. de Moura.

Entrevistador Gilmar: 07 de fevereiro de 2004, praia de Ipanema, Rio de Janeiro, arena do Torneio Rei da Praia. Tô aqui com Luiz Paulo Moura, o idealizador do Torneio Rei da Praia. Luiz Paulo, como é que foi essa... o início do Rei da Praia? Quais os motivos que te levaram a idealizar esse torneio? Como foi o início do torneio?

Luiz Paulo: O torneio a gente realizou pela primeira vez em 99, era um formato que começou nos Estados Unidos, esse formato de disputa de rodízios. Quer dizer, você tem um rodízio de parceiros e você tem um vencedor individual que é o Rei da Praia. É um formato que ele começou nos Estados Unidos e não tinha esse torneio no Brasil. E o Brasil sendo o melhor, já na época, era o melhor Vôlei de Praia mundial, a gente falou, bom, é uma oportunidade de estar fazendo um torneio tanto masculino como feminino, porque nos Estados Unidos ele só acontecia masculino e uma versão menor, de menor porte feminina. Aqui, a gente já começou em 99 com os dois torneios iguais, tanto em volume de premiação como no mesmo espaço. A gente utilizou a mesma arena em 99 pra fazer o torneio masculino e feminino, o Rei e a Rainha da Praia, né?

Entrevistador Gilmar: E esse torneio você teve, obviamente, o apoio da CBV. Mas, como é que foi a parte de televisão? A gente quer saber toda a estrutura que envolvia a televisão, patrocinadores. Quais estruturas estavam por trás do Rei da Praia?

Luiz Paulo: Bom, pra começar o evento a gente primeiro negociou com a CBV que é o órgão que dirige o Voleibol no Brasil e a gente colocou o evento dentro do calendário oficial da CBV...porque a gente... apesar do formato da competição ser um formato diferenciado, a gente tava utilizando os atletas oficiais, os atletas credenciados da CBV, os que estão inscritos na CBV. Então, a gente negociou com a CBV. A gente tem um contrato de longo prazo, onde a gente tem um poder sobre a marca Rei da Praia, sobre o poder de organização do evento, um compromisso da CBV, através desse contrato, que não existe... não vai existir outro Rei da Praia além desse que a gente faz, porque é a importância de ser um torneio único e anual, tá? Você não tem um outro título parecido. Então, a primeira fase da negociação foi com a CBV. A gente assinou esse contrato de longo prazo com eles. Depois, aí sim a gente partiu pra parte de mídia que, na época, a gente negociou com o Sport TV. Hoje, a gente tem um contrato de longo prazo com o Sport TV em cima dos dois eventos, O Rei e Rainha da Praia. Depois disso, a gente partiu pros patrocinadores. E desde lá, de 99, a gente tem patrocinadores que continuam até hoje. Quer dizer, desde o primeiro ano a gente teve patrocinadores ou que continuaram todos os anos, ou que estiveram e tão voltando também.

Entrevistador Gilmar: Quem seriam eles?

Luiz Paulo: A Votorantim é um patrocinador que tá já há 6 anos no evento. A gente tem a Sul América que teve em 99 e eles voltaram na 5^a e na 6^a edição. A gente tem a Rainha que tá indo pra 3^a edição, Fiat também tá indo pra 3^a edição. Então, a gente tem um rodízio pequeno de patrocinadores, porque eles tão... enfim, satisfeitos com o evento. Isso é a prova que eles estão satisfeitos com o evento. Isso... Então, é bom porque a gente consegue não só fazer um trabalho de longo prazo com o evento, mas também de longo prazo com a participação do patrocinador no evento, ou seja, melhorando a cada ano o resultado pra ele. Então, além da gente negociar com os patrocinadores, a gente tem todo o envolvimento da prefeitura. É um evento, hoje, que serve como padrão de organização pra Prefeitura do Rio. Ele é citado pra outras empresas que queiram fazer eventos. Ele é citado como modelo de organização de evento. Então, é um apoio importante pra gente, da Prefeitura do Rio. Ah, além da negociação com os próprios atletas. Ah, com outros parceiros de mídia como rádio, internet, ah... Bom, a princípio é isso. São os...são... a... Tem os outros parceiros como hotel, passagem aérea. Além dos patrocinadores, a gente tem os parceiros que são representativos, são esses, né, de passagem aérea, de hospedagem. A gente tem o Oton, a gente tem o Outback, com alimentação, a gente tem a Varig. Basicamente, esses são os parceiros que tão envolvidos no evento.

Entrevistador Gilmar: Luiz, como é que você poderia... Como é que você vê o Vôlei de Praia no cenário esportivo nacional?

Luiz Paulo: Ah, o Vôlei de Praia do Brasil, com certeza ele, assim como o Vôlei – o Vôlei é o segundo esporte no Brasil, só perde pro futebol. E o Vôlei de Praia, além de ser o segundo esporte brasileiro, ele tem toda a questão do litoral do Brasil que favorece muito a prática do esporte e ele já virou, realmente, uma mania. Não só por causa dessa condição nossa de ter, a gente ter, aqui, muitas praias, a questão dos nossos resultados internacionais. Quer dizer, hoje, os brasileiros, tanto masculino quanto feminino são os melhores do mundo. Hoje, o Vôlei de Praia é um esporte super visto e super valorizado dentro da Olimpíada. Então, é uma vitrine pro país. O Vôlei de Praia e os nossos ídolos são reconhecidos internacionalmente e aqui pra dentro eles impulsionam o desenvolvimento do esporte. O esporte, hoje, que não tem resultado internacional fica muito difícil de você fazer um trabalho de renovação. Então, hoje, você ter uma Sandra, um Ricardo, um Emanuel, um Loiola, uma Ana Paula, Shelda, Adriana são exemplos pra gente ter uma renovação, coisa que a CBV faz muito bem. Hoje, ela tá fazendo, inclusive, uma... uma... um centro. Ela tem um centro de desenvolvimento em Saquarema. E ela tá fazendo um trabalho específico pra renovação do Vôlei de Praia feminino do Brasil. Então, o Vôlei de Praia, hoje, principalmente, quando você chega perto de uma Olimpíada, se torna nas chances mais claras de medalha, ta? É onde os ídolos mais aparecem. Então, eu acho que o Vôlei de Praia tem, no Brasil, hoje, a posição que ele tem

hoje, e se você olhar pra frente, eu acho que tem uma situação muito valorizada em relação aos outros esportes e um futuro quase que garantido aí.

Entrevistador Gilmar: E o Rei da Praia sempre foi disputado aqui em Ipanema? Por que Ipanema? Tem alguma tradição? Qual seria a relação Rei da Praia com Praia de Ipanema?

Luiz Paulo: É. Isso é uma coisa fundamental pra gente, porque a gente quis sempre fazer um evento na mesma época, no mesmo local. E Ipanema foi escolhido porque, simplesmente, foi onde nasceu o Vôlei de Praia mundial. O primeiro mundial de Vôlei de Praia foi realizado aqui, eu não tô certo do ano, mas 85, 86. E é onde a praia respira Voleibol, a... a... muito tempo atrás, a tradição já de Voleibol aqui, de Vôlei de Praia, é muito grande... enfim, o astral de Ipanema é perfeito pra um torneio especial. É um astral especial, pra um torneio especial. Então, a gente com um evento... além de começar com um *appeal* diferente... de ser a questão do Rei e Rainha da Praia, do rodízio das duplas, a gente conseguiu resgatar aquela atmosfera dos primeiros eventos de Vôlei de Praia, aquela coisa mais romântica, aquela coisa é... é... que por... por sinal eu acompanhava, que dizer, eu vinha nos mundiais aqui, com 17, 18 anos e... e... assistia e ficava aqui o dia inteiro assistindo e, realmente, tinha aquele astral de... de... dos primeiros anos, que, ao longo dos... até com essa questão de se mudar... foi pra Copacabana, depois foi pro Nordeste, Vitória... você perdeu um pouco daquela coisa que o pessoal vinha pra ver... o pessoal que jogava Vôlei vinha pra ver o Vôlei. E eu acho que esse negócio a gente conseguiu, realmente, resgatar com o evento.

Entrevistador Gilmar: Então, encerrando a nossa entrevista, eu queria que você falasse como é que foi a inclusão do Desafio dos Reis, né, que, agora, temos também, e esse ano parece que vai ter o feminino pela primeira vez. Queria que você falasse sobre isso.

Luiz Paulo: É. Esse foi um evento que a gente começou em 2002. Foi uma idéia que a gente teve porque, em função de a gente ter um formato de evento o Rei e Rainha da Praia, que eram adaptados... boa adaptação pro Sport TV, porque a gente, através do Sport TV, conseguia passar, além da final, a gente conseguia passar a história do torneio, a partir do segundo dia – dos torneios do Rei e Rainha – porque é importante pro cara saber porque os atletas foram classificados, porque que ele tá ali naquela final. Como não é um sistema muito fácil de se compreender é... e você precisa acompanhar todos os jogos pra entender a seqüência da classificação dos atletas, ficava uma coisa muito difícil pra gente ter uma televisão aberta como a Rede Globo, por exemplo, no evento. Ela teria que fazer um jogo final que o cara... que de repente fosse ver o jogo final não ia entender muito bem o que tava vendo. Então, a gente criou um formato de evento que se adaptasse muito bem ao formato da Globo. Quer dizer, que envolvesse a brasilidade, a questão de Brasil e Estados Unidos e que tivesse um *link* especial com o Rei da Praia. Então, a gente criou um evento especial, um formato adequado pra televisão aberta, uniu as duas principais... os dois principais países... eu acho que a principal rivalidade do Vôlei de Praia é Brasil e

Estados Unidos. É... é... um evento que tava realmente dentro desta atmosfera do rei contra o rei. Então, foi um negócio que deu muito certo, porque ele não é um desafio gratuito entre Brasil e Estados Unidos... assim... ele tem essa história do Rei da Praia brasileiro contra o Rei da Praia americano, tá, e deu muito certo – em 2002 e 2003 – o Desafio dos Reis. Tanto é que a gente conseguiu a segunda data na Rede Globo e estamos fazendo em seqüência, agora, pela primeira vez, o Desafio dos Reis e depois o Desafio das Rainhas.

Entrevistador Gilmar: Então, esse desafio é uma idéia totalmente de vocês aqui do Brasil? Não tem nos Estados Unidos? E quando que é o Rei da Praia americano? Que época que sai o Rei da Praia pra vir jogar aqui o desafio?

Luiz Paulo: É. Isso é uma idéia totalmente nossa, tá, essa de fazer o desafio dos reis. Eles... os americanos... ah... a partir... desde o ano passado, eles deixaram de fazer o Rei da Praia, mas eles fizeram um negócio diferente. Eles pegam as 8 principais duplas, tá, na última etapa da temporada deles e fazem um evento, ah, como se fossem só os *tops*. Só os *tops*. Então, você pega as 2... as 8 duplas... masculinas e 8 femininas e aí tem uma dupla *top top*. Então, a gente adotou esse evento como a eleição dos... como se fosse dos reis da praia americanos e tá... inclusive o Blenton, o Blenton ganhou, esse ano, esse torneio. É uma coincidência também que aconteceu entre a gente é que desde que eles passaram a fazer esses eventos, foram... já terminaram duas edições desse evento de substituição do Rei da Praia. As 2 duplas que vieram foram as vencedoras. Das duas duplas, a gente tinha sempre o *moust valuable player* eleito do ano, da temporada inteira, nessa dupla. Hoje, o Jeff Nygaard foi escolhido o *moust valuable player* dessa dupla e o Fonoimoana no ano passado foi. Então, a gente conseguiu, independente de não ter o Rei da Praia lá, sempre trazer a dupla de ponta deles, que é o que a gente quer. E o primeiro ano do feminino tá vindo a Walsh e a May, que, sem dúvida, é a melhor dupla deles e todo mundo acha a melhor do mundo.

Entrevistador Gilmar: Brigado, Luiz. Sucesso!

Luiz Paulo: Valeu! Boa sorte, aí na... na... sua tese, né? E valeu por acompanhar o evento aí.

Entrevistador Gilmar: Ta legal.

FITA N° 3

LADO A – Entrevista n° 8: Emanuel Fernando Scheffer Rego.

Entrevistador Gilmar: Entrevistado: Emanuel Scheffer Rego. Rio de Janeiro, praia de Copacabana, Hotel Othon, segundo dia do Torneio Rei da Praia. Mano, quais foram os motivos que o levaram a jogar Vôlei de Praia?

Emanuel: Os primeiros motivos que eu tive foi que eu tava, quando eu jogava na quadra, eu via que as minhas condições pra continuar no esporte eram difíceis, que eu não era tão alto, não tinha tantas habilidades e eu jogava de meio. Então, nessa minha qualidade física, eu achava que eu não teria condições. Então, nessa época, exatamente nesse pensamento que eu tive, aconteceu o surgimento do Circuito Banco do Brasil, que foi em 1991. Até o primeiro campeonato eu fui jogar com o Clésio, que foi até meio que de brincadeira, sem opção nenhuma e a gente até teve bons resultados. E foi a partir desses bons resultados que eu tive com ele, sem muita expressão, não querendo nada com o Vôlei de Praia que eu comecei a me interessar pelo esporte e vi que... tipo as minhas condições físicas, por ser mais magro, mais leve, seriam perfeitamente adaptáveis com o Vôlei de Praia. Por isso que eu comecei.

Entrevistador Gilmar: E o que você visualizou no Vôlei de Praia?

Emanuel: O Vôlei de Praia, pelo menos eu tô jogando, praticamente, desde 91. Aí são quase 13 anos jogando. Eu acho que o Vôlei de Praia cresceu muito. No começo, nos 3 primeiros anos, era realmente uma brincadeira. Todos os jogadores não eram profissionais. Todo mundo achava que jogava profissionalmente, mas não era. Só treinava pouco tempo na praia. Então, não tinha muita coisa. E, como o tempo foi passando, eu vi que foi se profissionalizando. Pessoas começaram a investir mais no esporte. Eu acho que criaram-se técnicos só envolvidos com o Vôlei de Praia. E deu uma diferença muito grande, a partir desse momento que técnicos se especializaram na praia e preparadores físicos também. Então, acho que a grande diferença do começo, que era amador, agora o profissionalismo foi a preparação física.

Entrevistador Gilmar: Como foi a sua transição do Voleibol, do Voleibol *indoor*, né, pro Vôlei de Praia?

Emanuel: Acho que a primeira... o primeiro grande passo pra mim foi a mudança de Curitiba. Eu morava eu Curitiba, jogava na quadra, jogava no Curitibano e, se eu ficasse em Curitiba, não teria grandes oportunidades. Aí eu mudei pra Vitória. Fui morar em Vitória e fui jogar até com uma pessoa que me ajudou muito na minha carreira, que foi o Aloísio. Ele, na época, já era... praticamente, já tava parando a carreira dele na quadra. E ele é 10 anos mais velho que eu. E eu acho que esse fator, dessa idade que ele tinha mais

que eu, me ajudou muito, porque ele passou uma experiência que eu não tinha. Pelo fato de eu morar fora de casa, então, eu tive que me dedicar mais. Então, esses pequenos detalhes que aconteceram na minha carreira que me levaram a ser mais profissional e levar a coisa mais a sério. Então, foi sair de casa com 18 anos pra ir morar em Vitória, não tinha nenhum parente, nada; jogar com uma pessoa muito mais experiente e que me passou experiência e que ele também me ensinou como treinar, porque até então eu não sabia como treinar Vôlei de Praia.

Entrevistador Gilmar: Descreva a sua fase amadora no Vôlei de Praia.

Emanuel: (ri). Ah, foi muito engraçado. Em 91, 92, eu acho que foram os dois anos que eu acredito que foram a minha parte amadora, porque eu não tinha muito interesse. Não me interessava em treinar, não queria desenvolver nada, porque era uma época que todo mundo levava dessa forma, todos os jogadores. A maioria dos jogadores eram jogadores que tinham parado na quadra e tavam fazendo opção pela praia. Poucos deles já tinham jogado em alto nível na quadra. Só praticamente eu, que eu me lembre tinha jogado, e tava num momento até estranho. Em 91, de 5 etapas do circuito Banco do Brasil que teve, eu joguei 3 com o Clésio, não fomos às 2 últimas. No ano seguinte, já foi um *boom* que teve. Teve praticamente 16 etapas do circuito, em 92. Em 92, eu joguei com quase 8, 9 parceiros. Eu nunca tive uma seriedade assim em parceria, porque o Clésio foi convidado pra jogar na seleção juvenil e eu fiquei sem parceiro. Então, eu tive que optar por vários parceiros diferentes até achar o Aloísio, que foi a partir daí que eu levei mais a sério. Mas esses 2 anos eu ia de torneio em torneio, sem muita opção. Só jogava os campeonatos, sem a ambição de chegar nas semifinais. Era só pra participar mesmo.

Entrevistador Gilmar: Como foi a sua transição, né, do... Essa fase que você descreveu, esses 2, 3 anos de amadorismo pro profissionalismo?

Emanuel: Acho que foi o fato de encarar que o Vôlei de Praia teria condições de ser uma profissão. Esses 2 primeiros anos todos os jogadores não acreditavam. Foi, acho, que a partir do patrocínio do Banco do Brasil que foi mais intenso. O primeiro ano e o segundo a impressão que se dava era que era só um torneio de verão, que era um torneio só feito só pra certos momentos em certas cidades, que eram só as cidades de praia que teriam. A partir de 93, o Circuito Banco do Brasil evoluiu muito, invadiu cidades que não tinham praia como Belo Horizonte, Brasília, Goiânia. E eu acho que a partir desse momento as pessoas começaram a ver que realmente poderia ser um esporte verdadeiro, que até então era uma brincadeira de praia e, a partir do momento que o Banco do Brasil investiu um pouquinho mais e a Confederação Brasileira começou a dar mais crédito ao circuito, criar outros torneios fora, porque, antigamente, só tinha o brasileiro, em janeiro, aí esse brasileiro já se tornou muito importante. O ranking do circuito brasileiro, não! Do circuito nacional... pô... O ranking do circuito Banco do Brasil se tornou o ranking nacional. Então, eu acho que essa importância que foi dada também valorizou muito os jogadores.

Os jogadores começaram a se envolver mais e querer chegar... vamos dizer assim, ter a oportunidade de ganhar mais dinheiro. Acho que, em 93, foi o momento que o circuito Banco do Brasil pagou melhor e que os jogadores viram que podia virar uma profissão.

Entrevistador Gilmar: E, atualmente, como é ser um jogador profissional de Vôlei de Praia?

Emanuel: Eu acredito que é muito gratificante, porque na minha opção... na minha vida de jogador de Vôlei, eu demorei muito pra atingir essa opção que eu tô agora. Vamos dizer, eu jogo totalmente sem problemas nenhum porque eu tenho um patrocinador forte. Acho que depois dos títulos que eu conquistei, em torno desses 11 anos ou 12 anos que eu tô jogando mais profissionalmente me deram muitas condições de conseguir ter respaldo. E o próprio Brasil acho que melhorou muito, o Circuito Banco do Brasil, o circuito nacional, depois da Olimpíada. Acho que a primeira Olimpíada foi muito importante pro esporte. Em 92, foi homologado como esporte olímpico. Em 96, que foi realmente a primeira edição do Vôlei de Praia na Olimpíada. A partir dessa Olimpíada, o nosso esporte cresceu muito. E acho que isso... Se hoje nós estamos colhendo alguns frutos, foi porque o esporte se tornou olímpico.

Entrevistador Gilmar: Então, já fazendo um gancho aqui, qual a importância do Vôlei de Praia ser um esporte olímpico, na sua opinião?

Emanuel: Eu acho que trouxe muito mais respeito. E a partir do momento que todos os países começaram a conhecer mais o Vôlei de Praia viram que é um esporte que tem muita tendência... As pessoas vão pra praia se divertir e é um torneio muito gostoso. Vamos dizer, é um torneio que envolve saúde. Vamos dizer... O que aconteceu... O melhor evento que eu achei que aconteceu, até hoje, foi a Olimpíada de 2000, em Sydney, porque o povo australiano ele tinha um envolvimento muito grande com praia, com divertimento, muito parecido até com a cultura brasileira que é mais à vontade. Eu acho que essa Olimpíada ali foi o grande marco do Vôlei de Praia. Eu acho que depois daquela Olimpíada todos os jogadores estão sendo reconhecidos internacionalmente. A venda dos pacotes de imagem dos torneios tá sendo muito mais fácil. Acho que ali a cultura do Vôlei de Praia se expandiu pro mundo todo. Hoje, os asiáticos já tão jogando muito bem Vôlei de Praia, que antigamente não tinha. E eu acredito que a Olimpíada fez com que o nosso esporte se tornou a grande coqueluche, que todo mundo quer assistir. Tanto é que nos eventos de praia todos os lugares são vendidos com muita antecedência. Até Atenas, agora, já tá tudo vendido.

Entrevistador Gilmar: O que exatamente que teve em Sydney que mudou? Foi o espetáculo? Foi a parte de organização? O que você apontaria como essa mudança, essa guinada?

Emanuel: Eu acredito que primeiro foi a forma como foi televisionado. Mostrou-se um Vôlei de Praia muito mais alegre, muito mais cheio de opções de imagens. Antigamente, era só a imagem lateral e a imagem do fundo. Aí, pelo... quem viu pela televisão, viu que eles abusaram, colocaram câmeras que se mexiam em grua. Vamos dizer assim, e um... focos mais centrais nos jogadores, mais perto dos rostos dos jogadores. Então, isso aí fez com que o espectador tivesse mais dentro da partida, que escutasse mais o som... essa parte da televisão. Acho que também a parte de animação. Tiveram praticamente em todos os jogos em Sydney, sempre tinha 3 ou 4 animadores de torcida. Esses animadores eles eram, ao mesmo tempo, palhaços que eles divertiam o povo e, ao mesmo tempo, eles ajudavam as pessoas a torcer pra equipe que elas queriam torcer. Então, se tornou, realmente, aquela bipolaridade, um lado torcia pra uma equipe e outro pra outro. Então, todo mundo ficou à vontade em estar ali se divertindo. Não só vendo que era só uma Olimpíada, mas se divertindo. Vendo que você poderia torcer pra uma equipe e aquela equipe dava retorno, porque muitos jogadores fazem o show com a torcida. Vai e chamam a torcida. Essa é uma coisa que no Vôlei de Praia é muito fácil de ser conquistada. Eu acho que essa parte do show que evoluiu muito, porque as pessoas que vão assistir, hoje, o Vôlei de Praia são pessoas que vão não só pra ver o jogo, mas sim pra prestar atenção, tomar um sol, curtir mesmo o evento, como se fosse um... igual a NBA, todo mundo vai pra assistir o evento, mas tem, nos intervalos, as participações.

Entrevistador Gilmar: Tem gente participando, também, né?

Emanuel: A coisa que as pessoas querem é participar. E a partir de Sydney, criou essa condição, todo mundo participa do evento também.

Entrevistador Gilmar: Como você vê o Vôlei de Praia no cenário esportivo nacional?

Emanuel: Às vezes eu fico meio triste com o que eu falo sobre o meu esporte. Meu esporte já tem medalhas olímpicas, de ouro, de prata e bronze. Nós temos títulos mundiais, vários títulos no masculino e feminino. Somos os melhores do mundo, mas não temos o reconhecimento. Eu acho que a gente tá muito difícil de desvencilhar o Vôlei de Praia do Vôlei de Quadra. A impressão que eu tenho é que o Vôlei de Quadra com o Vôlei de Praia é como se fosse o primo pobre do Vôlei, vamos dizer, por serem dois atletas só. Não é uma equipe que faz o evento. Vamos dizer assim, as equipes não são bancadas por um patrocinador só. Eu acho que até agora, até os anos anteriores não tinha muito isso. Agora, tá começando a ter uma equipe de Vôlei de Praia. Vamos dizer assim, um patrocinador vai contrata dois jogadores e se torna uma equipe. Eu acho que essa foi a dificuldade. O Vôlei de Praia era muito individual. Então, não... Eu, pelo menos, vejo dessa forma que até a mídia não gosta muito do Vôlei de Praia, porque é muito comparado com o Vôlei de Quadra. O Vôlei de Quadra é muito massificado por causa da seleção brasileira. Então, na minha opinião, como jogador, eu acredito que nós poderíamos estar muito mais na mídia do que nós estamos agora, porque nós somos um

esporte super vitorioso, mas não tem, vamos dizer, o apoio e nunca foi assim provado... Eu não sei também se é porque o masculino não teve uma medalha de ouro, ainda, também, numa Olimpíada. Então, sempre tem a cobrança, nós somos os melhores, mas nunca ganhamos os campeonatos importantes. Eu acredito que a mídia... Pelo menos, eu acho que é isso. Não sei o que acontece. A gente poderia ser o segundo grande esporte do Brasil, mas não é.

Entrevistador Gilmar: E como é que você vê o Vôlei de Praia no cenário mundial? O Vôlei de Praia nos esportes a nível mundial... assim...?

Emanuel: Eu acho que cresceu muito. Por exemplo, eu como Emanuel sou muito mais reconhecido fora do Brasil do que dentro do Brasil. Os respaldos dos meus títulos, as pessoas me conhecem mais fora do que aqui. Eu, por exemplo, passei três anos nos Estados Unidos e me conheciam mais lá do que aqui no Brasil. Então, tem alguma coisa que tá faltando aqui no Brasil com relação ao Vôlei de Praia e eu não sei o que significa isso. Eu não sei o que que é. Eu como jogador, eu tô, praticamente, aí dez anos jogando e não sei o que isso explica. Mas eu sei que o Vôlei de Praia tem muita coisa ainda pra crescer. E eu acho que lá fora ele é muito mais valorizado do que aqui dentro do Brasil.

Entrevistador Gilmar: E como você vê o Vôlei de Praia brasileiro no cenário esportivo do Vôlei de Praia mundial?

Emanuel: É uma força. Eu acho que é a maior força que existe. Eu acho que todas as mudanças que aconteceram aí no Vôlei de Praia, muitas vezes, foram pra tentar tirar a dominância do Brasil. Mas o Brasil... O jogador brasileiro é muito mais criativo que os outros jogadores. Então, ele se adapta muito fácil a qualquer mudança. Acho que isso aí é até um problema pras outras equipes, até pra própria Federação Internacional, porque é difícil você montar um campeonato sabendo já que o Brasil, realmente, vai chegar na final. Então, tem, realmente... O Brasil domina tanto no masculino, no feminino. Vamos dizer, é muito difícil tirar essa dominância porque no Brasil tem uma renovação muito grande de novos jogadores. Vamos dizer, nós temos aí todos os campeonatos sub 21 o Brasil sempre foi na final, ou ganhou, ou ficou em segundo. Isso aí mostra que o Brasil tá no caminho certo e, principalmente, no Vôlei de Praia que é um esporte que tem praticamente só 11 anos ou 14 anos aqui no Brasil. Então, é um esporte novo, que o Brasil viu que, realmente, é uma força. E lá fora é uma força também.

Entrevistador Gilmar: O que você acha do espetáculo do Vôlei de Praia ao vivo?

Emanuel: Ah, eu acho muito interessante, porque, hoje em dia, o... as pessoas que vão assistir o Vôlei elas não têm uma faixa etária. Pode ser... famílias vão assistir. Famílias ou de... os pequenos, grandes, todo mundo tem condições de assistir. Acho que a coisa mais importante que o Vôlei de Praia pode proporcionar é a possibilidade de você estar na

praia. Eu acho que, quando você tá na praia, fica mais à vontade possível. Você não tem regras, você não tem limites, você fica o tanto que você é... aproveitar a praia. E o Vôlei de Praia tem muito disso. Eu acho que todo mundo vai e aproveita muito e, quem sabe, também assiste o Voleibol. Todo mundo gosta de jogar também. Principalmente, agora, esse novo sistema de 4 contra 4 podia... dá muita possibilidade de mais pessoas tarem jogando.

Entrevistador Gilmar: Você acha que o 4 contra 4 vai chegar no mesmo patamar que o de duplas?

Emanuel: Eu não acredito. Eu não acredito que chegue, mas eu acho que deveria ter mais campeonato de 4 contra 4, porque fica muito mais fácil pras pessoas jogarem. Eu acho que você, num jogo de duplas, o jogo é muito mais difícil pra pessoa... pras pessoas comuns que não treinam o tempo todo jogarem. Acho que no 4 contra 4 fica muito mais dividida as funções. Fica mais fácil pras pessoas jogarem, principalmente, círculo de amigos, é muito mais fácil, se reúnem mais pessoas. Mas a nível profissional, realmente, o Vôlei de Praia eu acho que é muito melhor. E, até hoje, a Federação Internacional não homologou os torneios de 4 contra 4, porque o 4 contra 4 é muito parecido com a quadra. É muito mais parecido com o *indoor* do que com o Vôlei de Praia, pelas características de jogo (de ataque e passe) e pessoas centralizadas fazendo a mesma função (um levantador, um atacante de ponta, um de meio e um de saída). Então, as funções são muito certas. Acho que é por isso até que a Federação Internacional não homologou como um esporte olímpico ou então não tem um circuito mundial de 4 contra 4.

Entrevistador Gilmar: Por que o Vôlei de Praia faz tanto sucesso no Brasil?

Emanuel: Eu acredito porque nós temos condições. O Brasil é muito rico em praias e o clima é muito favorável. Acho que isso aí é uma grande diferença dos outros países que, em certos períodos do ano que não podem nem praticar Vôlei de Praia em aberto, tem que ser em locais fechados, né, arenas pré-montadas, com calefação, estrutura. Já no Brasil, não. Realmente, o Brasil tem umas condições climáticas perfeitas, tem praias lindas. E eu acho que os jogadores também são envolvidos com esse clima de motivação de jogar na praia. Então, eu acho que o Brasil, hoje, domina tanto por causa dessa qualidade de ambiente mesmo que a gente tem no Brasil.

Entrevistador Gilmar: E, na sua opinião, se você pudesse apontar alguns acontecimentos históricos, ou pessoas-chave, ou a... coisas que aconteceram que fizeram que o Vôlei de Praia fosse o melhor do mundo, que chegasse nesse sucesso que chegou hoje?

Emanuel: Acho que o primeiro deles que eu citaria é a criação do Circuito Nacional em 1991. Eu acho que isso aí deu a possibilidade de todo mundo acreditar que poderia ter

esse novo esporte no Brasil. Outro, mais ou menos, acho que foi criado em 96, as Copas Hollywood, que eram no Rio de Janeiro. Acho que foi em 86.

Entrevistador Gilmar: 85 e 86.

Emanuel: Foi criado a primeira Copa Hollywood que juntavam... era um es... naquela época, era só uma exibição. Eram jogadores...

Entrevistador Gilmar: Da quadra.

Emanuel: Da quadra, que vinham, os americanos. Faziam campeonato nos finais de semana. Quer dizer, eu acho que esses dois, em 86 com a criação dessas copas, só no final de semana e com a criação do Circuito Banco do Brasil, em 91. Acho que a homologação do Brasil... do Vôlei de Praia como esporte olímpico em 92, que foi até a vinda do Samaranch que veio aqui no Brasil no campeonato mundial e acho que a Olimpíada de Sydney são os 4 fatos que eu posso citar, assim, como... que deram um... assim essa dominância tão grande para o Brasil. Que foram fatos que foram acontecendo ano a ano e todo mundo começou a acreditar que o esporte realmente poderia ser um esporte profissional.

Entrevistador Gilmar: E como é que foi a tua ida pros Estados Unidos a tua passagem por lá? O que você pode contar desse período?

Emanuel: Acho que pra mim foi uma oportunidade excelente que eu tive a oportunidade de aproveitar. Era um sonho meu mesmo participar do circuito americano. Na época, se ouvia muito o nome do Randy Stoklos, Sinjin Smith, Tim Hovland, Adam Johnson, Kiraly. Então, esses nomes estavam muito na minha cabeça, porque era uma geração que era vitoriosa na praia. E o circuito americano era o melhor, naquela época, apesar de ser uma liga pirata que não tinha associação com a FIVB, que foi criada em 83 essa AVP. E surgiu a oportunidade que em 97 teve o campeonato mundial, em Los Angeles, e eu jogava com o Zé Marco, na época. Fui convidado pelo pessoal da AVP pra jogar 4 eventos junto com o Zé Marco lá, em 98. Infelizmente, o Zé Marco, na época, não quis jogar. Aí eu fiz uma opção de ir sozinho. Até conversei com alguns brasileiros que estavam jogando na liga, falei olha, eu gostaria de ir pra ter experiência. E eu acho que foi a coisa mais acertada que eu fiz, porque eu consegui ter contato com uma nova característica de jogar Voleibol, totalmente diferente daquela que a gente tem aqui no Brasil. Acho que o Voleibol americano ele é muito mais centrado e robotizado a fazer as mesmas coisas sempre da melhor forma possível. Acho que o treinamento deles é diferente do nosso também. Então, são certas características que eu adquiri na minha carreira de jogador que foram muito importantes pros resultados que eu tenho hoje.

Entrevistador Gilmar: Mano, a AVP nunca teve o reconhecimento da FIVB, né, desde o seu início, talvez até hoje, né, ainda não...

Emanuel: Teve um problema.

Entrevistador Gilmar: É... Queria que você... Se você pudesse falar por que que a AVP nunca conseguiu, quer dizer, por que que a AVP, na época, a FIVB não deu a chancela pra eles fazerem os torneios de Vôlei de Praia? Por que tinha essa briga FIVB e AVP?

Emanuel: A AVP foi criada através dos jogadores. Foi a reunião de jogadores, vamos dizer, os *top* 10 dos Estados Unidos, os melhores jogadores, os melhores 10 jogadores se reuniram e fizeram uma associação entre eles. A princípio, essa associação era pra ir contra a USA Volleyball que é como se fosse a CBV americana. Essa comparação que eles fizeram foi por quê? Porque eles achavam que a USA Volleyball cobrava muitas taxas e não dava nenhum retorno. Ela queria ter os direitos autorais de tudo e não deixava eles progredirem. Quer dizer, é como se fosse... Eles seguravam toda forma de rendimento. Tudo aquilo que eles queriam evoluir, em termos de premiação, tudo teria que ser repassado pra USA Volleyball. Então, esses jogadores como já foram jogadores que tinham jogado um *indoor* muito forte e tinham jogado na Itália, muitos deles tinham jogado na Itália, eles resolveram criar uma associação que eles mesmos poderiam vender o direito de imagens pra televisão, eles mesmos podiam procurar os patrocinadores pessoais. Então, quer dizer, o retorno seria para os jogadores! Não para uma entidade! Todo o dinheiro que seria recolhido seria para os jogadores. Então, essa era a principal idéia, por isso, foi criada a AVP. O que aconteceu, quando eles criaram essa AVP, ela ficou tão forte porque ele... se criou eles fizeram contrato com a NBC, que é a maior rede americana de televisão e eles passavam ao vivo a maioria dos campeonatos. Então, o retorno de imagem que eles tiveram em venda de patrocinadores, venda dos próprios nomes dos jogadores foi absurda. Isso criou um atrito com a Federação Internacional, porque ela queria ter, pelo menos, os royalties desse... Porque era o Voleibol, porque tavam jogando em terreno americano. Então, foi aí que se criou a briga, por isso que se falava que a AVP era uma liga pirata. Mas, na realidade, ela tinha o seu próprio sustento. Ela não dependia da FIVB e ela não dependia da USA Volleyball. Ela criou como se fosse um empreendimento, o produto dela era o Voleibol de Praia. Então, isso aí ficou por muitos anos incomodando a Federação Internacional, porque era um produto tão bom, que a Federação Internacional queria fazer um produto tão bom quanto esse. Por isso que foram anos de investimento no circuito mundial. Por isso que começou, em 94, só em 94, com 5 etapas do circuito mundial e foi crescendo e foi... foi sendo muito... muito dinheiro que era do *indoor* foi passado pra federação de praia pra que se tivesse um investimento e chegasse no mesmo nível da AVP. Copiando até a idéia da AVP. Por isso eu acho que hoje é tão grande assim o poder da Federação Internacional no Vôlei de Praia, porque ela conseguiu assim até apagar a AVP e só seguiu os mesmos ideais. E, quando eu fui pra lá, foi bem o ano que tava quebrando a AVP. Em 98, quando eu cheguei na AVP, aquele... é

como se fosse o *board* de diretores, que eram os jogadores, eles tavam saindo, eles tavam parando de jogar. Então, eles deixaram de ser pros jogadores. Criou-se uma empresa pra tomar conta da AVP. Então, foi nesse momento que a AVP começou a quebrar, porque quem tava dirigindo a AVP eram os empresários. E os empresários só pensam no próprio lucro. Então, por isso que a AVP teve muitos problemas. Chegou até a dar falência, eles chamam até os *chapter eleven* lá nos Estados Unidos, quem não consegue pagar mais nada. Por isso que deu uma queda na AVP. É nesse momento que a Federação Internacional deu o *boom* de novo, cresceu muito. Chegou até a ter 24 campeonatos na Federação Internacional por ano, coisa que não existia. Em 2003, a Federação Internacional fez um acordo com a AVP. Só que a AVP teria que ser regida nas normas da Federação Internacional. Então, a bola, o sistema de pontos, sistema da quadra teria que ser igual a Federação Internacional, com a coordenação da USA Volleyball. E esse acordo foi feito o ano passado. Vamos dizer, muitos dos campeonatos, os Grand Slams que tiveram em 2003, sempre tinha 2 Wild Card, 2 convites pras duplas americanas, coisa que isso não existe. Praticamente, o ano passado teve 5 Grand Slams, em todos os 5 teve 2 convites pros Estados Unidos. Muitos jogadores reclamaram com relação a isso. Mas era um tipo de acordo que a Federação Internacional fez com a AVP para que, em 2004, tivesse, no mínimo, 2 Grand Slams lá em terreno americano. Aí o que aconteceu, em outubro, teve o Grand Slam de Los Angeles e a Federação Internacional não teve contato com... não conseguiu se intrometer na parte de venda de imagem pra televisão. E a AVP teve um lucro muito grande, na parte de imagem. E não foi repassado pra FIVB. A FIVB ficou muito chateada e muito assim querendo pegar a AVP. E aí o que aconteceu, foi quebrado de novo o acordo. A AVP tá rodando agora sozinha, de novo. Não vai ter os Grand Slams esse ano, que eram prometidos. Então, criou-se um atrito de novo. A Federação Internacional, de novo, tá brigada com a AVP, a partir de 2004.

Entrevistador Gilmar: E aqui no Brasil aquela associação de jogadores de Vôlei de Praia? Eu queria que você falasse um pouquinho do surgimento dessa associação. Como foi que surgiu? Por que ela surgiu? E como é que ela tá hoje?

Emanuel: A associação ela já surgiu a algum tempo e... teve duas versões dessa associação. A primeira versão eu acho que foi quando ainda jogava Guilherme/Pará, ainda na época. O Guilherme era o presidente e todos os jogadores se uniram. Até naquele ano deu certo, todo mundo tava engajado com a associação, querendo ter os objetivos. Mas já no ano seguinte, por motivos que a gente não sabe, a associação perdeu a força, não conseguia trazer mais nada de bom pros jogadores e, praticamente, se esqueceu o assunto da associação. Ela teve o seu retorno em 2000... 2002 acho. Não. Desculpe, 2001! Porque teve um evento em Florianópolis que a areia tava, realmente, muito dura. Teve até um dos jogadores no *qualifying* que se machucou, se machucou muito sério. Foi a partir desse evento que todos os jogadores que chegaram pra jogar essa etapa de Florianópolis pararam. Todos se reuniram e acharam a hora certa de criar a associação de novo. Para

lutar pelos interesses. A associação, realmente, teve o seu sucesso. Até o Tande era o presidente. Ele tinha muito respaldo porque ele tinha uma ligação muito forte com o Banco do Brasil, que era o patrocinador mais forte que a gente tem até hoje. Então, ele tinha muito respaldo. Então, ele conseguiu muitas coisas pros jogadores, nessa época. Em 2003, ele deixou de ser o presidente. Quem assumiu foi a Adriana Behar. Realmente, a associação começou entrar em descrédito, de novo. Nenhum dos jogadores queriam pagar uma taxa, porque você tem realmente que pagar uma taxa de 2% da premiação do Banco do Brasil, de quem joga. E isso é pra, pra... só pra dar reforço, pra ter a possibilidade da associação funcionar, pra ter um escritório, ter um fax, ter um computador pra ela mesma conseguir ir atrás das coisas que são interessantes pros jogadores. Mas, agora em 2004, acho que outra reformulação tá sendo feita na associação. Eu, como jogador, acho necessário ter uma associação, porque através dela que nós podemos lutar pelos nossos direitos. Eu acho que nunca é interessante pros jogadores quando tem só a CBV ou só o patrocinador mandam no esporte. Acho que tem que ter esse triângulo, CBV, jogadores e patrocinador. Eu acho que, quando esses 3 pontos extremos funcionam direitinho, eu acho que todos podem ser beneficiados. Acho que até agora só os patrocinadores e a CBV tão sendo beneficiados, porque nós jogadores não estamos mais unidos assim fortemente pra lutar pelos nossos interesses. Eu acho que a partir de 2005, acho que depois que a Olimpíada... depois desse período olímpico passar, eu acho que de novo acho que a associação tem que ser retomada. E eu até como pessoa quero ver se eu consigo, vamos dizer assim, dar um pouquinho da minha experiência de como eu joguei em vários lugares pra tentar renovar, porque é muito importante. Eu acho que os momentos que a gente teve com a associação foram bons.

Entrevistador Gilmar: Então, só pra finalizar... eu acho que esqueci da pergunta...! Mano, você podia apontar alguns caminhos pro Vôlei de Praia brasileiro?

Emanuel: Eu acredito que na evolução que a gente tá tendo de número de jogadores, talentos e jovens, eu acho que o futuro, na minha opinião, seria criar uma segunda divisão. Ter um campeonato normal, como tá tendo o Circuito Banco do Brasil, com 16 equipes, e tendo uma segunda divisão, que já tá até se começando que é esses *challengers* que tão sendo feitos, quando as principais duplas estão jogando no Circuito Mundial. Na minha opinião, se tiver, vamos dizer, campeonatos no mesmo final de semana ou final de semanas que não sejam coincidentes, que têm 16 duplas jogando nos lugares mais chaves, por exemplo, cidades que tão sendo feitas, hoje, cidades de praia e mais uma segunda divisão com mais ou menos 16 duplas e mais o *qualifying* que.... Essa segunda divisão iria pra outro tipo de praia, cidades mais do interior, que não têm tanto acesso ao Vôlei, que seriam interessantes pros patrocinadores, que daí encheria as arenas, todo mundo gostaria de assistir o Vôlei. Uma. Por que eu tenho essa idéia de criar essas 2 divisões? Porque teriam mais jogadores jogando. Teria mais oportunidade de todo mundo ter a oportunidade de ganhar dinheiro, por terem mais campeonatos. Teria-se mais patrocinadores querendo investir, porque eles... estaríamos interiorizando, não só fazendo

campeonato só na praia ou locais que todos os anos são feitos. Enfim, acho que os ganhos seriam muitos e, por exemplo, teriam um *qualifying*, lógico. Teriam um *qualifying* pra fazer A e teriam um *qualifying* pra fazer B. Por exemplo, mas, pelo menos, aqueles que de um ano pra outro conseguissem subir... É como se fosse um campeonato brasileiro. As 5 últimas desceriam pro B e as 5 primeiras subiriam. Daí essas aí estariam garantidas o ano todo. Sendo 16 garantidas o ano todo, com direito a um *qualifying* de... pô! Mais 6 vagas pro *qualifying*, por exemplo, em cada uma das duas ligas, que daria... pô! Aí o número de jogadores iria aumentar e todo mundo iria querer jogar, porque taria ganhando dinheiro nas duas ligas. Essa seria a minha opinião. É isso que eu gostaria de implantar, a partir de 2006, 2005/2006.

Entrevistador Gilmar: Maravilha. Finalizamos, então, a entrevista com o Mano. Obrigado, Mano!

Emanuel: Falô! Obrigado, pô. Boa sorte! Eu acho que você merece. Todo o tempo que eu acompanhei você na sua carreira de estudo aí, você foi sempre muito dedicado.

FITA N^o 4

LADO B – Entrevista n^o 9: Ricardo Alex Costa Santos.

Entrevistador Gilmar: Entrevistado: Ricardo Alex Costa Santos, o Ricardo. Rio de Janeiro, praia de Copacabana, Othon Hotel, durante o segundo dia do Torneio Rei da Praia. Ricardo, quais foram os motivos que o levaram a jogar Vôlei de Praia?

Ricardo: A princípio, eu jogava Vôlei de Quadra, né, tinha pouco tempo, acho que, praticamente, dois anos. Foi mais uma formação de base, né, de Voleibol. E aí eu tive é... um começo mais de *sparring*. Paulão me chamou pra ajudar ele no treino. Paulão, na época, jogava com o Clésio. Ele me pediu pra dar uma mão, ajudando... sacava, catava as bolas. E aí que foi minha... meu início no Vôlei de Praia. Primeiro ajudando, aí eu tomei o gosto pelo esporte e continuei, e passei a treinar profissionalmente.

Entrevistador Gilmar: O que você viu no Vôlei de Praia que te atraiu?

Ricardo: Acho que tudo. Acho que o ambiente, o local é um local agradável, você tá sempre em contato com a praia, né? Mas porque eu gostava. Eu passei a gostar, né, do esporte. Eu ficava assistindo sempre pela televisão, via os eventos. Então, aquilo me incentivou bastante.

Entrevistador Gilmar: E como é que foi essa tua transição? Você falou que jogava Voleibol *indoor*. Como é que foi a tua transição do Voleibol de Quadra pro Vôlei de Praia?

Ricardo: Foi bem rápida, até porque foi o início do... do... da minha parte no Voleibol, né. Foi praticamente uma base. Não era uma coisa profissional, era uma coisa bem amador, né. Treinava duas vezes, jogava torneios locais. Então, não era uma coisa profissional, aí eu tive a proposta, como eu falei, de ajudar Paulão. Então, foi uma troca acho que até favorável pra mim, porque era o esporte também que eu gostava o Voleibol de Praia, passei a gostar também. Até pelo motivo de torcer por Paulão, que era primo, era o ídolo da família. Você sempre tava assistindo ele. Ele passou a ser aquela... aquela esperança de... de... um ídolo assim na família. Sempre tá olhando, sempre torcendo. Então, foi uma coisa rápida. E pra mim acho que foi uma honra, que pra mim ele era o ídolo. Eu passei a ter parte também dessa carreira dele.

Entrevistador Gilmar: Descreva a sua fase amadora no Vôlei de Praia. Teu início como amador, como é que foi?

Ricardo: Como todos, é difícil, né. É um começo muito difícil. Mas foi até bem rápido, assim, porque o Vôlei de Praia se tornou também um esporte bem profissional, né. Foi numa época em que eu tava chegando no Vôlei de Praia e ele estava se tornando uma estrutura muito boa. Então, eu tinha que abdicar, ou voltava estudar, ou tentava seguir a carreira. Então eu tive que... Eu tive ajuda também da minha família que me incentivou também. Então, isso facilitou pra que eu seguisse essa carreira, né. E foi... É um começo, né. O começo sempre é difícil e você tem que sempre tar se superando, sempre das dificuldades. Eu lembro que a primeira etapa eu tive que conseguir umas passagens lá e viajei de ônibus de Salvador até o Rio. Depois, fui até Campinas. Então, acho que o começo é sempre muito difícil.

Entrevistador Gilmar: E como é que você... Como é que foi a tua transição, né, dessa época de amador pro profissional? Como é que se deu esse momento, assim?

Ricardo: Eu acho que foi mais por oportunidade, né, porque eu lembro que eu ajudava, catava, sacava a bola ali. E eu ali naquele momento eu lembro que eu... Aí, depois, já foi o ano seguinte, em 95, quando o Paulão jogava com o Everaldo, né, eu nessa época mantinha a mesma estrutura desde o começo, ajudando ele, sacando pra ele, pro Everaldo. Ele não jogava mais com o Clésio. E Paulão decidiu a voltar a jogar com Paulo Emílio e o Everaldo ficou sem parceiro, né. E como eu participava desse treino, eles resolveram fazer um jogos, né, pra testar eles dois e eu fui participar, ajudar e aí o futuro parceiro do Everaldo que... que, nesse ano seguinte, que... que iam jogar juntos, formar parceria, não foi nesse dia. Então, eu entrei pra completar ali o... no momento ali e eu com o Everaldo, apesar de pouca experiência, eu joguei com o Everaldo e consegui ganhar muito bem as partidas que a gente jogou naquele dia contra o Paulão e o Paulo Emílio. E eu acho que o Everaldo acho que mudou de opinião ali e passou a confiar mais em mim do que no próprio parceiro que ele tinha escolhido. Acho que foi uma oportunidade assim única, que eu acho que eu soube aproveitar, que foi a minha transição assim pra ser um atleta profissional.

Entrevistador Gilmar: E atualmente como é ser um jogador de Vôlei de Praia profissional? Como é que é viver do Vôlei de Praia?

Ricardo: É um esporte que eu acho que é uma profissão que eu escolhi, que eu gosto, que eu passei acho que até conviver junto... Até a minha família acha que é muito desgastante, você sempre viajando. Mas o importante é que eu gosto de tar jogando, né. Então, é uma profissão que você também tem que se abdicar de muitas coisas pelo... por até ser sua profissão. Então, é isso. Acho que é um trabalho como qualquer outro, é um trabalho sério, onde você tem que deixar algumas coisas de lado e pensar mesmo no seu sucesso, tentar sempre tar melhorando, são sempre desafios que você tem que tar superando. E eu acho que pra gente, atleta, isso que nos motiva, sempre desafios e você sempre tar

passando por momentos difíceis e conseguindo seus objetivos. Eu acho que isso é muito importante.

Entrevistador Gilmar: Ricardo, como é que você vê o Vôlei de Praia no cenário aqui brasileiro, no cenário esportivo nacional?

Ricardo: O Voleibol de Praia já tá bem profissional, você já tem atletas até saindo da quadra pra jogar na praia. Acho que pela estrutura que o Voleibol de Praia alcançou. Acho que isso fortalece também esse esporte que praticamente é novo. É um esporte novo aqui no Brasil e que já tem uma estrutura excelente. Acho que é um esporte que vem crescendo. Acho que com novos adeptos hoje. Você já pode dizer que já tem atletas que surgem da praia, não vêm mais de outros esportes, até do Vôlei de Quadra. Então, é um crescimento até marcante pra nós atletas que vemos e participamos desse crescimento. E vemos também como uma potência. Hoje, o Vôlei de Praia é tão forte que você hoje não pode definir quem possa vencer uma etapa. Tá bem disputado. Acho que isso forma um esporte bem... bem equilibrado. E acho que até pra todos que desde o começo acompanharam e que tão até hoje acompanhando, sabem que é um esporte vencedor.

Entrevistador Gilmar: E como é que você vê o Vôlei de Praia brasileiro, a força do Vôlei de Praia brasileiro no cenário mundial?

Ricardo: Acho que esse é um ponto muito importante até porque o começo... o surgimento desse esporte aqui no Brasil foi bem... bem tocado, porque o Brasil era... não conseguia vencer. Acho que os americanos... Era uma época em que os americanos dominavam, até então. Mas o Brasil soube superar, soube formar novos atletas até pelo surgimento de um circuito, né, nacional. Acho que foi muito importante. Acho que foi pouco tempo onde nós jogadores brasileiros conseguimos nos superar e bater de frente com outros atletas que já tinham seu circuito local há muito tempo, né, já eram bem experientes. E, hoje, o Brasil consegue dominar o circuito mundial com atletas que tem... que se formaram aqui no Brasil. São atletas que, hoje, vão e vencem etapas e fazem o seu nome. E até hoje, tem 7 anos, o Brasil domina o circuito mundial. Acho que isso é muito importante, mostra a força que nós temos lá fora.

Entrevistador Gilmar: E sobre a Olimpíada, qual a importância do Vôlei de Praia ser um esporte olímpico?

Ricardo: Uma vez eu ouvi Bernard falar: “é um esporte que surgiu e o mais rápido a se tornar olímpico”. Acho que isso mostra a força que o Vôlei se tornou – o Vôlei de Praia. Isso nos dá uma segurança maior, até em termos de ser um esporte olímpico, até em termos de você conseguir patrocínio pra eventos. Isso é muito importante pra nós que somos profissionais e que dependemos também desse esporte. E nos dá também, acho nós atletas que participamos, a chance de disputar uma Olimpíada, que pra qualquer atleta é o

auge, né? Todos querem tar ali presentes na Olimpíada, mas só poucos têm privilégios de participar, mas, enfim, acho que a Olimpíada, hoje, acho que é tudo marcado em termos assim de conquista pra um atleta.

Entrevistador Gilmar: Ricardo, o que você acha do Vôlei de Praia, do espetáculo do Vôlei de Praia ao vivo?

Ricardo: É um ponto muito importante. Eu acho que o Vôlei de Praia, hoje, se tornou como se fala... se tornou tão forte que, hoje, a gente consegue ter transmissões ao vivo e passar um espetáculo em si. Hoje, não é só o Vôlei de Praia. Eu acho que o público participa também, né? Eu acho que, hoje, o brasileiro até no circuito mundial passou a conviver com esse esporte, incentivando, prestigiando e acho que participando. Eu acho que o mais importante, você ter um esporte e ter o público que participa com ele. Isso fortalece e dá uma tranquilidade.

Entrevistador Gilmar: E do show do Vôlei de Praia transmitido pela televisão? O que você acha desse espetáculo pela televisão?

Ricardo: É... isso... isso eu acho que... que... tem a crescer cada vez mais o esporte. Acho que a TV, hoje em dia, é o caminho de qualquer esporte, se você tiver uma transmissão de um evento, eu acho que isso faz com que popularize mais o evento, crie mais adeptos. Acho que pra qualquer esporte é muito importante você ter esse retorno. Então, hoje, é um caminho que acho fundamental.

Entrevistador Gilmar: Ricardo, por que o Vôlei de Praia faz tanto sucesso no Brasil?

Ricardo: Eu acho que primeiro pela grande quantidade de praias que facilita. Acho que pelo esporte, o Vôlei, que é um esporte, acho que o segundo, mais praticado pelos brasileiros, né, o Voleibol em si. O Voleibol de Praia eu sempre... quando você não tá na quadra, você vai e joga uma pelada assim na praia. Então, é um esporte que até em termos de custo não é tão caro. É um esporte que você pode participar e ser um esporte até em termos barato, comparado a outros esportes, eu acho que né... Tirando o futebol que você precisa de uma bola e bota a trave, né, e joga. Eu acho que é o esporte onde... o.... o Brasil tem um clima favorável, né. Tem praias, tem um público que a cada ano vem crescendo e vem massificando, cada vez mais, esse esporte. Acho que é isso. Acho que o brasileiro, hoje, convive também não só com o futebol, com o Vôlei, o Vôlei de Praia... tornou acho que um esporte escolhido por muitos.

Entrevistador Gilmar: Ricardo, eu queria que você falasse um pouco da ... dessa mudança que teve. Por exemplo, no Vôlei feminino... no Vôlei de Praia feminino, o Rio de Janeiro é assim, vamos dizer, é o centro, e, há muito tempo já o Nordeste tá comandando no Vôlei de Praia masculino. Eu queria que você falasse um pouco dessa força nordestina no Vôlei

de Praia. Por exemplo, o Emanuel, morava em Curitiba, se deslocou pra João Pessoa; você tava ali em Salvador e foi pra João Pessoa. Eu queria que você falasse um pouco sobre isso.

Ricardo: São mudanças importantes. E isso mostra que o esporte não é só centralizado em um lugar, né. Hoje, você tem atletas que... cariocas, tem atletas cearenses, tem atletas baianos, tem atletas curitibanos. Isso mostra que o Brasil todo tá envolvido nesse esporte, né. E muitos, até o feminino, muitos moram aqui acho até por comodidade. Aqui, o Rio e São Paulo ser o centro da mídia. Isso facilitar um pouco mais, né. Mas é... têm atletas que preferiram ir pra outras cidades até por comodidade de treinamento, né. Outros por problemas particulares, outros por segurança, enfim... Eu prefiro morar em João Pessoa, até pela segurança, né. É um custo de vida menor. É uma cidade tranqüila, pacata. Pra mim, acho que é uma cidade excelente pra se treinar, você consegue focalizar bem seu objetivo que é treinar. Mas eu acho que o mais importante é isso, o Brasil não centralizou só em um local. Acho que o Brasil todo. Você tem do Amazonas até Rio Grande do Sul, até a Bahia, então, isso mostra que o Brasil se mobilizou no Vôlei e tem adeptos em todos os Estados.

Entrevistador Gilmar: Ricardo, só pra finalizar aqui, uma última pergunta. O que você acha que poderia ser feito pra melhorar o Vôlei de Praia brasileiro, além de tudo que já tem aí? Se você puder apontar alguns possíveis caminhos pro Vôlei de Praia brasileiro?

Ricardo: Eu acho que como todo esporte você precisa ter um patrocínio muito forte, né. Eu acho que o circuito brasileiro conseguiu ter um carro-chefe que sempre há muitos anos conseguiu elevar esse esporte aqui no Brasil, que foi o Banco do Brasil, desde o começo do Vôlei de Praia e que até hoje acompanha e fez com... e apareceu desde o começo e tá até acho que... tá até agora comandando o circuito. E, então, isso mostra que é um esporte vencedor, que vem crescendo. E, hoje, o circuito tem vários patrocinadores, não só o Banco, tem outros paralelos que vêm acreditando também no esporte. Eu acho que o patrocinador em... é... um... ponto importantíssimo no crescimento do esporte, é um ponto fundamental. Acho que o surgimento também de outros torneios paralelos também seriam importantes pro crescimento. Acho que você sempre tá renovando. É um ponto, não deixar só os ídolos que passaram, os que tão no momento, você ter uma renovação. Você ter outros torneios paralelos pra ter sempre renovações. Acho que o Brasil precisa isso. O Brasil tá conseguindo fazer renovações, torneios Sub 21, Sub 18, isso faz com que o esporte se expanda também. Um atleta novo, de 18 anos, possa, às vezes, tar começando e não se sinta capaz de jogar um circuito brasileiro, mas tenha a capacidade de jogar um circuito paralelo, que é um Sub 18 ou um Sub 21 e um até ele ganhar experiência e ir direto pra uma etapa profissional. Acho que o importante é isso, né, você ter torneios que ele crie confiança, um torneio que faça uma base específica pra um atleta de Vôlei de Praia.

Entrevistador Gilmar: Ricardo, qual que é o grande barato do Vôlei de Praia, na sua opinião?

Ricardo: São muitos. Eu acho que o principal é você ter aquele retorno, né? Você ter aquele contato com o público e você sentir que você pra eles é importante também. Você conquistar títulos e ver o retorno no sorriso dele. Ele lhe dando aquele ar de vitorioso também. Isso é muito importante. Você tá num local onde lhe agrada, você participar de uma profissão que lhe dá prazer, e você tar com pessoas que você gosta, você tá sempre criando desafios e passando a conquistá-los. Acho que esse é o grande barato, você ter um retorno positivo.

Entrevistador Gilmar: Valeu Ricardo! Boa sorte! Sucesso!

Ricardo: Obrigado.

FITA Nº 4

LADO A – Entrevista nº 10: Nereu Martins Marques.

Entrevistador Gilmar: Entrevistado: Sr. Nereu Martins Marques, coordenador de arbitragem do Vôlei de Praia da CBV, desde o início do Circuito Nacional, né, Circuito Banco do Brasil. Praia de Ipanema, Rio de Janeiro, dia 8 de fevereiro de 2004, último dia do Torneio Rei da Praia. Nereu, como é que você vê o Vôlei de Praia no... no Brasil?

Nereu: Olha, o Vôlei de Praia no Brasil eu acho que é um dos mais adiantados do mundo, porque nós temos um circuito muito forte, e que os melhores jogadores do mundo estão aqui, haja visto os resultados que nós temos tanto no masculino quanto no feminino, as duplas foram primeiras colocadas pro masculino e feminino, de maneira que, eu considero um Voleibol forte e muito atrativo.

Entrevistador Gilmar: Nereu, como é que foi a entrada, do Vôlei de Praia? É... até então vocês trabalhavam só com Voleibol *indoor*, né. Como é que foi a mudança pro Vôlei de Praia? Como é que foi a passagem do *indoor* pro Voleibol de Praia?

Nereu: Ó, o Vôlei de Praia, aqui no Rio, sempre existiu, porque as nossas praias aqui, Ipanema, Copacabana, nós jogamos o Voleibol na praia o ano todo, com chuva, com sol, de maneira que a passagem é... nós tivemos uma evolução grande, quando começou o campeonato mundial. De maneira que as regras foram mudadas para facilitar mais as duplas estrangeiras, porque nós tínhamos aqui aquela chamada “rataria de praia”. Então, jogava na praia e os campeonatos nossos, aqui no Rio, valia tudo, de maneira que o pessoal foi se aperfeiçoando e, hoje, com a técnica, com as mudanças das regras propostas sempre pelos Estados Unidos, aí nós nos adaptamos bem e conseguimos. Muitos jogadores de *indoor* tão vindo pra praia e eles se adaptam rápido.

Entrevistador Gilmar: No processo de mudança de regra no Vôlei de Praia, quem que tem o poder de decidir? Como é a arbitragem? A arbitragem também participa dessas mudanças? Como é que é?

Nereu: As mudanças são feitas pela Federação Internacional, né? Tem um departamento do Voleibol de Praia, como nós aqui temos no Brasil, a Federação Internacional também tem o *indoor* e de praia. Então, as mudanças de regras são feitas através da Federação Internacional que divulga e nós adaptamos para o Brasil algumas coisas. Por exemplo, nós aqui temos as partidas que não são de 21 como na... nos campeonatos mundiais. As partidas são de 18, por causa do nosso clima. É uma clima muito quente. Então, nós diminuimos o tempo de jogo e com isso nós vamos aperfeiçoando. Mas são poucas as mudanças, porque nós procuramos sempre seguir a Federação Internacional, porque

nossos jogadores saem daqui e vão jogar lá fora e eles têm que tar adaptados ao regulamento da Federação Internacional.

Entrevistador Gilmar: Bom, você é um profissional de arbitragem do Vôlei de Praia. Como é que é ser um profissional do Vôlei de Praia?

Nereu: Bom, profissional do Vôlei de Praia. Eu vim do *indoor*. Eu fui árbitro do Voleibol *indoor* muitos anos na Federação. Eu comecei jogando no Flamengo e em 1950 eu já jogava no Flamengo. E, depois que eu parei de jogar, eu fiz o curso e fui ser árbitro de Voleibol porque eu gosto do Voleibol. E, depois, eu me aposentei e passei a me dedicar ao Vôlei de Praia. Você pra ser profissional do Vôlei de Praia você tem que se dedicar integralmente. Não tem que ver salário, não tem que ver valor, nem nada. Tem que gostar da atividade. De maneira que a gente faz isso como... é... uma coisa...vem do coração! Faz por esporte mesmo. É... quem não tiver essa vontade, é difícil trabalhar, porque... a não ser que o sujeito se profissionalize, mas aí ele tem que largar a parte dele profissional e... não dá. A não ser que seja jogador, porque a parte administrativa nós dedicamos muito tempo sem recompensa financeira que dê pra você ser independente. É uma atividade à parte que você faz como deletantismo. Então, você tem que ter a sua vida profissional separada do Voleibol de Praia.

Entrevistador Gilmar: Nereu, por que o Vôlei de Praia faz tanto sucesso no Brasil?

Nereu: O Vôlei de Praia faz tanto sucesso no Brasil não sei se é porque as nossas cidades principais são praias e o nosso clima. Tudo isso faz com que haja o sucesso no Voleibol. Você passa aqui por Copacabana, Ipanema e você vê redes uma atrás da outra. E isso é que é divulgação. Agora mesmo, nós estamos fazendo uma seletiva de jogadores é... até 18 anos, 20 anos para formar futuros atletas de Voleibol de Praia. Nós estamos fazendo isso em Curitiba, agora essa semana, vamos fazer em Santos e em outras cidades depois para selecionar o número de jogadores que vão treinar lá no nosso Centro em Saquarema e vamos formar futuros atletas de Voleibol de Praia.

Entrevistador Gilmar: O que você acha do espetáculo do Vôlei de Praia ao vivo?

Nereu: Olha, o espetáculo de Vôlei de Praia ao vivo é muito interessante. Nós temos é que forçar com que os nossos jogadores agilizem mais a jogada, porque ver pela televisão, às vezes, o jogo torna-se monótono, porque há muitas paradas e o calor é muito grande. Então, os jogadores têm que se conscientizar que tem mais é que agilizar o jogo, para que ele continue atrativo. Quem tá na praia, tá bem, mas quem tá em casa vendo pela televisão, ele fica um pouco demorado, de maneira que pra quem vêm à praia é uma coisa espetacular.

Entrevistador Gilmar: E como é que foi a mudança da quadra de 9 metros pra 8 metros?

Nereu: Olha, em princípio, nós pensávamos que fosse trazer grandes problemas. Mas, depois, os jogadores foram se adaptando, tanto no saque quanto no ataque. E eles, hoje, tão bem familiarizados com essa diminuição do campo e já não há mais diferença nenhuma, porque eles tão sacando com uma velocidade tremenda, sem problema nenhum, atacando. Ficou mais fácil pra defender. As pessoas é... Como os velhinhos aqui do jogo, pra diminuir a quadra, ficou mais fácil pra defender e pra atacar tem que ser muito mais eficiente no ataque. A colocada, simplesmente, já tá difícil de cair. Mas os atletas já se adaptaram e eu acho que não tem mais problema nenhum.

Entrevistador Gilmar: Nereu, é isso aí! Muito obrigado. Sucesso na tua carreira!

Nereu: Nada. E parabéns por vocês e, sempre que precisar estamos lá na Confederação à disposição pra qualquer coisa. Tá ok!?

FITA Nº 4

LADO A – Entrevista nº 11: Ari Gomes.

Entrevistador Gilmar: Entrevistado: Ari Gomes, repórter fotográfico desde o início do Circuito Nacional, né, Circuito Banco do Brasil. Dia 08 de fevereiro 2004, praia de Ipanema, Rio de Janeiro, Torneio Rei da Praia. Ari, você acompanhou todas as fases do Vôlei de Praia brasileiro, né? Como que era aquele início nos anos 90, início dos anos 90, 89-90, 91? Como é que foi aquele início?

Ari: Boa tarde! Bom dia! O Banco do Brasil queria realmente fazer o Voleibol de Praia e fez o plano piloto com 6 etapas começando pelo Nordeste e deu certo. E eu tive o privilégio de tar desde o início com essa galera aí, os grandes jogadores do mundo. Você vê pelo nível que foi essa final, aqui, hoje. Dificílima! E o... eu... naquela época, era muito romântico o Voleibol, né. O Voleibol tinha mais *rally*, enfim... Hoje em dia, a diferença... seguinte, os atletas tão muito mais voltados... são muito profissionais. A preparação física mudou muito, né? No mundo inteiro e não só aqui. Então, os jogadores pra chegar ao topo de... né, um Emanuel, um Franco, um Ricardo, realmente, tem que treinar. Treinar musculação e alimentação balanceada... enfim, o que não acontecia naquela época. Aquela época do romantismo, do Badá, da tua própria época, também. Você que jogou com... no Voleibol, né. O pessoal não levava, às vezes, até muito a sério. Mas a coisa se tornou muito profissional. Hoje em dia, pra você chegar a ser um jogador de ponta é difícil. É muito difícil. Tem que ter um trabalho. Chegar lá em cima é difícil. Agora, se manter, é mais difícil ainda.

Entrevistador Gilmar: Ari, é... Como é ser um repórter fotográfico do Vôlei de Praia?

Ari: Olha, o repórter de Vôlei de Praia... você tem que tar muito ligado. O sol é um grande desgaste do material. Inclusive, eu já perdi duas lentes 300, uma máquina por causa da maresia, né. E você vive no sol, sol escaldante, e são várias partidas. E isso você tem que ter um reflexo, um condicionamento que só o tempo... né. Você tem que ter uma atenção, saber a característica do jogador, se ele é destro, se ele não é destro. Ou... ou... se a bola vai ser pingada, ou não vai ser pingada. Então, você tem que tar muito ligado no jogo, apesar de todo o barulho de torcida. Você tem que tar muito concentrado e isso em qualquer esporte. E eu faço... né... sempre fiz bem. E fiz, agora, ano passado, uma livro *Sacando para a Vitória*. Daí conta a história, né... com depoimentos inclusive de vários atletas. Inclusive do Pelé que é o meu amigo pessoal. Pelé, Zico, Júnior, Parreira, Zagalo, do futebol, falando sobre o Ari Gomes e sobre o Voleibol. Robson Caetano, Robert Scheidt, enfim, todos os atletas. E é um histórico do Voleibol, desde a Olimpíada de Barcelona, passando pelas Olimpíadas, onde o Brasil alcançou, através do Banco do

Brasil... porque, realmente, tudo é muito bonito, mas sem dinheiro, meu amigo, você não chega a lugar nenhum.

Entrevistador Gilmar: Ari, por que o Vôlei de Praia faz tanto sucesso no Brasil?

Ari: Primeiro, o clima. O clima favorece. A gente tem... todo mundo joga Voleibol de Praia. Você vai pela orla do Rio, pelo Brasil, inclusive, Salvador, Rio de Janeiro, enfim... Guarujá, Floripa, né. Você... todo mundo tem uma redezinha ali. Então, com esse alcance da mídia também dando uma ênfase de que é o segundo esporte praticado, depois do futebol, né, no Brasil. Então, isso tudo facilita o próprio atleta. E os resultados também eles são importantes pra que o jovem se espelhe, ele tenha um relacionamento, no fundo ele quer ser um Emanuel, ele quer ser um Ricardo, né? Hoje, a garotada... você veja quantos garotos estão começando aí. Essa geração que depois vendo o Emanuel – essa última olimpíada dele – né? Ele já disputou 3 Olimpíadas. Vamos ver, agora, se a gente ganha o ouro. Já estivemos na bica duas vezes pra trazer esse ouro... enfim... então, essa garotada quer ser ... Não é como na Fórmula 1 queria ser um Ayrton Senna, quer ser um Pelé, quer ser um Ronaldinho, por quê? Tudo isso é em função da mídia, de um trabalho bem feito, através da assessoria de imprensa, através da mídia e do patrocinador que é muito importante.

Entrevistador Gilmar: Ari, se você pudesse apontar alguns fatos... você que é fotógrafo desde o início aí do Vôlei de Praia brasileiro, se você pudesse apontar alguns fatos históricos, ou da parte de organização, algumas pessoas-chave que contribuíram pro sucesso, ou algumas conquistas, né. O que você puder falar de alguns pontos-chaves do Vôlei de Praia ter esse sucesso.

Ari: Eu não vou citar pontos... assim pessoas, porque todo mundo começou em 91, inclusive está presente e outros já saíram, partiram pra outra... pra quadra, enfim... mas eu acho que todo mundo, desde a época do presidente Carlos Arthur Nuzman até o atual presidente Ary Graça, acho que deu uma impulsão e eles mantiveram e eles sabem manter o nível do Voleibol dando uma... Agora, o que é a viga... os jogadores... o Giba é o jogador que eu tenho uma foto histórica, inclusive, no meu livro. Ele jogou, acho, em 94 Vôlei de Praia, jogou com o Clésio. Jogou pouco tempo e poucas pessoas têm imagem do Giba como eu tenho. Ele começou... ele jogou, acho que se não me engano, em Florianópolis, a primeira etapa que ele fez, depois jogou mais 3 ou 4. Chegou a jogar acho com o Egídio também o mundial. Depois, parou. Foi pra quadra e, hoje, é fantástico esse Giba aí! Nossa! Grande amigo que leva fronteiras o nome do Brasil. Tá na Itália, agora... enfim... O Brasil não deve nada a ninguém, sabe!?! O Voleibol está em altíssimo nível e só falta a nossa medalha olímpica. Tudo eu fotografei. Eu sou um privilegiado porque eu convivi com esse pessoal, né. Eu fiz Fórmula 1. Fiz a primeira... fotografei, em 85, a primeira vitória do Ayrton Senna, em Estoril. Fiz o recorde mundial do João do Pulo, no México, no Panamericano, né, em 75. Enfim... eu to sempre voltado pros grandes ídolos.

E eu continuo a lidar, o Tande, o Giovane, Leila. Quer dizer, são os monstros sagrados que eu tenho o privilégio, poucas pessoas têm esse privilégio, de fotografar, sentir eles fazerem as grandes jogadas e tenho um carinho muito especial por eles, porque ser atleta, nesse país, é muito difícil, inclusive o problema de patrocinador pessoal. Não digo o Banco do Brasil. O Banco do Brasil é o evento, mas o jogador... é muito difícil. Eu acho que os empresários tinham que investir mais. Praia tem um mercado fantástico. A visibilidade é fantástica. Então, eu acho que devia os empresário olhar com maior carinho pra esses atletas. Às vezes, todo mundo só vê o primeiro, mas o décimo lugar, se jogar com o Emanuel, você sabe disso, ô Gilmar, vai fazer jogo duro. É jogo duro mesmo.

Entrevistador Gilmar: Ari só pra encerrar, então. Qual que é o grande barato do Vôlei de Praia?

Ari: O grande barato do Vôlei de Praia é a alegria, é o sol! É... é... o altoastral que envolve isso tudo! Eu acho que isso tudo, né... É o altoastral. Praia, você não precisa dizer mais nada. Qualquer lugar do país você tem praias maravilhosas e isso facilita muito, né? Eu tive, agora, tempos atrás, em Los Angeles e beleza, beleza visual das nossas praias, da areia... pô! Não existe em lugar nenhum do mundo.

Entrevistador Gilmar: Como que é o Vôlei de Praia na Olimpíada?

Ari: Numa Olimpíada é muita pressão. É muita pressão. Você... A imprensa toda, do mundo inteiro, reunida, concentrada, porque, aqui, é um circuito, né, do Banco do Brasil. Só que aqui são vários jogadores. Lá tá concentrado em duas duplas. Então, a pressão da imprensa ela é massacrante. A cobrança ela é muito grande. Já estão falando, inclusive, que o Emanuel tem obrigação de trazer... você escutou agora... quer dizer, é complicado, jogo é jogo. Você entra numa adrenalina. Olimpíada, eu já fotografei várias Olimpíadas, né, e... e... o comportamento do jogador ele altera. Até o meu comportamento também de profissional altera devida a obrigação, você tem que ter muito mais atenção, porque são duas duplas só. Quer dizer, a gente torce e vamos torcer, realmente. Mas sem cobrança, sem aquela pressão meu Deus do céu!

Entrevistador Gilmar: Então, Ari, parabéns pelo teu livro. Uma coisa histórica, realmente, no Brasil, no Voleibol. Sucesso! E muito obrigado.

Ari: Um abraço pra vocês e estou altamente satisfeito de manter... da entrevista. Eu acho que eu contribui um pouco, um pouquinho pro Voleibol com essas minhas imagens, com a minha divulgação. E eu continuo aí. Acho que enquanto eu tiver tesão pra mim fotografar, pra mim ter reflexos, eu continuo aí.

FITA N^o 4

LADO A – Entrevista n^o 12: Paulo Sergio Alves Lopes.

Entrevistador Gilmar: Entrevistado: Paulo Sergio Alves Lopes, praia de Ipanema, Rio de Janeiro, dia 08 de fevereiro de 2004, encerramento do Torneio Rei da Praia. Paulinho, qual é a tua função, atualmente, no Vôlei de Praia e quando você começou?

Paulo: Bom, a minha função, hoje, eu cuido... Na maioria dos torneios organizados pela Confederação Brasileira de Voleibol, eu sou responsável por todo entretenimento, toda a animação da torcida, recepção do público, tudo que tem a ver com entretenimento eu sou responsável. Eu trabalho com... especificamente com entretenimento há 10 anos e no esporte há 4 anos, começando na *Salompas Cup*, que é um torneio internacional de Vôlei feminino.

Entrevistador Gilmar: E quando que você entrou no Vôlei de Praia?

Paulo: Eu entrei no Vôlei de Praia no ano seguinte, há dois anos, que... eu entrei no circuito brasileiro... no Circuito Banco do Brasil de Vôlei de Praia há dois anos atrás.

Entrevistador Gilmar: Paulinho, qual que é o barato do Vôlei de Praia?

Paulo: (ri).

Entrevistador Gilmar: O grande barato?

Paulo: O Vôlei de Praia, o grande lance é que as pessoas, o público presente, além dos atletas, eles atuam e interagem de uma forma muito mais descontraída, por ser um evento aberto. Normalmente, ser na praia. Nem sempre é na praia. Muitas vezes é na praia e não obrigatoriamente ser na praia. Mas por ser ao sol, ao vento, as pessoas vêm com um clima diferente. Vêm pra praia, vêm vestidos de uma forma diferente e isso é super interessante. E tem um clima muito especial por isso. Pela alegria assim das pessoas, do público presente.

Entrevistador Gilmar: E como é que você vê o Vôlei de Praia no ambiente esportivo brasileiro?

Paulo: Hoje, o Brasil sem dúvida nenhuma... eu tive a oportunidade, o ano passado, de acompanhar algumas etapas do Circuito Mundial, tive na Áustria, tive na França, em Marseille, tive no Espinho, em Portugal e, seguramente, o Brasil, hoje, tem o melhor Vôlei de Praia do mundo tanto no masculino como no feminino. O Brasil é super bem

representado com o Ricardo e Emanuel, Márcio e Benjamim, com Adriana Behar e Shelda, com a Ana Paula e Sandra. São as 4 melhores duplas. Quer dizer, as 4 melhores duplas rankiadas. Tanto no *ranking* brasileiro como no *ranking* mundial. E o Brasil, hoje, é ponta no Vôlei de Praia.

Entrevistador Gilmar: E você falou que foi pra essas etapas na Europa. Você foi passar a experiência brasileira na parte do show, ou você foi só assistir? Como é que é a diferença do espetáculo do Vôlei de Praia brasileiro pro espetáculo de Vôlei de Praia fora do Brasil?

Paulo: Sem dúvida nenhuma existe a questão cultural. A questão cultural ela é levada em consideração, na medida em que você, na Espanha... no Espinho, em Portugal, você tinha um público, até certo ponto, participativo. Você, na França, tinha um público que vai assistir o Voleibol, faça chuva, faça sol, eles ficam sentados assistindo Voleibol. E o outro exemplo é o da Áustria que eles veneram. Quer dizer, na Áustria o grande lance é que eles têm um período muito longo de inverno, e passam, 2, 3 meses, no máximo por ano com verão. E o torneio é feito no verão europeu, né. Então, as pessoas vão... curtem. Às vezes, intervalos de 1 hora, 1 hora e meia, entre uma partida e outra e todo mundo ficava presente na quadra vibrando, comemorando. É... é... não só o esporte, mas tudo o que acontecia. O meu objetivo com essa ida até a Europa pra assistir algumas outras etapas... eram etapas do Circuito Mundial, o Rio de Janeiro sediou a última etapa que foi em Copacabana, em outubro do ano passado. E o meu objetivo foi única e exclusivamente ver é... é... se tinha alguma novidade, alguma coisa relacionada a entretenimento. Na verdade, se a gente poderia ter aprendendo alguma coisa pra ter executando aqui no Brasil. Mas... quer dizer, foi super bom pela experiência, super legal. Mas o Brasil ainda é o Brasil, tanto na organização como na execução, como... sabe... em muita coisa.

Entrevistador Gilmar: Parece que o Tovar me falou na entrevista dele que o Brasil passou todo esse *know-how* de ... de... do show do Vôlei de Praia pra Olimpíada de Sydney. Quer dizer, o Brasil além de ter com os melhores atletas, também tá com o melhor show do Vôlei de Praia. Como é que você vê essa característica?

Paulo: Eu acho assim, o Brasil tem empresas de excelência na organização do espetáculo esportivo. O Brasil tem excelência em atletas, em matéria prima, em jogador. Então, isso, sem dúvida nenhuma, é uma coisa que acaba contemplando a outra. O evento organizado na Áustria é um evento muito bem organizado. Só que os atletas austríacos eles não têm culturalmente... quer dizer, eles tem... não treinam o ano inteiro por causa do inverno e essas coisas. Então, acaba não unindo a organização com os atletas. A gente aqui tem essa vantagem. A gente aqui tem no Rio de Janeiro, a gente tem em Fortaleza, a gente tem... quer dizer, a gente tem um vasto litoral onde isso facilita o treinamento do Vôlei de Praia. A gente acaba tendo um excelente berço, não só de atletas consagrados, mas de novos atletas. Quer dizer, a renovação do Vôlei brasileiro é constante. Isso acaba se unindo ao profissionalismo e à organização, quer dizer, dos produtores do evento esportivo. Então,

vem daí o sucesso. Realmente, hoje, o Brasil exporta atletas, exporta *know-how*, em termos de organização de eventos esportivos.

Entrevistador Gilmar: Paulinho, então, muito obrigado pela tua entrevista. Sucesso na tua carreira! Você é um grande profissional. A gente tem acompanhado pela televisão toda essa emoção, né, que você passa. Você faz o público participar do jogo e isso é muito legal! Valeu, Paulinho! Obrigado.

Paulo: Não. Eu que tenho que agradecer a oportunidade de poder tar aqui falando um pouquinho sobre o Voleibol e é isso aí. A torcida brasileira vem fazendo a diferença. Faz a diferença. E eu só tô ali só pra ajudar, só pra empurrar um pouquinho.

ANEXOS

ANEXO 1 – 1966 RULES FOR BEACH VOLLEYBALL PLAYER CLASSIFICATION	210
ANEXO 2 – FEDERAÇÕES ESTADUAIS FILIADAS À CBV.....	211
ANEXO 3 – CLASSIFICAÇÃO DO I MUNDIAL – 1987	218
ANEXO 4 – CLASSIFICAÇÃO DO II MUNDIAL – 1988	219
ANEXO 5 – CAMPEONATOS MUNDIAIS – MASCULINO	220
ANEXO 6 – CAMPEONATOS MUNDIAIS – FEMININO	221
ANEXO 7 – FOTOGRAFIA DA REDE UTILIZADA NO MUNDIAL 2003	222

ANEXO I – 1966 RULES FOR BEACH VOLLEYBALL PLAYER CLASSIFICATION

WAYS TO OBTAIN A RATING OF “B”

1. Place first in a “NOVICE” tournament.
2. Place second through fourth in a “B” tournament.
3. Place fifth through seventh in a “A” tournament.

WAYS TO OBTAIN A RATING OF “A”

1. Place first in a “B” tournament.
2. Place second through fourth in a “A” tournament.
3. Place fifth through seventh in a “AA” tournament.
4. Place ninth in a “OPEN” tournament.

WAYS TO OBTAIN A RATING OF “AA”

1. Win an “A” tournament.
2. Place second through fourth in a “AA” tournament.
3. Place fifth through seventh in a “OPEN” tournament.

WAYS TO OBTAIN A RATING OF “AAA”

1. Win an “AA” tournament.
2. Place in the top four of an “OPEN” tournament.

GENERAL RATING RULES

1. Any volleyball player never having played or placed in a beach volleyball tournament is considered to have a novice tournament.
2. Any volleyball player may advance as many classifications in one tournament and in one season as he may qualify for.
3. Any volleyball player age 50 years or older will begin each volleyball year, January 1, with a “B” classification. The over 50 player may advance as many classifications in one tournament and in one season as he may qualify for, but will again return to a “B” classification January 1 of the following year.
4. A player will be dropped in classification if he does not meet the requirements outlined above once every year to retain his current classification.

(Rules were formulated by the Santa Monica Recreation and Parks Department)

ANEXO 2 – FEDERAÇÕES ESTADUAIS FILIADAS À CBV

FEDERAÇÃO ACREANA DE VOLLEY-BALL

Presidente: Prof. João Petrolitano G. de Assis

Endereço: Av. Getúlio Vargas, s/nº, Palácio das Secretarias, 1º andar

Cidade: Rio Branco / AC

CEP: 69.900-760

Telefone: (0**68) 223-8080

Fax: (0**68) 224-8230 / 227-5401 / 229-4369

E-mail: petrolitano@contilnet.com.br

Site: não possui site

FEDERAÇÃO ALAGOANA DE VOLEIBOL

Presidente: Dr. Walter Pitombo Laranjeira

Endereço: Av. Siqueira Campos s/nº, Estádio Rei Pelé, Trapiche da Barra

Cidade: Maceió / AL

CEP: 57.011-001

Telefone: (0**82) 336-7662

Fax: (0**82) 336-7653

E-mail: fav-al@ofm.com.br

Site: não possui site

FEDERAÇÃO AMAPAENSE DE VOLEIBOL

Presidente: Edson Canuto de Souza

Endereço: Rua General Rondon, nº 390 - Bairro do Laguinho

Cidade: Macapá / AP

CEP: 68.908-080

Telefone: (0**96) 212-5135

Fax: (0**96) 212-5137

E-mail: não possui e-mail

Site: não possui site

FEDERAÇÃO AMAZONENSE DE VOLEIBOL

Presidente: Dr. Pedro Augusto Oliveira da Silva

Endereço: Av. Constantino Nery, nº 215 - Estadio Vivaldo Lima - Centro das Federações Esportivas - Sala 4 - 1º piso

Cidade: Manaus / AM

CEP: 69.020-160

Telefone: (0**92) 622-2555

Fax: (0**92) 622-2555

E-mail: paos@horizon.com.br / maralves1@hotmail.com

Site: não possui site

FEDERAÇÃO BAHIANA DE VOLLEY-BALL

Presidente: Carlos Magno de Souza Barros

Endereço: Praça Castro Alves, s/nº - Palácio dos Esportes ACM - 2º andar - Sala 14 - Centro

Cidade: Salvador / BA

CEP: 40.020-160

Telefone: (0**71) 3481-3803 / 321-5169

Fax: (0**71) 3481-3803 / /321-5169

E-mail: fbvvolei@ig.com.br

Site: não possui site

FEDERAÇÃO BRASILIENSE DE VOLIBOL

Presidente: Dr. Carlos Luiz Barroso

Endereço: Estádio Mané Garrincha - Centro Poliesportivo Ayrton Senna

Cidade: Brasília / DF

CEP: 70.075-900

Telefone: (0**61) 425-2415

Fax: (0**61) 328-5081

E-mail: voleidf@yawl.com.br / voleidf@hotmail.com

Site: <http://www.febravo.esp.br>

FEDERAÇÃO CATARINENSE DE VOLLEY-BALL

Presidente: Prof. Dante Klaser

Endereço: Rua Des. Pedro Silva, 1870 - Sala 102

Cidade: Florianópolis / SC

CEP: 88.010-420

Telefone: (0**48) 348-0203

Fax: (0**48) 348-0203

E-mail: fcv@voleibol-sc.com.br

Site: <http://www.voleibol-sc.com.br>

FEDERAÇÃO CEARENSE DE VOLLEY-BALL

Presidente: Sr. José Virgílio Lima Pires

Endereço: Rua Canuto de Aguiar, 415 - Meireles

Cidade: Fortaleza / CE

CEP: 60.160-120

Telefone: (0**85) 3081-2940

Fax: (0**85) 242-0527

E-mail: jvlp@terra.com.br / voleiceara@terra.com.br

Site: não possui site

FEDERAÇÃO ESPÍRITO-SANTENSE DE VOLIBOL

Presidente: Prof. Fernando Paschoal Pasolini
Endereço: Alameda Mary Ubirajara, 110 / 303
Cidade: Vitória / ES
CEP: 29.055-120
Telefone: (0**27) 3225-0035 / 3227-2438
Fax: (0**27) 3225-0035 / 3227-2438
E-mail: fesves@ig.com.br
Site: não possui site

FEDERAÇÃO GAÚCHA DE VOLLEY-BALL

Presidente: Prof. Cláudio Coelho Braga
Endereço: Av. Praia de Belas, 2174 - Conjuntos 302/304
Cidade: Porto Alegre / RS
CEP: 90.110-000
Telefone: (0**51) 3233-7588
Fax: (0**51) 3233-7588
E-mail: fgv@voleigaucho.com.br
Site: <http://www.voleigaucho.com.br>

FEDERAÇÃO GOIANA DE VOLIBOL

Presidente: Prof. Handel J. Martins Soares
Endereço: Av. Paranaíba Estádio Olímpico Pedro Ludovico Teixeira, s/n - Centro
Cidade: Goiânia / GO
CEP: 74.025-010
Telefone: (0**62) 225-3308
Fax: (0**62) 223-0525
E-mail: fgvnet@zaz.com.br
Site: <http://www.voleigoias.com.br>

FEDERAÇÃO MARANHENSE DE VOLLEY-BALL

Presidente: Edivaldo Pereira da Silva
Endereço: Praça Panteon, Ginásio Costa Rodrigues s/n - 1º andar
Cidade: São Luis / MA
CEP: 65.020-430
Telefone: (0**98) 221-3297 / 221-1694
Fax: (0**98) 211-0600
E-mail: volei@elo.com.br / mbigua@elo.com.br
Site: não possui site

FEDERAÇÃO MATOGROSSENSE DE VOLEIBOL

Presidente: Prof. Gelson Menegatti Filho

Endereço: Rua Ten. João Batista Leite Silva, 550 - Bairro Araés

Cidade: Cuiabá / MT

CEP: 78.005-220

Telefone: (0**65) 621-4548 / 622-1534 / 621-6846

Fax: (0**65) 621-4548 / 622-1534 / 621-6846

E-mail: voleimatogrosso@voleimatogrosso.com.br

Site: <http://www.voleimatogrosso.com.br>

FEDERAÇÃO DE VOLLEY-BALL DE MATO GROSSO DO SUL

Presidente: Sr. José Eduardo Amancio da Mota

Endereço: Rua 26 de Agosto, 384 / 10º Andar / Sala: 108

Cidade: Campo Grande / MS

CEP: 79.002-080

Telefone: (0**67) 382-7381

Fax: (0**67) 382-7381

E-mail: volei.ms@uol.com.br

Site: <http://www.voleimatogrosso.com.br>

FEDERAÇÃO MINEIRA DE VOLEIBOL

Presidente: Sr. Carlos Antonio Rios

Endereço: Rua Olegário Maciel, 311 - sala 201 - Centro

Cidade: Belo Horizonte / MG

CEP: 30.180-110

Telefone: (0**31) 3271-4000

Fax: (0**31) 3271-2420

E-mail: fmv.bh@terra.com.br

Site: <http://www.fmv.spo.com.br>

FEDERAÇÃO NORTE RIOGRANDENSE DE VOLEIBOL

Presidente: Prof. Jorge de Souza Moura Filho

Endereço: Av. Alexandrino de Alencar, 1816 - Vile Marcelli Tirol

Cidade: Natal / RN

CEP: 59.030-350

Telefone: (0**84) 221-0559

Fax: (0**84) 206-2565 / 232-7002

E-mail: não possui e-mail

Site: não possui site

FEDERAÇÃO PARAENSE DE VOLEIBOL

Presidente: Carlos Getulio Gama

Endereço: Av. José Bonifácio, nº 746, 1º andar - São Brás

Endereço de correspondência: Av. Gentil Bittencourt, nº 2851 66.073-220 - São Brás - Belém / PA

Cidade: Belém / PA

CEP: 66.063-010

Telefone: (0**91) 229-7660

Fax: (0**91) 249-9770

E-mail: voleipara@bol.com.br / cegegama@bol.com.br

Site: não possui site

FEDERAÇÃO PARAIBANA DE VOLEIBOL

Presidente: Dr. Potengi Holanda de Lucena

Endereço: Av. Umbuzeiro, 587 - Manaíra

Cidade: João Pessoa / PB

CEP: 58.038-180

Telefone: (0**83) 226-2721

Fax: (0**83) 247-1464

E-mail: mariana@openline.com.br

Site: <http://www.fpbv.com.br>

FEDERAÇÃO PARANAENSE DE VOLLEY-BALL

Presidente: Dr. Neuri Barbieri

Endereço: Rua Julia da Costa, 458 / 1º andar / Sala 03, Centro

Cidade: Curitiba / PR

CEP: 80.410-070

Telefone: (0**41) 233-4173

Fax: (0**41) 233-4173

E-mail: fpv@onda.com.br / voleipara@onda.com.br

Site: <http://www.voleiparana.com.br>

FEDERAÇÃO PAULISTA DE VOLLEYBALL

Presidente: Dr. Renato Pera

Endereço: Rua Abílio Soares, 1370, Paraíso

Cidade: São Paulo / SP

CEP: 04005-005

Telefone: (0**11) 3053-9560

Fax: (0**11) 3053-9560 / 3887-1039

E-mail: fpv@fpv.com.br

Site: <http://www.fpv.com.br>

FEDERAÇÃO DE VOLEIBOL DO ESTADO DE PERNAMBUCO

Presidente: Dr. Carlos Eduardo Freire de Brito

Endereço: Pal. Desportos Ruben Moreira - Rua D.Bosco, 875 - Sala 205

Cidade: Recife / PE

CEP: 50.070-070

Telefone: (0**81) 3421-8422 / 3423-9204

Fax: (0**81) 3421-8422

E-mail: fevepe@hotmail.com.br

Site: <http://www.pernambucovolei.kit.net>

FEDERAÇÃO PIAUIENSE DE VOLEIBOL

Presidente: Prof. Último Coelho Carmo

Endereço: Rua Benjamim Constant, 1496, Centro

Cidade: Teresina / PI

CEP: 64.000-280

Telefone: (0**86) 221-1936

Fax: (0**86) 221-1936

E-mail: fpv.pi@uol.com.br

Site: não possui site

FEDERAÇÃO DE VOLLEY-BALL DO RIO DE JANEIRO

Presidente: Cel. Carlos Reinaldo Pereira Souto

Endereço: Prof. Eurico Rabelo, s/nº - portão 18 sala 311-B - Maracanã

Cidade: Rio de Janeiro / RJ

CEP: 20.271-150

Telefone: (0**21) 2569-6339 / 2264-0048 / 2284-2399

Fax: (0**21) 2569-6339 / 2264-0048 / 2284-2399

E-mail: voleirio@uol.com.br / cesar_aug@uol.com.br

Site: <http://www.voleirio.com.br>

FEDERAÇÃO RORAIMENSE DE VOLEIBOL

Presidente: Dr. Luís Carlos Schwinden

Endereço: Av. Ville Roy, s/nº - Estádio 13 de Setembro

Cidade: Boa Vista / RR

CEP: 69.301-000

Telefone: (0**95) 224-0164

Fax: (0**95) 224-0164

E-mail: davidh.drtrr@mte.gov.br / luisschwinden@aol.com.br

Site: não possui site

FEDERAÇÃO RONDONIENSE DE VOLEIBOL

Presidente: Dilson Juarez Abreu

Endereço: Rua Rui Barbosa, 980 - Sala 13 - Bairro Arigolândia - Estádio Aluizio Ferreira

Cidade: Porto Velho / RO

CEP: 78.902-240

Telefone: (0**69) 223-4846

Fax: (0**69) 223-4846 / 215-1910

E-mail: fvr-ro@ronet.com.br

Site: não possui site

FEDERAÇÃO SERGIPANA DE VOLLEY-BALL

Presidente: Prof. Gualter Prudente Resende

Endereço: Rua Monsenhor Alberto Bragança de Azevedo, 83 - Recanto do Sol - Atalaia

Cidade: Aracaju / SE

CEP:49.050-000

Telefone: (0**79) 213-7227

Fax: (0**79) 213-7227

E-mail: fsv@infonet.com.br

Site: <http://www.infonet.com.br/fsv>

FEDERAÇÃO TOCANTINENSE DE VOLEIBOL

Presidente: Sr. Ricardo Abalém Júnior

Endereço: Rua Ne 1 Conj.02 Lote 17 Qd.104 N. Sala06 - ED. Palmas 1 Tocantins

Cidade: Palmas/TO

CEP: 77053-090

Telefone: (0**63) 215-8504

Fax: (0**63) 215-8504

E-mail: ftvoley@uol.com.br

Site: <http://www.voleitocantins.hpg.com.br>

ANEXO 3 – CLASSIFICAÇÃO DO I MUNDIAL – 1987

- 1° Smith / Stoklos (EUA);
- 2° Powers / Kiraly (EUA);
- 3° Montanaro / Renan (BRA);
- 4° Bernard / Edinho (BRA);
- 5° Hanley / Hanson (EUA);
- 6° Penteriani / Ghiurghi (ITA);
- 7° Luis Américo / Serginho (BRA);
- 8° William / Pelé (BRA);
- 9° Stevenson / Walmer (EUA);
- 10° Clóvis / Caveirinha (BRA);
- 11° Cid / Miguel (BRA);
- 12° Matsumoto / Tarukaya (JPN);
- 13° Maranhão / Maranhão (BRA);
- 14° Solustri / Giordani (ITA);
- 15° Roese / Marcus Vinícius (BRA);
- 16° Grimalt / Grimalt (CHI);
- 17° Roberts / Parodi (ARG);
- 18° Fortuny / Churin (ARG);
- 19° Quintero / Da Silva (MEX);
- 20° Ojeda / Ojeda (ARG).

ANEXO 4 – CLASSIFICAÇÃO DO II MUNDIAL – 1988

- 1° Powers / Kiraly (EUA);
- 2° Bernard / Luis Américo (BRA);
- 3° Montanaro / Renan (BRA);
- 4° Smith / Stoklos (EUA);
- 5° Dodd / Hovland (EUA);
- 6° Edinho / Marcus Vinícius (BRA);
- 7° Clóvis / Tullio (BRA);
- 8° Sotolongo / Ortiz (CUB);
- 9° Dennys / Ninahua (BRA);
- 10° Xandó / Bernardinho (BRA);
- 11° Serginho / Pina (BRA);
- 12° Weber / Cuminetti (ARG);
- 13° Penteriani / Ghiurghi (ITA);
- 14° De Zolt / Babini (ITA);
- 15° Carlinhos / Jabá (BRA);
- 16° Vorpahl / Heilig (CHI);
- 17° Fernando / Flávio (BRA);
- 18° Perdomo / Sanchez (CUB);
- 19° Herrera / Alfonso (MEX);
- 20° Grimalt / Grimalt (CHI);
- 21° Quiroga / Wiernes (ARG);
- 22° Frisby-Smith / Surman (AUS);
- 23° Matsumoto / Kageyama (JPN);
- 24° Ocon / Azpiazu (ESP).

ANEXO 5 – CAMPEONATOS MUNDIAIS – MASCULINO

Ano	Local	Dupla Campeã – País
1987	Rio de Janeiro (BRA)	Smith / Stoklos (EUA)
1988	Rio de Janeiro (BRA)	Powers / Kiraly (EUA)
1989	Rio de Janeiro (BRA)	Smith / Stoklos (EUA)
1990	Rio de Janeiro (BRA)	Smith / Stoklos (EUA)
1991	Rio de Janeiro (BRA)	Smith / Stoklos (EUA)
1992	Rio de Janeiro (BRA)	Smith / Stoklos (EUA)
1993	Rio de Janeiro (BRA)	Steffes / Johnson (EUA)
1994	Rio de Janeiro (BRA)	Franco / Roberto Lopes (BRA)
1995	Rio de Janeiro (BRA)	André / Alemão (BRA)
1997	Los Angeles (EUA)	Guilherme / Pará (BRA)
1999	Masselle (FRA)	Emanuel / Loiola (BRA)
2001	Klagenfurt (AUS)	Conde / Baracetti (ARG)
2003	Rio de Janeiro (BRA)	Ricardo / Emanuel (BRA)

ANEXO 6 – CAMPEONATOS MUNDIAIS – FEMININO

Ano	Local	Dupla Campeã – País
1993	Rio de Janeiro (BRA)	Kirby / Reno (EUA)
1994	Santos (BRA)	Adriana / Mônica (BRA)
1995	Rio de Janeiro (BRA)	Jacqueline / Sandra (BRA)
1997	Los Angeles (EUA)	Jacqueline / Sandra (BRA)
1999	Masselle (FRA)	Shelda / Adriana Behar (BRA)
2001	Klagenfurt (AUS)	Shelda / Adriana Behar (BRA)
2003	Rio de Janeiro (BRA)	Walsh / May (EUA)

ANEXO 7 – FOTOGRAFIA DA REDE UTILIZADA NO MUNDIAL 2003



Site <<http://www.cbv.com.br/cbv/mundialpraiaf/index.asp>> Acesso em: 30 jun. 2004.